

Edileusa Regina Pena da Silva

CONVERSA DE QUINTA:

devaneios de uma hipnagógica em deliciosa viagem pelas
páginas do Jornal *A Tribuna* - Rondonópolis (MT)



Edileusa Regina Pena da Silva

CONVERSA DE QUINTA

devaneios de uma hipnagógica em deliciosa viagem pelas páginas do
Jornal *A Tribuna* - Rondonópolis (MT)



Liz Universitária

Copyright © by Edileusa Regina Pena da Silva, 2020

Revisão Técnica: Profa. Dra Maraísa Magalhães

Revisão Textual e Normatização: Prof. Dr. Alexandre Meira de Oliveira Gusmão e o acadêmico Leandro da Silva Bezerra

Diagramação: Turma de Editoração do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Rondonópolis (UFR)

Capa: Adriel de Oliveira Lopes Santos

Universidade Federal de Rondonópolis

Coordenação do Curso de Biblioteconomia

Endereço: Avenida dos Estudantes, nº 5055 (Rodovia MT 270, Km 06 – Saída para Guiratinga-MT)

Bairro: Cidade Universitária

Cidade: Rondonópolis-MT

CEP: 78736-900

Telefone: (66) 3410 4013

Dados internacionais de Catalogação na publicação (CIP)

S586c

Silva, Edileusa Regina da Pena

Conversa de quinta: devaneios de uma hipnagógica em deliciosa viagem pelas páginas do Jornal A Tribuna - Rondonópolis (MT) / Edileusa Regina da Pena Silva; prefácio de Alexandre Gusmão. - Rondonópolis, MT: Liz Universitária, 2020.

269 p. ; 14,8 X 21 cm.

Inclui índice dos artigos.

ISBN

1. Crônicas. I. Gusmão, Alexandre Oliveira de Meira. II. Título.

CDD: B869.93

Esta obra não pode ser reproduzida em parte ou em seu todo sem a devida autorização da autora, sob a pena de infringir as normativas da Lei dos Direitos Autorais.

AGRADECIMENTO EDITORIAL

A editoração gráfica deste livro fez parte das atividades realizadas pelos acadêmicos do 1º Ano da disciplina Editoração 2018/2, do curso de Biblioteconomia do Campus de Rondonópolis, da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT, ministrada pela Profa Dr.^a Edileusa Regina Pena da Silva.

Segundo os acadêmicos mencionados abaixo, “participar da editoração das crônicas da professora Edileusa Pena foi para nós, graduandos do curso de Biblioteconomia, imensuravelmente edificante, contemplados na publicação de um primeiro livro que elege a honra de nossa futura profissão – sermos bibliotecários, solidificados no tripé: livro, leitura e bibliotecas”. Fizeram parte desta editoração os graduandos, orientados pelos professores-doutores Alexandre Gusmão e Edileusa Pena, em que foram editados os artigos de opinião publicados no período de 2007 a 2017, pela docente no Jornal “A Tribuna” de Rondonópolis –MT.

A seguir, a escritora agradece e nomeia os editores em formação que contribuíram para o nascimento desta obra. São eles: Adriel de Oliveira Lopes dos Santos; Cleberson Severo Bonfim; Cleire Aparecida da Silveira; Daniela Silva Fernandes; Danieli Almeida de Oliveira; Danieli Botelho do Prado; Ester Rodrigues dos Santos Silva; Ferlandia Viana Gonzaga; Gabriel Vinicius Bernardes de Sousa; Ivone Santos Nascimento Vasco; Juliana do Nascimento Pereira; Juliana Vivan; Leandro da Silva Bezerra; Lucilene Trindade de Souza; Luiz Matheus Pereira Mendes; Luzia Cristina Rigueto Gonzaga; Maria Hilda Alencar Novaes; Mateus Pereira Dourado; Sueli Pereira da Mota; Tatyanne Nascimento de Freitas; Valdirene Moreira de Jesus; Vivian Patieli Tito Soares.

Esta obra possibilitou aos acadêmicos, nos horizontes das competências e habilidades, um novo olhar sobre o ensino da Editoração.

Dedico esta obra àqueles que, como os girassóis
orbitam no horizonte das leituras e iguais aos
cactos do deserto, fortes, guerreiros e
principalmente, persistentes no solo
dos conhecimentos.

Agradeço primeiramente a Deus por ter colocado em nossas vidas, almas engajadas em somar forças neste projeto, dispostas a realizar um sonho – meus leitores do Jornal A Tribuna de Rondonópolis, meus colegas professores, acadêmicos do 1º Ano do Curso de Biblioteconomia da Disciplina Editoração e amigos, na sólida missão de levar nossas leituras aonde estiver um leitor à espera.

“A leitura é o alimento das almas.” (Frei Basílio)

PREFÁCIO

Inspiração, certamente é este o conceito que melhor expressa a arte da escrita e da leitura. É uma viagem no mundo das palavras em que, quem experimenta pela primeira vez, não pretende mais retornar. É infinitamente se presidir no universo do saber, mas ao mesmo tempo está liberto na complexidade do transmitir conhecimentos.

Ao escrever uma obra, é esta a sensação que acalenta seu escritor. O leitor, por sua vez, também experimenta esse sentimento levado até a ele, das mais distintas formas e compreensões, seja concordando, seja discordando e ainda somando. Significativamente, o poder das palavras escritas pode até “remover as montanhas.”

Na verdade, porém, o que leva aos mais distantes e altos horizontes é ter um livro pensado sobre as opiniões da vida cotidiana, onde os fatos acontecem e deles vem o estímulo para a construção de cada palavra que edifica com efeito, também a opinião dos leitores, principalmente sobre os assuntos que tanto inquietam a fertilidade do pensar.

Esta obra foi escrita sob diversos olhares, do crítico-reflexivo ao lirismo poético, sob a forma de crônicas mescladas nos fatos na ordem cronológica em que aconteceram na realidade social, política, econômica e cultural do país e, em momentos especiais na vida privada da autora. “Conversa de quinta: devaneios de uma hipnagógica em deliciosa viagem pelas páginas do Jornal A Tribuna” foi um projeto realizado, um dever cumprido e um presente aos leitores que um dia leram seus artigos no jornal e hoje pode não os ter em função da periodicidade do material impresso. É um resgate que há mais de uma década retoma, desta vez, editorados em um livro.

Esse é o propósito de “quem escreve”, “onde escreve” e “para quem lê”. A bem dizer, o jornal “A Tribuna de Mato Grosso” reforçou ainda mais uma chamada aos seus leitores e aos futuros leitores, contemplado com a dádiva incessante ao ler as cem melhores crônicas escritas pela jornalista e professora Edileusa Pena, compiladas a seguir. Tenham todos e todas uma boa leitura!

Professor Alexandre oliveira de Meira Gusmão

APRESENTAÇÃO

A inspiração desta obra se deve inicialmente à monografia intitulada “Navegando nos artigos de opinião do leitor”, defendida em 2018 pela bibliotecária Edzilda Silva Correa de Oliveira, orientada pelos professores-doutores Alexandre Gusmão e Edileusa Pena.

Os artigos atualizados foram compilados em cento e quatro crônicas publicadas no Jornal “A Tribuna” no período compreendido entre os anos de 2007 a 2019, de forma cronológica, na ordem em que os fatos do cotidiano mapearam os pensamentos eloquentes da escritora Edileusa Pena, cuja sobreposição descreve com um estilo próprio, sutil e espontâneo, a fim de provocar opiniões das mais variadas razões e contrarrazões, como um jornal requer.

É com vista a essa disseminação de ideias, na qual o real e o fictício se conectam, em que a autora surpreende no inesgotável preparo para escrever sobre os acontecimentos diários e fazer uma chamada para estimular os leitores em uma “Conversa de quinta”, abrindo espaços para que se construam, desconstruam e reconstruam suas próprias histórias.

“Conversa de quinta: devaneios de uma hipnagógica em deliciosa viagem pelas páginas do Jornal A Tribuna” é uma ressignificação prazerosa do trabalho monográfico mencionado acima, mostrando que o ato de ler e escrever são inseparáveis, insuperáveis e imortais.

Nas considerações da notável autora da monografia, Edzilda Silva, os textos foram “maravilhosos, apaixonantes e informativos” e ainda os são, pois, Edileusa Pena não se cansa de “alimentar” cada vez mais o jornal com suas publicações que convidam o senso comum e o senso crítico a essa linguagem universal denominada comunicação.

SUMÁRIO

Wilson Lemos – a eterna busca do valor mais puro	21
À professora doutora Wilse, com carinho	22
Nas engrenagens da arte de amar	24
Luto e pensamentos quebrados	27
O sorriso da alma e o inesperado adeus.....	31
Calda apimentada	33
Sonho possível	35
Brasil, um sonho eterno.....	37
João Moraes, uma bênção de Deus.....	38
Poucas e boas da educação brasileira	40
Solteira por atitude... ..	42
Homenagem à pequena grande menina Bruna.....	44
Mulher, pátria-amada, mãe gentil... ..	47
Saudades do nosso querido, nosso pai, nosso amigo.....	49
Pensamentos incompletos de uma página não virada	52
Conversa de quinta	55
Obrigada, Aires José	58
Conversa de quinta	59
Síndrome do outro.....	63
Bernardo Gusmão, meu pequeno príncipe	66
35 anos de desafios e aprendizados	68

Blues da piedade	71
Panorama da (in)civilidade humana.....	74
Sobre amigos, amizades e afetos	77
Acorda, Alice!	79
Uma realidade necessária e urgente.....	81
O grito mudo do nosso Rio Itiquira	83
Nunca antes na história do país	85
Meu eterno e adorável amigo Dr. Wilson Lemos.....	88
Miscelâneas de pensamentos, vivências e emoções	90
Coração partido.....	93
Recado para o poeta	94
Memória mofada.....	95
Fábrica de carentes	98
Poder Legislativo na contramão da lógica.....	101
Consciência de classe, consumismo e conectividade.....	104
Ócio, ziriguidum e trabalho no reinado de momo	107
Carta ao autor	110
Paterna saudade.....	113
O primeiro elemento de nossas vidas	114
Adeus a Valdir Xavier.....	117
Pastilhas sabores solidão e saudade	120
Despedida do papa Francisco.....	124
Dedicatória.com.br.....	127

Meninas superpoderosas	128
Delícias da vida	131
Educação municipal, estadual e federal pedem socorro	132
Nas engrenagens do infinitamente grande	135
Coccix	136
Dosemetria	137
Borboletas azuis e bom senso	138
Feliz tudo para mim mesma.....	141
Meu rei, te dedico.....	144
Izabel de Sousa, uma missionária de Deus	145
Saudades eternas sem cessar	148
Feliz bom tudo para você, Roberto Barcelos	149
O estrondo do silêncio	150
Exatidão da névoa insulante.....	151
Fragmentos do eu interior	152
Uma história pessoal	154
Brasil: um país de chuteiras, futebol e carnaval	156
Neymar Jr: juventude e futebol	158
Vexame nacional padrão Fifa.....	162
Adeus a Carolino Auer de Paula.....	165
Sobre desabafo emocionante do amigo Orlando Sabka	167
Recado para meu pai	169
Eu e a Lua.....	170

Nos braços divinos e celestiais	171
Tudo a ver: eu e você	173
Sobre eleições e biometria	174
A infância não pode morrer nunca.....	176
Afeto e amor no galope do sonho.....	178
Manoel de Barros: “o apanhador de desperdícios”	181
Emblemática igualdade racial	184
Corrupção: aqui, ali, acolá e alhures... ..	188
Homenagem ao poeta Valdir Xavier e à sua amada Celina.....	191
Prata da casa é agraciada com o prêmio máximo da Biblioteconomia.....	194
Ponto de fuga	198
Lisete, sorriso do amor	199
Antônia Marília Medeiros Nardes, um exemplo de mulher.....	203
Rita, pérola do amor, completa 70 anos	205
Maria nos Campos do Senhor	207
Biblioteconomia em Mato Grosso.....	210
Parabéns para minha amiga Robéria Nádia	214
Nunca antes na história deste país – Parte II	216
Entre pousos e decolagens.....	219
PAI: Síndrome do Infinito	222
Uma singela homenagem ao Dnei	225
A fragilidade da vida e o último suspiro	226
Não é brincadeira de criança – é a expressão do amor verdadeiro	228

Tenho fé e acredito na força do professor!	232
Feliz eternidade!	234
Enfim, a aposentadoria... ..	237
Lampejos do farol	240
Jornalistas – nos caminhos das redações e das ilhas de edição	243
Para Bianca – conexões entre as primaveras	245
Carta aos meus alunos do 4º ano de Biblioteconomia	246
Amor de Lua.....	249
Dona de casa – poema para as mães.....	250
Nosso querido jardim	251
Borboletas azuis e o bom senso – Parte 1	253
Borboletas azuis e bom senso – Parte final	255
Borboletas azuis e o Calcanhar de Aquiles	257
Balas De Hortelã	259
CONSIDERAÇÕES FINAIS	261
ÍNDICE	263
SOBRE A AUTORA	269

WILSON LEMOS – A ETERNA BUSCA DO VALOR MAIS PURO

Publicado em 24 de fevereiro de 2007

Mais um ponto sêxtuplo para o Wilson Lemos, que a cada dia, aqui neste mesmo espaço da “Opinião do Leitor”, supera as nossas expectativas com seus textos ricamente construídos de informação, de lembranças, de paixão. Todos, finamente costurados com o máximo de saber possível e com um sabor todo especial de quem sabe o que diz.

Para minha sorte, um amigo muito especial me enviou um dos seus últimos textos que sinalava o significado da vida. Só mesmo um ser humano como o senhor poderia dissertar com tanta propriedade sobre tema tão complexo. De fato, como diz a música, Deus estava namorando na beira do mar quando te desenhou, pois, a inspiração foi tanta que a obra ficou perfeita.

Fico sempre um pouco triste quando penso na possibilidade do fim do caminho, principalmente quando se trata de pessoas como Wilson Lemos. Embora o senhor esteja correto, prefiro acreditar que existem seres humanos que são infinitos e eternos, especialmente neste mundo tão carente de “boas almas”. Certamente, Deus não nos fará essa travessura, pelo menos não por mais uns trinta ou quarenta anos.

Penso que poderíamos resumir o Wilson Lemos em uma palavra muito significativa: Sagatiba. Como explica Seu Jorge, em canção do mesmo nome – Sagatiba é uma expressão africana que quer dizer: Saga (busca, caminho) e Tiba (eterno). Independente da polêmica envolvendo a música, Seu Jorge e a cachaça de mesmo nome, a essência é o que importa. E, acredito, que muitos, e não são poucos, irão concordar comigo: Wilson Lemos pode ser traduzido por Sagatiba, ou seja, a eterna busca do valor mais puro.

E o que é melhor, ele vai, garimpa, lapida e nem se incomoda de dividir com os outros, semelhantes menos afortunados de saber e de solidariedade.

Parabéns!

(*) **EDILEUSA REGINA PENA DA SILVA** é doutorada da UFMT em São Paulo – e-mail: dilpena@bol.com.br

À PROFESSORA DOUTORA WILSE, COM CARINHO

Publicado em 18 de maio de 2007

Estas palavras de Camões: “não se aprende, Senhor, na fantasia, sonhando, imaginando ou estudando. Mas, vendo, tratando e pelejando” se aplicam ao esforço e dedicação que a Profa. Dra. Wilse Arena da Costa empreendeu para a realização deste trabalho. Por esta razão, é que recebo com imenso orgulho e contentamento um exemplar do seu livro, intitulado: “50 Sugestões Didático-Pedagógicas para o Ensino da Leitura e da Escrita em Sala de Aula”.

A alegria é imensurável em ver um fruto muito desejado e querido brotar, o qual acompanhei de pertinho seu avolumar-se de idéias construtivas e incentivadoras para a formação de leitores e cidadãos. Todavia, o mais gratificante foi constatar que além de guerreira, dedicada, determinada, inteligente, sábia, entre outros adjetivos, Dra. Wilse Arena da Costa é um exemplo de humildade e generosidade.

Apesar do alto nível que atingiu na área da Educação e da Psicologia teve o despreendimento de entregar seus manuscritos a mim e aos meus alunos, à época estudantes do 2º ano, na disciplina Editoração, do curso de Biblioteconomia, do campus de Rondonópolis da UFMT, para aprenderem fazer, simplesmente fazendo, verdadeiros “joão-de-barro”, que molda sua escultura, limpa, lava, desmancha e faz de novo até acertar. Assim, nasce o livro da Dra. Wilse com o objetivo lúdico, mas sobremaneira educativo. Apresenta-se também como um instrumento de transformação intelectual e de solidificação do conhecimento, por meio da leitura e das brincadeiras, que jamais devem deixar de fazer parte do universo infantil, juvenil e adulto, muito menos da arte de ensinar.

Essa educadora, observadora e intérprete fiel das necessidades educacionais e informacionais de seus alunos, além de super comprometida com a bela missão que escolheu: ensinar, ensinar e ensinar, ainda teve a preocupação de fazer um agradecimento a mim e aos meus alunos em seu livro. Depois deste gesto admirável de gratidão, de respeito e de incentivo ao trabalho e às conquistas do outro, a nossa querida Profa. Dra. Wilse fez questão de enviar-me um

exemplar, por sedex, com uma linda dedicatória, a qual cravei com muito carinho em meu coração para nunca mais esquecer.

“50 Sugestões Didático-Pedagógicas para o Ensino da Leitura e da Escrita em Sala de Aula” é um livro que já traz impregnado nele a generosidade e o exemplo de compartilhamento da autora. Num estilo agradável, cultiva a magia da aprendizagem e das emoções do saber e do viver intelectual.

No dizer da prefaciadora, também ilustre, notável e admirável educadora, Dra. Alice Sabóia: “Constitui, para mim, uma honra muito especial prefaciador um livro de uma amiga, de uma colega e de uma competente profissional do ensino e da educação, da extirpe da Professora Doutora Wilse Arena da Costa, mulher de fibra, de tantas lutas e de tantas vitórias...”. Para nós, da Biblioteconomia, também foi uma experiência inenarrável. Nós que com muito orgulho lhe agradecemos e desejamos sucesso com esta obra profusa de ensinamentos e de fazeres didático-pedagógicos significativos.

Citando Guadêncio: sonhamos que seu escrito voará para fora deste texto e pousará mansamente no lado de dentro de nosso peito e ressonhará para nós como um lindo sonho adormecido e tudo lhe será sonho, novamente, e nunca mais o impossível, para nunca mais o pesadelo...

(*) **EDILEUSA REGINA PENA DA SILVA** é jornalista e professora do Campus de Rondonópolis da UFMT. Atualmente está fazendo seu doutorado na PUC-SP - edileusa@ufmt.br

NAS ENGRENAGENS DA ARTE DE AMAR

Publicado em 12 de junho de 2007

Lançando boias nessa viagem incansável e deliciosa do aprender e ensinar, alguns professores em suas disciplinas aguçam nossa capacidade intelectual para tentar decifrar algumas das transformações sociais e históricas do mundo contemporâneo. Este é o caso do Programa de Doutorado em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, onde estou cursando o doutorado e mergulhada em inúmeras leituras antropológicas, sociológicas, comunicacionais ou tecnológicas, sem tirar de foco o elemento humano. Foi assim que resolvi aventurar-me no tema do “amor”, bem apropriado para este dia consagrado aos namorados.

Indubitavelmente, o amor foi o vetor da sociedade na questão da reprodução sexual e da organização familiar e política. Movido pelo charme e encantamento ou pela renúncia ou a dominação. Foi vivido também com intensa paixão por personagens, como Romeu e Julieta, Tristão e Isolda, Penélope e Ulisses, Psiquê e Eros, Scarlett O’Hara... Ou confessado em cartas seculares, a exemplo das de Simone d’Bouvair para Sartre.

Desde a pré-história ou até mais longe um pouco no Jardim do Éden, Eva com Adão, e depois todos os outros animais, inclusive o homem, possivelmente confundimos o amor com outros sentimentos ligados ao instinto animal.

Na verdade, este sentimento na maioria das vezes está associado ao sexo e ao desejo de possuir o outro, seja por prazer ou para satisfação das necessidades orgânicas. Não se cogita nem mais a questão da perpetuação da espécie. De acordo com Simonnet al, no livro “A mais bela história do amor”, mesmo com o desenvolvimento do cérebro humano, quando surge o Homo Sapiens, capaz de articular suas idéias, de pensar, não podemos afirmar que a espécie humana conheceu o “amor verdadeiro”. Somos capazes de seduzir e atrair o outro como verdadeiras presas do nosso bel prazer. Para isso, usamos de todos os artifícios eróticos, nos camuflamos, cobrimos nossos corpos com tecidos e cores sedutoras para, logo depois, serem descobertos, expostos à paixão, ao desejo, ao sabor das trocas sensuais e dos jogos sexuais. É o

exercício das potencialidades e funcionalidades da mercadoria “ser humano” em questão. Mas o amor é essa doce incógnita que altera as leis vitais da vida humana. A cada confronto de idéias os dois percebem que se fundem, se complementam. É sempre um objeto de prazer e de desejo do outro nessa dinâmica e interatividade da sociedade pós-moderna.

Em busca da felicidade, o sentimento amoroso passou a ser traduzido por um universo de mentiras, de fetichismos e de conformismos. O desenvolvimento da chamada civilização e do indivíduo é o resultado, como aborda Freud, do processo de submissão do Princípio do Prazer ao Princípio da Realidade. O Princípio do Prazer como a satisfação imediata dos desejos do sujeito. Já o Princípio da Realidade ligado às regras sociais, os interditos que nos obrigam a adiar ou até mesmo substituir objetos de satisfação aceitáveis pelo grupo social a que pertencemos.

Neste sentido, Freud, apresenta duas objeções ao amor universal pela humanidade. Em primeiro lugar, para ele, um amor que não discrimina parece estar privado de uma parte de seu próprio valor, por fazer uma injustiça a seu objeto amado, e, em segundo lugar, nem todos os homens são dignos de amor.

Apesar de tudo que foi dito até agora, me incluo nessa minoria que acredita no amor como o único caminho possível para a felicidade e que a humanidade não pode viver sem alimentar exaustivamente esse sentimento.

Pessoas como São Francisco de Assis, Madre Tereza de Calcutá, Gandhi, Irmã Dulce e tantos outros, que até a morte não se cansaram de pregar o amor religioso, me instiga a pensar em um “amor transceptor” baseado na solidariedade, no respeito mútuo, na verdade, na lealdade e, especialmente, na justiça.

É importante acreditar que somos construtores de seres amorosamente modificados e nos ver como portadores de um código secreto com a missão de moldar, para um planeta tão carente de afeto, almas mais sintonizadas com a essência humana. Parece que se desligar do outro passou a ser a tônica da vida humana, numa sociedade concebida como volátil pela ausência dos laços de comprometimento das relações sociais e da urgência nas trocas das mercadorias que alimentam seu prazer consumista insaciável. Como disse um dia Spinoza, “o amor é uma

ação, a prática de um poder humano, que só pode ser exercido na liberdade e nunca como resultado de uma compulsão”.

Então, após longas elucubrações, vejo que os valores cultivados nos outros por nós possuem mobilidade e acabam criando vontades próprias. Assim, neste momento envolvida pelos efeitos colaterais da nobre função de amar, me permito acreditar no exercício da paciência e da tranqüilidade em aquecer nossas vidas com o inebriante calor de estar enamorado pelo outro e por nós mesmos. A todos os enamorados, um lindo dia ‘cor de rosa’. Por que o rosa? Simplesmente porque é a cor do amor puro, quer seja: uma mistura do vermelho-paixão com o branco da paz e da harmonia.

(*) **EDILEUSA REGINA PENA DA SILVA** é jornalista e professora do Campus de Rondonópolis da UFMT. Atualmente está fazendo seu doutorado na PUC-SP. edileusa@ufmt.br

LUTO E PENSAMENTOS QUEBRADOS

Publicado em 30 de novembro de 2007

Só agora tive coragem de escrever algo a respeito da barbárie que se abateu sobre a UFMT. Fiquei tão atordoada que ainda não consigo me ater a uma linha de pensamento lógico que supram meus questionamentos, minha angústia, minha tristeza e meu luto.

Mesmo de longe consigo sufocar-me com a dor dos meus colegas que foram obrigados “por uma força oculta do mal” a viver esse momento. Unir-me a eles e a família das vítimas, arrancadas abruptamente da vida, sem direito à defesa ou a despedidas, foi algo automático.

Sem nenhum adeus, uma última recomendação, um último desejo, um último abraço, enfim foram condenados não se sabe por quem e por quê a simplesmente, num ato brutesco, sair de cena. Mas abaixaram as cortinas antes das reverências e dos agradecimentos ao grande público que participou do show de suas vidas, nem mesmo esperaram a reação do público, os aplausos finais...

De fato, essa triste tragédia, infelizmente, no primeiro momento em que abri a internet e me deparei com esse enunciado, no site da UFMT, tive essa sensação: de que estava assistindo a um filme de terror ou a um espetáculo minuciosamente programado para ser dramático, trágico, incrivelmente assustador e atemorizante.

O que me vem à cabeça de pronto é que a vida tornou-se uma moeda de troca sem nenhum valor significativo. Troca-se ela por qualquer coisa, um tênis, um relógio, uma carteira, alguns trocados, ou alguns pontos de vistas divergentes. A convivência humana está escoando pelo ralo, amaldiçoada por tanta impunidade, corrupção e falta de pulso forte do poder vigente.

Estamos refém da violência, do crime, da vingança, da mesquinharia, da inveja daqueles que não sabem fazer, não fazem e não quer que o outro conquiste aquilo que queria para si, mas foi covarde, foi fraco e sem determinação e humildade para lutar por seus próprios meios e talentos por aquilo que tanto desejava para si. Sem precisar usar de atitudes dantescas, horripilantes, impiedosamente covardes.

Prezados colegas da UFMT, lamento informar, mas batemos no fundo do poço e pior ainda muitos não querem enxergar a profundidade do buraco nem a altura da queda. É triste, muito triste, mas temos que concordar com a opinião dos professores Odemar e Sérgio, em suas NOTAS DE REPÚDIOS. Sinto-me atingida mortalmente pela frieza do crime, ferida gravemente pela dor das famílias que irão passar as festas de fim de ano, amargando a ausência dos seus entes queridos.

É impossível, quase desumano, não se sentir assim em tragédias desse tipo, fruto da falta de políticas sociais e educacionais realmente democráticas, fruto do individualismo e da política egoísta do tudo para mim e para as contas no exterior e nada para esse povo sofrido e desnutrido por falta de informação, o que decreta sua própria sentença ao marcar a esmo um X nas urnas eleitorais.

Lamento profundamente tão grande perda, infelizmente descemos, mais uma vez, alguns degraus da evolução humana, desconstruindo a teia civilizatória tecida com tanto esforço e dedicação por muitos de nós que teimam em transitar pela estrada da EDUCAÇÃO BRASILEIRA.

Partiram três vidas ligadas a mim, por afinidades ideológicas, profissionais ou simplesmente por empatia e admiração, como é o caso de Soraiha, uma mulher incrivelmente lutadora, determinada e sempre empenhada a vencer os desafios que insistiam em cruzar o seu caminho, roubando-lhe as conquistas ou bagunçando seus sonhos, seus desejos. De uma formação intelectual impecável, tornou-se doutora na área da Educação e dedicou toda sua vida profissional à sala de aula e à formação de cidadãos, numa tentativa disciplinar de formar novas mentalidades à respeito do nosso papel na sociedade e de nossas atitudes perante à vida.

Soraiha Miranda de Lima era o tipo de ser humano que não nos faz apaixonar e admirar-se dela a primeira vista. Ao contrário, ela vai, quer dizer: ia, dia-a-dia, nos ensinando a amá-la, a reconhecer seus pontos positivos e sua atitude generosa e digna diante da vida e das suas inúmeras artimanhas.

Talvez resida ou residia aí sua característica mais nobre: – a de não desistir do outro e sempre querer conquistá-lo, como aconteceu comigo, porque simplesmente ela valorizava a convivência humana, a troca de experiências e a harmonia do convívio cotidiano. Hoje, humildemente agradeço a Deus a oportunidade que ele me deu de conviver,

principalmente, na greve dos professores, em 2005, mais intimamente com Soraiha e aprender um pouco do muito que ela tinha para ensinar e transmitir ao outro sem nenhum egoísmo. Vou lembrar sempre dela como uma guerreira, que não deixava se abater facilmente, sempre levantava, sacudia a poeira, dava a volta por cima e seguia adiante de cabeça erguida, como fazem todas as grandes personagens-heroínas da história da humanidade.

Apesar de me reservar o direito de falar um pouco mais amplamente de Soraiha, sei e convivi muito, quase quatro anos com Luis Mauro e também posso atestar seu caráter digno e irrepreensível, principalmente no ambiente de trabalho, espaço em que nossa convivência foi mais forte, com as trocas de algumas palavras, de um bom dia e de um adeus inesperado.

Não nos restam dúvidas, Soraiha, Luis Mauro e Alessandro são três pessoas de boa índole e com um universo de sonhos a ser realizado que foram sugadas, impedidas do direito à VIDA, pela intolerância, bestialidade, ou sei lá o quê. Colegas e amigos comprometidos com a educação e o aprimoramento do capital humano neste pedaço de Brasil.

Meus pensamentos estão quebrados pela maldade da ação, mas quero registrar que o tempo irá passar, mas não impedirá nem cimentará minha indignação pelo roubo dos meus colegas de trabalho da minha vida. Encerro aqui com o último e-mail recebido de Soraiha, quando escrevi para felicitá-la por mais uma conquista, a pró-reitoria do Campus de Rondonópolis da UFMT.

Em resposta ao meu email, ela disse: “Que bom receber seu apoio. Fiquei emocionada. De fato, o trabalho será muito penoso e por isso, espero contar com meus colegas. Nenhum trabalho se constrói solitariamente. Há muitos problemas e poucas alternativas de solução, mas, talvez juntos possamos construir saídas. Curta muito o seu doutorado. É um dos melhores momentos da vida. Quando você voltar faremos outros projetos juntas. Muito obrigada. Grande abraço.”.

Talvez esteja cometendo uma irregularidade em revelar uma correspondência trocada entre nós duas. E que até ontem, me parecia apenas mais um de tantos emails que ainda trocaríamos. No entanto, agora essas simples palavras soam a mim como um último desejo de quem sempre pensava no coletivo para construir uma sociedade mais justa e mais humana.

Por isso, compartilho com vocês essas últimas palavras de nossa eterna Soraiha, como o dos seus últimos desejos, pois cada um de nós que conviveu com ela, Luis Mauro e Alessandro, certamente, agora devem estar reprogramando em suas mentes algum desejo que até poderia ter passado em vão no momento apresentado, mas hoje, infelizmente, são pedrinhas de sonhos largadas ali e acolá. Saudades eternas deles que foram morar nas estrelas...

(*) **EDILEUSA REGINA PENA DA SILVA** é doutorada em Ciências Sociais pela PUC.

O SORRISO DA ALMA E O INESPERADO ADEUS

Publicado em 26 de setembro de 2008

A singularidade de um forçado adeus foi uma experiência traumática para muitas famílias em Mato Grosso, na última sexta-feira, dia 19, tornando um fim de semana, que por si só, já tem o gosto da alegria. Quer dizer: de um especial fim de semana regado à festinha de criança e enlace matrimonial, em um dia de tristezas profundas e recordações eternas.

Exatamente porque nós, ocidentais, temos uma relação meio conflituosa com partidas repentinas. Ainda mais, quando esta palavrinha (partida) adentra sem pedir licença para exprimir a morte, o adeus e o nunca mais. Ainda mais, quando temos a sensação de que nossos entes queridos, daqui da terra, foram arrancados bruscamente do nosso convívio.

O ato de ir embora, deste plano terreno, vai, portanto, durante toda nossa vida, avolumando-se e criando uma expectativa ruim do que será um dia o destino de todos nós. Infelizmente, é mais um ente querido viajando para outras dimensões, outras esferas, tão prematuramente, nos fazendo questionar a respeito da lógica da vida – nascer, crescer, amadurecer, envelhecer e morrer...

Por esta razão, sempre inesperada, devemos aprender com essas partidas repentinas a valorizar os pequenos gestos, os raros segundos de um “olá”, de um “até amanhã” ou simplesmente de um sincero “como está você hoje”. Dois ou três segundos, que perdemos para saldar um amigo, um colega, um ente querido são importantíssimos para nossas recordações e nosso amadurecimento neste plano terrestre. Somente depois da partida é que percebemos a singularidade desses momentos e a valorização de certos gestos habituais já mecanizados, quando deveriam ser naturais e sinceros, vindos do coração.

A súbita partida de doze pessoas ao encontro do mundo espiritual nos pega de surpresa, mas, certamente, deixou uma lição: é preciso amar as pessoas do jeito que elas são; é imprescindível e urgente doar-se ao outro desinteressadamente.

Apesar do pouco convívio com umas das vítimas, Gilma Meira de Oliveira Gusmão, mãe do nosso querido Prof. MSc. Alexandre Gusmão, do curso de Biblioteconomia, da UFMT, do Campus de Rondonópolis. Por mais insignificantes que tenham sido nossas breves conversas e diversões; a simples imagem de seu sorriso, de sua vontade ímpar de viver e de sua enorme necessidade de ser feliz, causa em todos que a conheceram uma enorme tristeza e já uma saudade bastante presente de uma menina sexagenária, de coração aberto e sorriso na alma.

É muito difícil pensar e falar sobre isso. Por esta razão, fica registrado, aqui, apenas o meu mais triste sentimento, por Alexandre, Nair (sua esposa) e seus irmãos (Guilherme e Gustavo). Assim como, por todas as outras famílias que não conheço, mas nem precisaria para dimensionar tamanha dor causada por essa tragédia. Só fica em mim a esperança que uma nova mentalidade comece a ser formada a respeito da vida e do trânsito, na velocidade e na pressa por estrada a fora.

(*) **EDILEUSA REGINA PENA DA SILVA** é jornalista, relações públicas, mestre em Ciência da Informação e professora Assistente III, da Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT, do Campus de Rondonópolis. Atualmente, em afastamento para capacitação (Doutorado em Ciências Sociais - PUC-SP). edileusa@ufmt.br ou edileusapena@hotmail.com.

CALDA APIMENTADA

Publicado em 10 de outubro de 2008

Meu amigo Xavier,
Grão-Poeta consagrado,
não quer saber de enfrentar
qualquer Caldo Requentado
– e pensando cuma ele
de Leitor tem um bocado.
Merece seu fraseado
uma resposta à altura!
Mas antes quero dizer
de minha imensa amargura,
de nossa intensa saudade,
pela ausência que já dura.
Inda bem que encontro cura
para a amargura e a saudade
decorrentes desse tempo
que já dura u’a eternidade
– distante de sua alma
doce e cheia de bondade.
Não se vai toda a saudade,
mas já melhora bastante:
quando lemos os seus versos
(em forma tão elegante)
– driblamos a sua falta,
melhoramos num instante.
Embora dele distante,
chego aqui para dizer:
não sendo culinaria,
acompanho o bon gourmet:
– à boa mesa me assento,
pra bons pratos conhecer.
Ademais, calho de ser
da Boa Terra baiana,
onde não faltam igrejas,
mulher bonita e iguaria!
Assim não será difícil
ripostar com galhardia...

Ao Xavier, lhe diria:
um bom caldo com azeite
mais pimenta da Bahia
é coisa boa — e o azeite
mesmo sendo requentado
— pois só lhe dará deleite!
De pato tratado a leite
(como lá reza o ditado),
nunca diga “deste caldo
não bebo, pois requentado”.
Que “o cumê dos malcriados
alimenta os enjeitados”!...
Xavier tendo o cuidado
de ao tempero acrescentar
pimenta, cravo e canela,
nunca mais vai reclamar
— minha Calda Apimentada
seu Caldim vai superar!
Trato aqui de terminar,
só lembrando ao Xavier
e a cada um dos leitores,
ou seja homem ou mulher:
quem tem Calda Apimentada
nenhum Requentado quer!...

(*) **EDILEUSA REGINA PENA DA SILVA** é jornalista e professora Assistente III, da Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT, do Campus de Rondonópolis. Atualmente, em afastamento para capacitação (Doutorado em Ciências Sociais - PUC-SP). edileusa@ufmt.br ou edileusapena@hotmail.com.

SONHO POSSÍVEL

Publicado em 11 de março de 2009

Com o tempo vamos desenvolvendo antenas invisíveis capazes de nos revelar, ao longe, em centésimos de segundos, a natureza das pessoas. Algumas vezes, elas (as antenas) sofrem interferência e nos damos mal, mas não é esse o caso que, hoje, relato aqui.

Lembro bem quando envolta em sonhos, ilusões, medos, receios e esperanças descarreguei as bagagens em Rondonópolis, pronta para ficar e fincar raízes, sem ter a menor idéia do que o futuro me reservava.

O curso de Biblioteconomia era tão inexperiente quanto eu. Estávamos todos iniciando um novo ciclo em nossas vidas. No campus de Rondonópolis deparei-me com Alexandre Gusmão e Mariza Inês Pinheiro, professores do curso, com os mesmos desafios que os meus. Éramos três chegando de longe, um curso recém-criado, alunos ansiosos, dúvidas, receios, uma infinidade de sentimentos confusos e saltitantes fora de órbita.

Assim que captei o universitário Marcos Antonio Ribeiro da Silva, em meio a toda essa efervescência emocional, percebi que havia nele muita vontade e determinação para seguir adiante, aprimorando seus conhecimentos e se aperfeiçoando como profissional e especialmente como ser humano.

Desde o primeiro dia de aula, por sua recepção acolhedora, seu olhar singelo num rosto com expressões fortes e bem delineadas pelas marcas do tempo e o cansaço diário de horas de trabalho percebi que não se tratava de uma pessoa comum. E minha intuição não falhou.

A recíproca também foi verdadeira e assim nasceu uma verdadeira e sólida amizade construída por intermédio do conhecimento e de compartilharmos pensamentos semelhantes, calcados em valores fraternos e solidários.

Marcos Antonio, creio, que os professores do curso de Biblioteconomia, mas eu, em particular, nesse momento áureo de sua vida, a única coisa que queremos, é enfatizar sua alta extração moral, pois, sempre foi

muito evidente em sua formação acadêmica e extremamente fundamental em todo processo ensino-aprendizagem.

Além disso, a extração moral é a bolha que cuida e zela de outras características essenciais a um ser humano, tais como: disciplina, responsabilidade, seriedade, comprometimento – antes sobejamente respeito aos professores, aos colegas, à instituição, à suas escolhas e essencialmente a você mesmo e a sua família.

Para completar, um pouco de carinho, companheirismo, bom humor e boa vontade nunca são demais e em você, Marcos Antonio, sempre contamos com essas qualidades em doses gigantescas.

Obrigada, por não apenas ser aluno do curso de Biblioteconomia, mas também por nos permitir agradáveis momentos de trocas de experiências e ensinamentos valiosos para nosso amadurecimento como seres humanos.

Atrevo-me a generalizar porque sei o quanto você é admirado pelos professores, colegas e funcionários dessa instituição. Sendo assim, nós, do curso de Biblioteconomia e muitos dos corredores do Campus da UFMT e eu (a Profa. Edileusa Pena) orgulhosamente agradecemos-lhes e desejamos a você um temporal de coisas novas e produtivas em sua **PROFISSÃO DE BIBLIOTECÁRIO**.

Que você saiba com a mesma sagacidade e inteligência que trilhou os caminhos dessa vida acadêmica continuar em busca de novos desafios e outras conquistas e sonhos.

Voe, voe muito alto, você merece!

(*) **EDILEUSA REGINA PENA DA SILVA** é jornalista e professora da UFMT – Campus de Rondonópolis. Atualmente está em São Paulo em doutoramento – E-mail: edileusapena@hotmail.com

BRASIL, UM SONHO ETERNO...

Publicado em 12 de setembro de 2009

Está um pouco atrasado, mas nunca é tarde para comentar a respeito de atitudes nobres, corajosas e competentes. Estou referindo-me ao texto do Dr. Miguel Srougi, publicado pela Folha, domingo, dia 6 de setembro de 2009. O texto todo é maravilhoso. Suas palavras refletiram-se como uns solavancos em nós brasileiros adormecidos ou não em berços esplêndidos.

Realmente, Dr. Miguel Srougi, nossa terra e nossa gente sempre foram decantadas em versos e prosas por suas cores, sabores e belezas naturais. Mais que isso: enaltecidas e reverenciadas por suas formas e contornos perfeitos e exuberantes nunca vistos em lugar algum. Entretanto, uma minoria apenas foi embalada pela mãe gentil em berços esplêndidos, ao som do mar e bem longe dos morros, das favelas e da miséria humana.

Na contramão ou na mão dupla, a maioria ficou literalmente “a ver navios” ou balas perdidas, sem berços reluzentes e muito menos o braço forte de pai, de padrasto ou de uma pátria amada, mãe gentil. Ainda no terreno da fantasia temos a maioria que foi e continua sendo embalada pela madrasta má saída diretamente do mundo imaginário da Cinderela. Mas, as balas são reais. Parabéns a Dr. Miguel. A Democracia informacional começa por aí, lançando algumas bóias aqui e acolá que nos instiguem a pensar!

(*) **EDILEUSA REGINA PENA DA SILVA** é jornalista, relações públicas, professora assistente IV da Universidade Federal de Mato Grosso. Atualmente, está concluindo seu doutoramento na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) -pena.edileusaregina@gmail.com

JOÃO MORAES, UMA BÊNÇÃO DE DEUS

Publicado em 14 de julho de 2010

A notícia da morte de João Moraes me fez refletir, uma vez mais, sobre o ser humano e a sua incapacidade para compreender os desígnios de Deus. Mesmo sem entender sua inesperada travessia, me alegro é no Senhor, porque sei que ele saiu de sua casa terrena e foi morar com o Pai Celestial. Ganhou uma morada nova e morreu apenas para os valores, referências e as dores desta vida.

Na tentativa de ordenar minhas ideias, entre uma linha e outra de um parágrafo confuso e árido como os meus pensamentos de luto e perdido pela morte de um amigo querido, recorro ao mundo magistral da poesia e da canção. Assim, no silêncio que diz muito mais do que qualquer palavra ou argumentação bem elaborada, no dia 8 de julho, quando João Moraes subia aos céus, o poeta imortal do amor e da boemia, Vinícius de Moraes, cantarolava com os anjos uma música inédita, dedicada especialmente ao nosso João do Povo. E em silêncio, nós, que nos sentimos neste momento órfãos, reproduzimos a melodia: “É o amor que te fala/É o amor que se cala/E que despeta /A flor do silêncio”.

João Moraes, aquele que a Bahia lhe deu a régua e o compasso, mas suas ações, sabedoria e conquistas vieram desembocar em Rondonópolis. Essa, que foi a cidade que escolheu para viver, amar e criar descendentes, não apenas filhos e netos de sangue. Sobremaneira, todos aqueles que um dia precisaram de seus cuidados ou recomendações. Deu morada em seu coração para todos, não importando se era em sua casa ou em sua farmácia.

Para João Moraes o que importava era resolver o problema alheio, aliviar as dores do próximo, aconselhar gratuitamente e confortar aos que sofriam e que nele encontrava um porto seguro e uma palavra amiga. Sua existência neste mundo foi pautada pela coragem espiritual e o amparo aos outros que lhe rodeavam. Fez-se um gigante com suas ações.

A dor que teima em ficar comigo faz parte da racionalidade humana e da saudade que sinto por ele. Agora fica mais claro para mim o motivo dele ser chamado João do Povo, era impressionante o número de

peças que estava em seu velório e participou da cerimônia de sepultamento. Foi emocionante e mágico presenciar a comoção popular.

Incontestavelmente, a tristeza é imensa, mas, muito mais por nós, por seus familiares e pelo mundo que perde um ser humano iluminado do que pela morte de João Moraes, porque temos a certeza do seu dever cumprido honrosamente. Sua missão aqui, fez valer a pena o tempo vivido.

João do Povo partiu. Sua viagem teve data marcada igual à de outro ilustre brasileiro, o poeta Vinícius de Moraes. Para nós fica a certeza que João Moraes, pioneiro de Rondonópolis, referência nesta cidade de profissionalismo, de verdade e de amor incondicional: “Só fez bem” e que “o (nosso) amor (por ele) seja eterno enquanto durar, pois, o amor verdadeiro nunca morre fica cravado nos corações daqueles que amam e dos que são amados.

À família Moraes, minha homenagem singela, minha saudade eterna deste grande amigo e a certeza da missão bem executada. Um forte abraço João Moraes, daqui, nossas preces por seu merecido descanso.

(*) **EDILEUSA REGINA PENA DA SILVA** é professora doutora do campus local da UFMT - email: Edileusapena@hotmail.com

POUCAS E BOAS DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

Publicado em 20 de julho de 2010

Professor Rui Ferreira é com imensa satisfação que me debruço em suas argumentações extremamente lógicas, própria de um ser humano que acredita no OUTRO, nas possibilidades reais de evolução humana por meio da Educação, da Informação e do Conhecimento.

Mas, todo este processo de desenvolvimento deve estar imbuído de dedicação, comprometimento, doação e amor. Enquanto, fincarmos raízes no terreno do “deixa pra lá”, “isso não é comigo” ou “se ninguém faz, porque serei eu o único a querer mudar o mundo?”, realmente não teremos progresso algum. O mundo precisa de homens e educadores como você que reconhece o valor do HUMANO.

Apesar da minha mente “árida” e dos tempos incertos de céu claro ou nublado a resistência à crueldade do mundo é o que podemos chamar de “esperança”, precisamos exercitar uma poética da existência que faça do amor a matriz da educação mais preciosa.

Certo dia uma amiga me falou que somos mais úteis ao mundo transformando dores em alegrias do que espalhando espinhos. Certamente, esta é uma filosofia que deveria ser vivenciada e adotada por nós, seres humanos. Especialmente os educadores e responsáveis pela formação de mentes humanas. Suas observações a respeito da Educação e da ineficácia das políticas públicas, nos remetem à intolerância e o descaso dos nossos governantes com o bem-estar do povo que os elegeram.

É gratificante saber e ver sua postura docente requintada e serena desfilando pelos corredores do Campus de Rondonópolis da Universidade Federal de Mato Grosso. Este mesmo campus que você ajudou a criar. São décadas de lutas, de esforços conjuntos, de vontade política dispensada arduamente para o êxito desta instituição de ensino e, sendo apoiado e seguido por colegas como o nosso querido Professor Tati, outro exemplo digno e honroso de educador.

Conhecer e conviver com talentos generosos como vocês nos estimulam a continuar esta jornada do aprender, conhecer, saber e ensinar. Por vezes tenho pensado que fiz opções que não resultaram boas colheitas,

% ser professora é uma delas. Especialmente nos dias de hoje que a juventude é teleguiada por um conformismo e apatia incuráveis.

No entanto, ter como exemplos você (se assim me permite esta intimidade) e o Tati, entre outros nomes primorosos do nosso Campus, que não ousarei em citá-los para não alongar mais ainda este texto, é uma injeção de ânimo desviando-nos dos caminhos da docência que transparece como um imenso vazio. Muda a minha rota e, certamente a de muitos outros professores principiantes nesta arte de educar, da qual você é especialista nato e por tempo de serviços prestados à comunidade acadêmica.

Fiquei encantada com seus dois textos de uma linguagem leve e incomum. Falando de assuntos sérios com leveza de alma, próprias dos sábios. Suas palavras calaram em mim o sentimento de enorme solidão.

Apesar de uma iniciante nesta arte de ensinar, me sinto mais confiante e fortalecida com a mensagem registrada em seus escritos. Queira Deus e Todos os Santos da minha querida Bahia que a busca incessante do ser e para o ser não se concretize em um solitário e escuro abismo.

Espero que a afetividade seja o caminho mais apropriado para tornar o mundo mais humano. Conte comigo nesta luta pela democracia da educação e pela autonomia do nosso Campus. Quero estar de mãos dadas com você, com o Tati e muitos dos nossos colegas que acreditam ser possível a realização deste sonho.

Apropriando-me das palavras de Carl Jung finalizo este texto, consciência de que: “O currículo é, sem dúvida, indispensável como matéria-prima da Educação, mas o calor humano com que se transmitem os conhecimentos é o elemento vital para fazer crescer a alma do aluno”.

(*) **EDILEUSA REGINA PENA DA SILVA** é professora doutora do campus local da UFMT – email: Edileusapena@hotmail.com

SOLTEIRA POR ATITUDE...

Publicado em 19 de agosto de 2010

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em dados de 2008, são cerca de 74 milhões de solteiros em todo o país, o equivalente a 30% da população brasileira. Então, já é chegada à hora de repensar os discursos preconceituosos e a insistência em uma falsa moralidade que serve somente para humilhar e menosprezar os que são julgados fora dos padrões sociais.

Parece que ser diferente, numa sociedade de contradições, falsos valores morais e éticos ou inversão deles, desaparecimento da vergonha e da culpa, ainda não é tão normal assim, como nos querem fazer acreditar as propagandas veiculadas insistentemente nos veículos de comunicação de massa.

Por estas razões, proclamo: % Viva o Dia dos Solteiros. Esta saudação reflete minha indignação diante de discursos autoritários, moralistas, sobretudo dominados por um deserto existencial que transforma os vazios da alma, a falta do amor divino e ao próximo, numa busca eterna por prazeres efêmeros, convertidos em uma eterna troca de mercadorias na sociedade do consumo. Com isso, não estou querendo apregoar a desordem social nem destruir tradições sérias e permanentes, mas chamar a atenção para o mal-estar da pós-modernidade, no qual o desligar-se do outro passou a ser a tônica da vida humana.

Além de estar, inegavelmente, abalando conceitos e fórmulas prontas. Especialmente, quando estes interferem nas opções e vontades individuais de sujeitos proativos, centrados no prumo da coerência, da dignidade humana e do compromisso social com a ordem pública e a preservação do bem-estar coletivo, só e somente se estiver contemplando a felicidade humana, independente de preconceitos morais enraizados como câncer no seio da sociedade brasileira, que já perdeu as rédeas da condução do patrimônio mais valioso o humano feliz e realizado.

Esta mesma sociedade parece estar de olhos vendados para as mudanças que insistem em se fazer presentes. Tem a seu dispor políticas públicas ineficientes e, já, nem tão apropriadas à satisfação das necessidades humanas básicas e de realização pessoal, profissional,

social, econômico-financeira, lazer e prazer de viver, seja em sociedade, grupo, família ou na dita solidão do seu aconchego particular.

Como cantou linda e eternamente Elis Regina Velha Roupas Coloridas: “Você não sente, não vê/Mas eu não posso deixar de dizer, meu amigo/Que uma nova mudança em breve vai acontecer/O que há algum tempo era novo, jovem/Hoje é antigo/E precisamos todos rejuvenescer”.

Esta música composta pelo não menos talentoso e perpetuado no cenário musical, Belchior, que, já faz algum tempo, estaria vivendo em Portugal, não deixam dúvidas: já está no ar, ocupando toda atmosfera pós-moderna, o cheiro de uma nova estação, novas conquistas, novas formas de ver, sentir e amar o outro, tão humano como você-indivíduo, você-família ou você-instituição.

(*) **EDILEUSA REGINA PENA DA SILVA** é professora doutora do campus local da UFMT

HOMENAGEM À PEQUENA GRANDE MENINA BRUNA

Publicado em 5 de outubro de 2010

“Para Bruna, viver longe dos amigos e da família é como viver no próprio seio da infelicidade”

Aqui estou, como muitos de vocês, para comemorar a passagem dos 15 anos de idade desta bela garota que é a Bruna, Bruninha para os colegas, amigos e amigas. Desde que ela chegou aos sete anos de idade, já muito bela e inteligente, que conheço esta pequena e linda menina/moça/mulher, que aniversariou no dia 28 de setembro próximo passado e que no sábado (2/10) fez seu debut.

Já se passaram, portanto, oito anos desde que a vi pela primeira vez - e Bruna só tem crescido em beleza, em bondade, em interesse pelos estudos, pela vida, pelo bem-estar dos que a cercam, dos amigos e até das pessoas em geral. É uma indicação de que dedicará grande parte de sua vida a ajudar o próximo.

Disse há pouco que Bruna era uma menina-moça-mulher. E todos vocês me entendem o uso desta colocação algo antiga, mas bem se adapta à personalidade de uma garota que ainda pode brincar de boneca, mas, ao mesmo tempo, já tem uma espécie de clarividência e de maturidade capazes de torná-la uma grande observadora da vida e uma interlocutora de valia para o auxílio que pretende dar aos outros.

Libriana do primeiro decanato, não é de surpreender que seja o equilíbrio em pessoa; e isto mais se ressalta quando chega a uma das fases mais lindas da existência: os 15 anos de idade, que, por convenção, mas, também, por marcar uma fase importante da puberdade, se assinala nos calendários e nos álbuns como um momento decisivo, uma fase linda e inesquecível da vida, da trajetória por este vale de lágrimas. Um vale de lágrimas que, no entanto, poderá ser bastante minimizado pelo sorriso, pela bondade, pelo amor que Bruna puder espalhar entre os seus semelhantes.

Nunca está desamparada, Bruna, que tem o governo existencial de Vênus, a representação maior do Amor, em suas mais altas manifestações. O Amor que traz a Paz, que traz a Justiça, que traz a Equidade... Num ambiente sem paz, não se achará bem o espírito de

Bruna, para quem os maiores valores da Vida são exatamente estes: a Paz, o Amor, a Beleza, a Justiça, a Equidade, a Graça, a Amizade, a Harmonia e tudo de que disto decorre.

É por tais variantes, Bruna, que, por vezes, lhe é tão difícil decidir-se por uma ou outra coisa, por um ou outro caminho, por uma ou outra decisão: é porque, com seu equilíbrio natural, você gosta de analisar e pesar cuidadosa e demoradamente os dois pratos da balança, os dois jarros de água, para não cometer injustiças ou incorrer em erros irreparáveis.

O avanço de seu espírito, Bruna, em plena adolescência, é demonstrado também pela ordem, a ordenação cercada de luz, em que mantém seus ambientes de estudo, de lazer e de vivência, se possível nos tons azulados, verdes e cor de rosa, para receber amigos, atividade em que sempre se compraz. Sente Bruna, permanentemente, o prazer da companhia dos conhecidos, dos vizinhos, dos que com ela trocam boas experiências e energias.

De humor adaptável às variações de personalidade dos amigos e amigas, seu jeito calado transforma-se, de repente, numa explosão (mas ainda equilibrada) de sentimentos, para demonstrar o prazer que sente em boas companhias... Porque, para Bruna, viver longe dos amigos e da família é como viver no próprio seio da infelicidade.

Outra demonstração de sua acuidade social é a tendência que demonstra para as manifestações da moda: as cores, os estilos, os tecidos, os tipos de costura, tudo o que envolva a criatividade que nela é intuitiva e permanente, para admiração dos seus e de todos aqueles que com ela convivem.

Em algum lugar perto daqui, reúnem-se também, com espírito comemorativo, todos os seus nunes tutelares, vindos do Tibete, do Japão, do Egito e da Áustria. E esses nomes tutelares de Bruna – misturando folhas de figueira com as de azeda, mais cravo, gengibre, groselha, macis e outros elevados condimentos, tudo depositado em recipientes de bronze e cobre, e cercados de ritualísticos lagartos benfazejos – preparam sua própria e fantástica homenagem supreal à menina que se torna moça.

Em espírito protegida por árvores nobres, como os freixos e os ciprestes, e com a alma resguardada pelo poder de cristais como a safira (seja

tanto a safira rosa, quanto a transparente ou amarela), vão lhe agradar, deveras, hoje, as flores e, especialmente, as rosas, as violetas e as margaridas que de presente receber dos familiares, amigos e admiradores. São os simbolismos que a cercam em vida!

Vai em frente, Bruna, com aquela música das esferas que parece segui-la por toda parte! A vida agora apenas começa, para você!

(*) **EDILEUSA REGINA PENA DA SILVA** é jornalista e professora doutora do campus local da UFMT – pena.edileusaregina@gmail.com

MULHER, PÁTRIA-AMADA, MÃE GENTIL...

Publicado em 2 de novembro de 2010

Certamente, o voto feminino representou um dos fatores determinantes na eleição presidencial. Em especial porque os brasileiros já estão saturados de uma sociedade predominantemente machista. Uma sociedade governada, desde sempre, por homens, que não conseguiram atender a todas as expectativas e, muito menos, resolver os graves problemas que secularmente se abatem sobre a população brasileira.

Entretanto, não sei se o perfil de mulher pelo qual tanto anseiam os brasileiros seja exatamente o da candidata escolhida domingo passado. Mesmo assim, longe de mim querer ser do contra. Quero acreditar que uma mulher, descendente de búlgaros com raízes mineiras, pertencente a uma família da classe alta dominante no país, tenha plena e total noção da realidade brasileira constituída, em sua maioria, por pobres, negros, nordestinos e excluídos.

Queira Deus, por exemplo, que a primeira mulher presidenta do Brasil reconheça verdadeiramente, conforme propalado em um de seus discursos, a importância da Bahia. A Bahia como o lugar onde começou Brasil. E também a Bahia de há muito esquecida. A Bahia deixada de lado, em seu desenvolvimento, para que se construíssem grandes centros no sudeste do Brasil e noutras áreas estrategicamente criadas como a sala de estar do país e onde tudo é favorável e possível. Áreas em que há maior preocupação com a educação, a saúde, a renda per capita, o desenvolvimento humano. É muito triste, principalmente quando se é mulher, pobre, negra e nordestina, ver sua cidade, estado e região sendo destruídos por conta do desinteresse político, econômico e social dos governantes. E não há dúvidas de que a Bahia foi esquecida – mais que isso, destruída, relegada ao nada, face ao que poderia ter sido, só porque o Centro-Sul e o Sudeste do país precisavam brilhar e reinar impávidos.

Queira Deus que a primeira mulher eleita presidenta do Brasil, algo ora desejado pela maioria dos brasileiros, não privilegie os interesses de um único grupo político, econômico e cultural. Os exemplos das eleições que temos presenciado desde 1989 nos fazem agora comemorar (ou não) com bastante cautela, e sempre com um pé atrás... Ainda mais quando

pertencemos às classes trabalhadoras, quando somos assalariados ou, o mais grave de todos (como é o meu caso), quando somos profissionais da Educação, funcionários públicos, e temos que nos preocupar todo o tempo com a formação humana e a construção democrática do país — mas eternamente colocados em último plano. Nas listas de prioridades de nossos governantes, estamos sempre nos últimos lugares.

Queira Deus que os brasileiros estejam certos e convictos de sua decisão de eleger a primeira mulher para o mais alto cargo do país. Ela já reforçou, em seu primeiro discurso, que tentará de todas as formas solucionar as questões cruciais do nosso país: a miséria humana, a fome, o abismo que nos impede de ser uma nação desenvolvida. Além disto, comprometeu-se publicamente com a construção de um Brasil melhor. Queira Deus que a mulher representante-mor da pátria amada, mãe gentil, seja, de fato, um seio acolhedor e uma mãe zelosa, que ama igualmente todos os seus filhos e para eles deseja, indistintamente, um berço esplendido ao som do mar e à luz do céu profundo.

Que esta mãe, mulher, avó reconheça as prioridades mais básicas de todos os seus, sejam eles pretos, brancos, mulatos, índios, nordestinos, pobres e ricos. Que a justiça social finalmente seja feita pelas mãos de uma mulher que sabe, ou deveria saber, ou tem a sensibilidade feminina para perceber que a igualdade deve começar com a desordem das equiparações: não pode haver direitos perfeitamente iguais em meio a tanta diferença. Então, primeiro é preciso nivelar as necessidades, para depois proclamar a igualdade.

Que a nossa mãe gentil reconheça que a justiça e a igualdade social não virão apenas com atitudes e/ou políticas assistencialistas e imediatistas, como um doce que se dá a uma criança para lhe enganar a fome. Porque mãe que é mãe também sabe que, assim que o doce desaparecer, o amargor da fome e da pobreza logo ressurgirá — e muito mais evidente. A vontade do povo foi feita. Que Deus agora abençoe a todos e oriente as decisões, a mente e o coração da primeira mulher a ocupar o mais alto cargo do país. Que assim seja!

(*) **EDILEUSA REGINA PENA DA SILVA**, mulher nordestina, jornalista e professora doutora da UFMT - email: edileusapena@hotmail.com

SAUDADES DO NOSSO QUERIDO, NOSSO PAI, NOSSO AMIGO

Publicado em 9 de novembro de 2010

A morte sempre é um tema complexo e divide opiniões filosóficas, religiosas, pessoais e culturais. É a iminência destoante da vida, em uma nota única soando irremediável e sem retorno. Em suas inteligentes divagações, Oscar Wilde escreveu “(...) Morte é o fim da vida, e toda a gente teme isso, só a Morte é temida pela Vida, e as duas refletem-se em cada uma (...)”.

Entretanto, nós, seres humanos somos programados para a vida e jamais aceitaremos a morte como algo natural, em contraponto à efemeridade da vida. Somos nós, únicas testemunhas deste ato de privação da vida, que arranca dos seres humanos, sem piedade e sem tranquilidade, os nossos mais caros e amados entes queridos. Nisto reside e persisti uma dor dilacerante que nem a eternidade será capaz de curar ou abrandar.

Expressamos nossos sentimentos com tamanha propriedade e verdade porque, dentre tantas pessoas queridas que partiram num rabo de foguete para nunca mais voltar está painho, que morreu numa noite fria de um sábado primaveril (oito de novembro), há vinte quatro anos. Partiu apressadamente sem despedidas nem adeus, nem um último cheiro, um afago, uma benção ou alguma recomendação final.

De uma sabedoria nata que não foi construída nos bancos escolares e apesar de tão jovem era o conciliador da casa com sua paciência invejável. Amava tanto a vida, a qual enxergava através dos seus lindos olhos azul, que falavam com a alma as coisas do coração. Era nosso pai e estávamos em uma fase da vida que precisávamos tanto dos seus ensinamentos, de sua orientação, de seus cuidados, do seu amor.

O tempo de convivência foi muito, muito, muito curto... Infinitamente mínimo. Ficou tanta coisa a ser dita e muito a ser vivido... Mais que tudo, ficou uma saudade imensa e eterna, que mesmo após 24 anos não cessa. Ao contrário, cada ano a saudade é maior, a falta é insuportável, principalmente quando assistimos (minha irmã e eu) outros entes queridos e amigos passando pela mesma dor, como tem sido nos últimos meses.

Nosso silêncio em muitos destes casos se justifica essencialmente por saber que não há nada a dizer, nada a fazer. Apenas rezar e recorrer ao Pai Criador que tudo pode, sabe e vê para consolar aos que ficam e iluminar àqueles que estão indo para sempre.

Por esta razão, sem reservas nem meias palavras, advertimos: a morte não se explica. Ela é dilacerante e irreversivelmente traumática. Primeiro, entramos num estado de coma profunda e ficamos anestesiados sem entender muito bem o que está acontecendo. Aos poucos, vamos despertando e com graves seqüelas precisamos lutar pela vida, que nunca mais será a mesma. Para sempre, estará faltando um pedaço essencial em nós.

Gostaríamos muito de escrever palavras belas e encantadoras que pudessem transmitir todo o nosso amor, admiração e consideração por "painho". Porém, as palavras às vezes são traiçoeiras e não conseguimos encontrar aquela que expresse fielmente nossos sentimentos e toda a emoção, gratidão e saudade. O tempo passou, mas, às vezes conseguimos nos transportar para cenas e fatos que marcaram a nossa convivência e continuam a fazer parte da nossa História.

Painho, muito mais que uma lembrança, você segue orientando e nos direcionando no caminho a seguir. Com seu jeito simples, observador e discreto você conseguiu transmitir conhecimentos e valores que foram determinantes para a nossa formação. Neste instante uma leve brisa vem beijar nossa face, nos lembrando do teu beijo.

As lembranças sempre farão parte da nossa existência e a cada instante que a saudade chegar, ela terá um nome que estará eternizado em nossos corações, - painho. Não queremos impedir sua evolução no mundo espiritual e nem lhe manter preso às correntes do passado, através da nossa saudade, por isso, tantas vezes sufocamos nossa dor. Apenas desejamos que elas sirvam de luz para sua evolução, facilitando a sua jornada eterna.

Para lhe homenagear, este ano (cada ano fazemos uma coisa diferente), relembremos e cantamos com muita saudade sua música preferida, último LP (ainda era o tempo do vinil) que lhe presenteamos, por ser Roberto Carlos seu maior ídolo. Até hoje ele é o rei da Música Brasileira. Você estava certo quando dizia que ninguém iria superá-lo.

Também não esquecemos que suas músicas preferidas, entre tantas do Rei, eram Detalhes e Caminhoneiro. Especialmente esta última, que você transformou em uma declaração de amor para mainha, a mulher de sua vida: - “Todo dia nessa estrada/No volante eu penso nela/Já pinteí no paracheque/ Um coração e o nome dela/ (...) Doido pelo doce do seu beijo/Olho cheio de desejo/ Seu retrato no painel/É no acostamento dos seus braços/ Que eu desligo meu cansaço/E me abasteço desse mel...” e assim você era feliz. Seu CAMINHO você seguia em paz com Deus e todo contente, até o dia em que um irresponsável, em sua imprudência a mil por hora, lhe tirou a vida.

E, assim, não nos foi permitido, ver seus cabelos brancos, bonitos, um olhar cansado, profundo, nos dizendo coisas, mansamente, nos ensinando tanto do mundo. Muito menos tivemos o privilégio e a sorte grande de acompanhar seus passos lentos, de agora, caminhando sempre com a gente.

Infelizmente seus passos não correram tanto na vida, foram ceifados numa violência de trânsito assassino que continua a matar inocentes. Mas, sua voz macia continua nos acalmando e nos calando fundo na alma. Pode passar cem anos, meu querido, meu velho, meu amigo, se é que conseguiremos chegar até lá, seu sorriso franco sempre nos animará, seus conselhos certos nos ensina e nos orienta a prosseguir com retidão de caráter.

Beijamos suas mãos e lhe dizemos em uma prece: - nunca o esqueceremos e apesar do pouco tempo em que convivemos Você será sempre nosso maior exemplo de alegria, perseverança, honestidade, companheirismo e nobreza de alma. Você será para sempre, eternamente nosso painho.

(*) **EDILEUSA REGINA PENA DA SILVA** e Oluzimere Pena da Silva em uma pequena homenagem ao nosso “painho”, maneira carinhosa como os pais são chamados em Salvador - Bahia - edileusapena@hotmail.com e lupena2009@hotmail.com

PENSAMENTOS INCOMPLETOS DE UMA PÁGINA NÃO VIRADA

Publicado em 27 de novembro de 2010

Legião Urbana tem uma música que poetiza de um jeito nobre os pensamentos tão completos, inclusive este é o título dessa rica e bela obra de arte que é o fundo musical do vídeo apresentado na UFMT, no dia da cerimônia de inaugurações, para lembrar o triplo homicídio.

Pessoalmente, (creio eu) que outras pessoas também pensam assim, esta é uma página na história do Campus de Rondonópolis da UFMT que jamais deveria ter sido escrita. Pior ainda: gostaríamos de retroceder (como me falou Mariene Fagundes, esposa do deputado Wellington Fagundes) o VT da vida e retornar ao dia 27 de novembro de 2007 e mudar tudo. Mas, somos pequenos, frágeis e impotentes diante de tragédias como essa.

Voltando à música “Pensamentos tão completos”, de Legião Urbana, este termo, em sua essência faz uma crítica às verdades impensadas e impostas que fazem com que tudo pareça que será como antes ou que o tempo vai passar e tudo voltará ao normal. Tudo será de novo como antes. Tudo sobreviverá. Não é bem assim.

Nós, humanos, incompletos e frágeis, sabemos que, como disse o filósofo grego Heráclito: “ninguém pode banhar-se duas vezes no mesmo rio”. Havendo uma segunda vez, o rio não será o mesmo e você nunca será o mesmo a cada vez que entrar. A cada dia enfrentamos e vivemos novas experiências que nos trazem diferentes momentos. O conteúdo de um rio é sua água, seu leito e sua nascente, reabastecido com chuvas e temporais. Sem esse conteúdo nada mais existiria senão sua segura.

Já, o conteúdo humano são os conhecimentos, as habilidades, os sentimentos, as emoções, as experiências, as virtudes e as atitudes, reabastecidos regularmente com o exercício do aprendizado, da prática, do companheirismo, da solidariedade, da troca de experiências e da sensibilidade. Da humildade do reaprendendo a aprender e, essencialmente do amor, porque como professou o filósofo e sociólogo francês Michel Serres: “O amor manifesta a última fagulha da totipotência porque ele ‘perdoa tudo, crê em tudo, espera tudo, suporta tudo’”.

Para este autor, o humano não sobrevive nem vive sem a misericórdia divina. Entretanto, nossa arrogância imbecil nos faz acreditar que a ciência e o conhecimento científico ou os títulos acadêmicos são soberanos a tudo e a todos (o que não era o caso de nenhum dos três barbaramente assassinados há três anos), talvez, sejam a humildade e a generosidade a maior herança que eles tenham deixado para todos nós, porque, retomando os dizeres de Michel Serres: “Sem a misericórdia, os outros legados não têm valor algum. Sim, a filosofia abasteceu-se plenamente na sophia, ciência e entendimento, mas ainda não começou a estabelecer relações eficazes com o amor, ou seja, com a philia”.

Reconsiderando agora o título da música de Legião Urbana, talvez, uma das poucas certezas que temos é que nada mais será como antes. O Fusca nunca mais será relançado e nem o muro de Berlim reconstruído, embora exista a intenção e a vontade de refazer. E, muito menos nossos nobres colegas da UFMT ressuscitarão, por isso, que a memória e as realizações deles devem para sempre serem lembradas, destacadas, mencionadas várias e incontáveis vezes, a fim de que o valor humano ao se perca num acidente, num incidente ou num assassinato. A fúria e covardia de uns poucos que não valorizam a vida humana não pode e nem deverá preceder o amor e a misericórdia divina, que tudo vê, sabe e pode.

Por tudo isso dito e conclamado, é que nos faz pensar e ter, algumas certezas, como a saudade eterna dos nossos “caros” e preciosos colegas de trabalho, de lutas constantes por ideias e renovações, porque o tempo passou, mas o sol não brilha mais na UFMT e as conquistas significativas nunca mais terão o mesmo gosto de vitória.

Nossos caríssimos Soraiha, Luiz Mauro e Alessandro, por onde estiverem nesta vasta eternidade, sabem que, por aqui, a tempestade está a todo tempo começando. Parece que nada existe sem eles. É tão difícil chegar à entrada principal do Bloco do ICHS e não ver mais Luiz Mauro com um monte de fios enrolado no ombro direito, algumas ferramentas à mão para socorrer a quem precisasse de tomada, computador ou telefone funcionando... Aquela tragédia continua viva em nossa memória, mas é representada por um silêncio nebuloso e um vazio angustiante, um sentimento muito forte de tristeza, de interrogações que, os três anos ainda não foram suficientes para respondê-los. É tão difícil retornar ao Campus de Rondonópolis e não encontrar vocês, sempre com um largo sorriso e a esperança no olhar,

próprio dos VENCEDORES que acreditam: “Mais é claro que o sol/vai voltar amanhã/mais uma vez eu sei/ Escuridão já vi pior de endoidecer gente sã/ Espera que o sol já vem”.

Mas, ele não chegou mais aqui sem vocês. É difícil pensar na transitoriedade fugaz da vida humana. É claro que muita gente boa passou pelo Campus de Rondonópolis e também contribuiu significativamente para seu crescimento e plantou sementes importantes. Ensinaram, aprenderam, conquistaram, realizaram e também se foram. Mas, por razões mais compreensíveis (não querendo menosprezar nenhuma dor e muito menos deixar esquecidos colegas e amigos tão valorosos...).

Entretanto, em pouco mais de 30 anos de existência nunca havíamos vivido, sofrido tamanha dor por três colegas, em um mesmo instante. Como bem retratou o A TRIBUNA, em uma reportagem de excepcional competência publicada ontem (26): “Os rondonopolitanos foram pegos de surpresa em 2007 com uma das tragédias de maior impacto da história do Município”. Ou, como bem explicitou o juiz do caso: “casos de violência extrema como este são um fato raro na Justiça Federal, sendo o único acolhido em cinco anos na Vara de Rondonópolis”. Como é difícil pensar nisso... Como é difícil esquecer...

(*) **EDILEUSA REGINA PENA DA SILVA** é jornalista e professora com doutorado do campus local da UFMT - edileusapena@hotmail.com

CONVERSA DE QUINTA

Publicado em 2 de dezembro de 2010

Temos belos encontros nesta vida e o privilégio de ver nossos caminhos se cruzando com os de pessoas lindas, sábias, encantadoras e generosas. Pessoas do tipo que emprestam com prazer sua luminosidade, oferecendo com alegria um pouco do muito que elas sabem, conhecem e dominam.

Pessoas assim são raríssimas neste mundo de valores retorcidos, de imperialismo da esperteza, do egoísmo, da desmaterialização dos sentimentos nobres (amor, solidariedade, compreensão, companheirismo, doação, gratidão) para a supremacia de valores fugazes e medíocres.

Incondicionalmente, as pessoas, das quais me refiro, tem o dom natural e maravilhoso de fazer o outro feliz. Às vezes, a única exigência é simplesmente um sorriso sincero. Contribuem de forma significativa para o crescimento intelectual, profissional e humano de seu próximo porque vivem plenamente os mandamentos divinos. Especialmente, aquele que diz: amai ao teu próximo como a ti mesmo.

Por isso que, vendo dezembro chegar, e recriando em mim expectativas. Mas, simultaneamente, me propondo um balanço de minhas ações, atitudes e valores, foi que decidi trocar o presente imposto pelo mercado consumidor por um olhar profundo nos olhos de um verdadeiro amigo e lhe dizer: Nobre Amigo Wilson Lemos tomo de empréstimo as palavras que você me disse um dia, para que você saiba e nunca olvide da minha amizade, do meu carinho e da minha eterna admiração por você. Da lista de suas preferências e de seus ilustres e nobres amigos quero sempre fazer parte. Nem que seja no centésimo quinto lugar, lá no finalzinho. Em qualquer lugar que não seja percebida pelos olhares menos atentos, mas que possa desfrutar um milésimo que seja de sua preciosa existência.

Assim, hoje quero apenas agradecer a Você, objeto do meu afeto, por existir, por sua generosidade de me deixar usufruir de sua amizade e por aceitar as oferendas da minha ternura. Até porque tal privilégio me faz lembrar que existimos, não estamos sós, nem perdemos a capacidade de amar e, o mais importante, de ser amados. Também

aproveito este momento de reflexão para pedir desculpas por ter esquecido o grande dia de festa – o seu aniversário, acontecido no dia 22 de novembro. Parabéns pelos seus bem vividos 78 anos, queira Deus que eu consiga vencer os obstáculos, romper barreiras, conquistar o impossível e chegar, pelo menos, até às Bodas de Diamante, que você já ultrapassou. Mas quem quer saber de diamantes quando se tem uma imensidão de riquezas e tesouros nobres, de valor incalculável.

Você sabe, amigo, porque é um ser generoso, de uma encantadora doçura no olhar e de sabedoria rara, própria dos seres predestinados ao amor, que o amor sublime transcende os limites da racionalidade humana, os limites da nossa compreensão, pobres mortais cheios de vaidades e incongruências, que a Amizade não é feita de palavras, mas de significados. Ou, quanto mais elevada as virtudes, tanto mais perfeita será a amizade. Ou, ainda que: o amor pode passar, mas a amizade sempre volta, mesmo depois de ter adormecido por algum tempo, porque a Amizade é o amor sem asas nem dimensões.

Notadamente, dos poucos amigos que a vida me presenteou, tenho a maior felicidade de você ser um deles. Então, reconheça em sua imensa sabedoria, que Amigo é para sempre e a nossa Amizade é o meu melhor e mais precioso Tesouro, apesar de nossa pouca convivência presencial.

Você sabe que há um mundo ao meu redor me cobrando, exigindo de mim o tempo todo. Por conta disso, tenho relegado a alguns prazeres e deveres, como o de cultivar minhas amizades mais assiduamente. Também tenho vivido minhas contradições e tristezas por não ter me doado o quanto deveria em meus projetos pessoais, profissionais ou existenciais.

Infelizmente nem sempre somos, ou eu não sou, os seres humanos que gostaríamos de ser nem vivemos as alegrias que desejamos ou, ainda, sentimos as dores que não gostaríamos de experimentar. Mas, existe algo inabalável e blindado para terremotos, tempestades e imprevistos do tempo humano que se chama Amizade. O verdadeiro Amigo sempre está ali à nossa espera, sempre compreende nossas ausências e sempre perdoa nossas imperfeições.

Apossando-me da sensibilidade do poeta Manuel de Barros, você sabe e compreende bem minhas ausências, porque: “Eu fui aparelhado para gostar de passarinhos/Tenho abundância de ser feliz por isso/ Meu

quintal é maior do que o mundo”. Assim, já não dou conta de minhas atribuições.

Meu Nobre Amigo, aceite meu abraço fraterno com o doce perfume da Bahia e

lembre-se que, o essencial é invisível aos olhos e aos olhos do amigo, somos mais belos e melhores!

(* **EDILEUSA REGINA PENA DA SILVA** é jornalista e professora com doutorado do campus local da UFMT - edileusapena@hotmail.com)

OBRIGADA, AIRES JOSÉ

Publicado em 25 de janeiro de 2011

Caríssimo Aires, seu comentário foi para mim uma grata surpresa. Em momento apropriado, me revelou o que não sabemos nem confessamos ao nosso íntimo no mais profundo silêncio, mas, precisamos urgentemente de um abraço amigo ou um ombro acolhedor. E este abraço amigo pode ser materializado de diversas formas. Neste caso, foi em forma de um lindo e caro comentário que reconstrói o sentido do ser através da interpretação de seus escritos

Enquanto questionava-me sobre a falta que faria ao mundo se eu não existisse; ou em que minha existência mudou o mundo. Estava em completo êxtase intelectual, após ter assistido o filme Poseidon. Sua substanciosa mensagem, em poucas palavras, me disse tanto da vida e da importância singular e única de cada ser humano.

Caríssimo Aires, você é um leitor potencial que aprendeu com maestria a ler nas entrelinhas e a traduzir metáforas literárias. Também consegue muito bem exercitar a interpretação daquilo que não está escrito, mas que traduz perfeitamente o pensamento do autor, corporificando, assim, a abstração do que é escrito, mas não é dito nem revelado. Sua sensibilidade magnânima vai além do que está impresso e inebria com uma luz radiante a vida de alguém, nesse caso, a minha.

Ao fazer a leitura de seu comentário fui transportada de imediato a magia de minha nova paixão: Maria Rita e o seu dom precioso de interpretar, cantar, encantar e iludir. Em uma de suas belas interpretações ela evoca o bem que o outro pode fazer a nossa essência. E foi isso que você fez comigo, ao reconhecer meus sentimentos mais secretos, apenas revelados na escuridão da madrugada silenciosa enquanto a cidade dorme e aguardo o doce despertar do sol.

Neste momento penso no amor e no lado dócil da vida, então, vestida com as notas da canção tinjo a imensidão com tintas na medida do meu caro coração para lhe dizer: Obrigada, Aires. Como retribuição, um pouco de Maria Rita, em A Medida do Meu Coração: “Voltar para o mesmo lugar/ é impossível, irreal/ Viver é qual o correr de um rio/ Jamais retorna/ Achei o que é melhor pra mim/ E o tempo já me deu seu sim/ E meu samba-canção/ Revela a medida do meu coração”.

(*) **EDILEUSA REGINA PENA DA SILVA** é jornalista e professora com doutorado do campus local da UFMT- edileusapena@hotmail.com

CONVERSA DE QUINTA

Publicado em 27 de janeiro de 2011

Conversa de quinta, surge em sua segunda versão, para, em primeiríssimo lugar, agradecer aos meus leitores, que contabilizam uma meia dúzia de seres sensíveis e movidos pela paixão, com os quais muito me identifico. É, quem diria, tenho leitores. E isto é ótimo.

Em segundo lugar, tecer alguns comentários sobre uma evidência significativa dos tempos pós-modernos que diz respeito à forma de dialogar, de transmitir, transferir ou disseminar informação e o papel dos veículos de comunicação. Por último, algumas divagações sobre o ato de escrever. Então, vamos avante.

Com o avanço da internet e a sofisticação dos veículos, instrumentos, mecanismos e suportes de comunicação, especialmente os digitais, online e virtuais, o diálogo tête-à-tête e a comunicação de massa tradicional escrita à mão ou que transitava de mão em mão está cada dia mais difícil. Assim como se tem menos olhos nos olhos.

Por essas e outras implicações temporais, passa a ser imprescindível a função social dos veículos de comunicação. Aqui, em Rondonópolis, podemos afirmar sem constrangimentos, que o A TRIBUNA tem cumprido seu papel com maestria, encantamento e uma competência excepcional, pois, não é fácil organizar e selecionar o material informativo, para que não se perca entre um clique e outro do teclado. Também tem atuado como ator principal na constituição de vínculos sociais e afetivos, tanto no virtual como no real, no dia-a-dia com a família, com os vizinhos, com os colegas de trabalho, com os amigos, contribuindo para uma maior proximidade do fato social e dos acontecimentos da cidade.

O toque do teclado e o som das mídias sociais anunciam a urgência de acessar, conectar-se e se fazer existir, sentindo-se, assim, um verdadeiro habitante do mundo virtual e digital. Daí, a importância dos comentários nas páginas online, alimentando discussões e favorecendo a dinâmica comunicacional tanto em ambientes virtuais como no universo real.

O mundo virtual é uma realidade inevitável e tem imprimido novas formas de pensar e um olhar mais cuidadoso do mundo e seus habitantes. E, foi nesse ambiente virtual que construí amizades significativas e verdadeiras, intermediadas pela versão impressa ou pelas páginas eletrônicas do A TRIBUNA.

Assim, preciso esclarecer aos meus leitores que eles estão corretíssimos em achar que sou uma privilegiada. Sou mesmo. Primeiro, por conhecer e reconhecer o talento desta equipe maravilhosa que constrói cotidianamente cada página da versão impressa do A TRIBUNA. Segundo, por intermédio deste mesmo jornal, foi possível criar fortes laços afetivos com pessoas maravilhosas. Perdoem todos, mas citarei apenas dois nomes para ilustrar o meu pensamento. Começando pela saudosa professora Edith Pereira que, após trocarmos impressões e demonstrações de carinho e amizade por texto, ela costumava aos sábados, pela manhã, quando voltava da feira, deixar em meu portão flores e um bilhete carinhoso. Quantas saudades dela.

Outro que merece todas as homenagens e reconhecimento é justamente o nobre amigo Wilson Lemos. Com um currículo privilegiado, o advogado, jornalista e escritor Wilson Lemos sempre foi presença constante no espaço “Opinião do Leitor” com textos primorosos. Nossa amizade começou em 2002, após um inusitado comentário dele a respeito de um dos meus textos publicados. Seu comentário dizia: - Que bom existe vida inteligente em Rondonópolis.

Depois disso, a consolidação da amizade foi inevitável, alimentada com muito respeito e admiração mútua. Então, meus queridos leitores, não é o nobre amigo Wilson Lemos que tem o privilégio de ser meu amigo. Ao contrário, eu que me sinto muito feliz por ele ter me incluído no rol de suas seletas e distintas amizades.

Por último, quero realçar o doce prazer em produzir artigos para este jornal que se mesclam à minha compulsão pela palavra escrita. Então, diante do exposto, fica fácil compreender que o elemento crítico presente em meus textos advém da minha paixão pela vida, mas, também expressa minha fragilidade e sentimento de impotência diante das circunstâncias e acontecimentos existenciais que fogem ao meu entendimento.

Recorro à poesia como base para minhas produções literárias, intelectuais e acadêmicas porque é o recurso que melhor traduz meus

sentimentos mais caros, íntimos e verdadeiros. Também por acreditar que a autenticidade dos escritos depende do sentimento de verdade e, não apenas da inteligência a respeito do que está sendo exposto. Sentimento de verdade, este, representado pela experiência do vivido e sentido na alma, pele e emoção.

Escrever não se resume apenas a construção de frases e textos pelo simples propósito de realizar uma tarefa ou cumprir uma obrigação. É o exercício da imaginação criadora que vai além de uma habilidade prática construída mecanicamente.

Outro dia, por falha no sistema de armazenamento de dados não me recordo quem nem onde, ouvi alguém dizer que um poeta nasce poeta. É pura vocação. Claro, que se podem aprender as técnicas e o saber fazer, mas se não tiver uma vocação natural uma emoção real toda e qualquer atividade intelectual não será exercida em sua totalidade. Ficará sempre faltando àquele algo mais e mágico. Mas, há também a profecia incontestada de alguns teóricos que destoam do natural e da emoção. Apostam em uma racionalidade desprovida de afetividades extremas e de paixões convulsivas. Enfim, são discussões longas e que merecem, sem dúvidas, a atenção de pesquisadores, estudiosos, professores e intelectuais. Todavia, são discussões que vão longe e não é o propósito deste texto.

Esclarecendo melhor meu pensamento, acredito que escrever (e amo fazer, defender e viver os sentimentos e as verdades que acredito...) requer uma sensibilidade apurada, o exercício das faculdades de ouvir, ler e ver, o alargamento das ideias, dos horizontes e da percepção de mundos. E, além de tudo, depois de tudo, o amanhecer (desculpem, lembrei do nosso rei da música brasileira...). Depois do amanhecer, antes de tudo está o amor e a dedicação.

Como apregoa o sociólogo francês Edgar Morin, o ser humano é um animal insuficiente, não apenas em razão, mas também dotado de desrazão, porque vive as desordens da afetividade e as irrupções do imaginário, sem as quais, não haveria élan, criação, invenção, amor, poesia.

Concluo. Meus escritos revelam meus questionamentos diante da vida e do mundo vivido; minhas dúvidas existenciais; minha indignação, anseios, inquietudes; minhas paixões, meus segredos e desejos; enfim, escrevo o que sinto e o que me rói, corrói, mobiliza, desestabiliza e

fascina. Wright Wills sentenciou: cada proposta de produção escrita deve estar orientada para rechaçar o distanciamento e a indiferença, almejando a conjunção entre arte, conhecimento e vida prática. Sublinho, ainda, a necessidade de se perseguir, sempre que possível, o emprego da linguagem clara, objetiva, concisa e simples. O que não é nada fácil. É isso. Aproveitem a leitura e belos encontros virtuais ou reais.

(*) **EDILEUSA REGINA PENA DA SILVA** é jornalista e professora doutora do campus local da UFMT

SÍNDROME DO OUTRO

Publicado em 19 de fevereiro de 2011

Ponto sêxtuplo para meu nobre colega, amigo e ídolo Ruy Ferreira. Sem nenhuma sombra de dúvida, o professor Ruy Ferreira tem promovido dias mais alegres e esperançosos para mim, especialmente na Academia. Tem sido meu guru, meu modelo de educador e meu exemplo digno de ser humano.

Entretanto, desta vez, marcou de goleada, deu um show de competência e humanismo. Arrepiou e desestabilizou todas as estruturas emocionais e convicções arraigadas, obsoletas, rígidas e extremadas do sistema humano. Ao menos em mim, mas, quero acreditar que em tantos outros também.

As conjecturações humanas, pensamentos e ações são sempre para, pelo e do outro, essencialmente nesse mundo altamente tecnológico, mas que não consegue arrancar de nós a capacidade de viver em sociedade e de depender do outro para nos completar e para enriquecer nossa alma, nossa essência e nossa trajetória. Todos nós somos formados a partir dessa possibilidade de conviver e de trocar experiências.

Nesse contexto, outras dimensões humanas como as emoções, os sentimentos, os desejos, as paixões, a excitação, a imaginação, a criatividade ficam, no mínimo, comprometidas, ou seja, sucumbem ao mito predominante: de “ter mais” e não “ser mais”, para a construção de novos discursos e novas práticas sociais pautadas no amor e respeito mútuo, na compaixão, na solidariedade, na partilha, na ética.

Se bem que tudo isso apenas no terreno da externalidade. Vivemos o e para o outro, muitas vezes para manter as aparências. Por esta razão, nobre professor Ruy Ferreira, suas palavras e pensamentos causaram em mim, num primeiro momento, um efeito anestésico. Eram umas quatro horas da manhã quando abri o jornal e comecei a ler seu texto. Depois disso, não consegui fazer mais nada. Apenas fiquei imóvel, olhando pela janela e esperando calmamente que a degustação se realizasse e o processo de digestão dessas informações se completasse satisfatoriamente, recolhendo em mim toda esta complexidade.

Fico feliz quando vejo formadores de opinião e educadores como você, professor Ruy, preocupados verdadeiramente com o desenvolvimento humano. Até porque, não me restam dúvidas de que é possível encontrar as pedras certas para a construção do mosaico humano e informacional que não depende apenas nem tão somente de mim ou de você ou de algum célebre da academia, mas da participação de todos para a construção do conhecimento humano.

Paira no ar uma impressão equivocada, na qual a mediocridade, falsidade e hipocrisia são armas mais eficientes no confronto ou convívio com o outro. A síndrome do outro provoca o uso de máscaras que favoreçam um falso bem-estar social. Finjo o que eu não sou para não causar atrito com o outro ou com outros. E, na Academia isto é cada vez mais frequente.

Quer ver uma coisa que me irrita profundamente? Trata-se de não se conseguir proclamar em público aquilo que se murmura baixinho ou no esconderijo do seu eu. Justamente por medo de ser rejeitado, mal compreendido, destrutado ou sei lá o quê pelo o outro que aparentemente lhe aceita e compreende. Em nome da feliz convivência e da harmonia social haja tapinhas nas costas e largos sorrisos do tipo comercial de creme dental.

É muito triste reconhecer que a humanidade alcança o século XXI confrontando-se com questões raciais, intolerâncias religiosas, hierarquias entre o masculino e o feminino, tensões de toda ordem. O mundo, enquanto metáfora de emancipação social, desencanta-se, alimentado por preconceitos e segregações, irracionalismos acadêmicos e ideológicos.

Nobre professor Ruy Ferreira, são extremamente pertinentes e oportunas suas inferências a respeito da tolerância. Mas, alguns exemplos de tolerância podem também ser teatralizados em função de uma imagem e de um aparentar ser para o outro.

Representamos papéis e incorporamos conceitos e atitudes que, muitas vezes, não nos são confortáveis. Atrevo a ir mais além: e em boa parte de todo este teatro da vida humana sob a influência da síndrome do outro estamos convictos ou iludidos que realmente é verdadeiro. Por isso que é tão difícil perceber e separar o joio do trigo. Michel Maffesoli foi muito sábio quando declarou: “É sempre à margem que o outro se

situa: é sempre transversalmente que a vida cotidiana se afirma e se ilumina, usa de astúcia e resiste”.

Uma coisa é certa: as verdades e as virtudes precisam ser internalizadas. Claro, que não de forma egocêntrica do primeiro eu, segundo eu e, assim por diante. Mas, do eu realmente acreditando, sentindo e vivendo a tolerância, a bondade e o amor em seu íntimo e mais profundo ser. Para então, transparecer isto para o outro. De coração e verdadeiramente incorporado ao convívio com o outro.

Agora, ao contrário de você, detesto vascaínos, mas adoro conviver com eles e saber que estou me relacionando bem com um vascaíno, ou balduíno, porque importante é saber lidar bem com as diferenças, principalmente porque as identifica, reconhece e respeita. Como apregoa Edgar Morin: “Se tentarmos distinguir o amor por nós mesmos do amor como relação existencial, o amor pelo outro, descobriremos que a necessidade do outro é uma necessidade de nós mesmos como indivíduos”.

São em espaços de ambivalência, de identificações e diferenciações, a exemplo das escolas e universidades que se verifica como as singularidades de cada ser humano pouco são realçadas e reconhecidas. Nestes espaços, o individualismo se multiplica e as individualidades carecem de maior valor, dificultando que as diferenças sejam compreendidas para deslocarmos ou subvertermos as relações de exclusão ou de dominação social.

Portanto, aprender a conviver com as diferenças torna-se um passo crucial nessa direção. Em meio à fragmentação dos sujeitos, as identidades se tornam fluídas, líquidas, no dizer de Bauman, desencadeando inúmeras tentativas de reconstrução, o que nos conduz a formatar novas racionalidades, inspirados em Guattari e nos jogos necessários das diferenças; interpelados por Touraine que nos questiona: poderemos viver juntos, se somos tão iguais e ao mesmo tempo tão diferentes?

(*) **EDILEUSA REGINA PENA DA SILVA** é jornalista, professora e faz parte da minoria estigmatizada por suas diferenças na pele, na alma e no pensamento – edileusapena@hotmail.com

BERNARDO GUSMÃO, MEU PEQUENO PRÍNCIPE

Publicado em 27 de fevereiro de 2011

“Bernardo Gusmão, como um verdadeiro príncipe, desde muito pequeno já demonstrava uma forte tendência para o amor, a solidariedade, a comunhão”

Nos dizeres de Ronaldo Laing: “Cada criança é um novo ser, um profeta em potencial, um novo príncipe espiritual, uma nova centelha de luz que se precipita na escuridão”. Infelizmente não experimentei esta sensação indescritível de ser mãe. E, por muito tempo não tive um contato mais próximo com crianças. Esta ausência da figura infantil em minha vida não foi por decisão própria nem por aversão às crianças. Aconteceu. Simplesmente aconteceu.

Apesar dos percalços que tive de enfrentar, me considero uma pessoa abençoada e muito feliz, porque Deus sempre colocou em meu caminho anjos de luz e pessoas muito especiais.

Por esta razão, estou aqui, novamente ocupando um espaço tão precioso e super disputado para homenagear o meu pequeno príncipe. Pureza, doçura, generosidade e encanto é o nome dele, mas seus pais o batizaram por Bernardo Gusmão.

Hoje, 27 de fevereiro, Bernardinho faz nove anos e eu tive o prazer e a emoção, não sei se tão extasiante como de mãe, mas muito forte de vê-lo crescer e reconhecer neste pequeno grande homem a gentileza, educação, hombridade, inteligência, honestidade, dignidade, própria dos grandes homens da humanidade e resultado de um lar bem estruturado e de uma educação severa e firme, porém, ministrada com muito carinho e amor por seus pais, que aprenderam com ele, o pequeno Bernardo, a serem pai e mãe.

Bernardo Gusmão, como um verdadeiro príncipe, desde muito pequeno já demonstrava uma forte tendência para o amor, a solidariedade, a comunhão. Lembro-me bem dele com seus dois aninhos ou menos querendo acolher em seus bracinhos todos que iam visitá-lo em sua casa. Na hora que chegávamos era uma alegria de dar gosto, mas quando alguém manifestava o desejo de ir embora ele chorava.

Em seu mundo de fantasia se sentia um verdadeiro gigante com força, coragem e determinação suficiente para cuidar de todos a sua volta. Foi impossível não se apaixonar por esta criança tão doce e irresistível.

Daí o título deste artigo. Bernardinho reavivou em mim o doce prazer de viver. Perto dele sinto-me criança novamente. Sinto-me mais leve, renovada e com mais disposição para enfrentar os problemas do cotidiano. Exatamente como nos contos, fábulas e nas histórias infantis. Mas quem disse que o mundo mágico da imaginação infantil não tem nobres lições para este mundo adulto tão desencantado. Tem sim. E a cada encontro com meu pequeno príncipe esta certeza fica mais forte.

Com o Pequeno Príncipe (o livro) aprendemos a ver o mundo mais colorido e a não deixar morrer a criança que existe dentro de cada adulto. As histórias de solidão, egoísmo, intolerância e os sete pecados capitais vividos por cada um das personagens nos mostra que é possível mudar e se transformar em um ser humano melhor. Basta querer e acreditar, descobrindo o que é realmente importante na vida: o essencial é invisível aos olhos

Cada vez que me reencontro com o meu pequeno príncipe percebo o quanto é gratificante fazer o bem, cultivar pensamentos positivos e viver a vida com mais leveza e tranquilidade. Obrigada, meu pequeno príncipe. Como sou parte dos meus encontros e me sinto responsável por tudo aquilo que cativo, desejo o melhor para você. Quero que saiba que o considero sinceramente, de todo o meu coração, meu sobrinho. Também sinto muito orgulho de você.

Bernardo, meu pequeno príncipe, pedacinho de gente inteiramente extraordinário, quando puder leia o Pequeno Príncipe de Antoine de Saint-Exupéry. Tenho certeza que você se identificará com o pequeno príncipe da história. Parabéns pelo seu aniversário e lembre-se sempre que você é responsável por tudo aquilo que cativa.

(*) **EDILEUSA REGINA PENA DA SILVA** é jornalista e professora doutora do campus local da UFMT - edileusapena@hotmail.com

35 ANOS DE DESAFIOS E APRENDIZADOS

Publicado em 5 de maio de 2011

Comemorar o aniversário de 35 anos do Campus de Rondonópolis é revisitar uma história perpassada por lutas, desafios e conquistas de mulheres e de homens que acreditaram na força da educação na história desta cidade. Nesse processo é importante trazer à memória algumas pessoas que, desde 1974 se empenharam na criação do então Centro Pedagógico de Rondonópolis, o C.P.R.: o bispo D. Osório Stoffel, o professor Antônio Lino de Sá, o professor Antônio Schommer, o professor Flávio Batalha do Campus de Corumbá, as autoridades que se envolveram nesse processo e os professores e servidores que se dispuseram a trabalhar naquele centro de ensino que, por falta de espaço próprio teve sua aula inaugural no dia 05 de maio de 1976, na Escola Adolfo Augusto e Moraes. Devido à falta de condições físicas, o CPR foi transferido para a Escola Joaquim Nunes Rocha onde funcionou até o final de 1981, quando contava com os cursos de Estudos Sociais, Ciências Exatas, Pedagogia, Ciências Contábeis e Letras.

Um salto qualitativo nesse processo aconteceu em 1982 quando o CPR conseguiu espaço próprio, graças à doação de um terreno feita pelos Srs. Áureo Cândido da Costa e William de Moraes na Rodovia Rondonópolis-Guiratinga onde foi construído um prédio para salas de aula e administração. Na época, o então coordenador do Campus, o professor Etewaldo de Oliveira Borges, juntamente com a equipe de professores e servidores passou a envidar esforços para a criação de novos cursos. Nessa luta muitos coordenadores, vice-coordenadores, professores, servidores e estudantes participaram das manifestações, viagens, atos públicos e outras atividades para que novos cursos fossem implantados em Rondonópolis.

Inegavelmente este embarque pelos caminhos do conhecimento científico e formação do ser humano proporcionou momentos intensos de reflexão, troca de experiências e descobertas intelectuais, assim como, possibilidades e potenciais surpreendentes traduzidas em conquistas importantes e desenvolvimento humano, científico e tecnológico.

Hoje, o Campus conta com dezessete cursos de graduação e dois programas de pós-graduação, sendo um curso de Mestrado em Educação e um curso de Mestrado em Engenharia Agrícola e Ambiental, além de vários cursos de especialização e de extensão, vários projetos e grupos de pesquisas e uma razoável infraestrutura no que se refere a salas de aula, laboratórios, biblioteca e equipamentos.

Graças à colaboração de prefeitos, vereadores, deputados e órgãos financiadores o Campus conseguiu o asfaltamento e arborização do seu entorno e também a ampliação de prédios e aquisição de veículos e equipamentos.

Outro momento marcante aconteceu em 2005 com a criação de novos cursos, a inserção do Campus na política de ampliação de cursos do Governo Federal e o fortalecimento da luta pela Universidade Federal de Rondonópolis – UFR. Nessa etapa, a participação dos vereadores e prefeitos da região Sul de Mato Grosso e, em especial, da Câmara Municipal de Rondonópolis, do então governador de Mato Grosso, o Sr. Blairo Maggi do então Reitor da UFMT, o professor Paulo Speller, do corpo docente e discente do Campus e de membros da sociedade que se sensibilizaram com o projeto da UFR foram decisivas.

Continuamos na luta pela criação da Universidade Federal de Rondonópolis, justamente por acreditar que este é o sonho de todos aqueles que vislumbram a educação como caminho para o crescimento da região Sul de Mato Grosso. Sonhamos também com a ampliação de possibilidades e criação de novos cursos como forma de construirmos uma sociedade mais igualitária.

Na comemoração desses trinta e cinco anos queremos agradecer aos docentes, discentes, servidores e técnicos que participaram dessa caminhada, muitos dos quais já se aposentaram ou não estão mais em nosso meio. Alguns partiram para outras cidades; outros já se encontram no plano celeste. Não poderíamos deixar de mencionar aqueles colegas que tiveram suas vidas ceifadas na labuta universitária: Sorahia, Luiz Mauro e Alessandro e que continuam tão presentes entre nós...

A todos que deixaram suas marcas nessa história, a nossa gratidão e a certeza de que a contribuição de cada um foi decisiva para que o nosso Campus se tornasse esse espaço universitário que acolhe estudantes e

docentes de todos os lugares do Brasil e que sonha, mais do que nunca, com a criação da Universidade Federal de Rondonópolis já.

(*) Prof^a Dra. Antônia Marília Nardes; Prof. MSc. Antônio Gonçalves Vicente; Prof. Dr. Jorge Luiz Gomes Monteiro; Prof^a Dra. Laci Maria Araujo Alves; Prof^a Dra. Edileusa Regina Pena da Silva

BLUES DA PIEDADE

Publicado em 9 de julho de 2011

Não sei por qual motivo sou muito atenta a números redondos, considerados cabalísticos e quiçá premonitórios. Nesta quinta, sete de um mês também sete, foi um destes dias em que sinto uma áurea diferente pairando no ar. Desta vez, amena e com certo frescor de boas novas, embora tenha andado um pouco pessimista.

Logo cedo, fiz a leitura do texto inspirador e bem construído do caríssimo Orlando Sabka. Saudades, meu amigo. Mas, como você mesmo pronunciou em alto e bom som, em momentos de luto, o silêncio se faz presente em nossas vidas. Vivo tão perplexa, paralisada, imobilizada, nem sei exatamente como definir meus sentimentos em relação a tudo que temos sido obrigados a ouvir, presenciar, viver e sentir. Também tenho constatado muito a contragosto que nosso direito de escolha parece ter se extinguido. Sinto-me refém de alguma força maligna que vem e diz: – O que temos é isso: massa, molho e dois ingredientes. Vai querer? Próximo.

Como não consigo aderir-me a velocidade ilusória e insensível desta dita sociedade do consumo, onde tudo é líquido, fluido, transitório e se desmancha no ar. Então, me revisto com algumas armaduras que apenas transparecem não ser atingida, corrompida, ferida de morte.

Após leitura e releitura de seu magnífico texto, completo, redondo, explicativo e de fácil compreensão, me sinto um pouco mais revigorada para deixar fluir meus pensamentos inconstantes, incompletos e perdidos... E, assim, me livrar um pouco deste nó preso na garganta que tanto me sufoca.

Um pouco mais tarde, já com o sol meio alto, me lembrei do aniversário da morte de Cazuza. Fato este, que me deixou muito triste, não pela data em si, mas por novamente constatar a mesquinhez do humano em sua Síndrome de Deus. É imperdoável negar uma arte, quebrar os vinis e compact disc, apagar a biografia de um artista, porque não concorda com sua filosofia de vida. É muita hipocrisia. A partir de um filme ou dois, uma psicóloga se achar no direito de determinar que risquem do mapa e retirem de todas as prateleiras obras artísticas, canções

refinadas, porque Cazuzza era gay, rebelde e se drogava para não influenciar os jovens. Concordo. Mas também exterminem todas as mulheres-frutas, todas as danças da garrafa, da cadeira, da indecência e da imoralidade. Por favor, sejamos coerentes.

O mundo de Cazuzza, a mim me parece bem mais light deste que tenho visto hoje. É só olhar um pouco a sua volta e verá crianças que mal sabem falar, vestidas como periguetes e se remexendo de forma extremamente sensual que não combina em nada com a ingenuidade de sua pouca idade. Elas agem inocentemente, movidas pelo exemplo e pela exposição midiática, mas, onde estão os conservadores, moralistas e donos da perfeição, defensores reais da moral e dos bons costumes. E a infância perdida para o crime, o tráfico, o trabalho infantil?

Também fico a me questionar: – Onde estão estes mesmos defensores da moral e dos bons costumes que não fazem protesto, não criam leis e decretos para acabar com a impunidade, a violência, a pedofilia.

O que dizer de um país moderno, democrático, em pleno Século XXI, onde, professores são obrigados a consumir horas e horas de sono e lazer se preparando e programando aulas e no final do mês ganhar dois ou três salários mínimos. Por outro lado, um jogador ganha milhões e milhões, joga uma ou duas partidas no mês, não faz gol, não tem desempenho e, ainda se aposenta aos trinta e poucos anos. Enquanto isso, as regras da aposentadoria de um trabalhador assalariado, que cumpre 40 ou 44 horas semanais, são para 60 ou 65 anos.

Tem mais: – E o que dizer das regras da nossa política, as quais determinam que qualquer brasileiro pode ser candidato a comandar o país, ser detentor de tamanho poder e, para isso, basta apenas saber assinar o nome. Sobre o salário e as mordomias não quero nem comentar para não ficar mais triste ainda...

Então, fica combinado assim: troquem a Educação por bailes funks, farra do boi, desfile de celebridades, reality show, heaves e, tudo mais onde a alegria é passageira e efêmera. Quanto a seca, não se preocupem, ela só deverá chegar nas próximas gerações. E a conta quem vai pagar? O povo, como sempre. Ah! O povo trabalhador, pobre e miserável que acorda de madrugada e vai dormir muito tarde para no final do mês não ter nem dinheiro para fazer uma compra decente no supermercado.

Em um país que a maioria dos brasileiros é analfabeta funcional, que pensar e estudar são coisas de gente que não tem o que fazer e livros são artigo de luxo, realmente, Cazuza, você faz muita falta. Inegavelmente, você foi um poeta incrível, um compositor extraordinário, inventava o amor a todo o momento em tudo que fazia. Entretanto, era um humano como qualquer um de nós, cheio de imperfeições, defeitos, rebeldias e limitações. Claro, também impulsivo, afoito, tinha pressa de viver... Ser exagerado, talvez fosse sua característica principal, fazendo com que você se jogasse de olhos fechados no precipício. O seu prazer era sinônimo de risco de morte.

Encerrando meu dia místico, avancei a madrugada lendo, pensando, escrevendo, refletindo, labutando pelo conhecimento, pela educação e por um mundo mais justo e feliz. Foi na madrugada que produzir essas elucubrações e transformei em texto escrito, mas, também isso deverá ser repudiado e banido da sociedade, porque precisamos muito mais de circo do que de pão. De funk do que de escolas. De pagodeiros, jogadores de futebol e mulheres-frutas do que de cientistas, estudantes, pensadores, professores...

Creio que, Sören Kierkegaard, considerado o fundador e pai do existencialismo, ao dizer: "Ousar é perceber o equilíbrio por um instante, mas não ousar é perder-se em si mesmo", poderia estar possuído por algum demônio, apesar de ser um homem extremamente religioso. Mesmo tendo a religião como uma de suas principais paixões e uma vida extremamente regada, foi condenado pela opinião pública por negar a existência de Deus, não admitir a autoridade da Igreja e ainda acreditar que cada pessoa tem o dever de opinar, de se expressar livremente. Não é muito diferente da ideia de que os verdadeiros artistas são aqueles que vêm antes dos outros, como declara o cineasta Walter Sales se referindo à frase de Sören Kierkegaard. "Talvez seja isso que separa os visionários do resto dos mortais, - a capacidade de intuir com clareza aquilo que não está claro para ninguém". Que assim seja!

(*) **EDILEUSA REGINA PENA DA SILVA** é assessora de comunicação e professora adjunto I do campus de Rondonópolis da UFMT - edileusapena@hotmail.com

PANORAMA DA (IN)CIVILIDADE HUMANA

Publicado em 12 de julho de 2011

Amigo Orlando Sabka, este texto é continuação de minhas elucubrações anteriores a respeito do seu texto “Choramos nossos mortos”, publicado no Jornal A TRIBUNA, dia 6 de julho de 2011. Divagações à parte, o atual momento — de violência e impunidades, intolerância e sarcasmo, descasos e incongruências — me transporta a um tempo de incivilidade humana, em que primatas e outros animais digladiavam-se por um naco de pão, por um território, por uma presa, por um pedaço de chão... Entretanto, irracionalmente e mesmo por instinto, estabeleciam-se regras e normas de sobrevivência, mesmo nesse tempo remoto. À maneira deles, sabiam respeitar a autoridade, a competência, a força e o poder e/ou direito do outro...

Queira Deus que esteja eu sendo altamente pessimista e vítima de surto psicótico que me arranca da realidade. Mas, infelizmente, vejo sinais claros de que esta Humanidade pós-moderna parece bem mais primata e irracional do que aquela dos tempos das cavernas — ou, bem mais proximamente, dos idos de Cazuza.

Autonomia e vulnerabilidade se confundem neste novo indivíduo conceituado como civilizado e pós-moderno, detentor do poder de conhecer, organizar, transformar, realizar, sonhar, amar e viver... Disse viver, mas isto é só até o momento em que outro indivíduo, também qualificado com todos os adjetivos e características acima, decida num par-ou-ímpar se lhe será concedido o direito à vida...

Ah! Não quero mais falar disso. Não quero pensar nem lembrar-me de Sandra Regina, de Maria, de João, de Margarida, de Flores, de Chão, de lágrimas e dores, de sangue ou morte... Esqueçam, vamos ao próximo ponto... Percebo sinais claros de incivilidade humana quando vejo a intolerância, a arrogância, a prepotência e outros desmandos de nosso Poder público, constituído democraticamente para servir ao povo e garantir seus direitos e o bem estar coletivo. Mas, o que temos? “Dou-lhe uma, dou-lhe duas, dou-lhe três... Batido o martelo!” ... Isso mesmo. Incompetência, ditadura, a força do poder público contra o bem mais precioso — a vida, a vida do cidadão, a vida da cidadã.

Ideologia? Ainda queremos uma para viver. E olha que agora estamos vivendo uma suposta democracia, que alguém já chamou propriamente de democradura. Uma “democracia” na qual todos têm direitos iguais e em que o Governo é do, pelo e para o povo. Entretanto, mais se parece com um regime autoritário, autocrático. Principalmente quando se vê a usurpação de nossos direitos adquiridos e legalmente constituídos; a desfaçatez de nossos eleitos em cumprir à risca o princípio da individualidade; a negação do discurso da coletividade, tantas vezes proferido em vão. É ainda a vigência da lei do mais forte; é o salve-se quem puder; é o “primeiro eu, segundo eu, terceiro eu – e, depois de mim, sou eu também”...

Enfim, o Mundo continua tão cinzento quanto outrora: no lugar do brilho reluzente do ouro em nossa bandeira, temos a miséria, a pobreza, a injustiça social, lágrimas, dores, angústia e muita tristeza por parte da maioria; maioria que vive à margem da lei, sem garantias, sem privilégios para ser, realizar, transformar e fazer acontecer. Para o verde das matas, temos o desmatamento, o descaso, a farra com o dinheiro público, transformado em verdinhas, vermelhinhas, sabe-se lá o quê mais! O azul da prosperidade continua, sim, mas nos palácios – sem alvoradas para o povo.

Do lado de cá, continuamos a viver num clip sem nexos, num retrocesso de Pierrot, meio bossa-nova, meio rock’n’roll, com uma minoria cínica, corrupta e arrogante determinando, ordenando, decretando: “É do jeito que quero ou, então, o tronco”. Quer dizer: corte de ponto, demissão, perseguição e até pena de morte... É aceitar ou ser punido, execrado, alijado publicamente de seus direitos básicos de cidadania, honra e pudor... Para a maioria honesta, assalariada, trabalhadora, somente existem o rigor das leis e as políticas desfavoráveis.

Pouca coisa mudou nestes 21 anos. Meus heróis continuam morrendo de overdose, de tédio, de bala perdida, vítimas do descaso de um sistema político falido. Não temos dinheiro para viver, muito menos para pagar a conta do analista... E se descobrirmos que também não podemos mudar o Mundo?! Não quero pregar o derrotismo, mas, enfim, algo mudou em todos esses anos? Uma coisa é certa, e não nos devemos iludir: nossos inimigos continuam no Poder...

Por ora, vou falar baixo, sentir e rogar: “Senhor, tenha piedade de nós”. No mais, “vamos pedir piedade / pois há um incêndio sob a chuva rala

/ somos iguais em desgraça / vamos cantar o blues da piedade". Por fim, que o Brasil "mostre a sua cara" e confie em nós, jovens, trabalhadores, sonhadores, gente honesta, séria, íntegra, inteligente que quer mudar o Mundo. Confie em nós – e que assim seja...

(*) **EDILEUSA REGINA PENA DA SILVA** é jornalista e professora do Campus de Rondonópolis da UFMT – edileusapena@hotmail.com

SOBRE AMIGOS, AMIZADES E AFETOS

Publicado em 21 de julho de 2011

Ontem, 20 de julho, foi o Dia do Amigo. Entretanto, em tempos de pós-modernidade extravagante, exagerada e sem comiseração, não consigo perceber-me seguindo à risca os conselhos do “rei” Roberto Carlos – eu quero ter um milhão de amigos -, seja no real ou no virtual. Primeiro, porque não tenho tempo. A mim me falta tempo para cultivar meus poucos, verdadeiros, leais e queridíssimos afetos, que conquistei em minhas andanças pelo mundo e foram ficando nas estações da minha vida, sempre à espera de notícias ou do meu retorno.

Depois, talvez até o mais importante, amigo para mim tem mais a ver com Milton Nascimento: “Amigo é coisa pra se guardar do lado esquerdo do peito, dentro do coração...” Amigo é jóia rara, preciosidade e objeto de luxo. Por esta razão, não estão à venda nas prateleiras do consumo; não estão em exposição nas vitrines virtuais da moda; não se encontra em qualquer esquina, supermercado, site ou rede social.

Claro, que pode estar em qualquer um desses lugares, mas tem que ser cuidadosamente garimpado, escolhido, conquistado. E, quando isso acontece, tem que ser verdadeiramente por amor, por querer, por necessitar visceralmente da presença do outro em sua vida. Não, não pode ser por um momento apenas e ter a vida inteira para se arrepender... Não pode ser por modismo ou por capricho... Pior ainda: não pode ser porque todo mundo está consumindo...

Gente, amigo é especial demais para fazer parte de sua lista de supermercado, de efemeridades, de superficialidades e passatempos. Como diz um grande e verdadeiro amigo (Patrício Duarte), de longas datas: amigo é compadre de almas. É alguém com quem você divide sonhos, desejos, anseios, medos, fragilidades, inconstâncias, sem medo de desvelar-se. Em um mundo carente de afetos, lugar em que as pessoas têm dificuldades para lidar com o outro e com suas diferenças, de demonstrar seus sentimentos, fica difícil imaginar a real utilidade das inúmeras listas de amigos produzidas para alimentar a vaidade midiática.

Amigo é alguém que valoriza sua existência e sabe extrair o melhor de você, sem mídia nem sensacionalismo. É alguém que o ama e sempre

deseja o melhor para você, independente de suas qualidades ou defeitos. Ao longo de minha caminhada existencial, tive boas oportunidades para aprender a diferenciar o joio do trigo, apesar de algumas vezes continuar me enganando ou errando em minhas escolhas. Tudo bem. Faz parte do humano. Mas, dos meus poucos e verdadeiros amigos, que continuam me acompanhando pela vida, não tenho dúvidas, somente uma certeza: é para sempre e é de coração.

Ah! Permitam-me meus doze amigos e um segredo lembrar-me de uns dois daqui de Rondonópolis, que sempre são tão dedicados, carinhosos e fiéis a mim e que na minha displicência natural quase nunca os agradeço. Estou referindo-me a vocês dois, meus queridíssimos Araildes de Souza e Arivaldo Junior, o famoso Junior, do Jornal A TRIBUNA (este que também é minha família), que amo de paixão e há oito anos fazem sempre o melhor para tornar mais agradável e feliz os meus dias.

Preciso também falar de um casal muito especial, com o qual venho estreitando meus laços de amizade e tem sido muito bom. Obrigada Ester e Paulo Rockenbach, vocês têm despertado em mim a esperança por dias melhores. Paulão, depois de você, minhas madrugadas têm sido bem mais divertidas. É bom demais...

Humm... Valdir Xavier e Wilson Lemos, amigos e parceiros do Clube do Fusca, não fiquem com ciúmes porque já declarei meu amor por vocês em prosa, versos e face a face. Também continuo amando os dois com a mesma intensidade.

Aproveito a oportunidade para publicamente pedir perdão aos meus amigos pelas minhas incontáveis ausências. Por causa dessa minha mania de isolamento melancólico tenho cultivado muito mal meus afetos. No mais: quero apenas ter meia dúzia de amigos verdadeiros e ser bem mais feliz.

(*) **EDILEUSA REGINA PENA DA SILVA** é jornalista, professora do Campus de Rondonópolis da UFMT e amiga fiel de seus (aproximadamente) doze amigos verdadeiros, de corpo, alma e coração – edileusapena@hotmail.com

ACORDA, ALICE!

Publicado em 26 de julho de 2011

É aconselhável que após a leitura de um texto reflita-se bastante para não se forjar precipitadamente uma resposta, apenas para dizer que opinou. Até porque, Alice, não se trata de discordar ou concordar do texto “Sobre amigos, amizades e afetos” porque não foi uma crítica à música “Eu quero apenas”, de Roberto Carlos. O texto é totalmente intimista. É a autora narrando suas impressões e sensações.

A proposta do texto é refletir sobre nossa sociedade pós-moderna além do universo íntimo ou por cima dos muros que nos cercam, protegem, escondem e afastam os seres humanos de seus semelhantes. Afastam-se do outro que não compreendem nem se faz o menor esforço para que isso aconteça.

Mas, quando você coloca sua opinião em um plano dicotômico, determinando melhores e piores, bons e ruins, ricos e pobres, feios e bonitos, azul ou amarelo, deixa transparecer claramente sua intolerância ao outro, ao desconhecido, ao que não está de acordo com suas determinações e preferências. Talvez, por conta disso, fica ainda mais difícil colecionar um milhão de amigos em tempos de intolerâncias, egocentrismo, prepotência e arrogância.

Caríssima, as palavras ferem e este tipo de comentário soa como infecções afetivas. Denota claramente o mal-estar da civilidade humana. Então, qualquer um (leia-se: pobre, feio, anônimo) está riscado do seu círculo de amigos? Pior ainda: não tem direito a ter amigos? Será que é realmente assim que se define amizade?

Também sou fã do “rei”. Entretanto, acredito que até o próprio Roberto Carlos não escreveria esta mesma letra, com a mesma intensidade, nos dias de hoje. Não consigo imaginar, em pleno Século XXI, nosso “rei” e “seu amigo íntimo” desfrutando de um quintal sem muro ou com seu filho pisando firme, cantando alto e sorrindo livre pelas ruas, sem se preocupar com nada e sem seguranças armados até os dentes. Não lhe parece demasiadamente utópico?

Na atualidade, não tem sido comum ver o amor decidindo a vida, mas, a inveja, a traição, a corrupção, o egoísmo, a injustiça. Também não

sinto a força de um milhão de mãos amigas em prol da solidariedade gratuita.

Com tanto egoísmo, individualismo e vaidade na selva “do quem pode mais” raramente vejo as pessoas dividindo espaços e afetos, principalmente com estranhos. Que dirás dividir o peixe caríssimo fisgado nas gôndolas do supermercado com qualquer um.

Perdoe-me, mas, principalmente quando vejo comentários ácidos como o seu, fica mais nítido em mim a visão de uma sociedade doente com inúmeras e incuráveis infecções afetivas. Precisando urgentemente de algo que faça com que as pessoas despertem de suas prioridades entorpecentes e encare a triste realidade cinza do outro lado da janela do seu quarto cor-de-rosa. Já passou a hora de “Belas Adormecidas” e “Alice no País da Maravilha” finalmente descobrirem que nosso Brasil é outra realidade.

Por fim, os grandes mestres, a exemplo daquele que considero o maior – Jesus Cristo –, também morreu na solidão e viveu cercado de meia dúzia de fiéis companheiros. A humanidade que sempre foi alheia ao amor e à solidariedade preferiu o ladrão ao filho do Pai Eterno. Outro exemplo fascinante vindo dos Grandes Mestres: Jesus Cristo em sua rápida caminhada pelo mundo dos humanos nunca renegou os pobres nem oprimidos. Com Jesus Cristo andavam todos aqueles que acreditavam nas verdades que Ele proferia. Era sempre qualquer um (pobres, ladrões, prostitutas, cegos, alejados etc). Não precisava ser famoso, rico ou ser celebridade global, bastava ter fé, amor no coração, uma alma leve e sem preconceitos, uma mão amiga e disposta a ajudar e um sorriso largo.

Enfim, ficarei torcendo para que você com seu coração gigantesco e muito tempo livre consiga seu primeiro milhão de amigos chiques e famosos, bem rápido. Continuarei cultivando minha dúzia de amigos leais e verdadeiros, que acreditam menos em dinheiro, sucesso, fama e mais na força do amor e em seu semelhante. Um abraço esperançoso.

(*) **EDILEUSA REGINA PENA DA SILVA** é assessora de comunicação e professora-doutora do Campus de Rondonópolis da UFMT – edileusapena@hotmail.com

UMA REALIDADE NECESSÁRIA E URGENTE

Publicado em 31 de julho de 2011

O tempo real, aquele que insistimos em olhar a cada segundo no relógio de pulso ou de parede, parece nos cobrar, nos apressar e nos dizer a cada tilintar dos segundos que já passou da hora, que estamos atrasados e por isso precisamos correr, nos apressar para chegar a algum lugar ou a lugar nenhum.

Mas, contraditoriamente, o tempo virtual nos faz embevecermos diante de uma simples tela de computador, que se agiganta e nos aprisiona no seu espaço e em tempos próprios, incomuns, virtuais. Então, nos deixamos ficar e, assim, foi surgindo uma necessidade latente de ficar um pouco mais, de conversar um pouco mais, de ouvir no silêncio da leitura o que o outro eu ou o outro fora de mim precisa falar. E, foi assim, garimpando nas páginas virtuais do Jornal A TRIBUNA que descobri comentários e algumas divergências a respeito de dois textos produzidos por mim.

A convergência tecnológica entre impresso e on-line configura-se, portanto, numa das principais mudanças do moderno para o pós-moderno, qual seja: desvelar-se, ousar em sensibilidade e mostrar-se ao outro um pouco mais. Assim como, torna a linguagem acessível, permitindo maior fluência da comunicação humana. Permite que o outro se aproxime de nós.

Por essa razão, paradoxalmente, o ser humano parece estar vivendo um individualismo às avessas, no qual o indivíduo pode até estar só num ambiente físico, mas não deseja ficar sozinho no virtual e muito menos no real.

Na atualidade é mais simples se fazer presente pela imagem, que é o ser no espelho do meu eu, no mundo visual e virtual, transitando nas letras ditas, lidas ou nos olhares contemplados, nos desejos revelados, nos prazeres renunciados, nos amores incontidos, nos livros lidos, nas mentes inebriadas de tantas questões sem respostas e de tantas procuras lógicas. Assim, me encontro perdida, escondida, dividida, sofrida, calada, questionada, inquieta, pelo e no olhar do outro.

Nos ambientes midiáticos digital, eletrônico e virtual estamos mais em contato com o novo e há maior interação com o leitor, enriquecendo ainda mais as fontes de conhecimento e de saber. Só se pode acreditar que a convergência de todas as mídias será benéfica para o desenvolvimento global do humano.

Por essência pós-moderna, o território de o livre pensar da internet, ao mesmo tempo em que, permite dizer qualquer coisa, também faz com que o usuário sinta necessidade de um pensar mais inteligente, mais sábio, mais seguro, mais confiante, e isto só é possível com informação, conhecimento, pesquisa e leitura.

É fantástico ler os comentários on-line, visualizar imagens e perceber que tudo muda, sem exageros, num piscar de olhos, ou melhor, enquanto durmo. Então, para quem não sabe nada e quer aprender um pouco e começar a entender e se relacionar com esse novo ambiente informacional, a oportunidade é esta. O momento é este. Procure um tema do qual você goste e comece a acompanhá-lo, depois se atreva a discutir e assim comece a se mostrar para o outro e deixar o outro vê-lo. É assim que a vida digital-virtual acontece.

O A TRIBUNA tornando os espaços virtuais deste jornal mais dinâmicos e interativos, certamente, estará contribuindo ainda mais e de forma significativa para a evolução da humanidade, na qual, sempre, me senti integrada.

(*) **EDILEUSA REGINA PENA DA SILVA** é assessora de comunicação e Professora Adjunto I do Campus de Rondonópolis da UFMT. Defendeu sua tese de Doutorado em Ciências Sociais pela PUC/SP sobre Blogosfera e Afetividade Conectiva. edileusapena@hotmail.com

O GRITO MUDO DO NOSSO RIO ITIQUIRA

Publicado em 14 de agosto de 2011

Foi com muita tristeza e perplexidade que assisti as imagens do Rio Itiquira na contramão da vida, agonizando no Pantanal Mato-grossense. Em cobertura impecável, os colegas jornalistas da TV Cidade Record, do Programa Cidade Agora, tentavam desesperadamente compreender qual o motivo de tamanha crueldade com a natureza, nosso bem mais precioso.

Caro Valdemir Costa, foi comovente ouvir seu desabafo e as expressões de dor de Jota Lima e dos entrevistados, mas, infelizmente e, com muito pesar, constatamos que houve três crimes hediondos com o nosso rio. Tudo que restou daquele patrimônio natural de rara beleza foi um sussurro, um grito mudo agonizante. O Rio Itiquira foi sequestrado, esfaqueado e envenenado pelo rolo compressor capitalista, entenda-se a ambição humana.

Poluição, desmatamento das margens, o concreto duro e frio das barragens, assoreamento, uso criminoso e indevido dos recursos naturais parecem ter sido as principais causas pré-falecimento do nosso Rio Itiquira. Mas, você tem toda razão, amigo Valdemir Costa, os principais motivos da destruição de nosso principal patrimônio natural foram mesmo o egoísmo, o materialismo, a falta de cuidado e de respeito para com um dos filhos da Mãe Natureza, chamado Rio Itiquira.

É sabido que o custo social da industrialização acrescido do desenvolvimento clássico das atividades empresariais tem submetido o planeta, nas últimas décadas, a um desgaste preocupante. Tendências e ações nos apontam para mudanças em direção a uma maior consciência ambiental e a promoção do desenvolvimento global em bases sustentáveis. Parece óbvio, mas somente a adoção de novas formas de viver e estar no mundo, conscientes de sua finitude, bem como a utilização harmônica dos recursos naturais pelas comunidades atuais será capaz de impedir os impactos negativos no meio ambiente.

Infelizmente, o Rio Itiquira está agonizando em consequência da obstrução das vias respiratórias – falta de ar. Tiraram todo seu oxigênio e transformaram em descaso e lucro. Você me pergunta se é justo um

grupo financeiro destruir um bem público e coletivo? Sinceramente, nobre colega, não saberia responder. Talvez, sim. Possivelmente a resposta mais adequada seja esta, porque, nós, a maioria que tem a força e o poder abre mão de tudo e entrega o controle de nossa casa, dos nossos bens mais preciosos e da vida do nosso ecossistema nas mãos dos outros. Por comodidade, delegamos nossas responsabilidades e ações a terceiros que não estão preocupados com o bem-estar coletivo.

Poucas vezes vi pessoas como você com coragem para bravejar e enfiar o dedo na ferida, mesmo constatando que se está sozinho em meio a uma multidão de inertes. Somente um apresentador tão brilhante e sensível como você para admitir: “Nós sentenciamos a morte da Floresta Amazônica”. Estamos também decretando e assinando o atestado de óbito do nosso Rio Itiquira. O grito mudo do nosso Rio Itiquira é mais do que um pedido de socorro, corresponde a um alerta de que a vida ao redor está se esvaindo. Em tempo: não esquecendo que estamos todos no mesmo barco. Morremos todos os dias um pouco mais.

(*) **EDILEUSA REGINA PENA DA SILVA** é jornalista e professora Adjunto I da UFMT, em Rondonópolis - edileusapena@hotmail.com

NUNCA ANTES NA HISTÓRIA DO PAÍS

Publicado em 7 de setembro de 2011

Nunca antes, na História do país, os professores foram tão desvalorizados... E, neste ano, foi impossível não lembrar e se render às crendices de que o mês de agosto é considerado “mês do cachorro louco”. Talvez por causa de seu prefixo “a” que nega o gosto e sabor das coisas, este mês carrega em si o prenúncio de tempestades, tristezas e decepções. Parece que agosto foi escolhido propositalmente para puxar “nosso tapete”, nos retirar da zona de conforto.

Foi isso que aconteceu a 26 de agosto, um dia para ser esquecido pelos docentes – mas está difícil, pelo que vimos nessa data: um Sindicato Nacional responsável por cuidar de nossos direitos decidiu, a seu bel-prazer, aceitar a vergonhosa, indecente e mal-intencionada proposta do Governo Federal em prol do esvaziamento da categoria docente e a extinção do Ensino público.

O Campus de Rondonópolis da UFMT vem sofrendo, há décadas, com o desrespeito e com descaso, partidos tanto das esferas públicas e políticas, bem como de parte do Reitorado atual, que, a exemplo de Peter Pan, faz de conta que o Campus rondonopolitano não existe. Faz de conta que não recebeu processos protocolados com as necessidades emergenciais do Campus local. Faz de conta que não ouve, nem vê as condições precárias às quais estamos submetidos. Mas, mesmo assim, ou apesar disto tudo, a comunidade acadêmica de Rondonópolis continua produzindo e fazendo as coisas acontecerem, num esforço sobre-humano pelo desenvolvimento e continuidade do Ensino Superior público, gratuito e de qualidade.

Infelizmente, este agosto de 2011 nos trouxe a certeza e o desgosto de que nossos governantes, escolhidos para trabalhar em prol do bem coletivo, continuarão sempre nos usando na hora de conquistar o voto e nos esmagando logo depois. Todo aquele discurso de “solidariedade humana”, de “trabalhar pela Educação”, não passa de letras soltas, sem significado – frases pronunciadas aleatoriamente para ludibriar a massa confiante e necessitada de mudanças reais na sociedade desigual, injusta e corrupta em que vivemos.

Assim, é importante esclarecer que, na noite da última quinta-feira, dia 1º de setembro, os parlamentares da bancada mato-grossense, entre eles o deputado federal Wellington Fagundes; os vereadores Mohamed Zaher, Olímpio Alvis e Reginaldo dos Santos; e José Medeiros, suplente do senador Pedro Taques, estiveram reunidos no Campus de Rondonópolis da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), com a comunidade acadêmica, para um ato em defesa da Educação pública, a convite de uma Comissão Geral de Docentes – os quais não se deixaram abater com os últimos acontecimentos e cultivam a infinita esperança e o amor em seus corações. Nos olhos de muitos dos mestres e doutores do campus local sempre vejo o brilho da conquista e a certeza de que vamos vencer.

Os professores Fernanda Pereira Silva, Andréa Luciana dos Santos, Laci Maria Araújo Alves e Reinaldo Castro expuseram brilhantemente sobre os princípios e fins da Educação Nacional; os aspectos legais de descentralização/autonomia, as reivindicações do campus local, o histórico de nossa luta pela Universidade Federal de Rondonópolis, o Orçamento da UFMT - Prestação de Contas, do exercício de 2010 e uma proposta para desvinculação orçamentária do Campus de Rondonópolis de Cuiabá.

O Campus de Rondonópolis da UFMT vive situação-limite, que já se arrasta por décadas. Passados 35 anos, mesmo com o crescimento da demanda estudantil e curricular, com a expansão dos espaços físicos e acadêmicos, além de um quadro de docentes altamente qualificados, com professores pós-doutores, doutores e mestres em diversas áreas do conhecimento, os benefícios e vantagens são sempre mínimos e os recursos orçamentários bastante minguados.

No que se refere à emancipação do Campus local, a Lei é extremamente esclarecedora. A LDB garante atribuições de autonomia universitária a instituições públicas que “comprovem alta qualificação para o ensino ou para a pesquisa, com base em avaliação realizada pelo Poder Público” – e os números institucionais, acadêmicos e administrativos atestam a idoneidade e competência do Campus de Rondonópolis para exercer sua autonomia.

A decisão do Governo Federal em criar quatro universidades no interior do Brasil, deixando Rondonópolis de fora, mesmo conhecendo o Projeto da UFR e sabendo das promessas do governo anterior (Presidente Lula)

é ato de extrema perplexidade e inconformismo. Exceto para aqueles poucos professores ou sindicalizados (como foi o caso do ANDES), que estão apenas preocupados com seu próprio bem-estar. Mas, destes, o futuro se encarregará (ou não), pois com eles o que funciona é um tapinha nas costas e um sorriso pálido.

Nunca antes na História do país aguardamos com tanta expectativa a primavera para iluminar nossos dias e renovar os sentimentos de independência tão ofuscados por uma ditadura velada e monopolizada, na qual, um grupo de incautos insiste em destituir-nos dos nossos direitos básicos... O importante é que agosto findou e setembro está aí com o sol primaveril nos dizendo que é tempo de celebrar a vida, de recomeçar, de retomar os projetos, os sonhos e os desejos. O ar primaveril tem esta capacidade de despertar nossos melhores sentimentos em relação à vida, ao mundo e as pessoas. Sempre é tempo de mudar, renovar e acreditar, pois, a primavera traz com ela um novo despertar de esperança, flores, magia e encantamento. Então, brava gente, brasileira, é hora de ir à luta pela autonomia do Campus. É Independência e nada mais! E Viva o Brasil!

(*) **EDILEUSA REGINA PENA DA SILVA** é brasileira, professora universitária e sonhadora – edileusapena@hotmail.com

MEU ETERNO E ADORÁVEL AMIGO DR. WILSON LEMOS

Publicado em 1 de julho de 2012

Bons tempos aqueles em que nossas “Conversa de Domingo” eram sagradas e preciosas, alimentando minha alma, alegrando meu dia e renovando de graça, beleza e suavidade o meu espírito para mais uma semana de trabalho, de estudos, de batalhas, de solidão, etc...

No entanto, você sempre a reclamar porque eu insistia em falar de solidão. Pedia sempre que eu desse um tempo nessa tal solidão e nunca entendeu meus motivos, mas, tudo bem, prosseguíamos AMIGOS. Plagiando a música “Jovens Tardes de Domingos” com algumas alterações, que me perdoem os autores: as canções e os poemas usavam formas simples pra falar de amor e de amizade numa festa domingueira de sorriso e cor. Hoje os meus domingos são doces recordações daquelas tardes de sonhos e de emoções.

Tudo isso, amigo, para lhe dizer que, hoje, não apenas os meus domingos, mas, infinitamente os meus dias, as minhas semanas, os meses, enfim, minha vida fica um pouco mais sem sentido, tão sem alegria. Meu coração está de luto.

Conversando ontem, dia 29 de junho, com Dona Carmelita (a mulher que você amou por uma vida inteira) poucas horas depois de sua morte, ela sentenciou chorando: – Ele não queria morrer agora. Ele sempre me dizia que gostaria de viver pelo menos por mais dez anos...

Nobre Amigo Lemos, nós também tínhamos esperança de que acontecesse uma milagrosa recuperação e que você continuasse a nos presentear com a sua majestosa alegria, inteligência, sabedoria e generosidade por mais uns cinquenta anos.

Mas, neste momento em silêncio choro “E minha alma, sem luz nem tenda, passa errante, na noite má, à procura de quem me entenda e de quem me consolará...”. Também me recuso a ver-te morto. Os grandes gênios da Humanidade não deveriam morrer muito menos nossos ídolos, nossos amigos e nem as pessoas que amamos.

Por esta razão vou tomar de empréstimo suas palavras sobre este dia de viagem ao céu azul somente com o bilhete de ida, egoísta e impiedosamente, deixando para trás todos nós, pobres viventes:

Por isso tenho meu cemitério particular. Meus mortos não os enterro sob os sete palmos de terra fria de uma sepultura rasa ou num rico mausoléu de mármore de Carrara, mas, como diz o poeta, no lado esquerdo do peito, bem dentro do coração. Não os visito a cada dois de novembro porque sempre os carrego comigo. Estão sempre vivos e permanecem em mim porque não deixo de lembrar-me deles. O segredo dessa permanência reside na memória de quem ama e é amado através do tempo e do espaço, assim na terra como no céu. O viver além da morte, mistério perquirido incessantemente por cientistas, filósofos e teólogos parece não ser indecifrável como julga a nossa vã sabedoria. Tenho para mim que não é nada mais que a presença dos que se foram na memória dos que aqui permanecem. Se esquecemos nossos mortos, eles desaparecem como se nunca houvessem existido.

Há pessoas que encarnaram sua época e deixaram marcas indeléveis ao longo de seus passos. Mesmo do outro lado da fronteira nos fazem evocar sentimentos imperecíveis que criam laços inquebrantáveis, impressões e saudades que as tornam companheiras nossas nessa travessia que é a vida. Vida tão cheia de imprevistos, encontros e desencontros, descobertas e encantamentos. Meus mortos são assim. Sempre presentes, sustentam-me e me animam a prosseguir a caminhada na trilha dos seus exemplos. São como anjos da guarda que habitam meus sonhos e me acompanham em minhas horas de tristezas e alegrias, sempre atentos e prontos para dar-me um empurrãozinho para a frente quando os vivos procuram me tolher os passos...

Semelhante a você, também não gosto de rituais de despedidas no cemitério, mas sei o quanto eles são importantes para quem fica. São como um carinho no coração. Nobre Amigo, viaje seu caminho sempre seguindo em direção à luz igual menino de camisa aberta ao peito a correr pelos campos da infância. De onde está, ore por nós e, daqui, pensaremos em você eternamente.

(*) **EDILEUSA REGINA PENA DA SILVA** é amiga e comadre de alma de Wilson Lemos - edileusapena@hotmail.com

MISCELÂNEAS DE PENSAMENTOS, VIVÊNCIAS E EMOÇÕES

Publicado em 16 de agosto de 2012

Nos dois últimos anos tive a grata oportunidade de conviver um pouco mais de perto com o Prof. Dr. Ruy Ferreira, a quem costumo referir-me como amigo. É bom esclarecer que também atribuo este título aos autores com quem dialogo, trocando experiências, sensações e emoções. Justamente porque a leitura permite este encontro e esta intimidade entre autor, texto e leitor.

Em minha concepção, amigo e amizade, não dependem apenas de encontros físicos para existirem. Amigo pode simplesmente ser alguém com quem você compartilha suas divagações, seus pensamentos, angústias, sem se incomodar com o parecer dele, porque, certamente será algo positivo e em prol de seu crescimento pessoal.

Não acredito naquela pseudo-amizade em que você só pode falar o que convém ao outro; nem em outras que só tem razão de existir em função das festividades. Amigo e amizade são sinônimos de confiança, respeito, sobretudo de conforto. E toda vez que me sinto confortável diante de alguém ou de algo, como se estivesse em casa, no fundo do quintal ou naquela mesa da cozinha onde os maiores segredos e desejos são revelados, chamo a isso de amigo.

A amizade não precisa necessariamente de uma convivência física, de uma devassidão em seu cotidiano e na sua vida íntima. Não precisa preencher todas as suas horas, participar de tudo sem estar presente. Antes, precisa da sua emoção, compreensão, do seu apoio, do seu silêncio, da sua bronca dura com nuances leve e suave. Precisa da sua presença constante, mas sem imposição. Muitas vezes, preferível que seja invisível, embora você tenha a certeza de que num toque pode alcançar seu amigo, num suspiro forte ou um simples gritinho ele virá ao seu encontro. Amigo é alguém que valoriza sua existência e sabe extrair o melhor do seu eu, mais até do que você próprio.

Por tudo dito, sinto-me mais a vontade para informar que, finalmente, chegou o momento destes textos de Opinião do Leitor, publicado pelo Jornal A TRIBUNA, da cidade de Rondonópolis, ganhar asas e serem compartilhados com mais pessoas e leitores ávidos por conhecer, informar-se, divertir-se ou simplesmente trocar um dedo de prosa com

o autor sobre assuntos diversos do cotidiano, do mundo real ou divagações e fantasias dos desejos secretos reproduzidos. E, assim, novas amizades verdadeiras serão construídas.

Caros leitores embarquem confiante nesta viagem literária, pois, o professor Ruy Ferreira é mestre e doutor na arte de hipnotizar e encantar os que o rodeiam. Sou sua fã e suspeita para falar de seus escritos. Mas, exageros e deslumbramentos à parte, têm-se, aqui, uma excelente oportunidade para refletir sobre a sociedade e seu cotidiano; ou pensar no que esperar do mundo e do futuro da educação, da política, da sociedade e do nosso planeta.

O professor Ruy Ferreira é um destes amigos invisíveis, mas, extremamente presente em nossas vidas. Podemos encontrá-lo esporadicamente nos espaços físicos e com mais frequência nos ambientes virtuais, intelectuais, literários e acadêmicos. Entretanto, o lugar mais apropriado para estes encontros tem sido, há mais de vinte anos, as páginas da Opinião do Leitor.

Talvez, nem ele mesmo saiba, mas, particularmente, faço as leituras de seus artigos de opinião desde que cheguei a Rondonópolis, no segundo semestre de 2002. Aliás, o primeiro recorte de material do Jornal A TRIBUNA para a composição do clipping da assessoria de comunicação do campus de Rondonópolis da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) foi um artigo dele, intitulado “O Computador na Educação”, produzido em agosto de 2002. Data esta, que iniciei minhas atividades, como assessora de comunicação da referida instituição e, na qual, ele já era professor consagrado e admirado desde 1995. Desde então, ele sempre foi muito especial para mim, justamente porque costumo constituir laços fortes com os autores que eu leio e me encantam.

Assim, esta obra surge para atestar que a riqueza dos textos produzidos para a Opinião do Leitor está em sua diversidade temática, de estilos literatos e lingüísticos, de idiosincrasia, das experiências vividas e emoções colhidas e retorcidas e compartilhadas.

A coluna Opinião do Leitor é este espaço de construção e encontros do sujeito-autor com o sujeito-leitor e onde o professor Ruy Ferreira soube com maestria explorar cada milímetro, informando e emocionando. Simplesmente porque só se fala daquilo que se conhece muito bem e está em nós entranhado, pulsando, gritando bem alto.

Ruy Ferreira é assim: visceral. Transpira, respira e inspira emoção e prazer. Sabe como os grandes autores falar com e ao coração, mesmo quando os assuntos são tão complexos, racionais e cáusticos. Na medida do ser, é poesia, canção e paixão.

Ao fazer a leitura destas preciosidades, sou capaz de perceber o estado de ânimo deste autor consistente e impecável, que sabe conduzir com excelência o ato de escrever e transformá-lo num processo de fermentação intelectual extremamente prazeroso.

Ele sabe e nos fala com poesia. Sinto que para este autor não há nada melhor do que o silêncio das madrugadas, num encontro com ele mesmo, deixar vir à tona toda emoção, toda explosão de sentimentos que vão se mesclando com o real, o possível ou imaginário. E, nesse afã de saberes e sabores deixar a mão descansar levemente sobre o teclado. É aí que o pensamento voa e o texto acontece. Texto, este, que sai carregado com a tinta da subjetividade, embriagado por seus saberes e experiências vívidas. Entretanto, requintadamente poluído por sua essência livre, leve, sem receios, nem temores.

Querido amigo, falar de você ou de seus escritos é para mim algo grandioso e requer ou me exigirá conhecimento refinado. Por esta razão, me permita, tão somente, endossar os meus louvores por mais uma de suas preciosas criação. Que venham os leitores e o sucesso se faça presente, pois, esta não é tão somente mais uma publicação em um canto qualquer de alguma livraria.

Esta obra expressa seus desejos, sonhos, anseios, rica e lindamente construídos por devoradoras horas insones, lendo, relendo e labutando na construção do conhecimento, do saber, do ser e do fazer melhor, sempre. Do querer e desejar dias mais luminosos para o nosso Brasil, velho de guerra. De acreditar que é possível mudar o mundo. Mas, inegotável, por depositar todas as fichas na formação e construção de mentes produtivas e muito mais participativas. Queira Deus que seus sonhos e desejos germinem como um vírus altamente contagioso, mas profícuo...

(*) **EDILEUSA REGINA PENA DA SILVA** é amiga e fã do Prof. Dr. Ruy Ferreira. Este é o prefácio do livro eletrônico *Linha do Tempo*, de autoria de Ruy Ferreira lançado na terça-feira, dia 14.08.2012, com exclusividade pelo Jornal A TRIBUNA - pena.edileusaregina@gmail.com

CORAÇÃO PARTIDO

Publicado em 21 de setembro de 2012

Arrisco estes versos
Mesmo sem saber rimar
Brigo para um poeta querido
Reerguer sua autoestima
Meu coração está partido
Um amigo querido se foi
LEMOS no A TRIBUNA
Meu paizinho FELIPE também
OUTRO está lutando bravamente
Para da vida não ser banido
MINHA VIDA também tem tristeza
Neste bem maior - VIVER
INDELÉVEL são as perdas
Que levam de mim estas riquezas

(*) Este poema é uma homenagem da jornalista **EDILEUSA REGINA PENA DA SILVA** ao poeta maior da cidade - Valdir Xavier

RECADO PARA O POETA

Publicado em 27 de setembro de 2012

Querido Valdir Xavier,
Sua eternidade está garantida
Meu coração determina:
- Está proibida sua partida.
Esta cidade já não é a mesma
Sente falta de sua destreza
Poesias outroras tecidas
Na tribuna, nunca serão esquecidas.
Meu precioso amigo
Rondonópolis ama você,
Em infinita admiração
Pede, exige e espera
Fé, empenho e determinação.
Eu, Condessa Creuza,
De tanto sorver poemas
Teimo, bato o pé, insisto em dizer
Nem se atreva
Desse mundo desaparecer

(*) **EDILEUSA REGINA PENA DA SILVA** é jornalista, professora doutora da UFMT e poeta nas horas de folga - pena.edileusaregina@gmail.com

MEMÓRIA MOFADA

Publicado em 3 de outubro de 2012

Parece ser cada vez mais evidente que o patrimônio público informacional tem vindo a sofrer modificações que se manifestam em vários níveis. Para lá das funções tradicionais das bibliotecas, dos arquivos públicos, dos museus e demais centros de informação.

Todavia, restritas são as situações, em nosso Brasil continental, em que estes centros de Referência da Informação, do Conhecimento e da Memória assumem-se como dinamizadores socioculturais, procurando participar do desenvolvimento humano, regional e global, além de trabalhar por um mundo melhor, onde o ser humano seja mais livre, mais informado e de fato cidadão.

Em tempos de eleições e mudanças na gestão pública municipal, é importante que os novos escolhidos pelo povo preocupem-se em criar políticas públicas efetivas, amparado por profissionais especialistas, competentes e conduzidos às funções específicas na administração pública, como bem explanou o senhor Cosmo Damião, com seu artigo “Cidadania em Pauta”, publicado, aqui mesmo, no A TRIBUNA, na coluna Opinião do Leitor.

Entretanto, o que nos motivou a escrever este texto foi publicado em reportagem especial do jornal A TRIBUNA, no domingo, sobre o “calote” ou inadimplência dos usuários das bibliotecas públicas municipais.

Este fato realmente é crítico e preocupante porque ressalta o descompromisso com o bem público tanto da parte dos gestores municipais e gerentes das bibliotecas, quanto dos usuários que não cumprem com seus deveres de cidadão, muitas vezes por desinformação. A situação é grave e séria porque envolve princípios e valores de formação ética e humana.

Por esta razão, é fundamental e imprescindível que os futuros gestores municipais e brasileiros valorizem os centros de informação que são, mais especificamente, as bibliotecas públicas e escolares, os museus e arquivos municipais, pois, muitos desses, se encontram apagados, sem vida, esquecidos, justamente, porque o poder público não investe em profissionais especializados e, tão pouco, em infraestrutura, como foi

noticiada algumas vezes e de forma brilhante por este Jornal A TRIBUNA.

Sendo a mais recente, no domingo (30/9), considerada por nós educadores e profissionais da Ciência da Informação e autoras deste artigo, uma das mais graves denúncias de descaso com o patrimônio público, tanto pelos seus gerentes como por seus usuários. Sabemos que as bibliotecas, os arquivos e os museus não podem mais ser vistos como depósitos de livros, documentos e objetos. Ou, ainda, privativos de indivíduo ou grupo de pessoas, que ignoram o sentido de coletividade.

A história e o tempo vêm nos mostrando que os centros de informação que não investirem em preservação de seu patrimônio cultural, informacional, objetual e em novas tecnologias de comunicação, mas, sobretudo, em seu recurso humano, buscando novos saberes, novas competências e novas práticas bibliotecárias, arquivísticas e museológicas, estarão limitados ao recolhimento, guarda e exposição do patrimônio público.

Diante do exposto, a questão primordial é saber como o fazer biblioteconômico, museal e arquivístico podem, efetivamente, se constituírem em instrumentos capazes de equacionar ações para a promoção do bem público e do saber humano.

Os centros de informação possuem livros, periódicos, documentos, mapas, objetos antigos e artefatos tridimensionais e fotografias históricas e, por isso, são instrumentos de pesquisa e cultura, ou seja, são espaços ideais para geração de conhecimentos.

Mas infelizmente, são poucos frequentados pelas crianças e jovens porque não existe uma política de gestão organizacional adequada, prejudicando a oferta de serviços e de disseminação das informações, pois, muitos destes ambientes são gerenciados por profissionais de outras áreas sem nenhum conhecimento técnico-científico e teórico da administração destes bens públicos.

Inegavelmente, não estão preparados para administrar, organizar, disseminar e promover o conhecimento, refletindo as preocupações evidenciadas por pesquisadores e profissionais da área da Ciência da Informação em relação à produção, ao uso, à preservação e conservação do acervo e do armazenamento de livros, objetos e documentos.

Em Mato Grosso e, mais especificamente Rondonópolis, não é diferente, pois o descaso vem há anos por parte de vários gestores municipais e estaduais. Entretanto, o que mais intriga e preocupa é por qual motivo

os gestores municipais não investem nas bibliotecas municipais, tanto as escolares quanto às públicas, para que possam cumprir seu papel de atender às necessidades informacionais da população.

Ao contrário, os prédios, as instalações e seus estoques: humano e material apresentam-se apáticos, desconfigurados do movimento democrático contemporâneo, sem nenhum objetivo inerente ao desenvolvimento cultural e científico.

Um fator fundamental para a inserção do profissional especializado é a criação do cargo de bibliotecário, mas parece que não é “conveniente” para a gestão pública municipal e estadual ter à frente do núcleo de bibliotecas profissional especializado e ciente da função social e do fazer bibliotecário.

Senhores eleitores e senhores candidatos, às vésperas de mais uma importante decisão nas urnas sobre quem irá comandar nosso município e os novos legisladores e fiscais do poder público, pensem no poder do voto e na responsabilidade que cada cidadão tem com o desenvolvimento de seu município e com a promoção do bem público, sendo, os principais: Educação e Conhecimento.

Por esta razão, o papel do bibliotecário é fundamental no processo de socialização, da difusão, da intermediação da leitura e motivação da utilização do patrimônio informacional, histórico, cultural e científico nestes espaços pertencentes à sociedade.

Não podemos mais compactuar com gestores que desprezam o saber técnico, acadêmico e científico. Além disso, transfere poderes aleatoriamente sem critérios definidos, prejudicando a população e a favor de interesses políticos e privados.

Assim: educar a criança e o jovem para pesquisar e estudar as diversas obras é uma maneira de proporcionar a reflexão, o pensamento crítico, um diálogo entre o passado e o presente e adquirindo subsídios ao desenvolvimento do processo de aprendizagem. Também devolver o material bibliográfico que foi emprestado pela biblioteca é uma questão de respeito ao próximo e de cidadania. Pensem nisso!

(*) EDILEUSA REGINA PENA DA SILVA e MARIZA INÊS DA SILVA PINHEIRO são professoras-doutoras do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Mato Grosso, no Campus de Rondonópolis

FÁBRICA DE CARENTES

Publicado em 19 de outubro de 2012

“não jogue nas costas dos professores universitários o peso da irresponsabilidade governamental da educação de base”

Querido Prof. Dr. Ruy Ferreira seu texto/desabafo é simplesmente magnífico. Além disso, fico feliz e saltitante em ver a sua coragem, digna dos grandes homens e pensadores. Mas, infelizmente, quase em desuso nos dias de hoje. Ao ler o último parágrafo do seu texto, já me veio um mal estar e a tristeza em perceber, mais uma vez, como a Educação e, nós, os professores, somos tão mal tratados neste país.

Alfred Marshall, um dos maiores economistas de todos os tempos, falava em alto e bom som: “O mais valioso entre todos os capitais é aquele investido em seres humanos”. Com isso, este pensador queria deixar claro que o fator mais importante para o desenvolvimento de um país são as pessoas nele inseridas.

Dito isso, me dói afirmar que o Brasil e sua classe política ainda não aprenderam essa lição básica de Economia, Solidariedade Humana, Cidadania e Ecologia Cognitiva. Muito menos, aprenderam que a formação humana começa lá atrás, na infância. E, que é dever do Estado planejar, criar e cuidar de um caminho educacional sólido, para que os seres humanos, sobreviventes do capitalismo selvagem e do consumismo exacerbado, possam chegar a algum lugar.

Nossa sociedade, caro amigo Prof. Dr. Ruy Ferreira, desgastada por tanto desmando político, acaba sendo um reflexo no mundo acadêmico-científico. Tenho assistido tudo a certa distância, com medo de represálias, porque faço parte de uma maioria pobre, negra e mulher, que, com muito esforço, cheguei ao patamar de professora universitária.

É meu amigo, em plena Democracia Informacional, continuamos reféns de uma política educacional “maluca”, elaborada por gente sem a menor vocação para nobre tarefa. É uma pena. Contudo, o pior de tudo, como você mesmo bem relatou é a interferência nefasta no processo ensino-aprendizagem e o desprezo de nossos governantes e da classe política com professores e alunos.

Também fiquei chocada ao ouvir o Ministro da Educação dizer “que está sendo preparado um modelo nacional de tutoria e cursos de nivelamento para estudantes que ingressarem nas universidades federais pelo sistema de cotas”. É incompreensível, em pleno Século XXI pensar em um programa de nivelamento para universitários, independente de cor, raça, classe social, opção religiosa, sexual, ou o que seja. Justamente, porque nossos alunos, já foram iludidos, prejudicados e ludibriados desde a Educação Básica.

Ora, venhamos e convenhamos, um programa que tenta nivelar alunos, dentro de uma universidade, é admitir descaradamente e sem o menor pudor que a Educação Básica e os Ensinos Fundamental e Médio desse país foram para o espaço, há muito tempo, além disso, estamos reféns de um sistema educacional falido, porém muito bem pago pelo suor e a pela força física de muitos Joãos e Marias por este Brasil afora.

Também, assim como você, me sinto impotente e sem voz, porque não faço parte da tal elite dominadora. Sou apenas mais uma na multidão que grita, grita, entretanto não encontra ouvidos onde pousem minhas palavras. Sinto-me quase um ser invisível, refém do preconceito e da ditadura estética inatingível.

Segundo um grande filósofo e escritor do início do século XX, Miguel Unamuno: “saber por saber é inumano”. Por esta razão, um dos maiores desafios do Brasil, dentro desta já consolidada Sociedade da Informação, está em reconstruir o saber ao sabor do afeto e do amor fraterno, em meio às múltiplas possibilidades da tecnologia, que vão desde um simples e quase “avô e-mail”, passando pelas redes sociais e desaguando na tão atual computação nas nuvens (cloudcomputing).

Enfim, tudo isso só valerá a pena e funcionará efetivamente se houver investimento, disciplina, engajamento, compromisso, metas, vontade política e tantas outras variáveis que são a coluna vertebral da Educação, que, por fim, sustentam o projeto de uma vida digna e do desenvolvimento global do ser humano.

É fato: quando um Estado vira às costas para tudo isso, incontestavelmente ele joga em vala comum o futuro de milhares de pessoas e cria um exército de massa de manobrados, ávidos por apenas consumir sem saber que, na mesma proporção, estão sendo consumidos por uma política perversa, que não quer cidadãos pensantes, livres e questionadores, mas marionetes.

O processo de aprendizagem é complexo, leva tempo e acompanha a pessoa por toda sua existência. Desde os primeiros anos de vida até o último suspiro, nós, humanos, estaremos aprendendo e absorvendo experiências únicas, singulares.

Entretanto, se em determinada parte da caminhada houver falhas ou um mau aproveitamento educacional, o custo e o prejuízo, mais a frente, serão inevitáveis, vide os milhares de analfabetos funcionais que estão por aí. Portanto, vou mais uma vez gritar e pedir: Não jogue nas costas dos professores universitários o peso da irresponsabilidade governamental da educação de base. Será um calvário pesado demais para nós e um desrespeito sem precedentes para com o cidadão brasileiro.

(*) **EDILEUSA REGINA PENA DA SILVA** é jornalista, relações públicas e professora Adjunto I da UFMT, no campus de Rondonópolis - edileusapena@hotmail.com

PODER LEGISLATIVO NA CONTRAMÃO DA LÓGICA

Publicado em 2 de novembro de 2012

“se este mesmo Poder se recusa a debater estes problemas crônicos e legais? Então, quem irá resolvê-los? Para quem apelar? Para o bispo, o pai de santo ou o vendedor de pamonhas?”

Câmara Municipal de Rondonópolis precisa urgentemente ter um olhar mais aguçado para o locus educacional e social, melhor dizendo para os graves e crônicos problemas da realidade rondonopolitana.

São tantos que seria preciso inúmeras páginas para enunciá-los. Mas, basta apenas citar alguns, como por exemplo, o caos da saúde pública, a indiferença dos nossos gestores municipais com o ensino, as escolas, a Educação, principalmente a Básica e o Ensino Fundamental e a deficiência de nossas crianças e jovens para ler, no sentido de decodificar os códigos e sinais gráficos; e vou mais além: a enorme dificuldade para ler fluentemente e interpretar o que está escrito.

Tudo isso, provém de escolas mal instrumentadas, sem livros nem bibliotecas e sem profissional da informação e da comunicação (bibliotecário) para criar e desenvolver políticas de formação e leitores.

Porém, entendo, claramente, porque nossos vereadores eleitos e reeleitos inúmeras vezes não se preocupam com tais questões: - criança não vota e jovens de 16 a 18 anos sem maturidade para pensar e definir os próprios rumos, que dirá os rumos do seu município, estado ou país, certamente é mais conveniente para ser iludido e convencido de qualquer paspalhice.

Muitas pesquisas e estudos apontam que o Brasil e seus inúmeros municípios têm um problema crônico de analfabetismo no país, de certo, que nossos legisladores, se realmente estivessem preocupados com o bem estar social e o desenvolvimento global do ser humano, já teriam elaborado projetos de Leis para solucionar o analfabetismo no país que passa por bibliotecas, leitores, leituras e bibliotecários atuantes nestas unidades escolares.

Realmente foi vexatório presenciar professores e alunos servindo apenas de “macaco de auditório” para aplaudir as homenagens e condecorações que a Câmara e seus representantes acreditam serem

prioridades do Poder Legislativo. Como bem devem dizer: Damos uma dúzia de Moções de Aplausos e o povo fica feliz e nas próximas eleições já temos nossos votos garantidos. Agora, realmente, faz sentido para mim, porque tantos vereadores ficam no Poder legislativo por dois, três, quatro ou mais mandatos.

Desafiando o pensar, investiguei sobre o que faz um vereador. Pasmem, queridos leitores, o vereador tem duas funções principais: fiscalizar as ações da Prefeitura e legislar. Sendo que a segunda implica em analisar e votar, aprovando ou rejeitando, projetos de lei apresentados pelos próprios parlamentares, pelo Executivo (Prefeitura) ou pela sociedade civil.

Observei também nas leituras realizadas que, o parlamentar, como parte de seu mandato, exerce suas funções também fora das salas do legislativo, seja visitando as comunidades ou participando de discussões sobre temas municipais em eventos fora da Câmara.

Anteontem, por incrível que pareça, aliás, em quase todas as vezes que fui à Câmara senti um tédio imenso ao ver pessoas, certamente idôneas, trabalhadoras e competentes, recebendo condecorações por fazer bem feito o que eles têm obrigação de fazer e dever assumido, perante juramento na colação de grau para o exercício de sua profissão.

Semelhantes afirmativas faz-me concluir que: o vereador não pode pensar apenas em seus interesses esquecendo-se do bem-estar coletivo de sua comunidade; e, muito menos, não deve e não pode negligenciar de seu compromisso com o povo que o elegeu e com as promessas de uma vida melhor com qualidade equitativa para todos.

Perdoem-me excelentíssimos legisladores do Poder Público, mas, anteontem, 31.10.2012, aniversário de 110 anos de Carlos Drummond de Andrade, um dos nossos maiores poetas, que acreditava no poder de pensar e na capacidade de idealizar, realizar, produzir, sonhar e viver inteligentemente pelo saber, - pela busca constante do conhecimento, meus colegas, meus alunos e eu ficamos completamente indignados com tudo o que vimos e ouvimos na 178ª Sessão Plenária da Câmara. O que vi e observei foi a falta de educação permeando tudo isso, a falta de respeito com seu próprio tempo e com o tempo dos outros.

O conhecimento vem com Educação. Se finalmente até o Ministro da Educação entendeu que um país, como o Brasil, só se desenvolverá com

base no conhecimento promovido pela Educação. Por que será que é tão difícil para nossos legisladores municipais entender isso? Por que eles teimam em andar na contramão da lógica educacional?

Saí cabisbaixa questionando-me o que fazer para motivar meus alunos que ali estavam esperançosos de um futuro melhor para a Educação. O que dizer para eles? O que fazer, nós, da sociedade civil, já que o Legislativo não está nem aí com as escolas e bibliotecas públicas agonizando, pedindo socorro em seu último suspiro? Quem cria a Lei é o Poder Legislativo. Porém, este mesmo poder diz desconhecer o que ocorre na realidade das escolas públicas municipais e estaduais de Rondonópolis. Se este mesmo Poder se recusa a debater estes problemas crônicos e legais? Então, quem irá resolvê-los? Para quem apelar? Para o bispo, o pai de santo ou o vendedor de pamonhas?

Aos meus leitores peço perdão, mais uma vez, pelo desabafo, mas, anteontem, me senti profundamente humilhada, especialmente ao olhar o rostinho esperançoso de cada aluno que ali estava comprometido com o dever de aprender, de saber, de conhecer e de realizar.

É Drummond: “No meio do caminho tinha uma pedra...”, e que pedreira.

(*) **EDILEUSA REGINA PENA DA SILVA** é professora doutora da UFMT, do Campus de Rondonópolis. Atua também como jornalista e assessora de comunicação - edileusa@ufmt.br; pena.edileusaregina@gmail.com

CONSCIÊNCIA DE CLASSE, CONSUMISMO E CONECTIVIDADE

Publicado em 1 de fevereiro de 2013

Vivemos numa era movida pelo consumo, pelas imagens virtuais em tempo real e pelas tecnologias contemporâneas. Neste ambiente, procuramos identificar o indivíduo, o grupo e o pensamento deles em relação às transformações do mundo. Todavia, o que vemos é uma passividade doentia superando a consciência coletiva tão proclamada em outros tempos.

Por ser nosso idioma rico em possibilidades e combinações, as pessoas talvez não tenham percebido ou valorizado o real significado deste termo e nem estejam necessariamente preocupadas ou interessadas em formar uma consciência coletiva a respeito de algum tema específico da sociedade ou da comunidade em que vivem, e mais especificamente a respeito do consumo desordenado, desenfreado.

Foi em busca de contribuir um pouco para o esclarecimento desta questão que me debrucei sobre esta questão buscando conduzir o leitor à luz de um maior entendimento a respeito de consumo, coletividade e poder midiático, objetivando germinar novas ideias na sociedade, que, nos dias hodiernos, ao nos depararmos com o consumismo exagerado e o lucro a qualquer preço e situação. Observando o cidadão ser impulsionado a comprar ilimitadamente, sem saber como pagará a conta quando a fatura for cobrada.

As novas tecnologias aliada a essa necessidade coletiva de consumir, até mesmo o que não pode ser consumido, trabalham sobre as relações sociais e moldam as preferências individuais ou coletivas, independente de opinião pública ou consenso.

Desde que, aprendemos ou decidimos viver em sociedade a difícil questão do coletivo nos interpela. O coletivo sempre funcionou em meio à violência e às guerras do mundo, nunca em favor da paz entre as nações ou dos indivíduos.

O poder midiático vem interferindo sobre o mundo e o indivíduo, transformando a política, a moral, a religião, os costumes, os valores, as virtudes e as decisões. Por esta razão, volta e meia, uma questão inquieta: – Como tem sido pensado o espaço social diante de um poder que paralisa, que molda, que determina, que exige, que inclui, que exclui?

Outro aspecto importante e que também tem ameaçado o ecossistema global e a futura evolução da vida na Terra é a superpopulação e a tecnologia industrial, que tem contribuído de várias maneiras para uma grave deterioração do meio ambiente natural, do qual dependemos completamente.

Por conseguinte, nossa saúde e nosso bem-estar estão seriamente ameaçados. Essa contínua poluição do ar não só afeta os seres humanos, como também atinge os sistemas ecológicos. Ataca e mata plantas, e essa alteração na vida vegetal pode levar a drásticas mudanças em populações animais que dependem das plantas.

Além da poluição atmosférica, nossa saúde também é ameaçada pela água e pelos alimentos contaminados, por uma grande variedade de produtos químicos tóxicos. Efeitos menos óbvios, mas possivelmente muitíssimo mais perigosos; só recentemente foram reconhecidos, e ainda não foram compreendidos em toda a sua extensão. Contudo, tornou-se claro que nossa tecnologia está perturbando seriamente e pode até estar destruindo os sistemas ecológicos de que depende a nossa existência.

Enquanto as doenças nutricionais e infecciosas são as maiores responsáveis pela morte no Terceiro Mundo, os países industrializados são flagelados pelas doenças crônicas e degenerativas apropriadamente chamadas “doenças da civilização”, sobretudo as enfermidades cardíacas, o câncer e o derrame.

Quanto ao aspecto psicológico, a depressão grave, a esquizofrenia e outros distúrbios de comportamento parecem brotar de uma deterioração paralela de nosso meio ambiente social. Existem numerosos sinais de desintegração social, incluindo o recrudescimento de crimes violentos, acidentes e suicídios; o aumento do alcoolismo e do consumo de drogas; e número crescente de crianças com deficiência de aprendizagem e distúrbios de comportamento. O aumento de crimes violentos e de suicídios de pessoas jovens é tão elevado que foi classificado como epidemia. Ao mesmo tempo, a taxa de mortalidade de jovens devido à acidentes, sobretudo os de trânsito, é vinte vezes superior à resultante da poliomielite, quando esta se encontrava em sua pior fase.

Quer falemos de câncer, criminalidade, poluição, energia nuclear, inflação ou escassez de energia, a dinâmica subjacente a esses problemas é a mesma. Os economistas são incapazes de entender a

inflação, os oncologistas estão totalmente confusos acerca das causas do câncer, os psiquiatras são mistificados pela esquizofrenia, a polícia vê-se impotente em face da criminalidade crescente, os políticos, com raras exceções, apenas estão interessados em verbas e lucros pessoais e a lista vai por aí afora.

Dessa forma, percebe-se que as transformações culturais desse gênero são etapas essenciais ao desenvolvimento das civilizações. As forças subjacentes a esse desenvolvimento são complexas, e os historiadores estão longe de elaborar uma teoria abrangente da dinâmica cultural; mas parece que todas as civilizações passam por processos cíclicos semelhantes de gênese, crescimento, colapso e desintegração. A perda da flexibilidade numa sociedade em desintegração é acompanhada de uma perda geral de harmonia entre seus elementos, o que inevitavelmente leva ao desencadeamento de discórdias e à ruptura social.

Sob esta perspectiva, em uma sociedade de consumo não importa o ser, o indivíduo e muito menos o que eles pensam. Predominam o ter e a capacidade real de consumo. Até os conceitos de cidadania, que não iremos explorar aqui, mudam. Não estão ligados ao indivíduo e sua responsabilidade com a sua cidade, os seus direitos de educação, saúde, felicidade, mas ao quanto você é capaz de consumir. Comprar, comprar e comprar, mesmo sem entender por que ou para que e o que é pior sem questionar. Inevitavelmente, a relação precede o ser. Como diz Michel Serres: “Minha identidade fluente, temporal e diversa não tem nada a ver com a ontologia do ser nem com o princípio da identidade espacial, exclusivo e único, mas sim com o possível” (2003, p.249)

Diante dessa perspectiva informacional emergente, é necessário repensar as práticas de consumo aliadas às novas tecnologias de informação, uma vez que as atividades humanas em todas as instâncias dependem, cada vez mais, dos artefatos tecnológicos, do conhecimento, da informação e em especial do capital humano e natural.

Santa Maria, rogai por nós!

(*) **EDILEUSA REGINA PENA DA SILVA** é professora Adjunto II com mestrado e doutorado. Trabalha na Universidade Federal de Mato Grosso, no Campus de Rondonópolis, e lamenta profundamente a dizimação/extermínio de tantos sonhos jovens no Rio Grande do Sul. edileusapena@hotmail.com; edileusa@ufmt.br.

ÓCIO, ZIRIGUIDUM E TRABALHO NO REINADO DE MOMO

Publicado em 9 de fevereiro de 2013

“para pessoas como eu, nada melhor aproveitar estes dias para estudar, ler, ficar com a família, viajar, caminhar, apreciar a natureza, visitar amigos, curtir a vida, o amor e a felicidade de existir, de ser humano e de estar vivo”

Este texto nasce buscando uma compreensão mais apurada da indústria da imagem num momento de profundas mudanças na vida cotidiana, pessoal. Além de uma preocupação enfática com a formação e autoformação do indivíduo frente às exigências competitivas do mercado de emprego, em tempos de reconfiguração do capitalismo.

Falar que o homem contemporâneo vive cada vez mais afetado pela tecnologia, sendo mergulhado, constantemente, num universo profuso de imagens, talvez já tenha se tornado redundante. Como explicita Martins (2000), estamos diante de um fascinante processo de reinvenção da sociedade, onde as grandes certezas terminaram e o novo herói da vida é o homem comum imerso no cotidiano.

Já, Hanna Arendt, pensar, o querer e o julgar são três atividades mentais básicas que permitem a compreensão da existência racional. Nas discussões em torno dos aspectos da vida ativa (labor, trabalho e ação), Hanna Arendt salienta que “a ação é a única atividade que se exerce diretamente entre os homens sem a mediação das coisas ou da matéria. É uma das categorias fundamentais e representa não só um meio da liberdade, enquanto capacidade de reger o próprio destino, como também a forma única da expressão da singularidade individual”. Para ela, o homem revela as suas necessidades corporais de duas formas: por meio do trabalho a sua capacidade e criatividade artesanal; na ação, a ele mesmo. A ação é a fonte do significado da vida humana. É a capacidade de começar algo novo que permite ao indivíduo revelar a sua identidade.

Na verdade, esta nova era tem nos mostrado um novo mundo do trabalho configurado em espaços virtuais e tempos reais. Têm surgido novas profissões e as pessoas precisam estar capacitadas além do que era exigido antes: competência técnica. Atualmente, é preciso investimento sério nas habilidades pessoais, na criatividade, numa

dinâmica interacional de conteúdo e de capacidade humana de superação dos limites, surpreendendo-se e adiantando-se às exigências do mercado de trabalho.

O momento é de rigorosa formação geral, ou seja, científica, técnica, artística, corporal. Investimento sério no desenvolvimento pessoal, trabalhando para a perfeita harmonia de corpo, mente, intelectualidade, espiritualidade. Por isso, as novas profissões têm exigido profissionais com múltiplas formações e autoformações. Estão apelando para todas as áreas do conhecimento humano, que vão desde o curso de idiomas, mas buscando a fluência em outras línguas, especialmente espanhola e inglesa, até a prática de atividades físicas e zen budistas, como yoga, tai chi chuan e outras terapias corporais e mentais.

Das leituras realizadas é possível destacar que há uma tendência otimista de valorização dos novos e grandes pacotes de inovações tecnológicas, das forças produtivas e do desenvolvimento pessoal. Outros teóricos, entretanto, destacam com mais firmeza as relações de produção e as mudanças comportamentais.

No modelo atual de desenvolvimento, a fonte de produtividade encontra-se na tecnologia de geração, conhecimentos, processamento da informação e da comunicação simbólica. Em suma, o mais importante fato econômico de nossa era tem sido a ascensão de um novo sistema para a criação de riquezas, baseado não mais nos músculos, mas na mente.

É inegável a mudança radical que a nova sociedade vem sofrendo, principalmente com a inserção das novas tecnologias de informação, como fontes geradoras de poder e riqueza. Todavia, um poder mais sólido, mais infinito e descentralizador, porque, ao contrário de outras riquezas, como terra e capital, o conhecimento pode ser dividido, pode ser usado por várias pessoas ao mesmo tempo e não se tornar inútil, muito pelo contrário, pode se multiplicar e transformar-se em novos conhecimentos. Talvez aí esteja a maior singularidade dessa nova era.

Enfim, como baiana legítima e orgulhosa da minha terra, onde tem um dos maiores carnavais do mundo, este texto também quer ponderar que os quase oito dias de festa na Bahia e em todo Brasil não significam dias ociosos, sem nada para fazer. Sabemos que são dias de dar vazão às fantasias de desejos mais íntimos e pensados nos dias comuns. É fato:

que no Carnaval eu posso transformar no personagem que eu quiser. E, depois da ressaca nada a reclamar, no mínimo uma forte dor de cabeça.

Existe uma indústria do carnaval que trabalha o ano inteiro para promover um espetáculo para milhões de pessoas. Sem gravatas nem protocolos e burocracias os que dão vida à magia do folião são trabalhadores informais, em sua maioria. E, incansavelmente, labutam para colocar o bloco na rua. Isso exige criatividade, inovação, preparação física e muito mais.

Embora sendo soteropolitana não me apraz estar em meio à uma multidão, pulando, suando, gritando etc. Mas, para pessoas como eu, nada melhor aproveitar estes dias para estudar, ler, ficar com a família, viajar, caminhar, apreciar a natureza, visitar amigos, curtir a vida, o amor e a felicidade de existir, de ser humano e de estar vivo. Para todos, desejo um bom Carnaval. Axé, muito axé!

(*) **EDILEUSA REGINA PENA DA SILVA** é jornalista e relações públicas de formação pela UFPB. Professora Adjunto II da UFMT, do Campus de Rondonópolis

CARTA AO AUTOR

Publicado em 21 de fevereiro de 2013

Durante o ócio carnavalesco fiz uma das coisas que mais me agradam: debruçar-me sobre um livro. Em um encontro mágico e inigualável entre autor, leitor e texto, no qual a imaginação é a ferramenta principal para decifração das escrituras, interpretações sensoriais e perceber nas entrelinhas as possibilidades de novas construções crítico-reflexiva à respeito da leitura e da temática apresentada.

Além disso, ao ler “Opinião do Leitor, da Teoria à Prática” algo me chamou muito a atenção deixando-me extremamente feliz e encantada ao ver um jovem senhor já consolidado e muito prestigiado em sua profissão, exercida há alguns anos com muito mérito, se reconhecer um aprendiz, sentir necessidade pulsante de buscar mais conhecimentos enveredando por outras áreas do conhecimento, mesmo diante das dificuldades humanas e profissionais tão características dessa sociedade, na qual o trabalho e o emprego ainda é algo exaustivo.

Caríssimo advogado Saulo Moraes: seu livro é incrivelmente delicioso. Além disso, tem um diferencial mágico e encantador ao conseguir reunir a nata do jornalismo impresso-opinativo de Rondonópolis. Pessoas que todo dia dispensam um pouco do seu tempo para falar, pensar e fazer o cotidiano cidadão mais prazeroso. Assim como, conseguir o incrível depoimento do ilustre jornalista e editor-chefe do A TRIBUNA, senhor Almir Lopes Rodrigues, que sempre preferiu a reclusão da redação aos flashes promocionais. E, tudo sempre com muita competência e seriedade.

Sua atitude é digna de méritos e louvores. Traz a reboque um ensinamento vital: sempre possível realizar coisas novas e diferentes, basta acreditar, querer e fazer com zelo, disciplina e amor. Como o senhor mesmo relata em seu texto brilhantemente escrito: “Tudo foi muito difícil e trabalhoso”, mas a vontade e a dedicação em promover o saber e desvelar o desconhecido, foram o motor impulsivador para desbravar novos caminhos.

A mim, resta agradecê-lo por sua persistência e rogar a Deus que seu exemplo seja seguido por tantos outros homens dignos, competentes e

capazes de ir atrás do conhecimento e do saber que nunca cessa, enquanto estamos vivos.

A Opinião do Leitor ainda é um dos principais espaços no jornalismo tradicional e também nos veículos inovadores, como tablets, redes sociais, blogs, e-book mais democrático, além de ser o caminho mais próximo entre os consumidores-leitores, os editores do jornalismo impresso, eletrônico, digital ou virtual, os blogueiros e os usuários das redes sociais. É o principal instrumento de cidadania, no qual os leitores podem interagir e se pronunciar livremente sobre os fatos do cotidiano, apresentar sem receios suas elucubrações, lançar ideias e sentir-se livre para falar, opinar, criticar, elogiar ou questionar.

Indubitavelmente, Opinião do Leitor é um espaço vivo, democrático e onde a cidadania acontece de forma livre e inexoravelmente popular. O espaço Opinião do Leitor é quase terapêutico que eu sei e muitos sabem que serão lidos, elogiados ou questionados.

Aproveito, aqui, para pedir as pessoas para não terem receio de comentar sobre o que o leram no Opinião do Leitor, inclusive e principalmente por escrito para o jornal A TRIBUNA, justamente porque é importante para quem escreve conhecer a opinião do leitor. Caso contrário, esse espaço tão democrático e cidadão, propício às discussões e debates amenos podem se tornar em um espaço comum, sem muito significados, porque sempre ficará a incógnita em relação às interpretações dos leitores.

Caríssimo Dr. Saulo: obrigada por nos presentear com seu livro "Opinião do Leitor, da Teoria à Prática". Espero e desejo de coração que este livro encontre muitos leitores ávidos por informação e conhecimento. Quanto ao ofício de jornalista, fico com os dizeres de Gabriel Garcia Márquez :

"...o jornalismo é uma paixão insaciável que só se pode digerir e torná-lo humano por sua confrontação descarnada com a realidade... Ninguém que não tenha nascido para isso e esteja disposto a viver só para isso poderá persistir num ofício tão incompreensível e voraz, cuja obra se acaba depois de cada notícia como se fora para sempre, mas que não permite um instante de paz enquanto não se recomeça com mais ardor do que nunca o minuto seguinte".

Jornalistas são heróis sem reconhecimento, mas inesgotavelmente apaixonados pelo seu ofício de desvelar o fato imparcialmente.

(*) **EDILEUSA REGINA PENA DA SILVA** é jornalista e relações públicas por formação acadêmica e por paixão em seguir este ofício tão incompreensível e voraz. Mas também é professora Adjunto II da UFMT de Rondonópolis, porque viver é uma aventura a cada instante. edileusapena@hotmail.com

PATERNA SAUDADE

Publicado em 20 de março de 2013

Celebrar a vida envolta na ausência
Vivenciar o amor dentro da carne
Convivendo com a saudade atrelada ao tempo
Guardo apenas uma certeza: Amor Eterno
Doces lembranças que me aquecem.

(Este simples poema é uma homenagem a José Alves da Silva, que foi ceifado da vida ainda muito jovem. Porém, passados 26 anos sua esposa e filhas não o esquecem jamais. José Alves da Silva nasceu em 19 de março. Completaria 75 anos agora em 2013 – de suas filhas Edileusa e Oluzimere Pena)

O PRIMEIRO ELEMENTO DE NOSSAS VIDAS

Publicado em 3 de abril de 2013

Meu querido Prof. Dr. Ruy Ferreira, como sempre faço todas as manhãs, realizei a leitura de seu texto sobre os inúmeros e graves problemas de nosso país. Também tentei e queria muito escrever sobre a sua despedida como professor-doutor da área de Informática do Campus de Rondonópolis, o qual você ajudou na construção e fortalecimento do ensino superior.

Perdoe-me, meu amigo, mais ando num vazio existencial enorme, que tem me impedido de tecer discussões mais acaloradas sobre assuntos tão sensíveis e imensuravelmente tristes, a exemplo dos movimentos de transitoriedade a que estamos submetidos involuntariamente ou não.

Está decidido: não quero falar de nossas ausências e mobilidades, porque acredito firmemente que você, ainda um jovem senhor, vai ser bem sucedido em seu tratamento de saúde. Certamente, ainda voltará às salas de aulas, lugar em que você se sente mais confortável. Também não quero pensar nos problemas econômicos, políticos e sociais do nosso país, pois, há muito tempo, deixei de acreditar em contos de fadas, príncipes e princesas encantados e em papai Noel, muito menos em Mãe Dinah ou Dilma.

Então, nesta Páscoa, justamente por ser uma festa cristã e de cunho familiar, me recolhi solitariamente em meu recanto, quase um clausulo, e andei matutando sobre o dia em que teremos que nos despedir dos nossos entes queridos, mais especificamente das mães. Este assunto, vez por outra, bate em minha porta, trazido por alguém, que infelizmente precisa se despedir pela última vez daquela que lhe trouxe à vida.

Fiquei inquieta estes últimos dias lembrando o falecimento da mãe de um amigo querido, que mora em São Paulo, e em meio às festividades de fim de ano, precisamente no dia 31 de dezembro, teve sua mãe resgatada para a Glória Eterna. Diante disso, veio de novo a vontade de fabricar um poema ou uma poesia sobre o assunto, mas, a angústia, tristeza e medo me impediram, naquele momento de escrever sobre qualquer coisa. Afinal, também estava de luto recente e com minha mãe doente, abalada com a morte brutal de seu irmão caçula – José Dantas,

assassinado por latrocínio, roubo seguido de morte, na calçada da casa dele.

Hoje, porém, tomei coragem, respirei fundo e debrucei sobre aquilo que mais gosto de fazer: escrever textos opinativos, além de matérias jornalísticas. Então, busquei em minha querida Clarisse Lispector a inspiração necessária para realizar esta atividade. Clarisse Lispector uma vez pronunciou e, eu, aqui, me apodero de sua frase, na qual ela diz: “o mais escuro uivo da dor de separação” é o que um dia sente quem perde para sempre a figura da mãe. Quem foi alimentado por uma placenta e desta forma era parte integrante de outro ser, é cortado ao meio quando este vínculo se desfaz.

Quando nascemos carregamos para toda vida o fio que nos une ao ser humano-mãe, já que, um dia fizemos parte de um mesmo corpo, contrariando a Lei da Física, sugerindo que dois corpos não podem ocupar o mesmo lugar. Entretanto, com mãe e filhos, temporariamente, esta lei se torna nula.

Esclareço a todos: Pelo olhar de tristeza de quem perdeu sua genitora sou capaz de sentir boa parte da dor que emana tal separação. Digo boa parte, pois, é impossível captar por inteiro a dor do outro, sendo esta, individual e intransferível. Eis, que, percebo tais dessabores, não por já ter perdido minha mãe, mas, por entender e sentir visceralmente a complexidade e dificuldade do momento da separação, do último adeus, ancorada em tantas despedidas que já presenciei. Especialmente a do meu pai, que me foi tirado de maneira tão cruel ou dos meus tios, avós e avós, ora vítimas da violência que galopa a passos largos ou pelo ciclo natural da vida.

Por esta razão de proximidade com a morte, em suas diferentes facetas, sei que, depois da partida vem o luto e o vazio, que são de gosto amargo e demorado. Porém, necessários na decantação da dor e do apaziguamento do espírito, para que nossa vida retome o curso natural e siga em frente. A ausência será sentida por todo o sempre.

Entretanto, o amor por nossa mãe e entes queridos, esse ficará tatuado em nosso coração e de lá não sai enquanto estivermos cumprindo nosso destino, aqui, na terra.

Aqui, abro um parágrafo específico para falar do amor maternal. Tal amor e a lembrança materna muitas vezes serão nossa redenção e

acalanto naqueles momentos ruins em que este mundo nos entrega no dia a dia...

Há muita coisa a dizer e denunciar sobre nossa fragilidade no momento da partida, independente do motivo. Como canta e encanta Maria Rita: a hora do encontro também é o da despedida. Estou aprendendo, duramente, que a vida é mortal. Por esta razão, como sou humana e imperfeita, algumas partes delego para Deus, que é o senhor de todas as coisas. Nele, deposito minhas tristezas e medos, pois, Nele, sim, há uma saída segura e confortável. Em Deus e somente Nele, existe a não separação, o amor incondicional e a paz final, que todos nós desejamos por toda eternidade.

Já, prevendo o Dia das Mães, no próximo mês, deixo um recado para os filhos, órfãos de suas mães: desejo toda serenidade do mundo. Usem o amor que lhes foi dado por suas mães para produzir mais beleza e, quem sabe, assim, construir pontes para alcançar o que Jesus tanto pediu: “Amai-vos uns aos outros como eu vos amei”. E, para você, meu amigo, mestre e doutor do conhecimento científico, conselheiro em muitos momentos difíceis e de solidão neste lugar tão longe de casa, de minha mãe, dos meus amigos preciosos, apenas desejo saúde, sucesso e muita sorte por aí afora. Amem muito e permitam ser amados enquanto é possível, quando ainda estamos vivos. Saudações eternas!

(*) **EDILEUSA REGINA PENA DA SILVA** é mulher, filha, irmã e amiga. Nas horas vagas é professora e jornalista. Mas, sobretudo, é temente ao amor divino, que nunca cessa.

ADEUS A VALDIR XAVIER

Publicado em 7 de maio de 2013

Meu amigo quão triste foi ver-te inerte, frio, incólume, engessado naquele minúsculo metro quadrado. Você que sempre foi tão ativo, livre, trabalhador, homem de bem, extremamente católico e temente aos princípios divinos. Especialmente quando se tratava do outro, você respeitava, acolhia em suas necessidades e o amava como ensinou nosso Senhor Jesus Cristo.

Em 2002, quando aqui cheguei, comecei a ler o jornal A Tribuna, no qual, atrevidamente me infiltrei e fiz amigos. Como era sozinha nestas terras de Rondonópolis, além do que, nunca gostei de arruaças, em minhas horas vagas, ficava no Jornal, escrevendo, colaborando, ou apenas atrapalhando o pessoal da Redação e rindo muito das piadas, e das coisas ou dos causos cotidianos de personagens rondonopolitanos. Aprendi muito com esta gente intelectual de fino trato do Jornal A Tribuna. Também aprendi a admirar Margareth; Dona Janice e o flamenguista, como eu, Samuel Logrado (uma confissão: este eu somente o chamo de senhor, bem formal, na presença dele, pois me considero membro da família A Tribuna, muito mais do que da UFMT, onde também dediquei muitas horas de trabalho, lugar o qual me doeie inteiramente, mas o feedback sempre foi extremamente negativo, tanto por parte de alunos quanto pelos colegas e gestão diretiva, especialmente do meu curso. Mas valeu a pena!

Enfim, foi lá no A Tribuna ou em suas páginas que conheci Valdir Xavier e Wilson Lemos, dois intelectuais da mais alta competência, um autodidata, aprendeu a ler a vida em seu cotidiano ou pelas páginas da Bíblia. Com seu caderninho sempre ao alcance de suas mãos, escrevia sobre tudo que seus olhos alcançavam, seus ouvidos percebiam, seu coração sentia... Escrevia com paixão...

O outro, nosso eterno Lemos, formado na academia das letras, era jornalista, advogado e, ainda teve tempo de se enveredar pelos campos políticos. Entretanto, foram as páginas Opinião do Leitor que ele mais frequentava e lá nos encontramos. Como foi bom! Como era divertido brincar de escrever contos, poemas e poesias. E, assim, nos tornamos amigos verdadeiros para toda vida em qualquer dimensão: Valdir

Xavier, Wilson Lemos e eu, Edileusa Pena. Daí, também surgiu a idéia do Clube do Fusca VW – V de Valdir e W de Wilson.

Nobre Amigo, Valdir Xavier, quero pedir-lhe desculpas, primeiro pelas minhas ausências, mas sei que o Amigo compreendia porque sabia que estava trabalhando muito. Depois, pelo desespero no Cemitério, este, foi muito mais diante da possibilidade de não conseguir dar meu último adeus ao meu amigo verdadeiro, do que, em razão de sua morte, algo que faz parte do ciclo da vida e bem sei que você estava sofrendo, sofrendo muito, mas dignamente...

Como me impressionei ao visitar-lhe no Hospital do Câncer. Você com uma bolsa de sangue de um lado e sua cadernetinha do outro... Almoçamos, proseamos, arrumei suas coisas e quando percebi, mesmo doente e abatido, você havia escrito uma poesia para mim. Sem palavras, aqui só cabe um PONTO.

Qualquer dia, em outro momento farei o texto perfeito que lhe prometi, talvez até escreva uma poesia, declamando a sua importância em minha vida. Você me fez crescer como ser humano; me ensinou a simplicidade da vida, que deve estar em todos os nossos atos; também me ensinou a amar meu semelhante, independente de seus defeitos e imperfeições. E, acima de tudo, me amou com todas as minhas imperfeições e limitações. Nunca me cobrou nada, porque AMIGO não cobra, acolhe e compreende.

Realmente fica difícil falar de você ou para você neste momento. Obrigada por tudo e vá em paz, seguindo o caminho da Luz. De lá do Alto ore por nós, pobres sobreviventes neste mundo tão cruel...

Peço desculpas aos seus familiares: filhos, filha e netos... Mas, também sei que eles me compreenderam. Você os amou e os educou tão bem... Seu netinho, o maiorzinho, veio falar comigo extremamente educado (Que menino lindo!). Em suas palavras disse: – Senhora não fique assim porque meu avô está bem e até a senhora vai morrer um dia. Ponderei e respondi acariciando seu rostinho lindo: Você tem razão meu menino lindo. Está certíssimo. Tia descontrolou-se um pouco, mas já está se recuperando. Ao meu menino lindo, que me esqueci de perguntar o seu nome, obrigada pelo consolo. Todos seus filhos, sua filha amada e seu cunhado vieram me cumprimentar e reafirmar o quanto éramos importantes um para outro – Você e eu.

Amigo Valdir Xavier descanse em paz, a caminho da Luz Eterna! A qualquer dia ou qualquer hora nos encontraremos para ler e fazer poesias... Com todo meu amor...

(* **EDILEUSA REGINA PENA DA SILVA** é jornalista e um ser humano imperfeito, mas sempre tentando buscar a completude e entender a essência da vida...

PASTILHAS SABORES SOLIDÃO E SAUDADE

Publicado em 9 de julho de 2013

“faz tempo que ando perdida, meio desiludida e muito triste com as perdas de entes queridos e de amigos raros, extremamente especiais em minha vida”

Neste domingo ensolarado, apenas olhando pelas frestas das janelas, pois, ainda não tive coragem de abrir a porta. Muito menos vontade de sair do meu mundo nem mesmo de levantar da cama... Permitir pensar em mim, em minha vida, em meus amigos.

Para minha grata surpresa liguei a televisão e estava começando a apresentação do DVD de Chitãozinho e Xororó, intitulado 30 anos de coragem, o que me remeteu a Dona Canô e suas frases enfáticas: – Para viver é preciso coragem ou a receita da vida está em “Amor, Festa e Devoção”.

Faz tempo que ando perdida, meio desiludida e muito triste com as perdas de entes queridos e de amigos raros, extremamente especiais em minha vida... Hoje, especialmente lembrei-me de meu amigo Wilson Lemos e de nossas Conversas de Domingo, crônicas maravilhosas e verdadeiras lições de vida, de quem tinha muita sabedoria, inteligência e experiência, adquiridas na academia das letras e da vida. Ah! Quantas saudades de você meu verdadeiro amigo Wilson Lemos... Só Deus, eu e a solidão sabemos a falta que sinto de nossa amizade verdadeira e mágica... Por aqui, tudo ficou muito mais cinzento e nublado sem você...

Incomoda-me pensar na morte das pessoas, porque todo mundo se preocupa apenas com os familiares. No entanto, os amigos são ignorados, relegados ao duodécimo plano. Parece que para os amigos, na compreensão das pessoas, do outro, o vínculo afetivo, as memórias, o carinho, as lembranças são enterradas com aquele corpo inerte. As pessoas parecem se esquecerem de que o corpo tem alma e quando o amor ou amizade são verdadeiros não tem morte que separe os amigos. Os amigos também ficam órfãos. E, há um ano ou mais tenho vivenciado muitas dessas experiências de perdas, de luto, de vazio existencial, de solidão.

No caso da solidão, essa nunca foi um problema em minha vida, mas quando ela não me fazia sentir-me sozinha, pensando que estava faltando alguém ou alguma coisa em minha vida. Quando temos a sensação de que há alguma coisa fora do lugar, aí, sim, a solidão dói, não tem jeito, é inevitável.

Um dia você estava aqui, amigo Wilson Lemos, mesmo que não nos víssemos com frequência, por causa da falta de tempo, do cotidiano agitado ou da intolerância e incompreensões humanas, que veem maldade onde só existe pureza, amor e carinho. E, então, em outro momento você não estava mais e sua amizade me faz falta. Justamente porque de amizade entendo muito bem. Foram meus amigos verdadeiros, minha mãe e minha irmã, que me fizeram superar a morte de meu pai há quase 26 anos. São os poucos amigos que conquistei na vida e que fomos nutrindo a amizade com sinceridade, carinho e muita lealdade que me auxiliaram nessa imensa caminhada, chamada de Vida. Amigos como Patrício Duarte, Alexandre Gusmão e sua família que me adotaram com tanto amor como irmã, cunhada e tia. Jardane Campos e também toda sua família, Evandro da Nóbrega e seus familiares, enfim, tanta gente boa e solidária, melhor nem tentar relacionar todos porque posso cometer o equívoco de me esquecer de alguém que me amparam, me erguem e me fazem ser feliz.

Eh, meu amigo Wilson Lemos, somente Deus, em sua onipotência sabe das minhas noites mal dormidas ou das vezes que chorei sua falta. Também por tantas outras pessoas queridas, que a vida insiste em levar para longe de mim. Fiz várias vezes às leituras de seus textos, de nossos e-mails, de nossas lembranças, coisas que ninguém pode tirar de mim. Coisas que foram somente nossas.

Não foi nada fácil esperar até hoje, pouco mais de um ano de sua morte (29.06.2012). Esta foi uma das noites mais tristes e solitárias da minha vida quando sobe de sua morte. Minha vontade era ter poderes mágicos ou de super-heróis e lhe pedir para ficar só mais um pouquinho. Sei que talvez pareça algo egoísta, mas é humano e, nós, seres humanos somos assim: irreverentes, inquietos, teimosos, temerosos, dependentes e tão carentes de tudo e de nada; temos dificuldades de nos desligar do passado e seguir adiante sem olhar para trás.

Posso garantir que não é nada fácil sair da comodidade do aconchego do seu lar, de sua terra, do berço familiar, do cantinho acolhedor

conquistado e navegar mares nunca antes desbravados. Mas, são justamente os amigos, conquistados em cada estação, em alguma embarcação, em todos os portos, que nos sustenta, acolhe e ajuda a continuar nossa caminhada.

São amigos com seus encantamentos que nos fortalece. Você, Wilson Lemos, é um desses amigos que abusou do direito de dizer coisas bonitas, alegres e fascinantes, para que eu me sentisse muito melhor do que sou. Nossa amizade foi uma das mais nobres e raras obras prima de concisão e lirismo que aprendi a ler e viver. E pensar que demorei tanto para encontrar você e usufruí tão pouco da sua sabedoria, pouco mais de oito anos. Espero continuar ouvindo vozes do seu silêncio tão eloquente e cheio de cálida musicalidade. Você ainda vive em mim e, assim, será para sempre, em meio à alegria, às lembranças e à solidão.

Da solidão, que me envolve a alma e acinzentou o meu mundo. Você sempre foi cismado com essa solidão que me acompanha e teima em apagar o meu sorriso, me transformando em uma ilha inacessível, propensa a me fechar às coisas boas da vida. Amigo, compreendi melhor esta solidão, quando em novembro do ano passado, meu tio foi assassinado e fui para minha casa em Salvador levar meu conforto à família. E, um dia minha irmã me disse: - Depois da morte de paiinho nunca mais consegui sorrir com gosto, vontade e verdade. Então, pude assimilar que mesmo a alegria sendo uma das minhas principais características, de alguma forma, ela foi perdendo a cor, a emoção e o gosto apimentado com requintes de dendê e das coisas boas da minha Bahia tão querida, tão festiva, tão acolhedora. Talvez seja esta a explicação, justamente porque nos últimos tempos tenho convivido com todas as facetas da solidão. Desde aquela que encarcera até às mais cruéis: a solidão do vazio existencial, da morte e da perda de parentes e amigos.

E, como você mesmo me disse um dia, porém, somente agora compreendo melhor o sentido de suas palavras, tenho vivido a pior de todas as solidões: aquela que sucede a fuga de si mesmo, em que o ser humano não se encontra porque se perde no cipoal dos conflitos que lhe sacodem à alma. Com essa tento não conviver, mas tem dias que é difícil espantá-la. Também aprendi a gostar da solidão que me leva a conversar com os “meus diversos eus”

Como aprendi no romance de Richard Bach, “Fernão Campelo Gaivota”, o mais importante na vida é a liberdade, a aprendizagem, as possibilidades de amar, de se encantar a cada amanhecer, a cada novo voo, então, quase sempre, é possível levantar, sacudir a poeira, colocar meu melhor sorriso no rosto e viver o melhor que a vida me proporciona. É isso!

Espero que onde você tenha muita luz e paz no seu coração. Daqui, tenha certeza, nunca vou lhe esquecer. Continuo a seguir seus conselhos e a me permitir transportar-me pelos caminhos das reminiscências para reencontrar-me nas esquinas do tempo. E, como a gaivota, que voa alforriada em pleno azul, redescobrir meus antigos mundos, sonhos, verdades, prazeres. Entretanto, sempre voltando a ser o que sou sem deixar de ser o que fui. Há muito sei que a solidão é um mero estado de espírito. Aprendi desde cedo a ser só, sem jamais me sentir sozinha, porque nos meus diversos “eus” encontro companhia, harmonia e paz. Por esta razão, continuarei seguindo a receita de viver bem, mesmo em meio às múltiplas solidões. De uma coisa tenho certeza: amizade verdadeira não tem fim. Fica com Jesus!

(*) **EDILEUSA REGINA PENA DA SILVA** é professora-doutora da UFMT, jornalista e assessora de comunicação, mas também amiga incondicional de seus amigos – pena.edileusaregional@gmail.com

DESPEDIDA DO PAPA FRANCISCO

Publicado em 30 de julho de 2013

Neste domingo, à noite, fiquei ouvindo atentamente o pronunciamento de despedida do Papa Francisco e, sem meias palavras, ele me impressionou muito pela sua simplicidade, mas muito mais pelo seu carisma e a força de suas palavras, as quais seus olhos refletem a verdade, a lisura e a vontade de contribuir efetivamente nas transformações que o mundo pós-moderno está requerendo.

Faz tempo que a expressão “Paz mundial e Justiça social” estava esquecida. Há algumas décadas, não passavam de palavras jogadas ao vento em concursos de beleza. Entretanto, agora, nós, povos de todo o mundo, de fronteiras intercontinentais tão diluídas pelo avanço tecnológico, informacional e científico podemos vislumbrar a chama da Fé, acesa no final deste túnel de democracia esquecida, de desigualdades sociais, políticas, econômicas, financeiras, educacionais, culturais e informacionais. Como o próprio Papa Francisco salientou: estamos extremamente atrasados neste processo de evolução humana que não concebe mais a fúria capitalista, egoísta e extremamente desumana de nossos políticos, de nossos gestores públicos, religiosos, educacionais, culturais e sociais.

Seguindo a filosofia papal, acredito firmemente em JOVENS REVOLUCIONÁRIOS capazes de transformar essa situação de miséria humana e abandono social que não suportamos mais em algo verdadeiro e significativo para o povo, para os peregrinos e não mais para seus dirigentes.

A mim também, me doe o coração em ver tanta gente apegada demasiadamente em dinheiro e em suas próprias ambições. Se o Papa é argentino e Deus é Brasileiro a Justiça Social será feita e não mais será preciso ouvir que o dinheiro é a coisa mais importante da vida. Dinheiro não é e nunca será o nosso bem maior. Dinheiro é bom, ajuda a organizar melhor nossas vidas, mas somente isso. O mais importante de tudo o dinheiro não compra: – a Vida Humana, a Natureza e a beleza inigualável de todos os seres vivos e de tudo que compõe nosso planeta. O dinheiro também não compra o Amor Transcendental, a Comunhão e a Paz Mundial.

Somente o dinheiro, como apregoa muitos gestores e dirigentes em nosso país, especificamente em lugares longínquos como é o caso de Rondonópolis, não fará ninguém feliz. Muito menos, o dinheiro será o único ingrediente no complexo desafio de formação humana e cidadã dos indivíduos, especialmente das crianças.

Que me escutem alguns dirigentes públicos municipais, nossas crianças, em fase de educação infantil e fundamental do ensino público não podem ser refém de maus educadores, de alguns diretores ou diretoras de escola que acreditam ser o capital financeiro a única herança de um povo. Não é senhores políticos, ainda mais, se o dinheiro público serve apenas para financiar suas farras individuais, sem nenhuma preocupação com o povo, herdeiros legítimos de tudo que há na terra.

Por isso, reconstruo minhas esperanças lançadas ao acaso pelos dirigentes inconsequentes. Também espero que os jovens tenham a força, a coragem e a fé para mudar este quadro de inconstâncias políticas, educacionais, sociais. De todas as ordens, em todos os cantos do mundo, mais especificamente do povo brasileiro.

Espero que os jovens saibam aproveitar a oportunidade e apoio da autoridade superior do planeta, o Papa. Este, sim, é o único representante divino, escolhido por humanos, que demonstra ser capaz de abrir seu coração e deixar transparecer em seus olhos a bondade e generosidade de seu ser.

As palavras do Papa Francisco foram como bálsamo em nossas feridas, rasgando a pele, em um grito uníssono de exaustão. Todos gritam, mas, nossos governantes não nos ouvem. Queira a Deus, que as palavras do Papa sejam mensagens fulminantes no coração de pedra desses políticos inconsequentes, insanos e destituídos de qualquer moral, ética e vergonha.

Políticos, partidários e gestores públicos que não sabem usar com decência e sabedoria o poder que o povo entrega a eles. Ao contrário, fazem do nosso dinheiro lamaçal, distribuição desordenada entre os seus cúmplices. No lema deles, o povo que se dane. Nós não queremos e não vamos nos danar, para que esses desordeiros, criminosos, corruptos continuem a se beneficiarem com o dinheiro alheio.

Quero começar a semana acreditando que meu desejo irá se concretizar e, gradativamente a mudança verdadeira acontecerá em nosso planeta,

mais diretamente para o povo brasileiro e sofrido com este sistema político e capitalista selvagem, que só enxergam suas necessidades pessoais e íntimas.

Sob a ótica da solidariedade e um novo Brasil melhor, proclamamos à verdadeira mãe gentil, que acalenta seus filhos, a reinar, expurgando todos aqueles sem fé e sem amor ao próximo. E, que estes possam aprender a lição de Papa Francisco, - a lição de solidariedade, humildade, amor ao próximo e simplicidade. Todavia, bem longe dos cofres públicos.

Talvez, quem sabe, agora, com a visita do Papa Francisco e seu exemplo de simplicidade, a juventude não venha a ser de fato REVOLUCIONÁRIA, mudando definitivamente o curso da História e rompendo com esse lastro político de corrupção, hipocrisia e mensalões. Vamos seguir os conselhos de Sua Santidade, o papa Francisco. Então, “bota fé e a vida terá um sabor novo”... Que Deus abençoe Francisco e a todos nós também.

(*) **EDILEUSA REGINA PENA DA SILVA** - jornalista, relações públicas, mestre e doutora da federal mato-grossense, do Campus de Rondonópolis. Cristã, acima de tudo, e com muita fé no coração - Email - pena.edileusaregina@gmail.com ou edileusapena@hotmail.com.

DEDICATÓRIA.COM.BR

Publicado em 13 de agosto de 2013

Ao ser humano
Indivíduo-coletivo
Reativo-proativo
Ser-real-virtual
Movimento-ação-coração
A todas as pessoas
Que eu amo e que me amam
Que sabem fazer a diferença
Entre razão-coração-emoção
A você único-especial
Agente participativo
Sujeito proativo
Conectado à minha vida
Sempre presente em meu coração
No meu fazer e no meu existir

(*) **EDILEUSA REGINA PENA DA SILVA** é jornalista e professora doutora do campus local da UFMT

MENINAS SUPERPODEROSAS

Publicado em 22 de agosto de 2013

Hoje, meus reclames são para as meninas da minha vida. São elas: Giovanna Gusmão, Isabella Loizze, Júlia Prado, Yasmin Picado e Maysa Gasparetto. Para mim, as crianças são essência pura e abençoada por Deus. Especialmente àquelas que têm um lar edificado na Lei Divina e desde cedo convivem com o amor e os princípios morais e éticos que moldam a personalidade humana.

Sob esta ótica do amor divinal e da essência pueril de nossas crianças, mesmo diante de uma sociedade fissurada que nega o humano, o outro, o próximo e os princípios éticos e morais, elas seguem crescendo e renovando os valores cristãos de bondade, solidariedade e amor ao próximo. Não deixam a vaidade e as inúmeras coisas enganosas das vitrines do mundo torná-las egoístas, prepotentes e arrogantes.

Também aprenderam a perceber a essência e o valor da amizade, dos laços afetivos e dos vínculos de amor, família, perdão e comunhão. As crianças criadas nos princípios sólidos do amor cristão sabem ser felizes, respeitando o espaço do outro. Sabem amar as diferenças e aconchegá-las em seu universo infantil, onde não há espaços para a maldade, o preconceito, o racismo, a negação do outro em suas diversidades.

Mesmo em um mundo conturbado, em que a humanidade alcança o século XXI confrontando-se com questões raciais, intolerâncias religiosas, hierarquias entre o masculino e o feminino e tensões de toda ordem as “Meninas Superpoderosas” lutam por um mundo melhor, mais justo e humano.

Docinho, Lindinha e Florzinha, do alto de seus cinco anos de idade, querem combater o mal na pequena cidade de Townsville. O desenho é mais uma atração da Hanna-Barbera e a saga das super-heróínas começa quando o Professor Utonium, querendo criar a garota perfeita, mistura acidentalmente açúcar, qualquer coisa gostosa, pimenta e uma substância chamada Fórmula X. Ao invés da garota perfeita surgem três meninas com jeitinhos diferentes, mas que se complementam perfeitamente.

O desenho tenta combater o machismo a partir da força e do poder de três garotinhas que podem ser valentes e fortes, mesmo sendo meninas. Também adverte que neste mundo hipermoderno é imperativo aprender a conviver com as diferenças.

Atrevo-me ou teimo em insistir na convivência humana em meio às múltiplas diversidades. Sob este ponto de vista, acredito, sim, que podemos viver juntos e construir uma sociedade de fato democrática, de espaços sociais e convencionais agradabilíssimos.

Assim, agradeço pelas palavras maravilhosas, por nossas conversas tão construtivas às minhas lindas meninas. Tenham certeza que tudo que vocês me dizem tocam o meu coração sensivelmente. Seus abraços, carinhos e palavras doces soam como bálsamo em minhas angústias e feridas nesse momento agônico. Eu sou tia e fã de todas vocês e de cada uma de modo especial.

Aos meus meninos, peço perdão pela exclusão neste texto, mas, cada um sabe do meu verdadeiro amor e admiração por vocês. Especialmente meu príncipe Bernardo Gusmão e meus fiéis escudeiros Vinicius Couto Martins e Gabriel Couto Silva ou meu mais novo aluno Renato Gabriel. Ah! Mas chega de império masculino. Hoje é o dia das minhas princesas.

Queridas, jamais esqueçam que amizade é coisa séria e não pode ser medida pelos bens materiais, por materialidades insignificantes, coisas que o dinheiro compra e o tempo consome.

O que temos no coração é tão raro e nobre que supera qualquer dificuldade ou divergência. Mas, só e tão somente se o amor e/ou amizade forem verdadeiras e consistentes. Assim, continuem a dizer sim à vida e ao amor e sejam muito felizes.

Reproduzindo Gonzaguinha ficarei sempre com a resposta, a companhia e a inocência tão inteligente e de fascínio inebriante das crianças, que me chegam como hiper sensibilizações. Quero a emoção, a alegria e a grandeza do saber humano da minha princesa, a pequena Giovanna Gusmão. Organizada, educada e muito esperta é o orgulho da tia Di. Minha princesa Giovanna sabe agir e conviver com sensibilidade para não magoar o outro ou o seu próximo. Com os olhos de sua alma grandiosa enxerga a minha essência.

Isabella Loizze é esperta, falante e muito adulta. É um encanto de criança. Agradeço também a seriedade, inteligência e maturidade gigante da pequena Júlia Prado.

Ah! Não posso me esquecer da Yasmin Picado, a mais novinha do grupo, deve ter três anos, mas é brava e muito convencida. Sua alegria, vivacidade e elegante autoridade infantil aguçam o meu espírito materno.

E, mais recentemente, fico com a pureza e perspicácia de Maysa Gasparetto, que mora em Primavera do Leste, mas, vez por outra, vem para Rondonópolis. Seu jeito doce, inocente e meigo, mas também corajoso e observador conquistaram-me no primeiro instante em que nos encontramos.

De coração, obrigada minhas meninas superpoderosas, que me amam, apesar das minhas imperfeições. Que o futuro lhes reservem coisas brilhantes. E, que a precariedade e caducidade humana não corrompam seus corações puros. Aceitem a minha gratidão, meu amor e meu carinho.

(*) **EDILEUSA REGINA PENA DA SILVA** é uma eterna criança, mesmo endurecida pelos atropelos da vida – pena.edileusaregina@gmail.com

DELÍCIAS DA VIDA

Publicado em 28 de agosto de 2013

Amor, carinho e por tabela paixão
Leve sabor de couve, laranja-lima, limão
Pitadas aqui e ali de piedade e compaixão
Por segurança e pé atrás
Prefiro dizer um sonoro e redondo NÃO!

(*) **EDILEUSA REGINA PENA DA SILVA** é jornalista e professora doutora do campus local da UFMT

EDUCAÇÃO MUNICIPAL, ESTADUAL E FEDERAL PEDEM SOCORRO

Publicado em 28 de agosto de 2013

Senhores Gestores da Educação Pública: é muito triste constatar no jornal A TRIBUNA que a Secretaria de Educação abre edital de concurso para diversos cargos e, mais uma vez, deixa de lado a questão primordial: - a Biblioteca Escolar e a contratação de bibliotecários, justamente porque os gestores escolhidos pelo povo ignoram completamente o valor da informação, do conhecimento, do bibliotecário e da leitura, que transformam seres humanos em sujeitos proativos.

Uma triste realidade constatada ao discutir com uma diretora de escola do município rondonopolitano. Todavia esta mesma diretora que está contando os dias para sua aposentadoria, infelizmente acredita que a formação do indivíduo resume-se apenas em ensiná-lo a ganhar dinheiro.

Para esta mesma diretora, que desconhecemos qual foi seu processo de seleção ou de indicação para cargo da mais alta competência, menosprezando o saber, o bibliotecário, a biblioteca escolar, a leitura e o conhecimento, me indagou - Se eu orientaria um filho meu a ser professor? Mesmo estupefata com a pergunta de imediato respondi: - É claro que ensinaria meu filho a ser professor ou ser bibliotecário. Somente não o ensinaria a ser marginal ou criminoso, pois este é o caminho de quem só pensa em dinheiro e como tirar um pouco mais do bolso do povo, seus eleitores já tão sofrido e tão mal remunerados.

Sob a perspectiva pedagógica e cidadão, acredito veemente que a Leitura, Informação e Conhecimento são bases da formação do indivíduo e de sua transformação em um sujeito livre, autônomo, proativo, competente e capaz de gerir seu próprio destino sem a piedade de ninguém, muito menos daqueles ou daquela diretora, que me respondeu em alto e bom som: - Pois eu vou ensinar meus filhos a ganhar dinheiro porque esta coisa de leitura, de formação ética e moral são pura bobagem e não leva ninguém a lugar nenhum.

Caros leitores: Meu sonho foi ser professora, talvez não tenha sido a melhor de todas, mas, ao deitar minha cabeça no travesseiro durmo tranquilamente com a sensação do dever cumprido. Por esta razão, quero continuar sendo humilde, sofrendo para pagar minhas contas no final do mês, justamente porque o que ganho como professora doutora e universitária é menor do que o piso salarial de uma governanta, de acordo com a nova lei trabalhista de empregados domésticos, decretada pelo Ministério Público recentemente.

Ah! E sabe aquela diretora? Mal fica na escola, tem um carrão da “hora” e está apenas aguardando sua gorda aposentadoria que deve sair em breve. Sabe quem pagará pelas suas mordomias e gorda pensão? Isso mesmo, nós contribuintes honestos que não temos apadrinhados e muito menos direito a privilégios pagos com o dinheiro do povo.

Vocês sabem também qual é a opinião da nossa Secretária de Educação que realizou uma reunião à portas fechadas somente para uns poucos convidados? A resposta dela quando, nós, da Biblioteconomia sugerimos a abertura de edital para contratação de bibliotecários escolares foi muito triste, meus leitores. Resumidamente e em poucas palavras, a excelentíssima primeira-dama do Município e Secretária de Educação considera o cargo de Biblioteconomia uma “bobagem”. Para ela, seria uma despesa desnecessária com um profissional que estudou e estagiou durante quatro anos, que conhece como nenhum outro profissional as técnicas de motivação, atividades lúdicas e interativas para entreter o leitor e, em um primeiro momento, ensiná-lo a criar o hábito da leitura e, logo após, construir o prazer de ler cotidianamente.

Na mesma reunião e ainda nas palavras da Secretária de Educação (traduzida ao meu modo) nos indagou completamente alheia ao trabalho do bibliotecário, inclusive perguntando o que este profissional faz e se qualquer outra pessoa não poderia fazer. Enfim, sem comentários...

O Edital de Concurso para Secretaria de Educação saiu e nele não consta a vaga do Bibliotecário. Seria muito bom começar um protesto contra estes eleitos pelo povo que não querem educar nossas crianças e muito menos transforma-las em leitores críticos, capazes de interpretar nas entrelinhas a enganação, a maldade de uma gente consumista, egoísta, extremamente consumidora que só pensa em dinheiro e ganhar posição e destaque à custa dos outros.

O Gigante Educacional em Rondonópolis precisa acordar, mas não somente na universidade e, sim, em todas as esferas escolares, em especial na Educação Básica e no Ensino Fundamental, como o próprio nome diz: ele é essencial para formação complexa do indivíduo, para quando for para a universidade não estar completamente sem saber de nada. O básico que deveria ter aprendido nas escolas públicas municipais ou estaduais da Educação Básica, do Ensino Fundamental e Ensino Médio (para este tenho algumas considerações que deixarei para uma próxima oportunidade).

Caríssimos, não se enganem, pois tudo isso é o reflexo das nossas escolas em completo estado agonizante, pedindo SOCORRO, por causa dos gestores que concedemos procuração por quatro anos ou lhes reconduzimos ao cargo, seja na política partidária ou na gestão diretiva de nossas escolas e da universidade pública em Rondonópolis.

Os políticos e gestores diretivos foram eleitos para defender o bem comum. Entretanto, abusam do poder concedido e fazem o que bem querem com o dinheiro alheio. Vivem em mansão, andam em seus carrões em alta velocidade, praticam inúmeras atrocidades e não estão nem aí para o bem estar coletivo, para a solidariedade e o amor ao próximo.

Bem comum e coletividade para eles significam consumo e satisfação próprias, necessidades individuais e uma boa vida à custa dos eleitores. No mais, a população que se dane, que corra atrás de seus sonhos e de dinheiro no final do mês para pagar as altas contas de água, luz, telefone, cesta básica, todas com altíssimos impostos embutidos.

Fico por aqui na esperança de que o Gigante Educacional acorde (#acordagiganteeducacional). Que os leitores deste texto também acordem, comentem, compartilhem e curtam a vontade, para que todos saibam que esse não é um desejo de uma única pessoa insatisfeita com tudo que estamos vivendo. Amém, que Deus nos abençoe.

(*) **EDILEUSA REGINA PENA DA SILVA** é consultora corporativa e professora universitária com mestrado e doutorado. Uma apaixonada por crianças, pela informação e pelo conhecimento que transforma mentes, atitudes e comportamento – pena.edileusaregina@gmail.com

NAS ENGRENAGENS DO INFINITAMENTE GRANDE

Publicado em 31 de agosto de 2013

Eu te amava tanto
e você dizia sim.
Mas a ingrata distância,
nos cobriu com seu manto.
Quando você quis, eu temi.
Assustada, fugi.
Quando me decidi, você recuou.
Como pássaro voou.
Assim, nosso amor:
Louco, desmedido, proibido, perdido...
Foi se diluindo
No tempo, sem tempo, se despindo.
Andando por este vasto mundo
Peguei carona no amor infinito.
Não teve jeito.
Nasceu, cresceu e virou mito.

(*) **EDILEUSA REGINA PENA DA SILVA** é jornalista, poetisa vez por outra e dia sim, dia não, converso com fantasmas... – pena.edileusaregina@gmail.com



Coccix

Publicado em 4 de setembro de 2013

Sozinha com o tempo.

Trilho a estrada na contramão.

Passado, presente, indecisão...

Eco, apaixonamento, escuridão...

Sintomas: vértebra, dor, machucão.

(*) **EDILEUSA REGINA PENA DA SILVA** é jornalista e professora doutora do campus local da UFMT

DOSEMETRIA

Publicado em 10 de setembro de 2013

Do infinitamente grande restou
Desatinos, desencontros, desamor.
Lá, no futuro vislumbrei o mais puro ardor.
Como pude?
A vacina veio a tempo
Lembrei-me de olhar pelo retrovisor.

(* **EDILEUSA REGINA PENA DA SILVA** é jornalista, poetisa vez por outra dia sim, dia não, converso com fantasmas... pena.edileusaregina@gmail.com

BORBOLETAS AZUIS E BOM SENSO

Publicado em 3 de dezembro de 2013

Não posso acreditar que por mais de meio milênio, conforme relato de historiadores famosos, meu país chamado Brasil, não teve tempo ainda de amadurecer. Essas elucubrações povoaram minha mente durante todas as noites do fim de semana, a cada momento, em que era requerida a socorrer alguém, ajudar a conseguir atendimento ou vaga em um hospital público. Ou, ainda, solidária a colegas, amigos e conhecidos acometidos por enfermidades, em caráter de urgência, a exemplo da coordenadora do curso de Biblioteconomia, Monica do Amparo Silva, hospitalizada sexta-feira à noite.

Após meu acidente há quatro meses tenho frequentado os serviços médicos de Rondonópolis, entre convênio e particular, com alta rotatividade e tenho visto de tudo um pouco. Tenho acompanhado histórias de vida, de sofrimento e muitas penitencias em torno, especialmente, de atendentes e recepcionistas, que chegam ao absurdo de nem olhar a pessoa que vos interpela em busca de uma solução para seus problemas de saúde ou alívio de suas dores, ansiedades etc.

Enfim, tenho constatado que este primeiro atendimento extremamente importante e decisivo para uma relação saudável entre médico e paciente já ultrapassou o bom senso da educação, do respeito, da solidariedade, do profissionalismo e do trato humano. Sendo, portanto, urgente e imperativo repensar a formação, a capacitação e o treinamento dos profissionais que lidam com a vida humana, em momentos de fragilidades pessoais, orgânicas e emocionais. Tenham certeza: alguém somente procura atendimento de urgência, quando se sente extremamente impotente de se autocomandar, avaliar-se, compreender o que acontece com seu organismo e por aí vai.

Assim, o que parece natural para quem domina o conhecimento do corpo humano ou a rotina de unidades de saúde, pode ser um verdadeiro drama, tormento e inquietação para quem percebe seu próprio corpo e os sinais por ele emitidos apenas quando precisa de algum comando e os seus membros e órgãos já não obedecem ou não funcionam como de costume.

Unidades de saúde pública, particular ou conveniada compreendam o significado real de cuidar do humano e que estes já são tão negligentes

consigo mesmos e pagam tão caro por isso, que não precisam de mais ninguém para aborrecê-los nessas horas agonizantes.

Exageros à parte! Ainda bem, que nem tudo são flores e muito menos castigo e egocentrismo pós-moderno. Nesse mundo patológico, ainda tem profissionais generosos e comprometidos com o cuidado humano. São pessoas como a recepcionista Jerivânia, Içanã ou a enfermeira do setor de triagem Eunice, da Santa Casa, que comprovam às minhas hipóteses de que é possível ser profissional e competente independente de estruturas físico-técnico-clínico-hospitalares. O que não invalida o comprometimento dos administradores públicos com o desenvolvimento, investimentos e melhorias das condições da saúde pública no Brasil e, mais especificamente, em Rondonópolis, objeto do meu olhar acadêmico-científico.

Não quero nem me façam contar os anos e os valores gastos por mim e por milhões de brasileiros em contribuição social. Mas, pergunto: - Para onde foi todo nosso dinheiro retido para melhorias do Sistema Único de Saúde? Desculpa, perguntar não ofende. É de se observar que os conveniados e particulares, para além da contribuição social e pagamento de impostos de toda ordem, ainda são cobrados altíssimos e exorbitantes honorários médicos por cada gotícula de ar respirado pelo paciente. Melhor nem respirar!

Enfim, o resultado deste rápido olhar acadêmico-científico sobre a saúde pública desta promissora cidade, às vésperas de completar 60 anos, foi caótico, fazendo com que me sentisse usurpada em minhas gordas contribuições previdenciária e social. Portanto, meu ofício de jornalista, professora e cidadã não me permitiu fechar os olhos para as barbaridades que presenciei em apenas um final de semana de alta rotatividade ambulatorial e hospitalar.

Nas principais intervenções médicas e cirúrgicas de Rondonópolis, foi possível observar que o sistema de saúde está agonizando. Gravíssimas e de toda ordem são as falhas profissionais, indo da recepção aos principais procedimentos médicos, técnicos e estruturais. Passando também por pacientes mal informados e apáticos, capazes de reagir a qualquer estímulo vital. Conclusão: está tudo (ou quase tudo) equivocado; os valores éticos viraram pó.

Foi possível detectar, sem o uso de metodologias altamente elaboradas, o mais intrigante de tudo: - os profissionais que se dizem capacitados para lidar com humanos, infelizmente não tem a menor vocação para tão nobre atividade, simplesmente porque não gostam de gente. Gostam

de padrões, etiquetas, vaidades, comodidades e status que o cargo oferece. Com raras e felizes exceções, ainda bem.

As atendentes Jenivânia Cardoso, GisellyPuppo e Flávia Cristina Borba e o médico Wellington Milhomem, exemplos de profissionalismo-padrão, que conseguem em meio a todo o caos de um infartado pronto-atendimento infantil, confortar, tranquilizar e contribuir com extremo zelo, carinho, amor e dedicação para a promoção do bem-estar coletivo e da saúde pública de Rondonópolis.

Ademais, o que se vê são profissionais estressados, arrogantes, cansados e mal educados ou desinformados. Quando não, temos profissionais da saúde saindo de um plantão de 12 ou 24 horas, completamente esgotados e indo de imediato, nessas mesmas condições, para outra unidade de saúde. Isso é inconcebível.

Todavia, mais grave ainda é a nova tendência médica: plantão à distância e fora de área. Todavia, o mais intrigante em meu superficial diagnóstico da Saúde Pública, em Rondonópolis, durante um único final de semana, foi descobrir ao acaso, ao entrar na enfermaria errada, que, lá se encontrava um colega, o professor universitário José Libério do Amaral, do curso de Biologia.

É angustiante constatar que o egocentrismo pós-moderno e as vitrines de vaidades e interesses meramente mercadológicos, financeiros, de extremado consumismo ilusório e efêmero está apagando a chama da solidariedade, generosidade e comunhão. Dente por dente, olho por olho, e cada um por si. Isso realmente é desumano e não me agrada nem um pouco. Prefiro borboletas azuis e bom senso no trato ao humano que precisa de atendimento médico em Rondonópolis.

(*) **EDILEUSA REGINA PENA DA SILVA** é professora Adjunto II da UFMT em Rondonópolis. Também é jornalista e relações públicas

FELIZ TUDO PARA MIM MESMA...

Publicado em 6 de janeiro de 2014

“Mesmo sentindo o peso de algumas primaveras, não me senti habilitada a pedir mais nada a Deus, porque ele já me deu o que há de melhor para o ser humano: uma família linda (minha mãe e minha irmã Lu), trabalho, inteligência, força de vontade para sempre seguir em frente”

(*) Edileusa Pena

Hoje quero agradecer a todas as manifestações de carinho e apreço por minha pessoa em razão do meu aniversário, no último dia cinco de janeiro. Foram tantas vibrações positivas que despertei deste dia festivo banhada em uma espécie de felicidade infinita. A todos que me transmitiram esta benção espiritual, de coração, meu muito obrigada.

Em especial, soteropolitanamente agradeço ao meu Nobre Amigo Evandro da Nóbrega suas felicitações pelo dia do meu nascimento e pela lembrança de um momento muito especial nessa árdua jornada de minha vida: – a defesa de minha Tese e a conquista suada do título de DOUTORA em Ciências Sociais por uma universidade de excelência (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo). O especial também se deve ao fato deste meu amigo há muito estar desaparecido, provavelmente embrenhado nas matas virgens da Paraíba sorvendo a seiva da beleza, da sabedoria e do autoconhecimento.

Nobre e encantador Evandro da Nóbrega, de coração, meu adorador Druzz, sei que, neste cinco de janeiro, primeiro domingo do ano, o Papa Francisco, Senhor do Bonfim e todos os orixás de minha linda e tão encantadora Sotero-Bahia proclamaram e decretaram à minha humilde pessoa, direitos plenos para dizer o que penso, sem reservas, visto que, é chegada a MATURIDADE. Porém, indeléveis e emocionantes são seus dizeres, emudecendo-me e calando fundo em minha alma (veja Cantinho do Poeta).

Então, de alma a alma, como sua súdita, posso agradecer-lhe tão linda homenagem. Queria mais, muito mais, se me fosse permitido exigir algo de sua nobre pessoa: aquela lagosta e um dos inesquecíveis vinhos de boa safra, que somente o Nobre Druzz, exímio estudioso e amante de

vinhos sabe como nenhum outro ser em movimento apreciar e degustar tão nobre bebida.

Sommelier desde o ventre materno, indubitavelmente saberia escolher o melhor vinho, adequado ao melhor cardápio para ocasião tão requintada no restaurante Olho de Lula, em plena praia do Cabo Branco, em João Pessoa.

Também se a mim fosse permitido mais um desejo pelo gênio da lâmpada mágica, transportar-me-ia de imediato aos lugares em que vivi dias felizes e experiências gratificantes. Sendo assim, não me restam dúvidas, faria uma parada bem demorada na praia de Itapuã, Salvador, Bahia, para saborear uma moqueca de camarão. Tudo ao som das ondas marítimas, com o olhar perdido, atentamente fixado naquele lindo mar azul de Itapuã, em companhia da também ilustre aniversariante deste mesmo cinco de janeiro, minha querida irmã Lu Pena. Meu primeiro e melhor presente de aniversário, concedido pelas mãos divinas do nosso Deus Todo Poderoso, no ventre acolhedor de nossa genitora Rita Luzanira Pena da Silva.

Ah! Se ainda me fosse permitido mais alguns presentes gostaria de reunir em qualquer canto do país ou do planeta, de Jampa, Picos, Patos, Salvador, Berimbau, Vitória (ES), Rio de Janeiro à Sampa ou Nova Iorque, Paris ou Veneza, os meus poucos, bons e verdadeiros amigos, impossível enumerá-los para não incorrer no terrível erro de me esquecer de um deles. Não é mesmo Patrício Duarte, Jardane Campos e Nair Gusmão?

Enfim, todo esse atrevimento e excentricidade porque, cinco de janeiro é considerado o Dia dos Anjos da Humanidade. Dizem aos quatro ventos que todos os seres nascidos nesta data são pilares de luz, princípios divinos, capacitados para trabalharem infinitamente pelo bem da Humanidade.

Os orixás baianos já haviam me confidenciado que cinco de janeiro simboliza uma aliança divina com Deus. Cheguei, portanto, ao mundo, justamente neste dia abençoado. Por esta razão, especialmente este ano, me permitir ficar quieta em minha própria companhia. Também não tive vontade alguma de festas, guloseimas ou as coisas consumistas da vitrine do mundo. Optei pelo silêncio ao som dos atabaques; a tranquilidade e o conforto de minha cama às badalações de 'Parabéns para Você'.

Mesmo sentindo o peso de algumas primaveras, não me senti habilitada a pedir mais nada a Deus, porque ele já me deu o que há de melhor para o ser humano: uma família linda (minha mãe e minha irmã Lu), trabalho, inteligência, força de vontade para sempre seguir em frente, mesmo diante de tantas adversidades. E, coroando tudo isso: grandes e eternos amigos, como Você Druzz e sua linda família.

Por tudo propalado, sem medos nem receios, quero sempre a sabedoria de recomeçar e prosseguir com prudência e perseverança. Obrigada a todos pelas mensagens! Obrigada mãe Isabel pelas incansáveis horas de joelhos ao chão orando por mim. Obrigada Jornal A Tribuna, especialmente ao editor em exercício, Márcio Sodré, ao colunista Emanuel Ormond e o meu adorável Araildes Souza. No mais: “O Senhor com o seu cajado me protege, me sustenta e me transforma”. Amém!

(*) **EDILEUSA REGINA PENA DA SILVA** é jornalista e relações públicas, com mestrado em Ciência da Informação (UFPB) e doutorado em Ciências Sociais (PUC-SP). Há mais de onze anos é professora efetiva do curso de Biblioteconomia da UFMT, em Rondonópolis.

MEU REI, TE DEDICO

Publicado em 21 de janeiro de 2014

Qual ave que retorna ao ninho
Pensei um dia voltar para você.
Sem me perder na volta
Ou, pior, encontrar a porta fechada.
Mas, a razão falou mais forte.
Durante muito tempo esperei você e todas as migalhas.
Meus pensamentos fixados em você estavam
Minha mente em curto circuito sentimental.
Perdida em meus sonhos de amor.
Descobri que você sempre será somente ilusão.
Não consigo viver uma mentira que me consome a alma.
Saiba que bem maior que o seu silêncio forçado,
Foi minha angústia por te amar sem medida.
Ciente de que você jamais me amou.
Sinto em meus sonhos uma presença sua.
Sem pestanejar sei que:
– sob o teto do meu coração sempre acharas guardada.
Solitariamente viverei, mas serei feliz...
E, ainda, um dia o amor verdadeiro encontrarei
Sem medidas, nem reservas e receios.

(*) **EDILEUSA REGINA PENA DA SILVA** é jornalista e relações públicas, com mestrado em Ciência da Informação (UFPB) e doutorado em Ciências Sociais (PUC-SP). Há mais de onze anos é professora efetiva do curso de Biblioteconomia da UFMT, em Rondonópolis.

IZABEL DE SOUSA, UMA MISSIONÁRIA DE DEUS

Publicado em 28 de janeiro de 2014

Izabel de Sousa Reis, de 79 anos, é viúva há um ano. Mãe de cinco filhos, sendo três homens e duas mulheres. Ainda tem cinco netos e uma bisneta, com outra já a caminho. Esta poderia ser uma história feliz de uma família muito unida. Infelizmente, não foi esse o destino reservado a esta mulher que dedica sua vida à família, ao próximo e ao trabalho pesado por toda vida. Entretanto, viveu e experimentou a maior dor que uma mulher pode passar: a morte de seus dois filhos; cada um de uma forma trágica e em momentos diferentes.

Tempos depois sofreu com a doença de seu marido. Foram quase dois anos de dedicação total ao seu amado. Homem de Deus, Felipe Neres dos Reis, baiano de nascença e rondonopolitano de coração, foi um dos pioneiros a escolher esta cidade como sua terra, lugar para viver e criar seus filhos. E, assim foi até o dia em que faleceu, no dia 14 de setembro de 2012. Um dos dias mais triste que se pode contar. Mesmo com esta terrível perda, esta mulher que aparentemente é frágil, mas tem uma energia, uma vitalidade, uma resiliência invejável, não desanimou em momento algum.

Como diz Elídio de Sousa Reis, o único filho vivo, companheiro de sua mãe, infelizmente fraturou o fêmur, há quase dois meses, ficando impossibilitado de tudo. Elídio define emocionado a família como a melhor coisa em sua vida. Para ele, o pai era um homem nobre, de excelência, muito trabalhador. Sua mãe, seu único e verdadeiro amor. E, suas irmãs a força de viver.

Diante de tantas adversidades, inclusive financeira, em vez de se entregar à solidão ou desespero, Izabel de Sousa Reis procurou seguir iluminadamente o caminho de Deus e cumprir com as promessas divinas, sem hesitação ou qualquer demonstração de cansaço, tristeza ou insatisfação.

Aos filhos, sejam legítimos ou adotados, trata com muito amor. Amor de uma mãe com o coração maior que o mundo. Abriga a todos que busca seu amor, seu carinho, suas orações e atenção. Ou outros mais atrevidos que chega até a passar uns dias em sua casa.

Izabel, definitivamente, é uma fortaleza, uma mulher incansável. A impressão que temos em passar alguns momentos com ela é que ela aprendeu economia doméstica, reciclagem e preocupação com o meio ambiente, mas tudo de forma autodidática.

Como explica Nildete de Sousa Gomes, “Dona Izabel, é muito mais mãe do que muitas mães por aí”. Nildete também confessou que conhece Dona Izabel de uma vida inteira. “Eu era menina quando conheci Dona Izabel e ela já fazia orações para as pessoas, ensinava remédios caseiros e sempre aconselhava o bom caminho”. Nildete enfatizou ainda, que em nenhum momento nunca a viu triste ou indisposta para atender o próximo que a procura, independente da hora. “Sou testemunha de que ela muitas vezes nem dorme”.

Para Carlos Ferreira Graciano: “É a melhor mãe que adotei em toda a minha vida e fui por ela, generosamente, adotado”. Bom e gostoso é o que fica no coração, o que sai da boca ofende, o que fica no coração Deus abençoa.

Já Cristiane Silva expressa com muito carinho que foi através dela, que teve o verdadeiro encontro com Deus e tantas graças obtidas com suas orações. “De uma forma simples, irmã Izabel, mesmo sendo evangélica, nunca critica religião de ninguém. Tem sempre amor e carinho com todos”, complementa.

Dona Izabel, ou melhor mãe Izabel, acorda todos os dias às quatro horas da manhã para orar por uma infinidade de pessoas que entrega a ela seus pedidos, suas fotografias, ou suas vidas. Muitas vezes, como ela mesma diz, o anjo do Senhor a acorda por volta de uma hora da madrugada para ela orar e receber as bençãos divinas para continuar forte na missão evangelizadora de Deus.

Tem gente que a procura duas ou três da madrugada. Algumas batem à sua porta por volta das cinco da manhã. E, muitas não saem da casa dela antes das dez ou onze da noite. Ou ainda, a qualquer momento do dia ou da noite quem a procura, encontra ela sempre disposta a oferecer seu carinho, seu colo, seu ombro amigo e suas preces. Também tem gente que vem busca-la para viajar, ou ir a alguns municípios ou redondezas, sítios e fazendas próximos a Rondonópolis.

Seu único pecado, como costuma confessar, é assistir ao programa Cidade Record, apresentado por Valdemir Costa, pois, o Deus que ela

serve determina que missionários, que pregam a palavra de Deus, não devem assistir ou apreciar as coisas do mundo nas telas do pecado. Ou ouvir os consumismos excêntricos que contaminam os ouvidos e impedem o agir de Deus.

Contudo, Izabel abre esta exceção, e já nesta hora, com seu almoço pronto e sempre com muitas opções de comida gostosas feitas no fogão à lenha, se senta para assistir seu programa preferido. Quem chega, senta e se serve a vontade, sem cerimônias. E, Izabel, à frente de sua televisão pequena e antiga, para tudo para ouvir Valdemir Costa. E, aí de quem a incomode nesta hora...

Seus únicos desejos: receber uma visita de Valdemir Costa; ter um pouco mais de dinheiro para viver melhor e, quem sabe um dia voltar para sua terra: Alcantilado, um pequeno vilarejo de Guiratinga, distante 142 km de Rondonópolis. Toda vez que falo do Alcantilado, mãe Izabel chora de saudades de sua terra amada. “Olha, minha filha, já passei tantas lutas, perdi meu entes queridos preciosos, mas nunca toquei em Deus, nunca falei mal ou culpei Deus de nada. O mal do povo é culpar Deus pelas adversidades e dar força ao inimigo. Estou quase com oitenta anos, mas levanto cedo todos os dias e faço minhas coisas quietinhas. Deus é para ser glorificado. Meu Deus é meu pai e ele ouve todos os meus pedidos, meus clamores, porque aprendi a louvar e glorifica-lo a cada instante. Minha casa não tem nada, não tem luxo, a única coisa que tenho é o Deus vivo que sirvo”, pontuo com muita propriedade, sabedoria e fé.

(*) **EDILEUSA REGINA PENA DA SILVA** é jornalista e professora da Universidade Federal de Mato Grosso, campus de Rondonópolis - pena.edileusaregina@gmail.com

SAUDADES ETERNAS SEM CESSAR

Publicado em 29 de março de 2014

Reproduzindo Gonzaguinha ou Nelson Gonçalves: nada poderá retratar com exatidão o que sinto hoje. Pai, você foi e será sempre o meu melhor amigo. Com sua eterna ternura você nos ensinava, sem gritos ou palmadas...

Você sempre foi meu herói, minha referência masculina. Às vezes, fico olhando em cada rosto, procurando o seu tão meigo, tão pacífico e tão inebriante olhar... Prometi que hoje não choraria, mas a dor, mesmo após tantos anos, é grande. Sua presença é muito viva e marcante em nós. Suas meninas se lembram de você todos os dias; Especialmente, sua esposa Rita, a mulher que você mais amou e que dava sua vida por ela... Nunca vi amor tão lindo, tão entregue.

Paizinho, querido, foi e é tão difícil seguir sem você... Lú, nossa eterna menina, nunca mais sorriu depois daquele fatídico dia, há 27 anos. Não quero chorar porque sei que você está em bom lugar. Quero uma festa bem alegre para celebrar o dia de seu nascimento (19.03), quando você completaria 76 anos de vida. Porém, uma máquina, dirigida por um assassino, ceifou sua vida.

Saiba que nada mais foi o mesmo sem você. Vida difícil nós tivemos e ainda lutamos bravamente para preservar seus princípios, sua ética e valores humanos preciosos. E, desde este dia, nossa família ficou sem apoio, sem alegria, sem vida... Morremos com você, mas estamos morrendo aos poucos... Pai, sempre naquela mesa vai ficar faltando você. Que Deus o ilumine poderosamente. E, de lá de cima dá uma forcinha para nós... Amarei você para sempre. Do meu coração, nenhum abutre conseguirá tirar você de mim.

Esta semana sonhei por três vezes com você. Não sei o que significa, mas sei que senti muita paz. Penso que, onde você estiver estará bem, feliz e aprendendo sempre sobre os desígnios da vida. Gostaria de sonhar mais vezes com você e que me falasse como está seu coração, sua paz eterna, a vida lá em outro plano que não entendo...

Pai, amor infinito. Saudações Eternas.

(*) **EDILEUSA REGINA PENA DA SILVA** é professora universitária e jornalista em Rondonópolis – pena.edileusaregina@gmail.com

FELIZ BOM TUDO PARA VOCÊ, ROBERTO BARCELOS

Publicado em 29 de março de 2014

Roberto Barcelos, este nome foi um dos mais proeminentes que descobri quando cheguei em Rondonópolis. Não era simplesmente Roberto Barcelos, mas, um dos melhores fotógrafos de nossa city. E, ainda lembro, que fiz uma extensa matéria relatando seu talento e a exposição sobre os pioneiros e migrantes de Rondonópolis. Hoje, somente por hoje, quero lhe falar da imensa gratidão por ser sua amiga. Por você ter me acolhido no grupo de seus familiares e amigos.

Hoje e para sempre o coloco infinitamente no ranking dos meus melhores amigos e colaboradores. No ranking das pessoas que me ajudaram a crescer e viver nesta cidade, longe de casa, do aconchego da minha família. Não somente por uma reportagem, ou uma foto, mas, por qualquer outro auxílio e apoio em minhas descobertas, escavações, caminhadas, arrancadas, lágrimas, lutas, derrotas, desânimos, vitórias, tentativas, desistências, tristezas e alegrias vividas em Rondonópolis.

Enfim, pelas inúmeras contrações e relaxamentos a que me expus tentando acertar. Entretanto, tudo isso faz parte do processo vital humano e de todo àquele que quer amadurecer e conquistar espaços, títulos, respeito, afetos, amigos, companheiros e, sobretudo, atitude para bem viver e ser feliz, afetando e sendo afetado – porque tudo isso é próprio da vida. É pura excitação! Não importa o adjetivo e, sim, o sentimento que vem do coração, do afeto sensível e agradável, da disponibilidade sem cobranças, do apreço sem exigências nem dúvidas. Tudo pelo simples prazer de fazer o outro feliz, realizado, em paz com a vida, com o mundo e consigo mesmo. Amigo, querido Barcelos, você é uma dessas pessoas que só transmitem paz, amor, serenidade. Feliz aniversário! Da amiga, sempre amiga, Edileusa Pena.

(*) **EDILEUSA REGINA PENA DA SILVA** é professora universitária e jornalista – pena.edileusaregina@gmail.com

O ESTRONDO DO SILÊNCIO

Publicado em 8 de abril de 2014

Tão aqui, mas distante, a perder de vista.
Daqui a pouco, a estupidez do novamente.
Semei a crença na fantasia,
Tudo foi em vão.
O coração adora mandar em mim.
O vazio ancorou do meu lado.
Em breves momentos, perco a fé.
As pessoas são por vezes cruéis.

(*) **EDILEUSA REGINA PENA DA SILVA** é professora Adjunto II,
Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT, Campus de Rondonópolis

EXATIDÃO DA NÉVOA INSULANTE

Publicado em 13 de abril de 2014

Eu, sem você, solidão, saudades e comichão.
Vai, vem e novamente se apossa de mim...
Sem dó, nem de mim tem compaixão.
Mas prefiro a firmeza ao sofrimento.
Sagradas e preciosas eram nossas noites.
Sempre alimentando minha alma.
Renovando-me de graça, beleza e suavidade
Por ora, somente o encantamento do eclipse
E, minha alma cansada e insegura lembra você
Dos nossos doces encontros,
Somente a saudade impera.
Como filha diletta de Iemanjá,
É impossível continuar tal peregrinação
Os largos caminhos da vida clamam por ação
Preciso partir e sair de Rondonópolis,
Apesar de tão decantada, vivo sobrenadante.
Ao largo dos caminhos percorridos,
Sem você, tudo é névoa insulante.

(*) **EDILEUSA REGINA PENA DA SILVA** e jornalista e professora da UFMT em Rondonópolis

FRAGMENTOS DO EU INTERIOR

Publicado em 13 de abril de 2014

Caros leitores: ontem, vivi um dia ímpar ao postar uma reflexão em minha rede social, sobre a provocação filosófica do pensador Fábio de Melo, “E você? Tem amigos, ou utilidade? É amado, ou é útil?”. Nem cheguei a assistir o vídeo, porque o questionamento, por si só, já era extremamente intrigante e clamava por reflexão.

Por esta razão, escrevi que: sou quase sempre utilidade e daquelas de 1,99, a qual as pessoas usam e descartam rapidamente, quando não o é mais conveniente. Visto que, o valor essencial da amizade desinteressada somente vem com o tempo, a chamada sabedoria. Sem muitas pretensões, constatei que tenho bons e verdadeiros amigos, que me amam apesar das minhas inutilidades.

Entretanto, o que me deixa triste é que sempre fui apaixonada por GENTE. E gostaria de ter sido sempre AMIZADE. Porém, o ser humano, com raríssimas exceções, são UTILIDADES e, pior ainda, INUTILIDADES DESCARTÁVEIS.

É fato: durante minhas peregrinações encontrei pessoas útil e amigas, dispostas a me ouvir, a querer estar comigo simplesmente por companhia, por prazer... Assim, seria completamente injusta se não reconhecesse o valor da amizade e o significado das pessoas.

Também incorreria no erro de negar alguns amigos-anjos, que sempre estiveram ao meu lado, por mais difícil que fossem as circunstâncias. Olha, e botem difíceis nisso, não é Patrício Araújo Duarte? Meu compadre de alma, como você sempre me chamou. O amadurecimento permite-me afirmar: sou muito mais útil do que amizade.

Enfim, me considerando utilidade, causei intensa movimentação em uma das redes sociais, mas, por conta do espaço reduzido do jornal não poderei reproduzir todos os belíssimos depoimentos.

Toda esta reviravolta na minha rede social (edileusa pena) foi como uma injeção de ânimo, diante de momento tão delicado vivido por mim, há mais de sete meses e, surpreendente, me senti completamente inútil, especialmente na instituição em que trabalho por mais de doze anos. A inutilidade e o desprezo são provas da mais pura falta de amor ao próximo.

Abro, aqui, um parêntese para não ser injusta com pessoas tão maravilhosas que me têm amado e me tratado com muito carinho e humanidade, mesmo em todo este caos da saúde pública, privada ou conveniada em Rondonópolis.

São eles: primeiro e excepcional médico, de uma competência ilibada, meu querido doutor Wellington Milhomem de Brito; do mesmo centro médico, os doutores Arthur Mello Neto, Arthur Mello Neto e Marcos Pieroni. Também as doces atendedoras: Jenivania Cardoso e Flávia Cristina.

Prosseguindo temos de outra unidade médica: os doutores RinauldLuzzi e Diego de Souza Vacari; minha competente e incrivelmente humana com suas pacientes, a fisioterapeuta Elen Cristiane e a atendente desta clínica Nelci e Vanessa.

E, no Pronto Atendimento Médico, anexo ao prédio da Santa Casa, também me sinto acolhida, em um plantão específico, com amigos dispostos a me ajudar sem medir nenhum esforços.

Neste plantão específico, encontro paz e tratamento humanizado, pela equipe de Jânio (vigilante), da triagem com a querida Eunice; dos atendedoras: Içanã, Débora, do grupo de técnicos de enfermagem e da equipe médica, especialmente o médico Rafael.

Finalizo citando Padre Fábio de Melo: “ser útil pra alguém é uma coisa muito cansativa. É interessante você saber fazer as coisas, mas acredito que a utilidade é um território muito perigoso porque, muitas vezes, a gente acha que o outro gosta da gente, mas não. Ele está interessado naquilo que a gente faz por ele. E é por isso que a velhice é esse tempo em que passa a utilidade e aí fica só o seu significado como pessoa”.

Ou, ainda, questionando: “Se você quiser saber se o outro te ama de verdade é só identificar se ele seria capaz de tolerar a sua inutilidade. Quer saber se você ama alguém? Pergunte a si mesmo: quem nessa vida já pode ficar inútil pra você sem que você sinta o desejo de jogá-lo fora? É assim que descobrimos o significado do amor”.

Então, fica a questão: “E, você, é amizade ou utilidade? É amigo ou útil?”. Bom domingo a todos!

(*) **EDILEUSA REGINA PENA DA SILVA** é jornalista e professora universitária - pena.edileusaregina@hotmail.com

UMA HISTÓRIA PESSOAL

Publicado em 10 de julho de 2014

Por dever e justiça sempre serei grata a esse magnífico JORNAL A TRIBUNA. Por incrível e mais distante que pareçam, nossas vidas, Jornal A TRIBUNA e eu, sempre estivemos entrelaçados. Ora pelas palavras ora pela construção da notícia; ou ainda pela dor da tragédia, pelo ofício e amor ao jornalismo; ou, ainda, pelos laços naturais da nossa querida Bahia!

Explicando melhor: regulamos a mesma faixa etária; meu pai morreu de um triste acidente da mesma forma que o fundador Aroldo Marmo, do Jornal A TRIBUNA; nasci no Nordeste e todos os meus ascendentes. Sou genuinamente soteropolitana (para quem desconhece o termo, significa quem nasce na capital da Bahia).

Porém, como reza a boa lenda, os filhos crescidos precisam sair de suas terras para conquistar espaços, terras, conhecimentos e ganhar dinheiro. Assim eu fiz, bem como, o fundador e proprietários-dirigentes do A TRIBUNA e boa parte de sua tripulação.

Independente da autoria (?) ou da acepção da palavra preciso, a frase imortalizada nos versos de Fernando Pessoa já nos alertava de que Navegar é preciso, viver não é preciso... De certa forma, hoje, esta frase faz algum sentido nesta homenagem que estou prestando a esta instituição que me ensinou o significado da palavra FAMÍLIA. Em uma redação de jornal, geralmente, os seus integrantes se revestem de uma couraça de arrogância e prepotência, justamente por serem denominados de QUARTO PODER.

No meu Jornal A TRIBUNA, mesmo conscientes e totalmente plenos da influência, do poder, da participação ativa socialmente, da interferência na comunidade, na política, na vida de cada cidadão, mesmo sendo ou até apesar de ser o melhor jornal da região Sudeste de Mato Grosso seus dirigentes, administradores, editores, redatores, jornalistas, fotógrafos, diagramadores, pessoal da gráfica, pessoal de apoio, da recepção e os agregados, que nem eu, não ousamos a estufar o peito e espichar o queixo de forma esnobe numa atitude de poderio ou superioridade. Foi exatamente esta atitude de respeito ao próximo e de consciência cidadã

que me fez refém incondicional desta família. E, isso é puro AMOR. Amor ao BELO trabalho que eles desenvolvem com muita dedicação e empenho todos os dias.

Voltando a Fernando Pessoa, navegar é preciso, no sentido de desbravar o mundo descobrir novos caminhos, novas oportunidades que muitas vezes em nossa terra natal não nos é permitido. E aí se funde mais uma coincidência da família A TRIBUNA e Edileusa Pena: percorremos oceanos, mares, terras, estradas, caminhos, turbulências, nos permitindo as transitoriedades da vida, nos tornando migrantes, para crescer, virar gente grande. Agora ponto parágrafo, pois, o A TRIBUNA agigantou-se e eu, pobre mortal, ainda enfrento meus medos, meus monstros e procuro juntar meus entulhos internos para decanta-los e, a partir, do reencantamento conseguir reconstruir-me.

Foi, assim, que, em 2002, aportei em Rondonópolis na esperança de construir uma carreira acadêmica no Campus de Rondonópolis da Universidade Federal de Mato Grosso, justamente, porque, nós, jornalistas, sabemos que o ofício de jornalismo é ingrato e difícil. Portanto, na mala pouca bagagem e muita coragem. No campus da Federal mato-grossense a realização da docência e na redação do A TRIBUNA o acolhimento pujante à minha alma de jornalista.

Ao meu Jornal A TRIBUNA neste momento de comemorações minha eterna gratidão por tudo vivido, por todo aprendizado, por cada conquista, especialmente dos eternos amigos inumeráveis e extremamente solidários, não é mesmo Orlando Sabka?; dos vínculos eternamente fortalecidos, enfim, estamos para sempre entrelaçados pelo amor ao jornalismo, à vida humana e à beleza dos fatos, das coisas, das notícias e de tudo que apetece aos olhos vibrantes e sempre atentos de um jornalista.

Do A TRIBUNA sou página pequena, apenas uma citação, mas, por demais grata. Entretanto, o inverso é gigante, manchete em letras garrafais. Parabéns, ao meu A TRIBUNA pelos seus 44 anos. E que venha mais Glórias!!!

(*) **EDILEUSA REGINA PENA DA SILVA** é professora doutora do Campus de Rondonópolis da UFMT do curso de Biblioteconomia, mas sempre será seu ofício o jornalismo... pena.edileusaregina@gmail.com

BRASIL: UM PAÍS DE CHUTEIRAS, FUTEBOL E CARNAVAL

Publicado em 3 de julho de 2014

Não sou nenhuma expert em futebol, mas desde a Faculdade de Comunicação na Universidade Federal da Paraíba, em João Pessoa, que meu sonho era ser comentarista. Enfim, a vida foi levando-me por outros caminhos. Entretanto, o gosto futebolístico nunca perdi. Inclusive sou meio fanática. Costumo dizer que torço até para joguinho de futebol nos campinhos de barro, – a típica pelada -. Ou como diz na minha terra, a Bahia, um bom BABA...

Também e apesar de todos os dissabores e discordâncias sou brasileira com muito orgulho. Jamais deixarei de torcer pelo Brasil, mesmo jogando mal, para ser de outro país. Por esta razão, o último jogo das oitavas de final, me deixou profundamente irritada. Paixão e futebol são sentimentos profundos e arraigados em mim. Primeiro e excepcionalmente por conta do meu Flamengo e de Zico.

Lembro muito passageiramente da Copa de 1986, ano em que meu pai morreu e a última competição deste nível que assisti ao lado dele. Este, meu pai, o maior incentivador e responsável por meu amor ao futebol e ao Flamengo. Talvez por ser menina, quando as coisas fixam melhor em nossa memória, não lembro bem de tudo da Copa daquele ano, mas marcantemente ficou a garra e amor do jogador pela pátria de chuteira.

Também sempre vemos clipes e vídeos do futebol brasileiro nos anos de 1960, 1970 e 1980 e em todos eles o que fica bem nítido é a força de vontade para jogar e ganhar. Foram estas equipes que nos deram os três primeiros campeonatos.

Finalmente, em 1970, chegamos ao Tricampeonato. Depois, nos anos de 1990 e 2000 já começamos a enxergar uma nova equipe brasileira com um novo estilo de jogar. Perdoem-me, mas estava nítido ali, até por conta da conjuntura política, econômica, social de um mundo que já vivia a efervescência do capitalismo selvagem e, nos dias hodiernos, como mais força o egocentrismo exacerbado.

Agora, meus leitores, me perguntam: – O que tudo isso tem a ver com a Copa do Mundo de 2014. Para mim, tudo e explico: o Brasil, os jogadores e, especialmente, os torcedores percebem nitidamente que o

dinheiro está sempre em primeiro lugar. Jogadores oriundos de origem menos favorecidas economicamente se veem de uma hora para outra administrando fortunas em suas contas bancárias, então, para que se esforçar, dar tudo de si em um jogo do Brasil.

O Brasil já é PENTA, talvez, eles ainda se questionem qual a importância de ser Hexa? Desculpem mais uma vez, foi esta impressão que tive no jogo das oitavas, o que me deixou muito triste e desanimada com nossos jogadores tão aclamados e bem pagos. Isso é inacreditável e triste porque, uma das poucas alegrias do povo brasileiro – o futebol, sempre foi feito à base de raça, talento e show de bola.

Nós, nunca precisamos de juízes para apitar de forma enganosa (para não dizer vergonhosa) a favor do Brasil. Sou brasileira. Amo Futebol. Mas, antes de qualquer coisa acredito e insisto na força política do povo brasileiro de mudar a história quantas vezes forem necessárias... Sou brasileira com muito orgulho, independente e apesar de qualquer coisa.

Nada abala este meu sentimento cívico, mas gostaria muito de ver os nossos pentacampeões em campo suando a camisa, mostrando habilidade, técnica, garra e muita vontade de ganhar o jogo. Gente, o mundo mudou em todas as esferas, especialmente no esporte. Não somos mais o único povo habilitado a jogar futebol ou qualquer outro esporte. Minha experiência futebolística diz que o Brasil, este que estamos vendo em campo, não merece um Hexacampeonato.

Mas, como brasileira, vou continuar torcendo para ver o Brasil ao menos jogar bola com decência e respeito ao povo brasileiro de muitas lutas, labutas e sofrimentos. Vai Brasil, pátria amada gentil, mostra força, disposição e vontade de jogar.

(*) **EDILEUSA REGINA PENA DA SILVA** é jornalista, flamenguista e orgulho de ser brasileira em qualquer situação.

NEYMAR JR: JUVENTUDE E FUTEBOL

Publicado em 6 de julho de 2014

Fiquei com imensas dúvidas sobre o título, pois, 'Isso é Brasil!'. Seria uma opção instigante. Especialmente na efervescência do jogo, nós, torcedores, nunca esperamos que um encontrão ou uma empurrão mais maldoso e criminoso seja, de fato, algo muito sério, chegando até acabar com a carreira de um jogador. Depois, de toda caloria do jogo, novamente vem à mente a mordida do artilheiro Luiz Suárez e a punição tão severa da Fifa.

Entretanto, um maldoso e mal intencionado jogador da Colômbia, defendendo furiosamente as cores amarela, azul e vermelha do país dele, o fez cometer ato tão intempestivo e incrivelmente não recebeu nem o cartão amarelo. Realmente, a arbitragem da Copa de 2014 tem se mostrado uma decepção. Uma das piores de todos os tempos.

Espero, sinceramente, que Neymar Jr e sua juventude consigam recuperar-se. Toda a torcida brasileira anseia por isso. Embora, eu mesma, que há anos sofro com sérios problemas na coluna, sei que será muito difícil esta recuperação (mas você tem os melhores médicos à sua disposição).

A pior recuperação, indiscutivelmente, será a desportiva, aquela de não poder entrar em campo, suar a camisa e deixar sua marca registrada, carimbada no gol do time adversário. Contamos com sua juventude, raça e alegria... Menino Neymar, vá em frente! Também espero que o Brasil, no melhor dos seus jogos, até aqui, continue resgatando a nossa descrença, redimindo os sofridos brasileiros do desencanto a cada partida rumo ao hexa. Exorcizando a maldade, imprudência e deslealdade dos adversários... Lamentáveis cenas como essa ocorrida no jogo das quartas de final de uma competição mundial.

Sinto muito pelo Neymar, mas o Brasil tem outros jogadores de excelente qualidade e que podem dar o melhor de si... Não gosto desta forma de pedirem aos outros jogadores para tentar serem Neymar Jr. Penso que cada um tem seu talento. Força Neymar Jr! Mas temos David Luiz, Ramires, Maicon, Fernandinho, um time inteiro para ir avante à competição...

Embora, sinceramente, não veja razões para comemarmos mais uma vitória do Brasil, em meio a tantas desgraças, mentiras, violências, arrogâncias e impertinências de nossos políticos em continuar acreditando (e nós deixando...) em cada impropério proclamado em nome da honra, da justiça social e da democracia brasileira que nunca chega algo tão cultuado como um dia de sol e céu azul de sinfonia.

Aos colombianos, meu respeito, especialmente à minha aluna Diana Montes, a quem temos muito orgulho em acolher, aqui, em Rondonópolis, no curso de Biblioteconomia. Seria muito bom se ela pudesse ter esse exemplo de hospitalidade e cordialidade em todos os momentos da Copa 2014, no Brasil. Infelizmente, não foi somente isso que tivemos.

Hasta luego, colombianos e espero que tenham aprendido a jogar bola com seriedade e respeito ao adversário. As quatro linhas do campo não são um ringue ou um campo de guerra, no sentido mais horrível desta palavra...

Uma competição como a Copa do Mundo, os campeonatos sul-americanos, as Olimpíadas deveriam servir para unir os povos, a rivalidade seria apenas em campo, mas com muita parcimônia. Infelizmente, são competições em que há muita coisa em jogo, especialmente dinheiro, poder, fama, acordos multilaterais à revelia dos torcedores...

Triste, muito triste, principalmente porque muitos dos torcedores nem imaginam ou não querem pensar no lado negro da competição, como um recém-construído viaduto em Belo Horizonte desabar e, por um milagre divino, evitar uma tragédia muito maior do que a morte de duas pessoas.

Por que será que o viaduto recém-construído desabou? Por quais razões alguns juízes fizeram vistas grossas para lances tão perigosos, enquanto puniam jogadores que nem cometeram faltas? Enfim, são questões complexas, melhor evitar polêmicas, pois, já tenho muitas pessoais, trabalhistas e de saúde para driblar com coragem, diplomacia e elegância...

Há muito venho lutando para não me desiludir completamente com os meus semelhantes, pois, ao longo de minha caminhada experimentei, por diversas vezes, o lado bom e o mal da vida. Dias em que a

impiedade e a falta de compaixão são terríveis e em outros, quando alguém chega até você e tão solidariamente mostra o valor inigualável em acreditar no outro e a importância de continuar sonhando, vivendo e amando, independente de qualquer coisa...

Remetendo-me a Heráclito: a presença de um lado mal por mais esquisito e amargo que pareça se mostra como a outra metade e de inevitável importância para que seja mantido o aprendizado humano. Eles são, de fato, vitais para a existência do indivíduo em sua escalada terrena.

Apesar de constatações históricas, como a do nosso maior Mestre (Jesus Cristo), que se viu tentado pelo mal e/ou pela mentira, mas impávido não se deixou influenciar pelas tentações, consagrando-se indiscutivelmente o maior exemplo de amor, de justiça, de lealdade, de retidão de caráter para a humanidade há mais de dois mil anos. Talvez, por esta razão, me sinto perplexa em admitir alguma importância ao mal ou a mentira, mas independente de nossa vontade estes adjetivos fazem parte da história e da construção da humanidade.

Este texto fez-me lembrar de um grande e sábio amigo que valorizava com tanto sentimento, leveza e alegria a minha amizade, que, por algumas vezes, me fez sentir gente grande e importante para o mundo. Amigo que jamais esquecerei e que sua sabedoria e experiência de vida me faz muita falta. Falo de Wilson Lemos, um dos meus melhores amigos, um presente que a vida me deu, mas que partiu tão cedo deste mundo, deixando a solidão. Sentimento ou sensação já tão constante em minha vida, quase como predestinação. Para matar a saudade, repito em versos suas palavras, que sirvam de exemplo aos competidores mais afoitos:

“Hás de chegar, de manso e bem de leve,
Para habitar, por um instante apenas,
A eternidade do meu sonho breve...
Eu te receberei com o Cântico dos Cânticos
E todos os pássaros do mundo
Anunciarão o teu aparecimento.
Com a neblina das minhas madrugadas
Tecerei o teu vestido de noiva...
E antes que o céu receba a luz da aurora,
O teu olhar salpicarei de estrelas
E teus cabelos pintarei da cor do vento”.

São amizades como a de Wilson Lemos, que nos chegam como presentes dos deuses, espontâneas e sinceras. Calmamente nos acordam para a beleza da vida e a união dos povos, independente de raça, continente ou torcida. Também nos ajudam a enfrentar as horas difíceis, que mais parecem paredões ou muro das lamentações. Horas em que somente um colo ou um abraço amigo poderá aplacar a solidão e a tristeza do viver cansativo e desolador. Esse precioso sentimento de amizade me enriquece muito como ser humano e me faz sentir especial, quando na verdade, sei que não passo de um ínfimo grão de areia.

Alguns amigos-anjos que cruzaram e ainda cruzam o meu caminho me faz acreditar que somente a amizade sincera, pueril e terna nos faz crescer e ter coragem para enfrentar os problemas que nunca cessam de aparecer. Amizade como “poema azul do meu entardecer”. Pra frente Brasil! Força Neymar!

(*) **EDILEUSA REGINA PENA DA SILVA** é jornalista, flamenguista e orgulho de ser brasileira em qualquer situação

VEXAME NACIONAL PADRÃO FIFA

Publicado em 10 de julho de 2014

Continuo totalmente perplexa e sem reação... Sabíamos que o Brasil não tinha time para competir com outros campeões mundiais, mas de Hexa ao Hepta foi vergonhoso, humilhante e todos os adjetivos negativos... Isso não é uma questão de saber ganhar ou perder é muito mais do que isso...

Vou me despir da minha condição de jornalista e, a partir de algumas linhas, vou ser apenas torcedora... Não aceito as desculpas de Felipão e de nenhum jogador. Eles ganham e vão ganhar, mesmo com a derrota, rios de dinheiro em cima da nossa humilhação nacional, perplexidade e inconformismos.

Que o futebol seja o exemplo de como não podemos ser na vida, no trabalho e em sociedade; ética, respeito, empenho e trabalho era tudo que esperávamos deles. Espero que os craques do vexame aprendam a não subestimar o adversário; nem se entregarem à derrota e ao negativismo, o que vai leva-los a um estresse maior e conseqüentemente a uma depressão.

Mais do que irritada com a seleção, estou indignada com estes programas televisivos, com apresentadores metidos a jornalistas, que também ganham uma fortuna, e se acham no direito de recomendar atitudes e comportamentos completamente alheios às condições do povo brasileiro. Este povo que ganha mal, que é maltratado em todos os seus direitos básicos de saúde, educação, habitação, diversão, em um complexo que compreende Vida Saudável.

Agora vou voltar a minha posição de jornalista/comentarista esportiva (que foi um sonho que não vingou...), desde os primeiros jogos, nós, humildes torcedores vimos um time apático, uma seleção apagada que em momento algum representou o povo brasileiro, exceto para aqueles que ganham para torcer, ganham para jogar, ganham para simplesmente em noventa minutos, de um único dia na semana, mostrar raça, garra, técnica, vontade de ganhar, demonstrar com as chuteiras, à proclamada Pátria de Chuteiras, respeito e lealdade ao povo brasileiro. Bastava apenas marcar gols, simples assim para a seleção pentacampeã do mundo.

Os jogadores somente precisavam jogar. E, o técnico Luiz Felipe Scolari apenas deveria se restringir a comandar e treinar os jogadores. Utilizar

suas convicções para melhorar, mudar, movimentar os jogadores quando tomou o primeiro gol, desde o primeiro jogo. Patrício Duarte, meu irmão e compadre de alma, você tem toda razão: “Eles simplesmente não fizeram o dever de casa”, aliás, não tinha dever de casa, porque o técnico estava preocupado com os muitos contratos publicitários altamente onerosos e em escolher a música que o povo brasileiro/torcedor deveria cantar... Ah! Poupem-me, me esqueçam... Amo futebol, mas não sou idiota.

Tentei torcer pelo Brasil, mas em todos os jogos estava nítida a deficiência técnica e a inabilidade dos jogadores com a bola, principal ferramenta do trabalho deles. O jogo do Chile foi outro prenúncio deste apagão e assistindo a partida Brasil e Chile na casa dos amigos Carmen e Manoel Campos, foi visível o apagão, quando Neymar sozinho na grande área ficou com a bola nos pés sem saber o que fazer.

Também comentei em minhas redes sociais, que esta Copa de 2014, não era para ser redenção de Júlio César pelo frango e péssima atuação em 2010. Também não podemos pensar em um jogo coletivo arriscando todas as fichas em um único jogador (Neymar Jr.)

Vergonhoso! Tomara que agora o país deixe de ser a Pátria de Chuteiras para ser a Pátria do Conhecimento; da Educação; da Civilidade Humana; da Igualdade e do Respeito ao Povo Brasileiro.

Como bem expressou Alexandre Gusmão, após a vergonhosa derrota do time do Brasil e consequentes tentativas de denegrir a imagem do brasileiro: “Há muito tempo trilho o caminho do trabalho, do estudo, de trabalhar muito para ganhar meu dinheiro, de ser honesto, de pagar meus impostos, educar meus filhos para o bem e me esforçar em construir um Brasil melhor. Para finalizar, este jogo do Brasil com a Alemanha não me deu nenhuma lição de moral. Porque eu não estava e nem estou iludido com Copa. Não precisei da Copa nem desse jogo para ser honesto e trabalhador, porque isso eu já sou e aprendi com meu pai e minha mãe”.

Queridos leitores estou muito triste, por incrível que pareça, anteontem, na hora do jogo, também tive um apagão, porque sentia muita dor de cabeça, tomei uma medicação prescrita pelo médico e fui dormir. Quando acordei o jogo já havia terminado e estava passando na televisão a declaração de Felipão.

Antes, porém, de ir me deitar, recebi uma visita encantadora de Sônia, da Imobiliária Batista, que me trazia um lindo presente, o livro “O

Menino de Ouro”, do escritor e maestro da Orquestra Viola Divina, Pedro Barbosa, com uma bela dedicatória: “À jovem Profa. e Escritora Edileusa Pena c/abraço e gratidão do autor. Pedro Barbosa”. Em seu livro, no verso da primeira página, abaixo dos agradecimentos, tem uma pertinente recomendação muito apropriada para este momento de angústia e decepção que o Brasil vive: “Caro aluno: Troque sua bola por um livro e faça um lindo Gol de letra”. Obrigada, minha querida amiga Sônia e meu grande amigo Pedro Barbosa, de quem sou fã incondicional. Isso sim é Brasil! Estas atitudes, sim, devem ser cultuadas...

Paradoxalmente, na hora em que o Brasil passava aquele vexame mundial, meu tio Doga era enterrado, em Lustosa, cidade da Bahia. Fica a saudade de meu tio. E do jogo? Fico com a reflexão sábia de Alexandre Gusmão, um irmão que a vida me deu. Esta seleção não nos deixa legado nenhum, ou deixa: que está tudo errado. Muita gente jovem ganhando quantias desproporcionais para a realidade do povo brasileiro e sem conseguir realizar suas principais funções, para as quais são gigantescamente bem pagos.

Já pensou se eu com o mísero salário de professora-doutora que ganho, defasado e sem reajuste há mais de doze anos, entrasse na sala de aula e me desse um apagão? Já pensou se o pobre coitado do motorista de ônibus que acorda às quatro da manhã e tem a árdua responsabilidade de carregar centenas de vida, em momentos importantes de decisão no trânsito, tivesse apagões seguidos de apagões?

Pior ainda: já pensou se o médico, que está fazendo uma cirurgia em você, tivesse um apagão bem hora de realizar o corte em seu abdômen com um bisturi para lá de amolado? Então, chega de colocar panos quentes ou dourar a pílula dos coitadinhos da seleção, com suas contas bancárias gordas, suas despesas mensais pagas em dia para não ter que ser despertado com um credor importuno às sete da matina.

Vamos nos concentrar e torcer pelo que importa: Educação, Respeito, Igualdade Social e Desenvolvimento Global do Ser Humano. Pra frente Brasil, porque somos mais do que o “país de chuteiras”; ou “a Copa das Copas”! Somos Brasileiros, gigantes por natureza no servir a pátria amada gentil. Amém!

(*) **EDILEUSA REGINA PENA DA SILVA** brasileira, jornalista, professora-doutora da UFMT campus de Rondonópolis – pena.edileusaregina@gmail.com

ADEUS A CAROLINO AUER DE PAULA

Publicado em 11 de julho de 2014

Carolino Auer de Paula, um encantador senhor de 85 anos de idade é o pai de minha querida Nair Gusmão. Seu Carolino lutou bravamente a vida inteira por tudo: para criar os filhos; para que eles tivessem uma boa educação; para que eles fossem felizes; para ele próprio ser feliz com as coisas simples da vida. E, por fim, estava lutando pela vida bravamente e acreditava que venceria o câncer e quem sabe chegaria aos cem anos?

Mas, infelizmente, no final da tarde, do dia 6 de julho de 2014, portanto há pouco mais de um mês sua luta, aqui, na terra, fora concluída com muito êxito deixando um belo e precioso legado para seus filhos, amigos, agregados (igual a mim) um belo exemplo de vida: nunca desanimar diante dos obstáculos da vida. O coqueiro balança, mas não cai, porque sabe se curvar diante das tempestades...

Minha querida “cunhada” Nair. Mulher guerreira, batalhadora, exemplo de fortaleza, de superação, possa ser que alguns irão me criticar, talvez você mesma, em relação ao meu pensamento sobre a morte e por não concordar integralmente com Santo Agostinho. Enfim, mas nem se preocupe, porque minha “cunhada” querida, presente que a vida me deu, diante de tantas turbulências, uma crítica aqui, outra ali, vamos relevando. Voltando à reflexão sobre a morte a partir de Santo Agostinho, discordo quando ele diz que a morte não é nada ou apenas uma simples passagem de uma dimensão à outra da vida humana. Para mim, não é. Ao menos nunca tive esta facilidade de concebê-la ou percebê-la assim e sei que muita gente pensa e sente como eu. Mas sei minha ‘cunhada’ de sua maturidade e de sua firmeza-resistência em driblar as adversidades. Você é uma das pessoas mais nobres e maduras que conheço nessa vida, sempre pronta a me acolher e com retidão de caráter a me orientar sobre as intempéries da vida.

Foi muito difícil e triste para todos nós saber que você não conseguiu embarcar no voo para o Espírito Santo. Primeiro, por causa do acidente nesta terrível ‘Rodovia da Morte’ que causou um engarrafamento quilométrico e mais vítimas desta estrada. Depois, mesmo chegando a tempo no aeroporto, com a aeronave no solo, a companhia aérea não

respeitou sua dor nem seu luto e insensivelmente lhe fechou as portas, não lhe permitindo se despedir-se de seu paizinho. Mas você suportou tudo isso com muita serenidade.

Naquele momento, sabendo que você estava no meio de um engarrafamento, em uma estrada que não lhe levava a lugar algum, somente em companhia do nosso amigo Santiago, sem seus filhotes, seu o seu amado Alexandre Gusmão, meu coração doeu tanto. Como, naquele momento, queria poder meteletransportar para, estar ao seu lado, segurando sua mão. Simplesmente para você saber que sou presente em sua vida nos bons, alegres, tristes ou divertidos momentos. Este primeiro mês de luto e de ausência de seu paizinho você reafirmou para mim com suas atitudes nobres ser uma mulher de fibra, alma gigante, imensa sabedoria e elegante serenidade.

Reconheço que sentirá muito a partida de seu paizinho. Porém, vai deixá-lo seguir nesta nova passagem com muita paz e tranquilidade. Até porque, você e seus irmãos puderam aproveitar cada cabelo branco de seu velhinho; amaram e foram amados intensamente por ele; cuidaram dele e fizeram tudo que puderam, mesmo reconhecendo a idade avançada dele, para que vivesse com dignidade até o último suspiro. Disso, sou testemunha.

Minha cunhada, saiba que sou sua fã, estou do seu lado, nós seguiremos em frente, seu paizinho também, mas em outra dimensão e a vida continuará seu curso natural. Meu amor, minha prece e meu colo para você. Mainha e Lu também estão solidárias com sua dor neste momento tão difícil.

Mas, me rendendo a Santo Agostinho de quem sou fiel admiradora vou gritar um BRAVO, bem caloroso para Seu Carolino e um até qualquer dia... Vai em paz Seu Carolino e com muita tranquilidade, consciente de que cumpriu sua missão aqui na terra. Amém!

(*) **EDILEUSA REGINA PENA DA SILVA** é jornalista e professora-doutora da UFMT, em Rondonópolis. pena.edileusaregina@gmail.com.

SOBRE DESABAFO EMOCIONANTE DO AMIGO ORLANDO SABKA

Publicado em 10 de agosto de 2014

Fiquei impactada com tantas partidas/mortes sem justificativas de pessoas que amava, admirava e que construíram meu saber, aprofundaram meu conhecimento e me ensinaram o sabor do saber ao prazer das letras e do som das palavras. Oh! Amigo, Orlando Sabka, sua dor é minha dor, apesar de não conhecer senhor Dorgival, mas seu texto foi de uma poesia e encantamento, recheado de ternura e gratidão, que é difícil ficar indiferente a tanta dor sentida com emoção e sinceridade.

Isso prova o valor da amizade que muitas vezes é bem maior do que os vínculos familiares, nos impostos ao nascer. Amigo, ando tão triste e desanimada com tantas coisas, especialmente com a morte de três grandes mestres da literatura num espaço de quinze, vinte dias sei lá... Às vezes penso que meu coração não vai aguentar tanta dor...

Na sexta, falei com você e sua voz embargada deixou meu dia triste, muito triste, especialmente por saber que você também está doente. Mas, amigo, sei que a partida e a morte são derivadas de dor e saudades eternas, nunca passa a vontade de ter aquela pessoa perto de nós, do convívio saudável, do churrasco ou da peixada ao final de semana. Muito menos do ombro amigo, das conversas complexas embaladas ao som de música suave.

Não sei se te conforta, porque tem horas que nada nos faz sentido, mas senhor Dorgival, homem de fibra, decente e que soube semear a boa semente durante sua existência na terra, teve o privilégio de viver amplamente sua vida durante oitenta anos, cumpriu com maestria sua missão. Fez a lição corretamente, foi um homem digno, respeitador... Ensinou o amor aos filhos, netos e agregados.

Tudo isso fica claro em seu texto: foi um homem de amor. Certamente, meu amigo, Sabka, ele encontrará uma linda morada no céu. Neste momento, ele está seguindo o caminho da luz. Que lindo viver 80 anos com tanta sabedoria e parcimônia, cumprindo os mandamentos da lei divina. Sendo um homem reto, comprometido com a verdade e com as coisas simples da vida. Neste momento somente posso dizer: Vai em paz, senhor Dorgival.

É, amigo Sabka, posso dimensionar sua dor, sei que será difícil superar, mas com o tempo vamos acomodando-a em um cantinho especial do nosso coração. Não tenho oitenta anos nem sei se terei o privilégio de chegar até lá, porque essa virtude é para poucos homens de fé e de retidão. Portanto, receba meu abraço bem apertado de coração para coração.

Estou aqui, sempre ausente fisicamente, mas presente em sua vida e de nossa querida Teresinha, porque vocês sempre me ensinaram o sentido do amor e da amizade verdadeira. Também não vou lhe prometer uma visita, neste momento. Mas, receba meu carinho, minha prece e meu colo virtual. Amo você e sei que tirará mais esta trama do destino de letra. Em um belo gol de placa.

Interpretando Ariano Suassuna, paraibano arretado que me ensinou tanto com seus textos, palavras e aulas-espetáculo. Dorgival morreu, cumpriu sua sentença, viveu ricamente cada momento dessa vida terrena recheada de tropeços. A morte é a única coisa inevitável e que tem dia e hora marcada pelo nosso Deus Todo Poderoso. “Tenho duas armas para lutar contra o desespero, a tristeza e até a morte: o riso a cavalo e o galope do sonho. É com isso que enfrento essa dura e fascinante tarefa de viver”, palavras do nosso mestre da Literatura, Ariano Suassuna, em memória.

(*) **EDILEUSA REGINA PENA DA SILVA** - é professora doutora da UFMT. Na sala de aula pode saber muita coisa, mas da vida ainda sabe tão pouco. pena.edileusaregina@gmail.com

RECADO PARA MEU PAI

Publicado em 12 de agosto de 2014

Ao terceiro sinal,
É hora de dizer obrigada.
Entre giros e inspirações,
O escolhido - José Alves da Silva
Difícil traduzir a palavra PAI.
Reflexo da imagem interior.
De dentro para fora,
De fora para dentro,
O maior em lembrança.
Amor demais
Saudade demais,
Confuso o bastante.
O contraditório flutua,
Em datas como as de hoje.
O pai que me cercava,
Era feito de sorrisos e muito humor.
Aqui dentro, para toda vida.

(* **EDILEUSA REGINA PENA DA SILVA** é professora da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), campus de Rondonópolis

EU E A LUA

Publicado em 11 de setembro de 2014

Foi possível observar, das sacadas de alguns apartamentos em Rondonópolis, a mais linda, iluminada e gigante lua cheia deste ano. O fenômeno conhecido por Super Lua ou Lua Moon trata-se quando este satélite natural atinge seu estágio mais iluminado e chega até o ponto mais próximo do planeta Terra.

Neste fenômeno, a Super Lua aparece bem maior do que é possível observar nos noites habituais de lua cheia daqui da Terra. Também a lua cheia fica, neste caso, 30% mais iluminada.

Quem não viu, infelizmente anteontem, dia 9 de setembro, foi o último dia de aparição da Lua Gigante este ano. Entre os astrônomos, o fenômeno é conhecido como “Lua cheia no perigeu”, que é o nome que se dá a essa aproximação.

Ao atingir o perigeu, ela fica a aproximadamente 360 mil km de distância da Terra. De acordo com o Observatório Nacional, esse fenômeno acontece cerca de seis vezes por ano.

(*) **EDILEUSA REGINA PENA DA SILVA** é jornalista e professora doutora da UFMT, campus de Rondonópolis - pena.edileusaregina@gmail.com

NOS BRAÇOS DIVINOS E CELESTIAIS

Publicado em 9 de setembro de 2014

Este fim de semana estava completamente inerte, alheia a tudo que passava à minha volta. Dentro de mim, um vazio tremendo. Perdida e insone em meio às desilusões, tristezas e desânimo. Entretanto, algo divino me consolava, me amparava como em todos os momentos de minha vida, ao longo da minha existência. E, esta força gigante só poderá ser nomeada de Deus.

Sinto a presença de Deus fortemente dentro de mim. Ele me envolve em teus braços mesmo quando sinto que não sou merecedora. Nas horas que a solidão se agiganta e penso não ter ninguém e nada, Ele divinamente me convence que seu amor por mim é incondicional, sem medidas nem distancias. É algo tão sublime e tão maravilhoso que não consigo expor em simples palavras. Mesmo inerte absurdamente quieta. Nem pensamento transitava em meu cérebro consegui perceber, sem muito esforço a presença viva de Deus dentro de mim.

Hoje, mais do que em qualquer era ou estação, consigo falar claramente, convicta de que esta imensa luz dentro de mim, este conforto e amparo gigante, esta voz estrondosa que teima, insistem em afirmar que tudo vai ficar bem, somente tem um único nome para me tranquilizar nessas horas de vazio absoluto: o nome é Jesus, Majestoso Deus.

Caros leitores, tudo isso, agora balizado pela maturidade de algumas décadas vividas dá-me a certeza de que Deus sempre esteve no comando de minha vida, mesmo quando eu não entendia, não merecia ou não escutava. Ou, ainda, quando o mundo me excluía do centro; e as pessoas somente atentas às futilidades materiais da sociedade econômica alheia ao mais precioso de cada ser humano: os sentimentos divinos. Mesmo que a família esteja longe. Apesar da traição de amigos. Quando tudo parece fora de lugar. Ou o dia fica cinza. Deus vem e lhe estende a mão. Ele lhe carrega no colo porque você está tão cansada que nem tem forças para seguir andando.

Não podemos fingir que esta força Divina que te faz recolher os resquícios de energia vital, respirar profundamente e arrancar do útero forças imperceptíveis para continuar a luta constante no cotidiano da Vida. Fica em tão a reflexão para este início de semana e de mais um semestre no Campus de Rondonópolis da federal mato-grossense: - Só a verdade resplandece!

Aí vocês me perguntam: Mas que verdade se não existe Verdade Absoluta? A verdade de cada um. Aquilo que lhe é mais precioso e caro. No mais, lutem desesperadamente para serem felizes de verdade. Se me permitem: Somente nos braços de Deus estamos e somos felizes, pois, neste caso a Felicidade é uma decisão sinequa non. Ela é e pronto. Que assim seja! Amém!

(*) **EDILEUSA REGINA PENA DA SILVA** é jornalista, relações públicas, professora-doutora da UFMT do curso de Biblioteconomia. Vive o conhecimento científico em todas as suas modalidades, o que não a impede de ser temente a Deus por uma decisão pessoal

TUDO A VER: EU E VOCÊ

Publicado em 30 de setembro de 2014

Nossas emoções emanam da intimidade mais secreta
Os gestos, o toque e as expressões sensórias
Nada pode ser definido em simples palavras
O viver e o estar juntos colorem nossas fantasias
Tudo se passa no instante que somos um
No instante que nossos corpos se fundem
Lá fora, nada existe, nada faz sentido
Por alguns instantes uma paz infinita
O mundo é somente eu e você.

(*) **EDILEUSA REGINA PENA DA SILVA**, professora adjunto II, Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT Campus de Rondonópolis

SOBRE ELEIÇÕES E BIOMETRIA

Publicado em 7 de outubro de 2014

A novidade deste ano para as eleições a deputado estadual e federal, governadores, senadores e presidente foi a biometria. Tal procedimento foi implantado para favorecer a lisura das eleições e também para acelerar o procedimento de votação.

De acordo com o Tribunal Superior Eleitoral, denominado de “Tribunal da Democracia”, o sistema eletrônico de votação adotado no Brasil é referência mundial. E, segundo dados do TSE, de abril de 2013, o eleitorado brasileiro gira em torno de 141,4 milhões de pessoas.

Dito isto, vamos à realidade dos fatos, Rondonópolis tem cerca de 140 mil eleitores. Portanto, todos os eleitores que foram às urnas exercerem seus direitos de cidadãos depararam-se com imensas filas e muita demora para digitar na urna sua vontade de eleitor.

O problema todo foi que as urnas funcionavam, mas a burocracia de identificação dos eleitores, por meio da biometria, não funcionou e causou um verdadeiro caos nos colégios eleitorais. Então, resolvemos investigar as causas da ineficiência de um sistema tão moderno e de referência mundial.

Entretanto, a única explicação plausível para alguns mesários, responsáveis pela identificação do eleitor, foi que a culpa é dos pedreiros, dos professores e de quem tem mão fina. Os primeiros porque trabalham com cimento e outros elementos que engrossam a mão. Já, os professores porque trabalham com giz, visto que, as escolas e universidades brasileiras estão sucateadas. Enquanto, no mundo inteiro já se trabalha com lousa digital, prancheta digital ou mesa interativa o professor, de qualquer esfera educacional, ainda tem que conviver com o tóxico giz e não recebe insalubridade por este uso inadequado e tão prejudicial à saúde. Outro fator, no mínimo equivocado, é o fato de que tem mãos finas também ser acusado de atrapalhar o aceleração das eleições em pleno século XXI.

Esse é o nosso Brasil. Ainda dá tempo votar e fazer o melhor para o Brasil. Que país é esse chamado Brasil que nada funciona? Em tempos pós-modernos de altas tecnologias, na hora de votar a biometria não

funciona e causa o maior caos para os eleitores que estiveram que esperar várias horas em filas intermináveis.

Gente, como são difíceis as coisas em nosso país. Com a biometria, que para implantação deve-se ter gastado uma fortuna (a esfera pública), o sistema de votação ficou muito mais lento do que o de anos anteriores.

Uma das alegações dos mesários, é que o problema/culpa deve-se às mãos de pedreiros (porque trabalham com massa de cimento), bem como, a de professores (porque trabalham com giz). No frigar dos ovos, a biometria não funcionava para ninguém e a fila só aumentava, em um calor insuportável.

Fiquei petrificada a me questionar: – Será que no Brasil só temos pedreiros e professores? E, por que será que no mundo da tecnologia professores ainda tem que se submeterem a trabalhar com giz (como é o meu caso e em uma IFES – Instituição Federal de Ensino Superior)? Onde estão as novas tecnologias de comunicação e de informação à mostra em qualquer programa de TV.

Com uma sensação ruim, porque professor não tem direito nem a um tablet e com o salário de fome que está recebendo, mal dá para a cesta básica que dirás para comprar tablet, mas os alunos têm todos os aparatos tecnológicos modernos para ficar, em meio às aulas batendo papo nos tais WhatsApp da vida, coisa que me recuso a usar, até porque meu telefone é ainda do século passado (nem sei como o bichinho ainda funciona).

Se para o professor está difícil, fico a imaginar para os pedreiros. Aliás, acho que eles estão ganhando bem melhor que professores, talvez isso explique ter tanto pedreiro votando.

(*) **EDILEUSA REGINA PENA DA SILVA** – é jornalista, relações públicas e professora universitária – edileusapena@hotmail.com

A INFÂNCIA NÃO PODE MORRER NUNCA...

Publicado em 14 de outubro de 2014

Como foi bom ser criança um dia, deitar e rolar, brincar e sorrir, sem nada a se preocupar... Lembro-me tão bem das travessuras, da espera do presente do Dia das Crianças, da chegada do papai em casa que sempre era uma festa, a qualquer hora ou em qualquer dia. De fato, era um momento de extrema felicidade. Lembro também de minha mãe sempre a nos ensinar o bom da vida e a alegria de ser feliz. Era e ainda é uma mulher forte, guerreira, batalhadora, quase invencível. Creio que sempre quis ser parecida com ela nesta questão de não ter medo de enfrentar a vida de peito aberto.

Ah, Lulu (Oluzimere Pena da Silva), mana, querida. Quanta falta sinto da nossa infância. Você e eu sempre grudadas. Você era forte e valente mesmo sendo, um ano mais nova do que eu, nascida no dia de meu aniversário. Meu primeiro presente de aniversário e a maior bênção que Deus já me proporcionou. Lembro bem de nossa infância, quando achávamos que o mundo era apenas cor de rosa, que nada de ruim poderia nos acontecer, porque papai e mamãe sempre estariam prontos a nos proteger.

Mas, seguindo a lei da vida, crescemos, crescemos e crescemos. E, assim, cresceram nossos problemas, dissiparam nossas esperanças. Tudo ficou tão difícil e nosso mundo não é mais cor-de-rosa. Entretanto, o melhor de tudo é que crescemos e estamos driblando os problemas, superando os medos e as ilusões, ao nosso modo, conseguindo ser feliz. Como era bom ser criança e melhor ainda continuar alimentando a criança que vive escondida em nós. Às vezes olho para aquele porta-retrato que você me presenteou e me pergunto: – Onde está essa menina que era tão feliz?. Não sei a resposta e nem sei se um dia encontrarei as respostas que suscitam esta minha inquietação.

Tenho uma saudade imensurável da minha infância. Ah! Que saudades, principalmente quando me deparo com a minha realidade atual. Quantos sonhos ficaram depositados no passado. Quantos momentos lindos, maravilhosos, puros que ficaram eternizados no passado. Parece saudosismo exagerado, mas, neste Dia da Criança, em especial, me deparei com estas questões. Acredito que, como você observa: já

sabíamos que o futuro não seria fácil, pois, dentro do peito existia um forte desejo de não querer deixar que a infância se fosse... Às vezes, penso que ela não existe mais. Todavia, bem sei, que apesar de tantos dissabores e as intempéries da vida, aquela menina vivaz e sua maninha sapeca, continuam vivas em algum lugar de nosso passado. E, elas sempre reaparecem para que nunca esqueçamos o sabor da verdadeira infância e que ser feliz é sempre uma obrigação. Maninha, querida, feliz Dia das Crianças, para você e para mim também. Crescemos, mas continuamos nos amando. Você será sempre meu melhor presente.

(*) **EDILEUSA REGINA PENA DA SILVA** é jornalista, relações públicas e professora universitária. edileusapena@hotmail.com

AFETO E AMOR NO GALOPE DO SONHO

Publicado em 11 de novembro de 2014

Desde sexta-feira, dia 7 de novembro, que entrei em uma espécie de anestesia temporal. Não sei explicar muito bem esse tipo de coisa que acontece comigo e, por instantes ou dias, me tira um pouco fora do ar.

Sabe quando você está assistindo televisão, aquele seu programa preferido, e que começa a chuveirar, a tela some... Nesse instante, o que provavelmente durariam segundos ou milésimos de segundos, para você parece uma eternidade. E, assim, prossegui também no sábado.

Entretanto, logo cedo, encontrei uma pessoa admirável, muito especial para mim, uma espécie rara de humano, daquele que sabe a palavra exata e mui apropriada para as diversas situações e emoções. Falo da minha amiga Sonia Maria Antunes, que me inspira afeto, colo, amor e pão de mel.

Ao encontra-la, nos saudamos com um bom dia e beijo, logo, ela olhou em meus olhos e disse com muita convicção: – Sorria e fale com firmeza o bom dia. Apenas seres especiais, com missão divina de acalmar a alma e abrilhantar um lindo sorriso no rosto das pessoas que a cercam tem este poder/dom/sabedoria. Ela é a própria luz com a doçura imensa de seu coração.

E o sábado, um tanto que atípico, devido aos problemas que tivemos com nossas principais agências bancárias, bem à época de receber o salário e pagar as contas mensais. Portanto, parte da minha anestésica manhã de sábado ficou nas filas dos caixas eletrônicos tentando colocar ao menos uma parte de mim na ordem do dia. Para isso, contei com a generosidade de Sr. Barros, irmão da sempre competente e, hoje, aposentada da UFMT, a professora-doutora Nanci Barros, do Departamento de Educação do Campus de Rondonópolis.

Parte dos compromissos financeiros em ordem. Próximo passo: passar na farmácia para medicar os males do corpo físico, já, um tanto que cansado das labutas diárias e insistindo em deflagrar os anos vividos.

Agora, restava-me para concluir a agenda matutina decidir o alimento do corpo, porque o da alma embora não evidenciados e apesar de não

expor aqui, já se faz ato constante, mas não repetitivo no sentido mecânico do termo, porque deve ser uma ação, um movimento de reflexão/introspecção entre o Ser Supremo e você. Não cabe mais ninguém.

A manhã findou-se com uma breve chuva, o céu fechado e um prenúncio de temporal, que não chegou. Penso que o temporal estava mesmo era dentro de mim. E, assim fiquei: assistindo filmes e ouvindo músicas. Parei um longo tempo curtindo Milionário e Zé Rico (Estrada da Vida: “Nós devemos/Ser o que somos/Ter aquilo que bem merecer...”);

Na trilha sonora bem sertaneja, o som mais puro do povo brasileiro, inclui: Viva a Vida – esta me fez lembrar tanto de meu pai. Ele amava viver a vida. Era cheio de energia boa, alegria contagiante, sempre penso que ele seria eterno. De alguma forma, ainda o é, pois, está eternizado em meu coração e de suas outras meninas.

A noite chegou de mansinho o que não contribuiu em nada para não deixar as lembranças tristes se aflorarem. Então, melhor mudar o foco. Fui colocar minha conversa em dia como meu compadre de alma, meu querido Patrício Araújo Duarte (este me entende tão bem e eu a ele). Também aproveitei para zapear, navegar pela internet, ler alguns e-mails, assistir uns vídeos, tentar discutir política, desenvolvimento econômico, agroecologia, ciência, estigmas, preconceitos, discriminações, o humano no complexo processo de evolução. Aí que canseira! E, a madrugada chegou sem que percebesse.

Todavia, minhas inquietações continuaram a perseguir-me: Não teve jeito. Era impossível lutar com um sentimento tão forte. É muito mais forte do que eu a lembrança daquele trágico 08/11/1986.

Contive as lágrimas, lutei, respirei fundo, mas, me apropriando da canção “Quanta saudade”, ainda da trilha sonora de Milionário e Zé Rico, pai, só posso dizer que: – sem você aqui, meu mundo é vazio. Não vou reproduzir que “é só solidão”, porque estaria sendo injusta com tanta gente boa e tantos anjos maravilhosos que você, daí de cima, com seu jeitinho de baiano arretado, com muito chamego, deve ter pedido a Deus para enviar a terra para cuidar de suas meninas. Posso e devo afirmar-lhe com convicção: eles foram essenciais. Minha mãe e nossa Lu fazem tudo que podem para me ver feliz. Do nosso jeito, estamos tentando e vamos continuar tentando, até um dia...

Milionário e Zé Rico, minha querida Sonia Antunes e você sempre têm razão: “Só o amor vale tudo na vida / Só o amor é a inspiração / Sem amor a esperança é perdida...” e por amor, escrevo estas linhas carregadas de emoção e de saudades.

Quer saber: Você foi especial demais. Foi um pai exemplar, muito amoroso e dedicado à sua família. Não tenho e não quero ter nada a esquecer. Quero, tão somente, afeto e açúcar para adoçar e alegrar meus dias sem você, além e tão somente do seu sorriso para me acalmar. Até breve! E Viva a Vida. Esta que Você, melhor do que qualquer outro, neste mundo, soube viver e saborear com paixão, muito dendê e bastante pimenta malagueta, a sua preferida. Nossa família viveu uma linda e rica história de amor com todos os ingredientes indispensáveis a uma impecável trama dos romances de Jorge Amado com trilha sonora de Dorival Caymmi. Então: um brinde à Vida!

(*) **EDILEUSA REGINA PENA DA SILVA** - jornalista, relações públicas, professora universitária -pena.edileusaregina@gmail.com

MANOEL DE BARROS: “O APANHADOR DE DESPERDÍCIOS”

Publicado em 14 de novembro de 2014

Meu amigo Sabka: você sabe da minha imensa ternura por você. Apesar dos exageros próprios de amigos que se amam, especialmente quando você diz que escrevo maravilhosamente bem sobre qualquer assunto. Porém, permita discordar de um ponto precioso: – aquele que fala de ter pena de si mesma. Talvez, inconscientemente, este sentimento surja por instantes em minha vida, mas não é uma prática comum, visto que, seria incoerente com os meus princípios e verdades. Para mim, nenhum ser humano é digno de pena. Este é o pior de todos os sentimentos.

Bem sabe você das agruras que enfrento. E, como você mesmo aconselha, sempre arregaço as mangas, sacudo a poeira e dou a volta por cima. Ou, ainda, coloco um belo sorriso no rosto e vou à luta, sem temeridades. E, assim, espero nunca lhe decepcionar, pois tenho um carinho imenso por você.

Sua amiga baiana “arretada” a exemplo de todos os nordestinos traz na alma a resiliência própria de um povo que aprendeu a viver e driblar as adversidades. E, apesar de tudo, inclusive do preconceito e discriminação com esta gente maravilhosa, o baiano é “um povo a mais de mil”, que tem Deus em seu coração e a alegria na alma. Como coqueiro, enverga humildemente e espera o temporal passar, logo depois, volta elegantemente à sua posição original. É um povo de paz e de alegria os meus nordestinos.

Mas, nobre amigo Sabka, infelizmente, tem momentos na vida que é insuportável esboçar um sorriso e fingir que está tudo bem. Em menos de seis meses, perdemos três nordestinos arretados: João Ubaldo, Ariano Suassuna e Rubem Alves. Talvez, alguém me questione sobre o que eu tenho a ver com eles. Resposta fácil. Temos belos encontros nesta vida e o privilégio de ver nossos caminhos se cruzando com os de pessoas lindas, sábias, encantadoras e generosas. Pessoas do tipo que emprestam com prazer sua luminosidade, oferecendo com alegria um pouco do muito que sabem, conhecem e dominam. E, estes três eram assim: sabiam muito, eram gênios da literatura, do viver constante com parcimônia e dedicaram as suas vidas a ensinar as outras pessoas. E, ensinar não o abecedário, mas a viver com sabedoria, a serem mais

humanos e solidários. E, acima de tudo, a cultivar a aprendizagem e a inteligência para transformar o mundo em um lugar mais agradável para se viver.

Pessoas assim são raríssimas neste mundo de valores retorcidos, de imperialismo da esperteza, do egoísmo, da desmaterialização dos sentimentos nobres (amor, solidariedade, compreensão, companheirismo, doação, gratidão) para a supremacia de valores fugazes e medíocres.

Incondicionalmente, as pessoas, das quais me refiro, tem o dom natural e maravilhoso de fazer o outro feliz. Às vezes, a única exigência é simplesmente um sorriso sincero. Contribuem de forma significativa para o crescimento intelectual, profissional e humano de seu próximo porque vivem plenamente os mandamentos divinos. Especialmente, àquele que diz: amai ao teu próximo como a ti mesmo.

Assim, ontem, às oito e meia da manhã, o mundo ficou mais pobre porque perdemos mais um desses seres de rara inteligência, que tiveram como missão de vida, fazer poesia, ensinar o outro a ser feliz, emocionar, dizer o indizível com palavras simples. Impossível amigo Sabka não ficar triste ao saber da morte de Manoel de Barros. Espero que você não tome esta minha atitude como vitimização. Perdoe-me, mas minha alma é sensível demais e quando amo, vou aos extremos, quero fazer parte da vida do outro e quero que ele seja tão somente feliz.

Assim, hoje, meu coração está de luto. Apesar de saber que nosso querido Manoel de Barros descansou, está feliz fazendo uma festa no céu, mas, nosso Brasil e o mundo literário ficam mais pobres. E, eu fico carente de homens nobres que tiveram uma missão muito especial na terra: ensinar ao outro a arte de aprender sorrindo e com muita ternura. E, esta magnitude, nos faz lembrar que existimos, não estamos sós, nem perdemos a capacidade de amar e, o mais importante, de ser amados.

Manoel de Barros, ser generoso, de uma encantadora doçura no olhar e de sabedoria rara, própria dos seres predestinados ao amor, que o amor sublime transcende os limites da racionalidade humana, os limites da nossa compreensão, pobres mortais cheios de vaidades e incongruências. Apossando-me da sensibilidade do poeta Manuel de Barros: "Eu fui aparelhado para gostar de passarinhos. /Tenho

abundância de ser feliz por isso./ Meu quintal é maior do que o mundo". Assim, já não dou conta de minhas atribuições.

Manoel de Barros seja você agora um ser de luz iluminando a nós pobres mortais. E, receba meus sinceros agradecimentos por tudo que me ensinou com suas poesias e seu olhar de menino travesso. Com o doce perfume da Bahia, meu carinhoso abraço e um até breve. Que a eternidade lhe seja suave como foi sua vida terrena ao lado de sua linda família. Amém.

(*) **EDILEUSA REGINA PENA DA SILVA** é jornalista, relações públicas, professora universitária e amante da boa literatura - pena.edileusaregina@gmail.com

EMBLEMÁTICA IGUALDADE RACIAL

Publicado em 22 de novembro de 2014

Nada mais apropriado do que os dizeres do poeta e escritor Castro Alves % “Oh! Bendito o que semeia/Livros... livros à mão cheia... /E manda o povo pensar! /O livro caindo n’alma /É germe – que faz a palma, /É chuva – que faz o mar” % para iniciar a apresentação deste texto sobre o ‘Dia da Consciência Negra’.

Sinceramente e me perdoem todos os pensadores contemporâneos que discordam de minhas elucubrações. Entretanto, me sinto muita a vontade para falar deste assunto, pois sou negra, economicamente desfavorecida, nordestina e mulher. Praticamente integrante de todas as formas de preconceito, discriminação e exclusão. E, sempre os que se consideram poderosos por ter uma pele clara e cabelos claros nem que seja por processos químicos ainda se sentem no direito não somente em ofender e estigmatizar os diferentes, mas culpa-los por tal situação degradante.

É difícil e quase inumano em pleno século XXI o ser humano está tão longe de uma evolução significativa e de sociedade de fato democrática e com oportunidades igualitárias para todos. Para mim, que experimentei e ainda vivo todas as formas de discriminação e preconceitos, ora por cor da pele, ora por fazer parte do quadro de docentes de um determinado curso, mas tendo formação diferente, mesmo sendo de áreas afins.

Enfim, desde criança e agora na vida adulta não vejo mudanças significativas em relação à Consciência Coletiva de que somos todos iguais. As pessoas devem ser respeitadas pela sua alma e não por sua aparência ou preferências.

A mim parece que o mais importante de uma Consciência Negra ou Coletiva seja explicar a necessidade de inserir em um grupo ou em indivíduos isoladamente novos princípios morais, sociais ou regras de comportamento e de atitudes diante de determinadas situações da vida cotidiana.

Por ser nosso idioma rico em possibilidades e combinações, as pessoas talvez não tenham percebido ou valorizado o real significado deste

termo e nem estejam necessariamente preocupadas ou interessadas em formar uma consciência coletiva a respeito de algum tema específico da sociedade ou da comunidade em que vivem e muito menos sobre outro indivíduo de pele negra.

Em sociedade, no coletivo, em público ou em reuniões de trabalho estes indivíduos brancos que se sentem donos do poder, revestem-se da máscara da Igualdade Social. Infelizmente isso é apenas da boca para fora e em momento específico, que precisam parecer generosos, magnânimos e desprendidos de preconceitos, estigmas e discriminação. Somente isso, nada mais e não se iludam, pois, quem é Negro sabe, no dia a dia, que tudo é diferente. Não existe igualdade. E os merecimentos estão atrelados a outros fatores que nada tem a ver com competência, conhecimento ou habilidade técnica.

Arrisco, aqui, um desafio, a partir de uma frase que está escrita em uma das paredes do campus de Rondonópolis da federal mato-grossense: – “Onde está o negro”. Há dias está frase tem me instigado. Já, havia percebido que, apesar das cotas raciais e de todos os esforços dos Movimentos Negros inserir o negro nos espaços acadêmicos de ensino superior, eles continuam quase inexistentes.

São raros, como também o são os professores negros e o pior de tudo: “Negros competentes com currículos acadêmico-científicos conceituadíssimos, pesquisadores inteligentes, íntegros e competentes sendo menosprezados e relegados simplesmente a sala de aula e somente as disciplinas de cursos de graduação.

É muito difícil o(a) negro(a) professor efetivo da UFMT (falo desta instituição por ser a qual trabalho) sendo requisitado para outras funções ou participações em cursos de pós-graduação e muito menos para gerenciar algum departamento, coordenação ou instituto, quem diria, para pró-reitoria ou reitoria. Neste ponto, orgulho-me de minha querida Salvador, Bahia, onde temos uma reitora negra em uma instituição pública de ensino superior.

Desafio lançado para quem quiser: realizar uma pesquisa científica para saber onde estão os negros do Campus de Rondonópolis da Universidade Federal de Mato Grosso. O que está acontecendo com as cotas raciais destinadas aos Negros? Por que em pleno século XXI preciso refletir sobre questões raciais em mundo de dimensões intercontinentais, com um quadro evolutivo em várias áreas das

Ciências Exatas, Médicas, Cognitivas e Tecnológicas? Onde estão os negros de nosso Brasil varonil? Melhor ainda: Qual a situação dos negros brasileiros após 126 anos da Proclamação da Abolição da Escravatura?

Foi em busca de contribuir um pouco para o esclarecimento desta questão que me debrucei neste texto em uma tentativa de explicar este termo ou conduzir à luz de um maior entendimento da questão racial.

Aproprio-me ainda dos versos de Castro Alves para concluir meu raciocínio: “Por isso na impaciência / Desta sede de saber, / Como as aves do deserto - / As almas buscam beber...”.

Vou além, acredito que na interjeição destes versos esteja também um desejo inconfesso de povoar a mente das pessoas e seu ambiente social, possibilitando o aprofundamento e maior visibilidade de questões tão cruciais para a formação humana e sedimentação de uma sociedade, de fato, democrática em todos os setores e que a igualdade racial não seja apenas “pano de fundo” para discursos inconsistentes de políticos e outras entidades que não se sintam integralmente comprometidos com as questões da desigualdade social, humana, cultural, educacional e informacional de uma nação, que, há séculos, convive com as diferenças e os estigmas que discriminam pessoas, grupos, culturas por causa da cor da pele ou dos cabelos enrolados e desobedientes à ação do vento e dos movimentos corporais.

É sabido que, a estratificação social influencia dramaticamente no processo de estigmatização de indivíduos, bem como, a hierarquia social afeta profundamente o grau no qual o indivíduo negro experimentará o estigma. Assim como, não podemos subtrair a historicidade que determina a discriminação e a opressão, efetivamente reduzindo as oportunidades e as expectativas de vida dos negros em virtude de uma Ideologia da Democracia Racial que proclama a invisibilidade social do negro.

O discurso predominante e enraizado da homogeneização humana está tão impregnado que até os próprios negros negam sua cor ou se revestem de uma mestiçagem e branqueamento para se sentirem integrantes desta sociedade dita democrática e igualitária.

É uma instigante discussão muito mais sobre a condição humana do que simplesmente raça, gênero e ideologias, por alguém que de fato e ainda

marcada pelas lombadas da vida por sua cor de pele e condição social. Alguém que vive cotidianamente o preconceito, o estigma e a discriminação. E, assim sendo, preocupa-se com a formação humana e a capacidade de interpretação e argumentação de cidadãos capazes de pensar e gestar seu próprio destino. É isso: - Qual o papel do Negro nos espaços sociais, educacionais, empresariais, políticos etc.?

(* **EDILEUSA REGINA PENA DA SILVA** - jornalista, relações públicas, mestre em Ciência da Informação, doutora em Ciências Sociais e professora Adjunto III da Universidade Federal de Mato Grosso. Mas, indiscutivelmente, Mulher e Negra. edileusapena@hotmail.com

CORRUPÇÃO: AQUI, ALI, ACOLÁ E ALHURES...

Publicado em 13 de março de 2015

Degustando Roland Barthes, ontem, comecei a interrogar-me sobre minhas omissões. Especialmente na atual conjuntura em que a Educação do nosso país está completamente dilacerada pelas forças dos poderes que deveriam enaltecê-las, assumindo o compromisso de construir saberes e formar cidadãos letrados e capacitados a interpretar o mundo e as coisas do mundo.

A sociedade ingenuamente ou por desinformação cobra dos professores e das instituições de ensino argumentações; convicções; respostas para os problemas do mundo.

Não sabem eles, me apropriando dos dizeres de Roland Barthes, que: “... o professor não tem aqui outra atividade senão a de pesquisar e de falar – eu diria prazerosamente de sonhar alto sua pesquisa – não de julgar, de escolher, de promover, de sujeitar-se a um saber dirigido: privilégio enorme quase injusto, num momento em que o ensino das letras está dilacerado até o cansaço, entre as pressões da demanda tecnocrática e o desejo revolucionário de seus estudantes”.

Isso foi em seu discurso pronunciado no Colégio de França, em sete de janeiro de 1977. Entretanto, não difere muito dos dias de hoje, exceto pela omissão ou sujeição do povo brasileiro.

Enfim, não vou me alongar na questão da Educação, mas na da Corrupção, que, a mim me parece muito mais grave e irrecuperável. Pois, reza a cartilha dos bons costumes que o alheio não nos pertence.

Em tempos tão bicudos, os larâpios e os dissimulados batem o ponto e se apropriam dos bens públicos e privados com uma frequência alucinante e um cinismo sem igual. Inclusive um determinado político citado na “Operação Lava Jato” disse o seguinte: – Estou cagando e andando...

Todavia, isso é um mero detalhe, porque o buraco é muito mais embaixo. Tudo parece estar atrelado a costumes; a cultura; a ética e uma determinada moralidade que rege o comportamento do humano em sociedade.

Percebo que a sociedade, em sua maioria, está perdendo a capacidade de se indignar com as coisas tão amorais. Felizmente, ainda consigo espantar-me, hoje em dia, vendo boa parte da sociedade não se importando com as atitudes vis, desonestas e nefastas, que estão na essência de nosso Brasil varonil.

De cima para baixo, a roubalheira é geral, crônica e hemorrágica, exibindo para a massa alienante e alienável exemplos a não ser seguidos, – o da desonestidade, deslealdade, falta de compromisso, de ética e de solidariedade humana. Definitivamente, quem rouba, trapaceia, ou até mesmo dissimula, injetando na sociedade uma carga negativa e pesada de desilusão e descrença. Sob este aspecto, pode gerar um raio de alcance imprevisível, com consequências inimagináveis.

Começa com um “furar a fila”; ficar com um troco a mais; recebe um trocado para favorecer alguém até voos mais altos da criminalidade, que afeta inexoravelmente o outro pelos desvios de caráter daqueles, que, se acham isentos de qualquer punição. Pior: não tem nenhum sentimento de culpa.

É sabido que, a pessoa que tem princípios éticos e morais, bem como, caminha sobre os mandamentos divinos, não se deixa enfeitiçar-se por coisas nefastas, jactanciosas, levianas, imprudentes e corruptas. Indubitavelmente, reter bens alheios é uma atitude execrável, imoral e amoral.

Caros leitores: o que mais me preocupa é que estamos em um ritmo veloz de impunidade, devassidão e permissividade, tolerando notadamente o que é condenado socialmente pela moral, ética e bons costumes.

É preciso estar alerta, se informar, pensar, se incomodar e, principalmente, se indignar com qualquer ato de violência, de roubalheira e de corrupção, independente da esfera social, civil e política.

Assim, somente, nós, cidadãos de bens, temos nas mãos a força política e o poder de mudar o que nos incomoda e tem feito uma devastação em nossos princípios, valores e condutas morais de agir adequadamente nos moldes de um comportamento nobre de honestidade e lealdade, proposto socialmente.

E, assim vamos de mãos dadas construindo um futuro digno e muito mais aprazível para se viver com consciência ecológica, cidadã, política, cultural e porque não dizer: Educacional.

(*) **EDILEUSA REGINA PENA DA SILVA** - é jornalista, relações públicas, editora, escritora, redatora, professora Adjunto III da UFMT-Rondonópolis, mas, acima de tudo, cidadã, um ser político insatisfeito com a atual conjuntura de nosso país e-mail: pena.edileusaregina@gmail.com

HOMENAGEM AO POETA VALDIR XAVIER E À SUA AMADA CELINA

Publicado em 18 de março de 2015

Em todos os dias 13 de março, ao longo de muitos anos, aqui comparecia, sob forma impressa, a sublime arte do poeta Valdir Xavier, para homenagear belamente a imagem de sua amada Celina que partira para o Primeiro Andar da Eternidade, há exatos 28 anos, em 13 de março de 1987.

O poeta Valdir Xavier ficou viúvo, portanto, aos 50 anos de idade – e teve ele próprio que servir também de mãe, além de pai, para os filhos menores, hoje todas pessoas de caráter, puxaram à doçura da mãe e à inteligência do pai, e que recebem o melhor acatamento da sociedade mato-grossense. Não mais quis se casar, alegando que Celina – Celina Augusta Xavier – fora seu único amor neste Vale de Lágrimas e que não encontrara outra capaz de substituí-la, embora todas fossem dignas e amáveis.

O 13 de março, que era o aniversário de falecimento da companheira Celina, distava apenas 24 horas de outro dia mui importante na vida do poeta Xavier e dos poetas em geral, vez que o dia 14 de março é a data comemorativa da própria Poesia. Há pouco, o poeta Xavier também se despediu, partindo para outras Esferas, e já não pode lembrar, com seus versos inspirados, nem o transcurso da data dedicada à sua eterna noiva Celina, aquele dia 13 que lhe era tão dolorido, mas sagrado; nem pode da mesma forma celebrar a passagem de seu próprio dia, o Dia da Poesia, efeméride igualmente das mais santificadas para sua crença de que poemas podem e devem melhorar as pessoas e o Mundo.

Então, nessa ausência do poeta Xavier, que se encantou no brilho do Sol e nos caminhos das nuvens, cá estou para, juntando os dias 13 e 14 de março, apresentar à Celina e a Xavier, bem como ao leitor, não o meu preito de gratidão pelas nobres e imensas figuras que foram em vida e que continuam a ser em espírito; mas o preito de gratidão de todos os que fazem este jornal, lídimo representante dos sentimentos rondonopolitanos.

Era neste diário que Xavier mantinha sua coluna, seu Cantinho do Poeta. E, neste cantinho de A TRIBUNA, sempre foi o maior Poeta local,

exercendo a sua arte com maestria e prazer, sem disfarces, para gáudio do leitor.

Escrevendo para o povo, o poeta Xavier nunca deixou de reverenciar a memória de sua amada – e cumpria maravilhosamente bem a tarefa de expressar e transmitir sentimentos, emoções, ideias e pensamentos. Era não só o cantor da cidade, mas, acrescentadamente, o cantor de sua amada, como Dante o era de Beatriz.

Mas o amor do Alighieri pela ítala Beatrice nunca chegou a se consumir, o que não era o caso de Xavier e Celina, que, casados, viveram juntos e felizes por vinte e seis anos, gerando filhos maravilhosos: Ezequiel e Herculano, Eliseu e Doralice, que lhe deram seis netos. O câncer, que levou Celina para as plagas celestes, também tirou a vida do poeta Xavier.

Mas os poetas, como se sabe, não morrem, apenas se eternizam, notadamente se o seu poetar caiu nas boas graças do povo e se eterniza na memória da gente. Foi neste 14 de março que nasceu o grande poeta romântico brasileiro Castro Alves, que viria a nos deixar, vítima da tuberculose, com apenas 24 anos de idade,

em plena maturidade artística e produtiva; – por isso, a data é consagrada como o Dia Nacional da Poesia.

O poeta Valdir Xavier está hoje reunido à sua amada, nos campos celestiais, tendo ainda ao lado os seus queridos pais, Herculano Rodrigues de Freitas e Paula de Moraes Pessoa, que, para nossa felicidade, o trouxeram ao mundo em 20 de maio de 1937, na cidade de Tiros, Minas Gerais.

Era assim o poeta Xavier, um mineiro que tanto se aclimatou em terras mato-grossenses, que aqui fez seu ninho, de onde espargia poemas, bondade, compreensão, tarefa somente interrompida, quando ele tinha 75 anos de idade, no fatídico dia 3 de maio de 2013. O câncer de estômago, infelizmente, tinha sido o algoz de seu estro. Aqui, neste cantinho, situa-se mesmo o lugar ideal para reverenciar a memória de Xavier.

Pois ele, autodidata, foi revelado à sociedade rondonopolitana pelo jornal A TRIBUNA, onde começou a escrever em 1994, sendo, ainda, um de seus mais assíduos leitores. Desde então, ganhara crescente número de admiradores, muitos dos quais o convidavam para a récita de poemas.

Porém, foi Edileusa Pena que o levou à academia e foi por lá que fez sua primeira ministração de palestras. Esta mesma que vos fala, fazia questão de ser sua amiga fiel. Sem nunca se conformar com sua partida repentina.

Por tudo isto é que proclamo, em alto e bom som: a coluna “Cantinho do Poeta”, onde o Xavier escrevia com a maior assiduidade, foi criada exclusivamente em reconhecimento e valorização das obras do poeta Valdir, como revelou publicamente o próprio diretor Samuel Logrado, um dos proprietários desta folha noticiosa, o jornal de maior circulação de todo o interior de Mato Grosso. E, hoje, o “Cantinho do Poeta” se tornou um espaço livre e privilegiado para todos os poetas e escritores locais e até de outras plagas como aqui, já andou versejando o Vandim das Espinharas. Este, muitas vezes duelava com Xavier, e com outro nobre poeta, advogado e homem das Letras, Wilson Lemos, o coração da Edileusa, a Pena, que, diziam que pena deles não tinha. Como Xavier dizia numa de suas últimas entrevistas: “Meus leitores moram no meu coração e adoro todos eles, em especial a equipe do jornal A TRIBUNA”, onde, de fato, tinha grande número de amigos e admiradores. Não esqueçamos que Valdir foi o primeiro homenageado com o Troféu “Destaque Cultura”, do Rotary Club Leste. E ficamos igualmente todos enlevados, a 15 de maio de 2013, quando o poeta Valdir Xavier também se viu homenageado pela Universidade Federal de Mato Grosso, que concedeu à sua família merecida honraria pelos bons serviços prestados à Comunidade rondonopolitana e à Poesia de Mato Grosso. Mas o poeta Xavier já viera sendo homenageado, ao longo da vida, por diversos estabelecimentos educacionais do Estado e dos municípios, nas diferentes séries escolares. Sepultado no Cemitério da Vila Aurora, este Poeta que, depois de chegar a Rondonópolis em 1985, foi lavrador e administrador de fazenda, além de eterno balconista do Comercial Rio Negro. Por decisão própria, um solitário pensador em sua morada, firmou-se como uma autêntica aurora da Poesia de seus concidadãos, que jamais hão de esquecer os momentos de lirismo de que ele nos impregnou.

(*) **EDILEUSA REGINA PENA DA SILVA**, com eterna saudade do amigo de todas as horas, Valdir Xavier

PRATA DA CASA É AGRACIADA COM O PRÊMIO MÁXIMO DA BIBLIOTECONOMIA

Publicado em 20 de março de 2015

Com grata satisfação, o curso de Biblioteconomia recebeu a indicação da Medalha Rubens Borba de Moraes – Honra ao Mérito Bibliotecário edição 2015, para a bibliotecária Fabiana Souza Andrade, da Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat), do campus Alto Araguaia. O concurso acontece anualmente, como forma de prestigiar o(a) bibliotecário(a), por seu dia que é comemorado em 12 de março de cada ano. É organizado pelo Conselho Regional de Biblioteconomia 1ª Região (CBR1), da região Centro-Oeste composta pelos seus três estados: Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás.

Concorreu com duas outras excelências da área de biblioteconomia. A Claides Teresinha Erhart, coordenadora da Biblioteca da Faculdade Anhanguera, em Rondonópolis, onde fica o curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Mato Grosso e Dinalva Gomes Paiva, primeira Bibliotecária de Mato Grosso, que chegou em Cuiabá na década de 1970.

A primeira bibliotecária de Mato Grosso, formada em 1970, pela Universidade Federal de Minas Gerais escolheu Cuiabá, Mato Grosso, para crescer profissionalmente. Embora aposentada, ainda trabalha em sua área. Agora como proprietária da BIBLIOMÁTICA. Empresa, localizada também na capital de Mato Grosso, onde realiza inúmeros serviços bibliotecários.

Após o final da votação no dia 6 de março, Fabiana foi agraciada, incontestavelmente, com a vitória nas urnas, como a mais votada da região Centro Oeste (1.056 votos). Também se consagrou como bibliotecária destaque, do estado de Mato Grosso com 45% dos votos. O que, sem dúvida, encheu todos nós da Biblioteconomia do Campus e Rondonópolis da Universidade Federal de Mato Grosso de orgulho. Mas, por que tudo isso? Simplesmente, porque Fabiana foi uma das primeiras alunas do curso de Biblioteconomia em Rondonópolis, sendo também uma das mais atuantes, da segunda turma do referido curso.

Para mim, a emoção foi um pouco maior. Isso porque durante o curso tive uma relação meio conturbada com Fabiana, não por mim, pois, ao primeiro olhar percebi uma menina vibrante, com garra e vontade de

vencer. Sempre na defensiva, ela me desafiava. Porém, contemplava, em silêncio, observando nela um pouco de mim ou daquilo que fora quando estudante de graduação de Jornalismo na Universidade Federal da Paraíba, em João Pessoa.

Voltando à temática deste artigo, quando aportei por aqui, em julho de 2002, o curso de Biblioteconomia estava com apenas três turmas: 1º, 2º, e 3º ano. Não vou negar: foi muito difícil para mim, porque não era bibliotecária de formação, como não sou até hoje.

Muitas vezes interroguei-me sobre as razões que me trouxeram para cá. Quais os motivos que levaram o curso de Biblioteconomia, mesmo tendo as melhores notas na Seleção e sendo aprovado em primeiro lugar, a contratar uma profissional que não se encaixava nos quadros de docentes da Biblioteconomia. Visto que, eles (alunos) ignoravam que o curso de Biblioteconomia fora formado e fortalecido, a partir das Ciências da Comunicação, da Cognitiva e dos Sistemas de Informação, bem como, a Biotecnologia e outras áreas científicas.

Entretanto, pouco sabem, eles, que de acordo com alguns cientistas renomados da área da Ciência da Informação/Biblioteconomia, a exemplo de Saracevic, Goffman, Wersig, Brookes e a Teoria Popperiana: a Comunicação (Teoria) é percebida como um dos pilares de construção da área de Biblioteconomia, bem como da meta teórica da Ciência da Informação. Parecendo lógica esta tendência, no sentido de transferir conhecimento registrado implicando em transações e comunicação de sentido entre humanos, e entre humanos e sistemas incluindo estruturas conceituais. Também não levaram em consideração que na metade dos anos oitenta, portanto, faz muito tempo, algumas universidades americanas de Comunicação se uniram à bibliotecas e a Ciência da Informação buscando maior compreensão nos estudos sobre o comportamento e a interação dos elementos humanos na transferência de conhecimento registrado.

Mas, vamos deixar isso para lá. Como professora de Biblioteconomia do campus de Rondonópolis da UFMT, há quase treze anos, faço questão de prestar minha homenagem a Fabiana Souza Andrade, por ser uma ex-aluna muito especial para mim. Além de recordar que, já profissional de Biblioteconomia e trabalhando na Unemat, do Alto do Araguaia, fez questão de me enviar um e-mail pedindo desculpas, dizendo que agora entendia sua implicância comigo: éramos muito parecidas na maneira

de ser, especialmente nas questões profissionais. Também agradeceu por tudo que pode aprender comigo. Fiquei por demais emocionada. E lhe respondi: Não precisa pedir desculpas porque não guardo mágoa alguma de você. Desde, os nossos primeiros encontros percebi nossa semelhança, inclusive na forma de brigar pelo conhecimento, na vontade de mergulhar fundo no saber e na vontade incondicional de ir longe, muito longe. E, vamos, porque ainda tem muito chão pela frente.

E, neste dia 20 de março de 2014, você comprova minhas previsões. Você foi longe garota, apesar de seus trinta e poucos anos. Hoje, uma mulher madura, determinada, profissional de excelência, mas com o mesmo brilho no olhar de quem ainda tem muito a sonhar e para conquistar. A mim, apesar da ausência em sua premiação, fico muito orgulhosa, lhe desejo toda sorte do mundo e que venham muito mais conquistas, porque você é gente que brilha e que sabe fazer acontecer.

O que mais dizer de Fabiana Souza Andrade, que foi uma dedicada graduanda em Biblioteconomia. Ingressando no curso em 2001, pela Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT. Filha de Rondonópolis, concluiu o curso de Biblioteconomia, em 2004, pelo Campus de Rondonópolis. Hoje, é especialista em Tecnologias da Informação e Comunicação Aplicadas à Educação, pela Universidade do Estado de Mato Grosso - Unemat (2008) e em Cultura e Literatura pela Universidade Cidade de São Paulo - Unicid (2014). Também, logo procurou fazer um mestrado, tornando-se Mestre em Engenharia, com área de concentração em Sistemas da Qualidade, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, em 2012. É efetiva na Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), desde 2005.

Por ser a primeira indicada para esse prêmio, pela Unemat, o sabor foi muito mais apetitoso. Assim, declara Fabiana como recebeu essa premiação extremamente significativa para um(a) bibliotecário(a): “Pra mim foi uma surpresa e honra muito gratificante ver que uma comissão feita só por bibliotecários(as) observam meu trabalho e admiram meu esforço em construir o conhecimento, fornecendo informação de qualidade para uso e consumo dos diferentes públicos da instituição a qual trabalho”, explica.

SOBRE O PATRONO RUBENS BORBA ALVES DE MORAES - O patrono Rubens Borba Alves de Moraes, nome dado a Medalha de Honra ao Mérito, entregue ao bibliotecário destaque do ano, fundou o

curso de Biblioteconomia na escola de Sociologia e Política do estado de São Paulo. Também foi um dos fundadores da Associação Paulista de Bibliotecários. Nascido em 1899, em Araraquara, estudou Biblioteconomia como bolsista da Fundação Rockefeller, nos Estados Unidos. Participou ao lado de Mário de Andrade, Sérgio Milliet e Antônio de Alcântara Machado da criação do departamento de Cultura da cidade de São Paulo, sendo o primeiro diretor da Divisão de Bibliotecas. Suas principais obras são: “Manual bibliográfico de estudos brasileiros” e “O bibliófilo aprendiz”. Faleceu em dois de setembro de 1986.

(*) **EDILEUSA REGINA PENA DA SILVA** - não é bibliotecária de formação, mas tem Mestrado em Ciência a Informação e Doutorado em Ciências Sociais. Além disso, durante estes quase treze anos de cursos aprendeu muito sobre Biblioteconomia e hoje é apaixonada por esta área do conhecimento humano, que lida com o nosso bem de maior valor: a informação. pena.edileusaregina@gmail.com

PONTO DE FUGA

Publicado em 21 de março de 2015

Lá, onde, o céu parece encostar no mar,
Imagino o horizonte.
Na saudade que o hoje me traz
José Alves da Silva.
Nascido em 19 de março
É tatuagem na negra pele
Da filha que não esquece
É que loide de amor
Da lembrança de um pai.

(*) EDILEUSA REGINA PENA DA SILVA - filha

LISETE, SORRISO DO AMOR

Publicado em 6 de maio de 2015

Eis que chega o mês de maio, trazendo com ele toda a sua magia e mistério do calendário anual. Maio dedicado as noivas, as Mães, a Maria que é a mãe de todas as mães e a tantas outras Marias, Lourdes, Rosas e Margaridas. Quão belo, amoroso, meigo e maternal é o mês de maio. Ele vem envolto em uma aura de amor. Amor que dá origem a vida, amor que transforma dois corações em um através do milagre da vida. Que mês belo... Nele o amor eclode a cada dia... É amor de mãe, amor de Maria e amor de amores. Esse mês é dedicado a Rita, a mulher, a amada e a mãe. Cada dia é dedicado a Rita como se cada um deles representasse parte da sua historia, a qual, foi se formando ao longo dos anos. E, já faz algum tempo desde que Rita nasceu, no dia 22 de maio, e inundou a vida de todos com sua alegria e simpatia contagiante.

Mareja-me os olhos só de imaginar o efeito mágico, lúdico e terapêutico que o mês de maio exerce sobre nós, humanos. Especialmente nas mulheres ao renascer desejos e sonhos contidos, quer sejam: o de casar, de encontrar um grande amor, de ter filho ou de construir uma carreira sólida.

A par disso, faço pousar, aqui, neste texto, meu desejo de um maio espetacular para toda humanidade, com muito mais alegrias do que tristezas; com acontecimentos festivos ao invés de desalentos, caracterizados por aflorar sentimentos únicos e verdadeiros, a exemplo do Amor.

Aprendi a amar e esperar o mês de maio desde cedo, quando ainda era criança, simplesmente porque este é o mês do Dia das Mães e do aniversário de minha genitora. Entretanto, neste momento, não quero discorrer sobre 'ser' ou 'ter' mãe, algo tão distinto. Quero usar este espaço tão precioso para falar de alguém muito especial em minha vida e de minha família.

Assim, prestar uma singela homenagem para outra mãe dedicada, exemplo de ternura e de amor ao próximo, que faz parte da nossa vida (mainha, Lu e Dil) e também da nossa história. Refiro-me à Lisete Pacheco Nunes, tia Lisete, como lhes chama suas sobrinhas Lu e Dil.

Ao longo de sua vida, Lisete, somente distribuiu amor, carinho e zelo a todos que se fazem presente em suas vidas. Lisete é mãe e mulher, beleza singela e coração grandioso, pequena na estatura, mais gigante nas atitudes. Minha família e eu nos sentimos muito acolhidas com a sua generosidade e caridade.

Vivaz, perspicaz, sempre ativa e ágil. O tempo foi seu aliado. Tornando-a melhor e mais bela, pois sua beleza, não é superficial nem artificial. Ela é verdadeira, natural e profunda. Seu amor vem das entranhas, do mais profundo do ser, da essência do amor, do início da vida, do surgimento do mistério, de onde são geradas todas as mães.

Sempre em todos os momentos do nosso convívio seu amor foi sempre constante e em cada oportunidade não deixou de doar um pouco de todo o seu zelo de mãe. E uma mulher que serve de exemplo para todos. Não somente para mim, mas para minha mãe e minha irmã Lú. Tia Lisete tem sido uma verdadeira amiga-tia-mãe.

Nunca nos abandonou, nem nos melhores e muito menos nos piores momentos. Temos, minha mãe, minha irmã e eu, o maior amor do mundo por ela. Em minha família é senso comum: – Tia Lisete é nosso colo, nosso carinho e nosso aconchego.

De inúmeras virtudes, Lisete Pacheco Mendes, aos 28 anos, realizou seu sonho de se casar com seu grande amor: Gilberto José do Patrocínio Mendes. Tiveram dois filhos: André Luís e Luís Claudio Pacheco Mendes. Lisete e seu marido viveram felizes por 51 anos, até quando seu amado morreu, em 2010.

Desde então, Lisete Pacheco Mendes, mesmo sentido a falta de seu companheiro de uma vida inteira não desmoronou nem se deixou levar pela tristeza, perda do amado, solidão, cansaço das muitas lutas, ou qualquer outro empecilho. Continuou lúcida, vivaz e com muita vontade de viver. Renovou-se e reinventou-se, desenvolvendo habilidades novas, como as artes plásticas, pintando lindos quadros na varanda de sua casa e assim o tempo foi passando como sempre passa, mas para ela ativamente e com qualidade de vida extremamente saudável. Exemplo de que existe vida inteligente, alegria, disposição, bom humor e alegria na Terceira Idade.

Entretanto, o disparo para esta homenagem acontece após minha última visita (Edileusa Pena) a tia Lisete, devido a um fato inusitado que narro

a seguir, a qual há muito já deveria ter escrito. História que ultrapassa os limites da emoção, indo muito mais além: proporcionou-me um choque de realidade. Eis a história:

Como todos (ou quase) sabem sou soteropolitana (pessoa que nasce em Salvador, Bahia, Brasil). Então, nas férias de dezembro, como faço sempre que posso, vou visitar minha família e quando chego lá é uma festa. Não somente por parte de minha mãe e de minha irmã, mas pelo desejo sincero dos parentes quererem e insistir em ir me visitar. São primos, tias, tios, amigos da família etc., o que me deixa muito feliz e lisonjeada.

Vamos à história que tanto me emocionou, porém me deu um choque de realidade às vésperas de meu aniversário (4/1). Fomos visitá-la, porque ela caiu de uma escada caseira e não estava em condições de ir nos ver no dia cinco de janeiro. Sendo assim, não iria poder me visitar (Edileusa Pena), principalmente no dia do meu aniversário, que, por obra divina também é o aniversário de minha irmã (Lu Pena).

Então, fomos nos presentear. Quando lá chegamos, ela nos recebeu com o maior sorriso do amor. Ela mora em um lugar privilegiado de Salvador, no bairro da Pituba, em um apartamento de frente para o mar. A vista é a coisa mais linda do mundo. Então, antes de qualquer coisa, tratei de fazer fotos e mais fotos daquela vista maravilhosa. Da sala dela, sem precisar chegar à varanda já avistamos o mar. É algo encantador.

Todavia, não foi nada disso que me impressionou. Após as fotos, me reunir com todos para prostrar, jogar conversa fora. Foi quando minha tia começou dizer que já estava velha (83 anos) e estava pensando em se mudar para um lar de idosos, só que daqueles pagos e que proporciona ao idoso uma vida mais saudável e digna.

Até aí, vocês irão me perguntar qual o problema? Respondo: o problema é que estava às vésperas de meu aniversário e isso me deixa mais sensível. Mas, a questão maior foi ouvir uma senhora de 83 anos, às vésperas dos 84, a serem completados agora em 15 de julho de 2015, lucidamente e com a maior tranquilidade dizer: -Minha sobrinha eu estou velha, não tenho mais condições de fazer as coisas e meus filhos (dois homens) não seguiram seu destino. Estão acomodados. Então, vou concluir o inventariamento deste apartamento, vou ver se faço alguns reparos. E, então, vou vender e repassar a parte de cada um. Vejam o

diálogo: “Mas, tia, e os meninos (homens de seus quarenta e poucos anos)? Resposta: “Agora cada um segue seu destino. Tudo que poderia ter feito por eles eu já fiz. Eu vou para um abrigo (de luxo) onde serei bem cuidada e ainda terei companhia.

Tudo dito com muita serenidade, a voz calma, suave e pausada. Nem um rancor, mágoa ou tristeza em seus dizeres e seus lindos olhos cor de esmeraldas. Apenas a constatação do envelhecimento e de que esta fase necessita de decisões definitivas. Para mim, é muito triste pensar nisso, mas, sei que é o que nos reserva o futuro próximo ou distante.

Tia Lisete, ainda, comentou que tem mais dos tios meus (um casal) que também vai para o mesmo abrigo ou casa de repouso. Somente isso foi suficiente para o meu (Edileusa Pena) choque de realidade. A velhice chega para qualquer um. É um processo natural da vida, mas quando se tem vinte, trinta, quarenta e até mesmo cinquenta não nos damos conta disso, especialmente do quanto é difícil envelhecer. Vendo aquela senhora tão jovial aos 83 anos, alegre, linda e suave, tratando de assuntos tão incomodativos para os jovens e adultos, fiquei chocada (Edileusa Pena) e por dias esta história não saía de minha cabeça. Já, para Lú Pena, apesar de ser minha alma gêmea, tem atitudes diferentes. Para ela este é um movimento natural e Tia Lisete está corretíssima.

Enfim, uma ducha fria para nós ‘adultescentes’ que acreditamos ser imortais. De fato: a velhice chega a todos e precisamos ter a lucidez para decidir sobre o nosso tão próximo futuro. Agora, com mais esta lição de minha tia Lisete, comecei a pensar nesta dura realidade que chega para todos. Cedo ou tarde. Mas, a vida ainda continua e sempre vale a pena ser vivida com muita intensidade e o mês de maio é um ótimo fortificante para sonhar, realizar, viver e amar. Bom maio de amor para todos!

(*) **EDILEUSA REGINA PENA DA SILVA** - é jornalista, relações públicas, mestre em Ciência da Informação (UFPB), doutora em Ciências Sociais pela PUC/SP. Atualmente é professora Adjunto III do curso de Biblioteconomia no campus de Rondonópolis da UFMT. Ufff! Humana e real.

(*) **OLUZIMERE PENA DA SILVA** - é professora de Letras, secretária bilíngue formada pela Universidade Católica de Salvador (Ucsal) e especialista em Gestão de Pessoas

ANTÔNIA MARÍLIA MEDEIROS NARDES, UM EXEMPLO DE MULHER

Publicado em 30 de maio de 2015

Propus-me no mês de maio homenagear as mulheres. Gostaria muito de poder encher páginas e páginas com nomes de mulheres incríveis, vencedoras, amáveis, sonhadoras ou idealizadoras. Entretanto, encontro neste pequeno, mais gigante espaço do jornal A TRIBUNA, uma oportunidade ímpar para homenagear uma mulher que, há mais de trinta anos, tem se dedicado a nobre missão de educar.

Trata-se de Antônia Marília Medeiros Nardes, geógrafa de profissão, educadora por opção e amante da vida. Esta homenagem poderia ser em qualquer outro dia, pois, esta mulher batalhadora merece todas as honras em todos os dias do ano. Porém, hoje, em especial, devido ao Dia do Geógrafo, transcorrido ontem (29 de maio). Nossa, como me dê conta da riqueza deste mês tão precioso para as mulheres.

Falar de Geografia (e, aqui, deixo o meu mais sincero apreço e parabéns a todos os geógrafos que têm contribuindo para a transformação do mundo) para mim, é algo inusitado, visto que, não domino esta preciosa área do conhecimento.

Mas, falar de Antônia Marília é muito confortável porque conheço a profissional, a educadora e administradora de talentos e sonhos. Conheci Antônia Marília logo quando cheguei a Rondonópolis, em 2002, justo pela sua destacada participação acadêmica. Sempre envolvida nos eventos científicos, culturais e temáticos do Campus de Rondonópolis da Universidade Federal de Mato Grosso.

Com seu carisma, charme, elegância e simpatia, ela vai desfilando argumentos; consegue moldar contextos aos sabores e saberes da técnica, da teoria e

“falar de Antônia Marília é muito confortável porque conheço a profissional, a educadora e administradora de talentos e sonhos”

de seu vasto conhecimento. Ontem (29), no Dia do Geógrafo, quando a encontrei no Campus de Rondonópolis, notei algo de esplendoroso em seu olhar e no seu sorriso. Logo, fiquei sabendo que era seu dia. O dia

da profissão que escolheu porque queria ser Educadora para moldar a sociedade em um espaço mais dinâmico e harmonioso para as pessoas.

Ainda muito jovem, tinha o sonho de mudar o mundo e contribuir efetivamente para a transformação de muitos jovens que passaram por sua sala de aula, possibilitando a construção de destinos mais aprazíveis e bem sucedidos na vida e na carreira. Muitos alunos e sonhos foram formados por sua encantadora e rica experiência acadêmico-científica. Não me contive e perguntei para a Profa. Dra. Antônia Marília: - Por que ser Geógrafo? E, ela com toda sua sapiência, respondeu: - “O Geógrafo tem o mundo em suas mãos e, nele, a missão de transformar a sociedade em seus aspectos políticos, econômicos, sociais, humanos e ambientais”. Foi além: - “Como Geógrafa e Educadora consegui meu objetivo maior, de acordo com meus princípios éticos, morais e religiosos, lutar por uma sociedade mais justa, humana e igualitária. Se consegui meu intento não sei, mas continuo semeando esperanças e sonhos”.

Cada vez mais animada e entusiasmada com a Educação, Antônia Marília, que já poderia ter se aposentado, continua trabalhando arduamente pelo desenvolvimento do Campus de Rondonópolis, da UFMT, por acreditar que sua missão não está cumprida e ainda tem muito mais a oferecer a esta sociedade.

Desde 2013, atua como diretora do Instituto de Ciências Humanas e Sociais (ICHS) aonde vem desenvolvendo uma primorosa gestão.

(*) **EDILEUSA REGINA PENA DA SILVA** - jornalista e relações públicas. Atualmente professora-doutora da UFMT - pena.edileusaregina@gmail.com.

RITA, PÉROLA DO AMOR, COMPLETA 70 ANOS

Publicado em 31 de maio de 2015

Rita suas iniciais podem ser traduzidas em: Razão Inebriante, Totalizando Amor. Por esta razão, suas filhas, dedicam este mês a você, exemplo de mãe, amiga, guerreira e mulher. Rita, a mulher, a amada e a mãe. Cada dia do mês de maio representa uma parte de sua história, formada ao longo dos anos. Consideramos Lú e eu, maio o mês do amor. Por não encontrar palavra melhor para descrever o este mês senão amor.

Faz algum tempo que Rita nasceu. Exatamente no dia 22 de maio, a partir daí passou a inundar a vida de todos com sua alegria e simpatia contagiante. És uma pérola, que soube sair da concha e brilhar para o mundo. Como pérola preciosa, se tornou uma criatura de luz iluminando a todos ao seu redor. Também amparada pela proteção divina soube criar, educar e transformar suas filhas. Tornando-as cidadãs de bem, mulheres trabalhadoras, fortes e guerreiras, balizadas pelos princípios éticos e morais do amor, que exige respeito, carinho e solidariedade. Tudo isso, apesar de perder seu amado, tão prematuramente, quando ainda era uma mulher de 40 anos. Rita soube driblar as diversidades e criar com muito amor e dignidade suas filhas. Mainha, Lú e eu (Edileusa) agradecemos todos os dias a sua existência e suplicamos aos céus e nosso Deus misericordioso, que seu caminho seja sempre guiado pela luz divina.

Maiou chegou trazendo consigo as alegrias do despertar de uma linda pérola, que tão jovem se enamorou e se encantou pela vida. Então, nada melhor do que no último dia de maio, reverenciar todas as suas conquistas e sua beleza incomensurável.

Maiou vai passando e, nós suas filhas, felizes por vê-la completar 70 anos. Quem diria? Mas, Deus é supremo e maravilhoso, pois, com a experiência de uma partida tão repentina de nosso painho, aos 48 anos, inevitável não ficar sempre com um pequeno aperto no coração. Entretanto, você chegou aos 70 anos como uma menina linda e sapeca de trinta anos. Esperamos e confiamos em Deus, que, você complete mais 70 primaveras.

Ao final deste mês, nossas homenagens não cessaram, visto que, Rita, em cada canto traduz amor, seu pranto traduz a dor, seu clamor traduz alegria e seu colo é o nosso aconchego. Rita: a CRIAÇÃO foi soberana

com você, moldando do Riso Iluminado de Ternura trazendo Amor e Alegria.

Parabéns pelos seus 70 anos. E parabéns por sermos suas filhas.

(*) **EDILEUSA REGINA PENA DA SILVA** e **OLUZIMERE PENA DA SILVA**:
apenas filhas. pena.edileusaregina@gmail.com e lupena2009@hotmail.com.

MARIA NOS CAMPOS DO SENHOR

Publicado em 14 de junho de 2015

Na madrugada do domingo para a segunda-feira, tive um sonho bem real e muito impactante. Nesse sonho, ocorria grande festa, num luxo só: mulheres lindas, em seus vestidos longos, esvoaçantes, e homens bens vestidos, de casaca — tudo muito belo e perfeito.

Havia também no sonho uma imensa estrada dourada, pela qual caminhava linda senhora. Ela rumava, meio cabisbaixa, em direção a uma porteira igualmente dourada, onde um anjo muito feliz a aguardava.

Ainda não disse, mas vou dizer agora: essa era a chegada de Dona Maria nos campos do Senhor. Sua chegada traduzia-se naquela imensa festa de glórias. A caminho das festividades, ela, Dona Maria, passou por uma linda alameda, toda cheia de flores, belas e olorosas.

Tudo aquilo ficava na vastíssima fazenda celestial. Dona Maria foi andando, daquele jeito, algo cabisbaixa, quando chegou ao belo caminho que dava para a porteira. Foi então que aquela senhora avistou uma porta; e na porta havia um anjo de luz, que a recebeu com um lindo sorriso e outras manifestações de júbilo.

Logo que viu o anjo que a saudava tão entusiasticamente, Dona Maria lhe disse, com voz suave e calma:

— Estou triste porque saí de repente, deixei tudo de inopino e não tive tempo de me despedir de todos os meus familiares amados...

Então o anjo lhe respondeu:

— Maria, que não é a Mãe de Jesus, mas tão bela e digna da bondade do Senhor, saiba que a saudade será sempre uma constante, mas a tristeza, não, Maria, porque agora você atravessou a ponte e está nos campos celestiais. Veio para o lugar de sua morada eterna.

Como a senhora parecia algo surpresa, o anjo continuou a lhe falar:

— Maria, não fique triste. Mesmo porque você plantou sementes frutíferas. Os que se beneficiaram disto estão hoje todos consolidados. Vão ficar bem e seguirão seus destinos, ancorados nos sólidos princípios éticos, na orientação moral que você lhes transmitiu. Alegro-me Maria em receber, nestes campos celestiais, nos campos do Senhor, alguém como você, que cumpriu exemplarmente os desígnios e os

mandamentos de Deus. Foi, aliás, com muita alegria e emoção que recebi ordens de nosso Pai Celestial para acatá-la aqui e agora com muita alegria e com muita festa. Sinto-me agraciado com tamanha missão.

Visivelmente emocionado, o anjo dos Céus voltava a dirigir a palavra a Dona Maria, que, por sinal, tem Campos no sobrenome:

– Foi imensa a minha felicidade, ao receber tais ordens de nosso Pai Celestial, porque eu mesmo já ouvira inúmeras vezes as conversas de outros anjos, falando sobre você, Maria Campos. Você que, nos momentos difíceis, nunca perdeu a fé. Daqui, todos víamos, Maria, como você era (e é) batalhadora. Sua missão na Terra foi lindamente executada. Você viveu obedecendo aos mandamentos do Senhor. E, assim sendo, trilhou caminhos sempre pautados pelo amor, pela fraternidade, pela compaixão, pelo perdão e pelo constante apelo à união, à comunhão de todos. Você distribuía sorrisos e carinho, levava a caridade a todos os que de você se acercavam. E esse amor refletia muito mais do que você pudesse imaginar. Era um amor que se irradiava por todas as pessoas que de alguma forma tiveram contato com você, o que, para determinadas pessoas, era algo simplesmente inexplicável e maravilhoso. Você seguiu seu coração e ele a levou ao caminho da misericórdia, da união e da benevolência. Que coração amoroso!... Era belo ver como você expressava sua fé e seu sentimento religioso em todas as atitudes perante a vida, a família, a comunidade, a vizinhança, os amigos, a Igreja. Você sempre foi uma mulher temente a Deus e tocada pela bênção divina. Foi assim que, seguindo invariavelmente o seu coração e seu Deus, você criou seus filhos, Maria, com o impecável amor de Maria, José e Jesus e coberta pelo divino Espírito Santo, bem como pelo próprio Manto de Maria. Dessa forma é que reluziram em seu abençoado lar as figuras filiais de Campos, Expedita, Maria da Cruz Campos (Cruzinha), Mury, Mercês, Emília, Luzinete, Luís, Francisca, Marta e Jardane.

Foi assim que o anjo, cheio de contentamento, anunciou a chegada de Maria nos campos celestiais. O que se via, em toda parte, era uma alegria traduzida em festa, emoção e muito amor.

Por isto é que o anjo voltou a lhe dirigir a palavra, mais uma vez:

– Maria, alegre-se, porque todos os que aqui estão vieram para festejar sua chegada nestes campos celestiais. E veja quem está aqui comigo agora e que vai acompanhar você a partir deste momento: é o seu

amado de toda uma vida, João Campos!... É ele o varão que Deus reservou, de forma especial, para trilhar, juntamente com você, uma linda história de amor. Esse amor ultrapassou as barreiras do tempo e da eternidade. E, hoje, novamente juntos, vocês consagram um ao outro e os dois aos demais, nestes céus infinitos. Vocês podem escolher qualquer lugar deste vasto loteamento de campos floridos. Escolham o seu cantinho e nele fiquem, para continuarem em sua evolução, que inclui a continuidade do amparo e do amor que vocês sempre reservaram a seus entes queridos.

E o anjo falou mais alto, dirigindo-se à multidão que se regozijava, em festa pela chegada de Dona Maria:

— Recebemos hoje a Sra. Maria da Conceição Campos, casada com “seu” João Luís Campos, tendo a família os 11 filhos já citados, além de 19 netos, cinco bisnetos...

Relembrou ainda o anjo que Dona Maria Campos, da mesma forma que o marido era homem religioso, é uma mulher de fé. Alegre o tempo todo, a tristeza não existia em sua vida. Adorava assistir a uma missa. Ver a casa cheia de gente era sua maior alegria. Outra grande satisfação era reunir todos os filhos para “tirar retrato”, como ela dizia. Viveu, assim, muito feliz e sendo por todos amada, porque a todos cativava. Além de criar seus 11 rebentos e ajudar na criação dos netos, ainda adotou mais dois filhos. Rezava todos os dias o terço. E, também diariamente, pedia a proteção do Pai Eterno. Por tudo isso e pela atenção que reservou a todos os que cruzavam com sua vida, foi uma grande mulher! Viveu seus 85 anos bem vividos, com muito amor em volta, inclusive quando celebraram em Picos, no Piauí, os seus 70 anos de idade. Se os campos celestiais estão hoje festejando tanto, é porque você mesma, Dona Maria Campos, adorava os festejos sadios — e não admitia que nenhum filho ou filha comemorasse datas como o Dia das Mães, o Dia dos Pais, o aniversário, o Natal, sem a presença dela!...

Ao concluir o relato desse meu sonho, dedico-o à família Campos, com toda a minha amizade e admiração, além de meu colo e meu aconchego. E o resto, no dizer de Hamlet, é só silêncio...

(*) **EDILEUSA REGINA PENA DA SILVA** é jornalista, relações públicas, professora doutora da Universidade Federal de Mato Grosso, no Campus de Rondonópolis - pena.edileusaregina@gmail.com.

BIBLIOTECONOMIA EM MATO GROSSO

Publicado em 20 de junho de 2015

Para minha surpresa aprendi a amar a Biblioteconomia, apesar de todos os percalços para conseguir consolidar esta área em Rondonópolis, em meados de 2002, quando, aqui, cheguei cheia de sonhos, planos e o desejo de ver o conhecimento aflorando-se e transformando mentes e homens. Não foi fácil nem tem sido. O curso de Biblioteconomia vive uma luta diária em busca de aprimoramento das práticas bibliotecárias, enfrentando as contemporaneidades com muito empenho e desvelo.

A sociedade, a família e os próprios professores do Ensino Médio incentivam seus alunos a buscar cursos ditos da elite, em busca de maior prestígio, porém, como bem expressa Ana Mae Barbosa, primeira arte-educadora da Universidade de São Paulo: “felizmente esta hegemonia se quebrou e, hoje, você tem cursos de hospitalidade, você tem cursos de todas as áreas práticas da vida, que são muito importantes, que dão empregos importantes também”. E, é sobre isso que vamos falar, aqui, neste espaço tão precioso do jornal A TRIBUNA, sobre o desenvolvimento da Biblioteconomia em Mato Grosso nas últimas décadas.

O município de Rondonópolis-MT está localizado a 920 km ao oeste de Brasília-DF e a 212 km ao leste de Cuiabá, capital mato-grossense, num importante entroncamento de rodovias estaduais (MT 130 e MT 270) e federais que ligam o Sul e Norte do país (BR 163) e o Centro-Oeste ao leste (BR 364), além de estar interligado por ferrovia à região Sudeste e seus portos. Caracteriza-se, portanto, como ponto de passagem obrigatório de bens e mercadorias, o que favorece o crescimento do Ensino, da Pesquisa e da Extensão, tripé básico da Universidade.

Segundo estimativa do IBGE, para 2014, a população de Rondonópolis atingiu aproximadamente 211.718 habitantes, o que colocou o município, em número de habitantes, na 135ª posição no Brasil, 54ª posição entre os municípios interioranos brasileiros e na 3ª posição no Estado de Mato Grosso. Sua população é predominantemente urbana, estimada em 96%. Dessa população, 50% estão na faixa etária entre os 20 e 50 anos, denominada de sujeitos produtivos e proativos.

Para 2014, a população estimada de sua microrregião, que está dividida em oito municípios, é de aproximadamente 270.798 habitantes. A estimativa populacional para a mesorregião, que está dividida em 18 municípios, é de aproximadamente 526.445 habitantes.

Com tais características, Rondonópolis tornou-se cidade polo de uma vasta região que congrega a economia de cerca de 20 municípios, que têm em Rondonópolis uma referência para busca de bens, mercadorias e serviços. A localização privilegiada o coloca como importante polo regional de serviços públicos e privados nas áreas de negócios, de saúde e educação, entre outros.

Neste contexto, a criação do Curso de Biblioteconomia pela UFMT foi um importante marco para o município e abriu margem para que outros cursos também fossem instalados no campus, como os demais que o sucederam a partir de 2000. Na ocasião de sua criação foi o primeiro curso de Biblioteconomia em instituição pública no Estado de Mato Grosso, acompanhado do curso de Biblioteconomia da UNIRONDON, o qual não tem regularidade em sua oferta.

Com isso, a Universidade Federal de Mato Grosso e o curso de Biblioteconomia cumprem importante função social na região e no Estado, pois criou e ampliou as vagas públicas para a formação de bibliotecários. Na época da criação do curso de Biblioteconomia constatava-se que, a maioria dos cursos de formação, se concentrava na região Sul e Sudeste. Isso explicava de certa forma, o difícil acesso da população local a esse tipo de formação acadêmica e aos serviços que estes profissionais poderiam oferecer.

Em 2014, no Brasil, eram contabilizados 42 cursos superiores de Biblioteconomia, oferecidos em 21 Estados e mais o Distrito Federal. Os estados do Acre, Amapá, Rondônia, Roraima e Tocantins não possuíam o curso de Biblioteconomia. A região Centro-Oeste, na qual se localiza a UFMT, concentra quatro cursos de Biblioteconomia, ficando na frente da região Norte (três cursos). Estes dados revelam a importância do curso de Biblioteconomia para a região Centro-Sul e em todo estado de Mato Grosso.

Em um contexto de pouca oferta de cursos de Biblioteconomia, destacamos que os egressos da UFMT têm obtido uma boa empregabilidade nas universidades públicas e particulares, bem como

nos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia dos estados de Mato Grosso do Sul, Mato Grosso e Rondônia.

Do mesmo modo, as empresas e indústrias de Rondonópolis e Cuiabá têm contratado bibliotecários, mas, ainda, em níveis muito baixos e aquém da potencialidade do mercado.

Uma boa opção tem sido as escolas particulares, que requisitam frequentemente os bibliotecários formados pelo Campus de Rondonópolis da UFMT. Mas, também, a oferta de emprego para os bibliotecários continua aquém das potencialidades do mercado local, regional e brasileiro.

Enquanto isso, nas escolas públicas, tanto estaduais quanto municipais em Rondonópolis, a abertura de mercado é quase zero, apesar da promulgação da Lei nº 12.244, de 24 de maio de 2010, que dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do País. Sem falar na luta dos professores de Biblioteconomia, especialmente na figura do coordenador do curso, o professor doutor Alexandre Gusmão, incansavelmente pesquisa, “corre atrás”, busca apoio empresarial, institucional e político em busca de vagas/concursos públicos em Rondonópolis.

A relutância da Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso e das Secretarias Municipais de Educação em criar o cargo de bibliotecário e em contratá-los decorre de uma percepção pública errônea das funções das bibliotecas e dos bibliotecários; da resistência em aceitar a função educativa do bibliotecário; da falta de entendimento da biblioteca como contribuinte ativo no processo de ensino e aprendizagem; e a relutância em aceitar a biblioteca como parceira em projetos de ensino, de leitura e de formação humana e cidadã.

Muitos dos egressos têm prestado concursos públicos e conseguido aprovação entre os primeiros colocados. No tocante ao processo de formação, houveram 12 turmas formadas, entre 2000 a 2014, que ingressaram, entre 2000 e 2010, gerando a matrícula de 377 discentes, registra-se que 222 discentes concluíram o Curso, a taxa de evasão, segundo dados do Registro Acadêmico da UFMT, tem sido alta (41%) frente ao cenário nacional da evasão universitária que se estabelece em 30%.

A expansão do parque industrial de Mato Grosso impulsiona a estruturação de bibliotecas especializadas e a formação de profissionais qualificados para atender esta nova demanda, e assim, Mato Grosso e, em especial, o Campus de Rondonópolis da UFMT torna-se local estratégico para o oferecimento e consolidação do Bacharelado em Biblioteconomia, considerado, por nós, de fundamental importância para a implantação e desenvolvimento das bibliotecas, dos centros de documentação e demais sistemas de informação.

O balanço do padrão evolutivo da Biblioteconomia, sem dúvidas, é positivo, assinalando um promissor caminho para o desenvolvimento desta área em Rondonópolis e adjacências.

(*) **EDILEUSA REGINA PENA DA SILVA** professora doutora do curso de Biblioteconomia há treze anos. Este texto foi construído por toda equipe de professores mestres e doutores do curso de Biblioteconomia

PARABÉNS PARA MINHA AMIGA ROBÉRIA NÁDIA

Publicado em 29 de outubro de 2015

Em 1998, já faz um bom tempo, conheci uma pessoa incrível e, que Deus, em sua infinita sabedoria, logo tratou de nos aproximar. Hoje, quase 17 anos depois, tenho o maior orgulho de chamá-la de AMIGA.

Querida, Robéria Nádia Araújo Nascimento, neste 28 de outubro, dia do seu aniversário, quero falar em alto e bom som: você foi e sempre será a melhor conquista que obtive em meu Mestrado em Ciência da Informação, na Universidade Federal da Paraíba, na linda e enigmática cidade de João Pessoa. Você conquistou meu coração e minha alma.

Apesar da longa distância, você sempre permanece em minha memória e é presença constante em minha vida. Todos os dias aprendo um pouco mais com seus exemplos de coragem, de vitalidade, de alto astral, de responsabilidade e de amor em tudo que faz. E, olha, que faz tudo, as mais difíceis tarefas e atividades com muito empenho, sabedoria e obstinação.

O que poderia dizer-lhe neste dia tão especial, - o dia que Deus concedeu-lhe a VIDA. E, que você cuida com muito amor e carinho, procurando sempre ser uma pessoa melhor.

Não sei de quem é esta frase, mas, cai como uma luva para você: "Quanto mais sorri com amor, mais a vida se mostrará disposta a lhe beneficiar". E, foi exatamente isso que aconteceu e vem acontecendo. O seu sorriso de amor, sua bondade e solidariedade com o próximo a presentearam com uma família linda, uma profissional de excelência e uma amiga e companheira sincera e disposta a ajudar seus entes queridos e amigos com dedicação e prazer na alma.

Foi assim que se tornou: filha, mãe, esposa, amiga, companheira, jornalista, pesquisadora acadêmico-científica, educadora e uma das mulheres mais inteligentes que conheço neste mundo.

Dona de uma beleza inigualável, além de uma competência suprema que lhe proporcionou conquistar espaços e territórios. Tudo por capacidade e merecimento, a partir da consolidação de um vasto currículo: Doutora em Educação pela Universidade Federal da Paraíba (2007). Mestre em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Paraíba (2001). Professora Titular do curso de Comunicação Social (UEPB), vinculada aos Grupos de Pesquisa Comunicação, Cultura e Desenvolvimento e Comunicação, Memória e Cultura Popular, e à linha

Mídia e Estudos Culturais. Suas produções acadêmicas são interdisciplinares e permeiam os campos do pensamento complexo e epistemologia da comunicação, enfocando as interfaces entre sociedade, educação, informação, pesquisa, conhecimento e mídias.

Ademais, desenvolve estudos sobre televisão, ficção, expressões de religiosidade nos processos midiáticos, observando as possíveis construções identitárias que emergem das dinâmicas informacionais e dos fluxos de sentidos midiaticizados pela comunicação no espaço social.

Você nasceu predestinada a deixar sua história marcada para a humanidade, justamente por características que lhes são inerentes: a esperança de um mundo melhor, sempre. A altivez, própria dos Nobres e essa atitude primorosa de conciliadora, de buscar sempre o equilíbrio das coisas e a paz entre os Homens.

Como não se apaixonar por alguém tão especial, digna e de valor humano imensurável. Tenho muito orgulho de ser sua amiga e poder dizer prazerosamente: De coração, amo você. Feliz aniversário!

(*) **EDILEUSA REGINA PENA DA SILVA** - professora universitária, pós-doutorada da USP e pesquisadora associada do NACE-Escola do Futuro/USP. Mas, acima de tudo, fiel e amiga de seus verdadeiros amigos - pena.edileusaregina@gmail.com

NUNCA ANTES NA HISTÓRIA DESTE PAÍS – PARTE II

Publicado em 13 de novembro de 2015

Gosto muito desta frase dita pelo Presidente da República Luís Inácio Lula da Silva, à época de seu Governo, que nos fazia acreditar que tudo era maravilhoso. Como Alices, vivíamos no ‘País das Maravilhas. Ledo engano, meus caros leitores, por esta razão, nunca antes na história deste país este texto se justifica, inclusive sua reprodução com raríssimas atualizações (ou não).

Os professores nunca foram tão desvalorizados e desrespeitados pelo Estado Nacional, pelas Instituições nas quais trabalham e o pior de tudo pelos alunos, por quem os professores dedicam sua vida e repassam seu bem mais precioso: – o conhecimento. Desculpem, mas perdi a ilusão e romantismo com a docência. São mais de treze anos dedicados à docência do ensino superior. Neste tempo, apesar da dedicação e do empenho em formar jovens e adultos mais proativos não somente para o mercado de trabalho, mas, essencialmente para a Vida, os pontos negativos e as decepções superaram o prazer da nobre missão/ofício de Ser Professor.

Os professores, independentes da área educacional, vem sofrendo, há décadas, com o desrespeito e com descaso, oriundos tanto das esferas públicas e políticas, bem como, de parte dos Gestores Educacionais, que, a exemplo de Peter Pan, faz de conta que tudo está bem e não precisamos de nada. Preferem continuar sempre parados no tempo.

O faz de conta é a principal ferramenta e também o único diálogo possível. Faz de conta que não ouve, nem vê as condições precárias às quais estamos submetidos, ou pior: o caos que vivem as instituições educacionais. Mas, mesmo assim, ou apesar disto tudo, a comunidade acadêmico-científica continua produzindo e fazendo as coisas acontecerem, num esforço incomensurável, pelo desenvolvimento e continuidade do Ensino Superior público, gratuito e de qualidade.

Infelizmente, esta última e longa greve dos professores trouxe-nos a certeza e o desgosto de que nossos governantes, escolhidos para trabalhar em prol do bem coletivo, continuarão sempre nos usando na hora de conquistar o voto e nos esmagando logo depois. Todo aquele discurso de “solidariedade humana”, de “trabalhar pela Educação”, não

passa de letras soltas, sem significado – frases pronunciadas aleatoriamente para ludibriar a massa confiante e necessitada de mudanças reais na sociedade desigual, injusta e corrupta na qual vivemos.

Aos professores derrotados na greve, pelas políticas públicas e o sistema educacional ditatorial resta apenas não se deixarem abater com os últimos acontecimentos e continuarem cultivando a infinita esperança e o amor em seus corações pelo ensino, a sala de aula e formação educacional, moral e ética de seus alunos.

Portanto, nunca antes na História desse país aguardamos com tanta expectativa a primavera para iluminar nossos dias e renovar os sentimentos de independência tão ofuscados por uma ditadura velada e monopolizada, na qual, um grupo de incautos insiste em destituir-nos dos nossos direitos básicos...

Infelizmente nunca antes na História deste país conseguimos chegar ao caos total e a um clima geral de insegurança, decepção, tristeza. Sem falar na crise financeira, política, econômica, da energia, da água e da tão temida volta da inflação, que está visível para qualquer brasileiro com o mínimo de conhecimento (ou quase nenhum) de economia. Basta ir ao supermercado. O brasileiro não consegue mais nem comprar os itens básicos do consumo alimentar, de higiene pessoal e limpeza da casa. Consequências nefastas com perda real do poder aquisitivo dos salários dos trabalhadores brasileiros, que estão nos levando a uma total pobreza. Disparada do dólar, aumento da inadimplência, as taxas de juros mais altos do mundo, corrupção, petrolão, mensalão etc. E, apenas um caminho mais esperançoso: a operação lava-jato e seus desdobramentos, como a operação pixuleco.

Pisaram e sapatearam em nosso Brasil e quem paga a conta, não restam dúvidas, é o povo brasileiro, que, infelizmente ainda está adormecido em berço esplêndido. É muito triste ver nosso país tão instável, tão decadente, tão sem esperança...

O jornal britânico, com sede em Londres, o Financial Times decretou: – “o Brasil virou um filme de terror sem fim”. Bom parar por aqui para não aumentar minha depressão. Brava gente, brasileira, a mim me faltam palavras, sonhos e esperanças. Mas, como somos brasileiros, vale a pena continuar sonhando e lutando por um país realmente democrático, sem corrupção, demagogia, impunidade. Pensar e

acreditar que os interesses pessoais nunca devem sobrepujar o coletivo. Infelizmente nunca antes na história desse país estamos tão sem rumo.

(*) **EDILEUSA REGINA PENA DA SILVA** é brasileira, professora universitária, pós-doutorada da Universidade de São Paulo e pesquisadora associada do NACE-Escola do Futuro/USP. pena.edileusaregina@gmail.com

ENTRE POUSOS E DECOLAGENS

Publicado em 18 de fevereiro de 2016

PAPAYA

Viajar é sempre muito bom. Configura-se como uma fonte essencial de conhecimento, descobertas e sociabilidades. E, ultimamente tenho utilizado desse recurso inúmeras vezes. Tenho estado mais nas pontes aéreas do que na minha própria cama. Porém, isso me faz feliz, me alegro. É quase uma terapia quando tudo corre bem.

Entretanto, na minha última viagem de Rondonópolis para Salvador, quando estávamos nos aproximando de Salvador, o comandante, em plena terça-feira de Carnaval, informou aos tripulantes e passageiros a temperatura, a beleza, a alegria e tranquilidade em pousar na minha cidade natal. Mas foi inevitável um comentário descontraído: melhor do que esta visão maravilhosa é pousar a noite em Barreiras e Rondonópolis. Sorrimos! Mas, a mim me incomodou um pouco o comentário, visto a minha admiração e respeito por Rondonópolis. Uma cidade que me acolheu, onde cresci profissionalmente, conquistei amigos e aprendi a amar.

Todavia, o comandante e os pilotos estão certos: – Pousar em Rondonópolis, especialmente a noite é um risco iminente de acontecer uma tragédia. E, sofri isso na pele quando, no dia 29 de janeiro de 2016, embarquei em Salvador com destino Rondonópolis. Feliz porque não iria ficar muito tempo em aeroportos ou andar por rodovias de altíssimo risco à vida humana. Ledo engano: meu desembarque que estava previsto para 22:50 em Rondonópolis não aconteceu.

Antes de continuar explicando a saga de pousar em Rondonópolis, um parêntese, aqui, para falar de algo esplendoroso: as oportunidades que Deus nos oferece de recomeçar, de repensar e de ver a vida ou o outro com um novo olhar. Agora me refiro a grata surpresa de, em Brasília, encontrar com o Dr. Nelson Pereira Lopes.

Se combinássemos não sairia tão perfeito: o Nobre Advogado de ilibada conduta sentou-se na poltrona vizinha à minha. Não nos conhecíamos do cotidiano rondonopolitano. Apenas nos cruzamos algumas vezes nos Tribunais de Júri Popular. Ele em sua proeminente condição de advogado e eu na minha humilde e respeitosa atribuição de jurado-membro do Tribunal de Júri. E, foi em uma dessas oportunidades, que

querendo muito ser sorteada e aceita pela corte competente do Tribunal de Júri, que vibrei quando meu nome foi sorteado, mas, logo em seguida, o balde de água fria: – Dr. Nelson Pereira Lopes recusou-me (o que é um direito dele e algo muito recorrente nestas atribuições jurídicas).

Entretanto, meus leitores sabem que sempre primei pela verdade e pela sinceridade. Portanto: não gostei. Fiquei muito triste e chateada mesmo. Mas, como mencionei acima, Deus, nesta viagem de Brasília à Rondonópolis me deu a oportunidade de rever meus conceitos sobre este ser humano incrível. Juntos percorremos a saga aérea em Rondonópolis. E, foi a companhia agradabilíssima deste Nobre Senhor, conhecedor das leis e representante da Justiça brasileira, com sapiência, tranquilidade, discernimento, que transmitiu a mim segurança e tranquilidade em meio às atribuições da viagem.

Consegui atravessar todas as turbulências com o coração tranquilo e a alma leve. Senti-me amparada e, com a experiência e o bom senso de Dr. Nelson Pereira Lopes nada temi. Sentia que estava em segurança e que nada poderia abalar a minha paz, nem mesmo ter ficado uns 40 minutos dentro da aeronave, parada no ar, esperando condições para pousar. Depois, da longa espera, o comandante nos informa: o Aeroporto de Rondonópolis, que leva o nome do nosso ilustre Maestro Marinho não tem teto (em palavras simples e claras: a escuridão é imensa; não se consegue enxergar nada daqui de cima; não vou arriscar minha vida nem das pessoas a mim confiadas; falta estrutura ao aeroporto de Rondonópolis para pousos e decolagens seguras etc.).

Resultado: na aeronave tinha em torno de quarenta pessoas, algumas com parentes hospitalizados; outras cansadas por estar vindo de destinos e conexões longas; outros ainda teriam que trabalhar no dia seguinte. Mas, independentemente dos motivos e condições dos passageiros, o que todos queriam era chegar em Rondonópolis no horário acordado pela companhia aérea. Melhor: pousar em solo rondonopolitano. Mas, ao contrário disso, a aeronave, depois de inúmeras tentativas, resolveu pousar em Cuiabá e tudo que queríamos evitar aconteceu: – enfrentar a BR-364 totalmente esburacada em uma van sem o menor conforto.

Sem querer entrar em polêmicas, até porque já estou de partida para novos voos, apenas questiono o que o Poder Executivo de Rondonópolis está fazendo para permitir que uma conquista importante para o povo

rondonopolitano seja eficiente e eficaz? O que falta às autoridades competentes para não deixar o nosso aeroporto (tão desejado e tão necessário à garantia do direito de ir e vir dos rondonopolitanos) ser apenas mais uma obra inacabada e sem o seu efetivo uso?

Será que é este o destino do aeroporto de Rondonópolis tão imprescindível para sua população. Será que vamos perder os voos diretos para os principais destinos que nos ligam com o restante do Brasil? São tantas questões que minha cabeça dói. O voo para Campinas já está comprometido. A empresa responsável, visando ao bem-estar de seus comandantes, da tripulação e passageiros, já decretou que, a partir de março, não vai mais realizar esse destino.

Quem perde com isso, Sr. Prefeito? O povo, sempre o povo eleitor que, na maioria das vezes, se equivocou com seu principal direito: – O Direito ao Voto. E seus representantes sempre ludibriando as promessas eleitoreiras e realizando poucas ações efetivas para benefício da população quando no poder.

E de novo, novamente, mais uma vez, o povo que se dane? Espero que mesmo distante de Rondonópolis receba notícias animadoras de que não passamos de mais uma piada nacional. A concretização e o investimento sério no aeroporto de Rondonópolis são alvissareiros para encher de orgulho e otimismo o povo rondonopolitano.

Ao Dr. Nelson Pereira Lopes agradeço imensamente a companhia e a tranquilidade a mim transmitida. Dr. Nelson, o senhor não imagina o tamanho de minha aflição se não pudesse contar com sua calma e paz. Hoje, o senhor faz parte de minha vida e o levarei em meu coração por onde andar.

Minha gratidão e sinceros agradecimentos e admiração ao Dr. Nelson cuja a participação ativa em nossa sociedade, inclusive sendo o idealizador do projeto do aeroporto Maestro Marinho, não pode e não deve ficar restrita à amizade pessoal. O povo rondonopolitano merece saber da nobreza de alma deste cidadão ativo que luta pelo bem da cidade de Rondonópolis. Muito axé e que outros políticos e homens públicos sigam o seu exemplo de caráter, retidão e ilibada moral cidadã, cívica e jurídica.

(*) **EDILEUSA REGINA PENA DA SILVA** – professora universitária, jornalista e cidadã. pena.edileusaregina@gmail.com

PAI: SÍNDROME DO INFINITO

Publicado em 1 de março de 2016

Joselma, querida, me perdoe, mas neste exato momento, só consigo pensar na dor de Thaís. Não receba isso como uma indiferença a sua dor e aos seus sentimentos. Posso imaginar como está dilacerada. Entretanto, a dor de perder um pai é algo inigualável, pois, passei por isso. E, como dói. Também presenciei a dor de minha mãe, viúva aos 40 anos, que se enterrou viva, junto como meu pai. Nunca mais conseguiu refazer a vida dela.

Como decantou Vinicius de Moraes: – “Eu possa me dizer do amor (que tive): Que não seja imortal, posto que é chama. Mas que seja infinito enquanto dure”. Para ela, o amor de meu pai já dura uma eternidade de quase trinta anos. Espero que você consiga refazer sua vida, mesmo guardando eternamente seu amado em um cantinho de seu coração.

Voltando a dor de Thaís, para nós, filhas, esta agonia é interminável, por mais que a vida siga seu percurso natural. Pai, é o que há de mais infinito em nós. Quando Thaís enviou-me um whatsapp, hoje, pela manhã, revivi na dor dela a falta infinita que meu pai me faz, que o tempo (em sua impiedosa rigidez) foi incapaz de curar ou amortecer. Segui em frente, mas sempre me faltando meu alicerce, minha base forte, meu amor maior, transcendental, eternamente infinito.

Em meus ouvidos, até agora, só escuto a dor dilacerante de Thaís a dizer: – Aí, que dor... Realmente, minha querida Thaís, neste momento não temos outra interjeição a não ser esta: – Aí, que dor...

Particularmente, Antônio Gonçalves Vicente, nosso Tati, foi uma das primeiras pessoas a acreditar no meu valor, a me ensinar a gostar da luta sindical. E, como ele fazia isso tão bem. Lutou e ainda lutava por melhores condições salariais, humanas, acadêmicas e científicas para os professores do Ensino Superior, para os alunos-acadêmicos e por uma universidade pública e de qualidade para todos: professores e alunos.

Não consigo pensar em Tati a não ser na Associação dos Docentes, nas lutas pelo nosso Campus de Rondonópolis com mais qualidade de vida acadêmica, docente e científica. Em 2005, quando de uma das mais longas greves dos docentes do Ensino Superior, lá, estava ele no

comando (presidente) da Adufmat-Rondonópolis. Na hora de formar as comissões, quando chegou a vez da de Imprensa, nem precisei me pronunciar, pois, logo, Tati falou: – Três pessoas para a Comissão de Imprensa. Uma pessoa nós já temos: Edileusa Pena. Quem mais? Então, Soraia Miranda e a Professora Márcia, da Geografia, se prontificaram de imediato para as outras duas vagas. Fizemos, durante quase três meses, um belíssimo trabalho, mais do que isso: uma fortalecida amizade.

Hoje, é difícil perceber o Campus de Rondonópolis sem a presença irreverente do nosso Professor Tati. Sua irreverência era seu ponto forte. Muitas vezes poderia parecer que tinha uma natureza humana difícil de lidar, mas, atesto: era apenas uma armadura para driblar as adversidades e os hipócritas. Lá, no fundo de seu coração e de sua alma, era um homem nobre, gentil, companheiro, compreensivo, solidário, amável e amigo de seus amigos.

Professor Tati é o tipo de ser humano que não cabe meias verdades. Era intenso, justo, leal, qualidades dos grandes líderes. E, foi sem sombra de dúvida: um dos grandes líderes da UFMT-Rondonópolis.

Infelizmente, nós, seres humanos, e uns mais cruéis que outros, nos acostumamos a rotular as pessoas, sem ao menos concedê-las o benefício da dúvida. Somos, em muitas vezes, impiedosos, maldosos, injustos etcetera e tal.

Todavia, nosso amado Professor Tati, conseguia tirar tudo isso de letra. Botava para escanteio, cabeceava e mandava para o gol. Assim, será em sua transição da vida para a morte. Sai deste mundo de mortais, pecados e pecadores, e segue rumo a outra dimensão.

De lá, continuará, não me restam dúvidas, liderando e à frente das lutas sindicais e de seu lugar ao sol. Daqui, continuaremos a pensar a vida, os amores e tantas outras coisas infinitas e imortais. Até que a nossa hora também chegará.

No entanto, minha querida Thaís, das poucas certezas que tenho na vida, uma delas é que no cotidiano humano frágil e apazível somos amadores. Definitivamente, não estamos preparados para as finitudes. Também acredito firmemente que Deus e as raras amizades verdadeiras é tudo que temos de único, transceptor e infinito.

Antônio Gonçalves Vicente, nosso Professor Tati por mais de três décadas no Departamento de Matemática, ficará eternizado nas placas

de formaturas, na Adufmat-Rondonópolis, nas salas de aulas, nos cursinhos de Matemática, nos sonhos e realidades de cada aluno que passou por suas aulas, nos corredores do nosso Câmpus de Rondonópolis, na Cantina do Chico e, infinita e eternamente nos corações de sua amada (Joselma Pinheiro Gonçalves Vicente); de seus filhos e de seus amigos verdadeiros, a exemplo de Rosa e Laudenir. E, sem nenhuma sombra de dúvida, em meu coração.

Em minha lembrança, um de meus últimos encontros com Tati, em sua casa, em outra situação de greve dos docentes (esta última de 2013), mas também visitando e comemorando a chegada de sua linda netinha. Tão linda no berço a dormir. Este anjo também nunca o esquecerá.

Toda pessoa é única, especial e singular... Sua existência, Tati, será traduzida pelos bons e especiais momentos de convivência com o outro. Sempre a desfrutar nesses breves ou longos, mas raros e especiais encontros, de sua sabedoria e peculiar experiência de vida. Notadamente, a sair, todos nós, transformados por essa rica troca de informações e de conhecimentos. Vamos seguir em frente. Vai em paz, meu amigo, com a certeza infinita do dever cumprido. A Thaís, me solidarizo com a sua dor de filha. De longe, meu carinho e meu colo.

(*) **EDILEUSA REGINA PENA DA SILVA** - professora pós-doutorada, jornalista e alguém que aprendeu a amar o Professor Tati do jeitinho que ele era, porque quando o amor/amizade é verdadeiro não se aprecia apenas as qualidades, mas, acima de tudo se respeita as incoerências, contrastes, distinções e diferenças. Isso é Alteridade, respeito ao outro

UMA SINGELA HOMENAGEM AO DNEI

Publicado em 22 de junho de 2016

Ontem (21) o dia foi todo dele. Meu amigo Dnei Matos, que você tenha uma semana muito abençoada. Dnei Matos é um dos profissionais de comunicação e mídia dos mais competentes que conheço. Excelente fotógrafo-repórter. Fez da profissão de fotógrafo seu ofício.

Cobriu grandes episódios jornalísticos em Rondonópolis, seja no jornal A TRIBUNA onde trabalhou por muitos anos ou em qualquer outra empresa que vá. Migrou e driblou com facilidade do fotojornalismo tradicional para as mídias digitais e o ambiente online/virtual.

Sou sua fã, meu amigo. Lembro-me bem de tempos idos a gente correndo (literalmente) atrás da notícia e o quanto aprendi com você. Competência é seu sobrenome. Parabéns e mil felicidades pelo seu aniversário transcorrido ontem.

(*) De coração, **EDILEUSA REGINA PENA DA SILVA**

A FRAGILIDADE DA VIDA E O ÚLTIMO SUSPIRO

Publicado em 17 de setembro de 2016

Estou chocada com a fragilidade da vida. Tem tanta gente que desperdiça tempo com tantas coisas miúdas, insignificantes, sem valor diante da grandeza da vida, que nada mais é do que um sopro. Agora estou, neste exato momento, escrevendo com o coração muito triste, este texto, daqui a alguns segundos não estou mais, não sou mais e deixei de fazer tanta coisa. Deixe de dizer o quanto algumas pessoas foram importantes para mim.

Eu sei tanto como é este sentimento, porque meu pai morreu aos 48 anos de idade, assim em um sopro: - "Vou ali pegar minhas filhas e já volto...". Mas, nunca mais mais voltou. Nunca mais. Esta expressão é pesada demais. Entretanto, é importante para que possamos refletir sobre o sentido de nossas vidas. Amar mais, respeitar mais o outro, ter mais tempo para a família, os amigos. Ter mais tempo para ser feliz e dizer a quem está perto de você, a todo instante, "Eu te amo"; "Como admiro seu trabalho"; "Quero que você sabia do quanto você me faz feliz", porque, senão, chega este último suspiro, sem avisos, despedidas, nem "fica um pouco mais" "está cedo, toma mais um cafezinho".

Como é triste morrer e mais ainda sentir a morte de alguém. Como é triste não poder dizer adeus. Há 30 anos, faz em novembro deste ano, que estou com meu "adeus, painho, te amo muito, qualquer dia a gente se encontra" entalado na garganta. Nessa hora, não tem palavras, não tem conforto, não tem nada. É o único momento que realmente paramos para refletir e descobrimos que não somos nada, que não somos eternos e muito menos donos do nosso destino.

Agosto foi um dos meses mais difícil para mim porque perdi para o último suspiro pessoas as quais admirava muito. Perdemos, aqui, em Rondonópolis, a maior voz do rádio mato-grossense, que entrava todo dia de manhã em nossa casa e nos contava das notícias do Brasil, da cidade, um pouco da vida, um dedo de prosa e se desse uma moda de viola.

O impacto foi tanto, que meu silêncio gritava e não conseguia dizer nada, por mais de um mês. Mas, Antonio S. Rocha Filho, o nosso Antonio Carlos da Rádio Clube sabia da minha admiração por ele.

Adriana Rodrigues, sua linda esposa, sabia o quanto todos da cidade o amavam. E ela também sabe do quanto está doendo e do quanto nossas manhãs ficaram mais tristes.

De alguma forma, Adriana e seus filhos tiveram a oportunidade de dizer alguma coisa. Entretanto, muitos ouvintes fiéis do Programa Rondonópolis Verdade não puderam fazer aquela ligação e dizer: - "Antonio Carlos, seu programa é maravilhoso". Encontrei pessoas de todos os níveis de escolaridade, de diversas classes sociais, homens e mulheres chorando muito. Nem sei se Adriana sabe da dimensão do quanto Antonio Carlos era amado pelo povo de Rondonópolis.

A súbita partida (a morte de Domingos Montagner) desse ator incrível, talentoso, lindo e de sorriso encantador fez me lembrar de Antonio Carlos, porque, hoje à noite, o Velho Chico vai estar muito triste, gritando de dor em silêncio, sem a voz nem a beleza de Domingos Montagner. Meus sinceros sentimentos à família, aos colegas e a nós, fãs, que também sofremos muito com despedidas deste tipo tão brutal. Voa, Santo dos Anjos, para o Portal Celestial com a mesma alegria e doçura que você nos encantava.

(*) **EDILEUSA REGINA PENA DA SILVA** é jornalista e professora com pós-doutorado do campus local da UFMT - pena.edileusaregina@gmail.com

NÃO É BRINCADEIRA DE CRIANÇA – É A EXPRESSÃO DO AMOR VERDADEIRO

Publicado em 14 de outubro de 2016

Este ano não tem sido fácil. Mesmo no 12 de outubro dedicado às crianças e a Nossa Senhora Aparecida, considerada pelos católicos a padroeira do Brasil, o dia foi exaustivo. Por aqui, nada de brincadeiras de criança, porque havia a necessidade premente de velar nossos mortos. Assim, com esta visão pessimista e característica de pessoas egoístas, que reclamam de tudo, acordei cedo, decidida a velar esses mortos. No fundo da alma, algo em mim estava tranquilo. Não sei explicar. Não conseguia entender. Mas tudo começou a fazer sentido para mim no final do dia. Vocês já vão me entender.

Eram duas Edileusas Pena, uma em conflito com a outra (bipolaridade, pode ser). Como já mencionado, acordei cedo para velar nossos mortos. No entanto, fui antes à feira dos pequenos agricultores. Conversei com um monte de gente. Ri, experimentei as delícias que a terra produz. Encontrei-me, sem combinar, com Javert de Melo Vieira, o ainda pró-reitor do campus de Rondonópolis da UFMT. E fui ficando pela feira, até que meu celular tocou. Era Alexandre Gusmão, professor de Biblioteconomia, da mesma Universidade, colega de trabalho, amigo e o irmão (homem) mais valioso que a vida me presenteou, pois tenho o melhor presente, que Deus me deu: minha irmã Lu (irmã biológica do mesmo pai e da mesma mãe, nascida no dia de meu primeiro aniversário!).

Voltando ao telefonema: era Alexandre Gusmão, me lembrando que estava na hora de velar nossos mortos. E, assim, nos encaminhamos para o Cemitério Vila Aurora, para prestar solidariedade ao nosso colega de trabalho, Celso Moisés, um dos irmãos do admirável e irreverente cronista esportivo Salaquiel Nascimento (o Salaca). Ali, fiquei perplexa, sem entender por que alguém tão jovem morre assim. E foi tanta gente boa que nos deixou este ano, de forma trágica ou inesperada. Não consegui ainda digerir a morte do Padre João Paulo, nem a de Antônio Carlos, que aniversariava no Dia das Crianças. Sim, exatamente, no dia 12 de outubro, quando precisava velar nossos mortos.

Na parte da manhã, fiquei pouco tempo no velório de Salaquiel, pois meu companheiro há mais de uma década nesta excursão dolorosa de velar nossos mortos precisava cuidar da esposa, minha cunhada amada, Nair Gusmão, de seu recém-nascido e de seus dois outros filhos. Afinal, era 12 de outubro, dia de brincar com as crianças. Voltei para casa e comecei a reclamar da vida que se esvai e a indagar a Deus sobre o porquê de tanto sofrimento para estas famílias. Também não conseguia entender como Adriana Rodrigues amealhou forças para se despedir de seu amigo Salaca. Fiquei inquieta, em casa, e precisava voltar ao cemitério para continuar velando nossos mortos. Pode parar!. Não era para velar ou participar das cerimônias de sepultamento. Era urgente aprender sobre a força do Amor. Era isso que Deus estava querendo me dizer. Mas eu – implacável em minha dor – não conseguia escutar a voz divina.

Desse modo, este embarque nos caminhos do desconhecido proporcionou-me momentos intensos de reflexão, troca de experiências e descobertas imprescindíveis para minha evolução como ser humano. Entretanto, isso somente foi possível no intervalo entre as duas cerimônias de sepultamento. Isto mesmo: eram dois velórios da mesma família: a) na sala 1, nosso inesquecível radialista Salaquiel; e b) na sala 2, a sogra do irmão da esposa de Celso Moisés. E foram essas pessoas que me ensinaram qual era a minha lição do dia – o que era que Deus tinha para me falar.

Sim, foram essas pessoas, com destaque muito especial para duas mulheres admiráveis, fortes, de uma grandeza e generosidade imensuráveis. São elas: Adriana Rodrigues e Elaine Isabel Conte. Por causa delas e de seus ensinamentos, através de atitudes suas nobres, comecei a me aventurar pelo tema do amor. Amor infinito e transceptor de Adriana Rodrigues pelo seu amado Antônio Carlos. Reunindo suas forças, foi velar seu amigo. Sabia que seria isso que seu amado faria naquele momento.

E o que dizer de Elaine Isabel Conte? Não encontro palavras realmente significativas para expressar a força dessa mulher, desdobrando-se para consolar e amparar as suas duas famílias. Nossa! Jamais presenciei nada igual.

Mas, não foram somente as mulheres que me impressionaram, aprendi muito, no Dia das Crianças, com meu amigo Celso Moisés, porque foi

ele, depois de sepultar seu irmão, quem reuniu forças e amor para aguardar pelo próximo sepultamento. Neste intervalo de mais de duas horas, Celso Moisés veio conversar comigo. Ficamos horas a fio falando sobre a morte, a vida e principalmente sobre Deus. Aí, entendi, ou comecei a entender, que o que denomino como dor, na verdade, é uma explosão intensa de amor. Era somente amor que transbordava naquele lugar. E dos mais puros. Amor de mãe, amor de filhos, amor de irmãos e o amor lindo de Elaine Conte por Celso Moisés; e de Adriana Rodrigues por Antônio Carlos.

Deus, em sua infinita bondade e misericórdia, me deu a oportunidade de aprender um pouco mais sobre “amar o próximo como a ti mesmo e amar a Deus sobre todas as coisas”. Foi assim que resolvi aventurar-me pelo tema do amor. Este desconhecido e encantador sentimento que une as pessoas, que inquieta, que supera guerras e preconceitos e que movimenta os alicerces da sociedade humana desde os tempos primitivos. Como criança, fiz meu dever de casa; fui menina obediente e ouvi a voz de Deus, clamando que fosse velar nossos mortos. A menina obediente aprendeu que a espécie humana só pode nascer, crescer, viver e morrer do/com/pelo Amor. Por meio do mais puro amor, construímos nossas famílias, plantamos sonhos, velamos nossos mortos e deixamos a vida seguir seu curso natural.

Adriana e Elaine me fazem acreditar no amor como o único caminho possível para a felicidade e que a humanidade não pode viver sem se alimentar, exaustivamente, desse sentimento. Pessoas como são Francisco de Assis, Madre Tereza de Calcutá, Gandhi, a Irmã Dulce e tantos outros, que até a morte não se cansaram de pregar o amor religioso, me instigam a pensar em um “amor transceptor” baseado na solidariedade, no respeito mútuo, na verdade, na lealdade, na doação, na bondade e, especialmente, na justiça.

Em tempos tão difíceis, como os vividos na atual conjuntura política, econômica e social do país, resta-nos reagir ativamente às intempéries do tempo, com bom-senso, sem auto-piedade, sem dominações, sem perversões. É importante acreditar que somos construtores de seres amorosamente modificados e nos ver como portadores de um código secreto com a missão de moldar para um planeta tão carente de afeto, almas mais sintonizadas com a essência humana.

Com muito amor, nos despedimos de Salaquiel Nascimento e dona Maria Santos de Lima!

(*) **EDILEUSA REGINA PENA DA SILVA** é professora do campus de Rondonópolis da UFMT, com mestrado, doutorado e pós-doutorado, mas ainda precisando aprender muito sobre as coisas do amor divino

TENHO FÉ E ACREDITO NA FORÇA DO PROFESSOR!

Publicado em 16 de outubro de 2016

Para todos os meus professores, inspirada no lindo poema “Tenho fé e acredito na força do Professor!”, de um paraibano arretado, chamado Braúlio Bessa, que reconhece e declama em forma de Cordel o valor e a força do Professor.

Em suas palavras: Um guerreiro sem espada/ sem faca, foice ou facão/
armado só de amor/ segurando um giz na mão/o livro é seu escudo/
que lhe protege de tudo/ que possa lhe causar dor/ por isso eu tenho
dito/ Tenho fé e acredito/ na força do professor./ Ah... se um dia
governantes/ prestassem mais atenção/ nos verdadeiros heróis/ que
constroem a nação/ ah... se fizessem justiça/ sem corpo mole ou
preguiça/ lhe dando o real valor/ eu daria um grande grito/ Tenho fé e
acredito/ na força do professor./ Porém não sinta vergonha/ não se
sinta derrotado/ se o nosso país vai mal/ você não é o culpado/ Nas
potências mundiais/ são sempre heróis nacionais/ e por aqui sem
valor/ mesmo triste e muito aflito/ Tenho fé e acredito/ na força do
professor./ Um arquiteto de sonhos/ Engenheiro do futuro/ Um
motorista da vida/ dirigindo no escuro/ Um plantador de esperança/
plantando em cada criança/ um adulto sonhador/ e esse cordel foi
escrito/ por que ainda acredito/ na força do professor.

A todos os Professores, que, assim como eu, escolheu está nobre missão, com prazer e muito orgulho, meus Parabéns. Obrigada a todos os meus Professores, que me lapidaram e me fizeram enveredar pela seara do conhecimento.

Caminhos tão longos e sem previsão de chegada, com começo, mas sem tempo para finalizar. Ser professor é esta força enigmática que brota do amor, da generosidade e da doação de si e de seus conhecimentos. Também de seus ensinamentos, aprendizagens e de suas experiências de vida.

Ser Professor é Amor Infinito ao próximo. É um querer mais que bem querer, é simplesmente Paixão, sem razão. Bom dia a todos os nobres Professores, que ganham mal, mas em sala de aula, isso pouco importa. Trabalham em espaços, faltando pedaços, mas na mente e no coração valente, transmite mais um conhecimento.

Mesmo com tanta sabedoria, muitas vezes, só conhecem a Ingratidão. Não são respeitados, nem por alunos (claro, tem exceções) e muito menos pelo Poder Público. Mas, nada disso impede um Professor de repassar ao o outro o melhor de si mesmo.

Basta o reconhecimento de um único aluno, para seu dia ser mais feliz. Ser professor é... Você que fez a leitura até aqui, agora complete. O que é ser Professor para você? Bom dia, Professor e Professoras, meu carinho e meu muito obrigada.

(*) **EDILEUSA REGINA PENA DA SILVA** é professora do campus de Rondonópolis da UFMT, com mestrado, doutorado e pós-doutorado - pena.edileusaregina@gmail.com

FELIZ ETERNIDADE!

Publicado em 8 de novembro de 2016

Dia 8 de novembro de 1986 era para ser uma noite de sábado iluminada e festiva. Mas não foi assim que aconteceu. E, neste trágico dia, infelizmente, meu painho, marca o fim de sua existência, aqui, na terra, com sua esposa amada, à época, uma linda mulher de trinta e poucos anos e suas filhas. Mas quis o destino, ou sei lá quem, que o final deste romance não tivesse um beijo tão desejado dos jovens apaixonados com sua família feliz.

No asfalto, daquela trágica noite de sábado, o destino nos reservou um triste adeus a José Alves da Silva, morto em acidente de trânsito, aos 48 anos de idade, cheio de vitalidade, saúde e alegria... O culpado nunca foi condenado. Já, a família dele, do meu painho, ficou destruída sem seu principal elemento, mas com toda dor, arrancando a nossa alma, tivemos que levantar.

Era imperativo sacudir a poeira e seguir em frente, porque a vida continua apesar das intempéries e tempestades. Apesar dos naufrágios, dos tsunamis, das guerras sangrentas, da violência cidadina, que vivemos em pleno Século XXI. A vida segue seu curso normal mesmo quando nossa única vontade é fechar os olhos e dormir profundamente, sem ninguém a nos despertar.

Entretanto, tudo que não queríamos era fechar os seus olhos, meu painho, meu verdadeiro amor, naquele sábado. Hoje, olhando para trás, percebo que são trinta anos sem você, bem mais tempo do que pude estar ao seu lado, aprendendo com o teu amor e tua generosidade. Vem em minha mente agora a música interpretada por Maria Bethânia, composição de Caetano Veloso: “Não quero que o nosso amor / Seja um buraco no não / Mas sinal na trajetória / Da vida e da canção / Marca de queda e vitória / Na palma da mão / Sombra, memória e por vir do coração...”.

Como disse Publio Sírío: “Ninguém pode fugir ao amor e à morte”. Eu testemunho: nem o tempo cura a dor de perder um pai e muito menos diminui a saudade de não poder mais ver alguém que tanto amamos. Se existem verdades translúcidas e incontestáveis, esta é uma dessas,

porque estas três décadas foram passando, ora lenta e crucial, noutras o relógio deu um salto com a sapiência das águias.

Meu painho, mainha não quis mais outro amor e todo dia fala de você, pensa em tudo que vocês viveram, resmunga, chora ou fica com o olhar perdido. Lú, a sua caçula, cuida dela com todo zelo e amor do mundo. Eu alcei voos para bem longe, mas sempre volto. E, quando volto, às vezes tenho a impressão que está tudo do jeito que você deixou. Mas é só impressão. Nossas vidas sem você deu uma reviravolta gigante. Estamos seguindo. Minha ou nossa (mainha, Lú e eu) certeza: você será sempre o primeiro e verdadeiramente inesquecível amor de nossas vidas.

Seu auxílio e apoio em nossas descobertas, escavações, caminhadas, arrancadas, lágrimas, lutas, derrotas, desânimos, vitórias, tentativas, desistências, tristezas e alegrias nestes trinta anos de sua morte foram insubstituíveis. A cada momento difícil lembrava-me do seu colo. Em cada tristeza ou decepção, me lembrava de sua palavra de ânimo e coragem. E, em cada vitória conquistada, todas nós (mainha, Lú e eu) sentíamos/sentimos sua falta na plateia para comemorar conosco. Não foi nada fácil e até nosso reencontro sei que não será.

Enfim, amadurecemos com as inúmeras contrações e relaxamentos a que nos expusemos para driblar as adversidades e conquistar sonhos, espaços, títulos, amigos, mas, sobretudo, atitude para bem viver e ser feliz, mesmo com sua ausência.

Pode parecer clichê: – Sei que com palavras nunca poderei expressar todo o meu sentimento, meu amor por você. Sei que nenhuma palavra dita poderá traduzir o meu/nosso amor e nossa gratidão por você ter sido um homem e um pai extremamente amável e generoso. Nunca esquecerei seu olhar, azul como o mar, a me olhar e dizer que tudo iria ficar bem. Mas você partiu e fui/fomos obrigada(s) a aprender a viver sem você. Por causa daquela tragédia impiedosa, que lhe arrancou precipitadamente de minha/nossas vida(s).

Por tudo que você representa para sua amada Rita, sua caçula Lú e para mim, hoje, para homenagear seus 48 de existência neste mundo e trinta anos de sua morte, valho-me, da superexpressiva letra de Sérgio Bittencourt, imortalizada pela voz de Nelson Gonçalves, que também já não habita neste mundo. “Naquela mesa ele juntava a gente / E contava contente o que fez de manhã / E nos seus olhos era tanto brilho / Que

mais que seu filho eu fiquei seu fã / Eu não sabia que doía tanto / Uma mesa num canto uma casa e um jardim / Se eu soubesse quanto dói a vida / Essa dor tão doída não doía assim...”.

É meu painho, naquela mesa (na nossa mesa) está faltando você. Em nossas vidas, seu lugar vazio ficou, mas a vida continua. Por esta razão, no patamar da minha/nossas vida(s) seu lugar continua habitado e ocupado pelo melhor de você e de tudo que você representou. Olho/olhamos para trás e sinto/sentimos saudades. Por outro lado, olho para frente e vejo um amor imensurável que conduziu minha vida e me alimenta todos os dias em busca de novos sonhos, outros ideais.

Por tudo dito e vivido, como não reconhecer sua presença em cada ato da vida de sua Rita, sua Lú ou na minha. Fato lastimável: – você partiu. Entretanto, você não deixou de fazer parte de nossas vidas. Você continua vivo em mim e eu continuo sendo parte de você. Em cada parte de mim existe um pouco de você. Sei que não estarei sozinha jamais. Muito menos estarei distante de você. Sou carne da sua carne e vida da sua vida. Melhor presente, impossível. Melhor lembrança, presente. Faça uma grande festa nesta outra dimensão onde você está. Aqui, nossas preces, uma canção e uma feliz eternidade para você. Com todo nosso amor (Rita, Lú e Dil)!

(*) **EDILEUSA REGINA PENA DA SILVA** é professora Adjunto IV da UFMT. Entretanto, neste momento, é apenas uma filha-órfã, que teve de aprender a viver sem o seu painho

ENFIM, A APOSENTADORIA...

Publicado em 17 de fevereiro de 2017

Em tempos incertos de reformas na Previdência Social, na última segunda-feira (13/01/2017), foi em um misto de contentamento, tristeza e saudades que o Campus de Rondonópolis, da Universidade Federal de Mato Grosso, recebeu a notícia da oficialização da aposentadoria de Telma Teodora Borges. Todos, especialmente os que conviviam mais próximo dela, ficaram impactados em saber que uma colega de trabalho conquistou seu merecido direito ao descanso, a dias sem horas marcadas, a visitas mais frequentes às pessoas queridas, cuidar de sua família, estar junto aos seus sem a preocupação com o relógio ou suas inúmeras atividades e compromissos laborais.

Como bem conceitua a recém-aposentada, este é um momento ímpar em que afloram as emoções e sentimentos diversos, como: alegria e a satisfação do dever cumprido e chegada do merecido descanso. Mas fica a tristeza e saudades do ambiente de trabalho, dos laços afetivos construídos e das amizades indeléveis, que o tempo da aposentadoria não desfaz. Justamente, porque se aposentar é conquistar o direito de desfrutar seu tempo a seu bel prazer, mas não apaga nem muito menos desfaz tudo que foi conquistado na vida profissional.

Para o Campus de Rondonópolis, como afirmam diversos colegas e amigos de uma vida inteira dedicada a esta Instituição, Telma Teodora Borges foi além da excelência profissional. Ela é sinônimo de sabedoria, elegância, companheirismo e bem viver. Telma sempre primou pelo acolhimento à discórdia, pelo sorriso franco ao mau humor, pelo abraço afetuoso com esperança de dias melhores à arrogância e o distanciamento de seus colegas. Telma Teodora Borges deixa sua marca registrada no Campus pela sabedoria, alegria, conquistas nobres e enriquecedoras e a esperança de dias melhores. Também por seu otimismo, sua força e coragem para driblar as adversidades muito comuns em um ambiente de trabalho.

Em mais de três décadas, o Campus de Rondonópolis foi a sua principal morada. Ali, estudou e se tornou pedagoga, estagiou e efetivou-se no serviço público. Foi galgando degraus imprescindíveis para sua evolução como ser humano, profissional e supervisora administrativa,

sendo a responsável, por muitos anos, pelo setor de Registro Escolar. Local onde gerencia todo o percurso dos universitários, desde o seu ingresso na instituição de ensino superior até a colação de grau e entrega de diplomas.

Como bem expressa a professora Cecília Fukiko, “conheci Telma fazendo o curso de Pedagogia. Logo, em seguida, começamos a trabalhar juntas. Sempre trabalhou com muita competência, humildade e paciência. Tratamento exemplar a todos que buscavam os serviços do Registro Acadêmico, alunos e professores. Nunca consegui perceber um momento em que ela estivesse aborrecida ou mal-humorada. Teve uma passagem muito bonita no Campus marcada pelo trabalho e perseverança”.

Foram inúmeras mensagens de despedida e agradecimentos a Telma pelos longos anos de serviços dedicados com muito carinho e responsabilidade à UFMT. Infelizmente, não cabem todas neste espaço. Por isso, editamos apenas algumas.

Para o professor Aguinaldo Rodrigues Gomes, coordenador do curso de História, Telma fará muita falta na UFMT, “não só pela competência, mas sobretudo pelo bom humor com que sempre nos atendeu todas as vezes, e foram muitas, que tivemos dúvidas. Contudo a aposentadoria é um direito que deve ser desfrutado, enquanto ainda existe. Desejo muita felicidade em seus futuros projetos. Um grande beijo e estamos por aqui se precisar”.

Quanto à professora Antônia Marília, atualmente diretora do Instituto de Ciências Humanas e Sociais (ICHS): “Para mim, Telma sempre foi, além de uma funcionária exemplar, uma companheira fiel que podíamos contar sempre nos momentos bons ou de dificuldades”.

Em suas palavras francas e cheias de emoção, Telma Teodora Borges, decreta: “Foi muito prazeroso e gratificante trabalhar neste setor (Setor de Registro Escolar), com pessoas comprometidas com o atendimento ao público, em especial José Renato e Fernanda, os pró-reitores (in memoriam “Sorahia Miranda”), Cecília Fukiko, Javert Melo. E, mais recentemente, com a atual pró-reitora, Analy Polizel. Assim como, com diretores, coordenadores de Cursos, professores, demais servidores (do quadro e terceirizados), alunos... Só tenho a agradecer a DEUS por estes anos de convivência, foi bom trabalhar com vocês. Agradeço também a DEUS por essa conquista, a minha família (meu pai, in memoriam, Sr.

Jorge), minha mãe, dona Sebastiana, com seus 85 anos, meus irmãos, meu filho amado (Gustavo) e meu esposo (José Brito), por apoiar e entender a minha ausência ao longo desses anos”.

Por fim, Telma deixa a seguinte mensagem: “Não faça aos outros o que não quer que façam a você, ou seja, trate a todos como gostaria de ser tratado. Foi o que segui durante esses anos de trabalho, respeitando a todos e prezando por um bom atendimento ao público”.

Parabéns, Telma, pela conquista tão merecida de sua aposentadoria. Neste momento, todo o Campus de Rondonópolis a reverencia pelo seu exemplo de profissionalismo, ética, inúmeras qualidades e atitudes nobres. Seja feliz e curta a vida intensamente.

(*) **EDILEUSA REGINA PENA DA SILVA** é jornalista, professora do Campus de Rondonópolis da UFMT e admiradora incondicional de Telma Teodora Borges - pena.edileusaregina@gmail.com

LAMPEJOS DO FAROL

Publicado em 12 de março de 2017

Começou no Campus de Rondonópolis da Universidade Federal de Mato Grosso mais um processo eleitoral. Desta vez, para diretoria do Instituto de Ciências Humanas e Sociais, que agrega os cursos de: Administração, Biblioteconomia, Ciências Contábeis, Ciências Econômicas, Geografia, História, Letras – Habilitação em Língua Inglesa e Letras – Habilitação em Língua Portuguesa, Pedagogia e Psicologia.

Com total respeito, peço licença às candidatas, professoras-doutoras Antônia Marília Nardes e Cecília Kimura, que são e já provaram, por décadas e décadas, toda a competência e compromisso com o ensino, a pesquisa, a extensão universitária e, indiscutivelmente seu amor ao ofício que escolheram para suas vidas – total dedicação à formação humana. São duas grandes mulheres de uma força política invejável e inquestionável sabedoria, respeito e zelo pelo bem público e pelo material humano que passaram pelas suas salas de aulas.

Por esta razão, gostaria de falar um pouco mais do terceiro candidato, o professor-doutor Alexandre Gusmão, a quem conheço muito bem, devido aos quase vinte anos de convivência, visto ser esta a primeira vez que se candidata a cargo de tamanha envergadura.

Além disso, Alexandre Gusmão e eu, temos outras coincidências naturais da vida – somos nordestinos, realizamos o mestrado na mesma turma de 1999, na Universidade Federal da Paraíba e movidos pela paixão pelo conhecimento e docência, sem medo de mudanças, cheios de coragem e determinação, em 2002, desembarcamos em Rondonópolis, aprovados no Concurso Público do Magistério Superior para o curso de Biblioteconomia.

Na bagagem, saudades de nossa terra e dos entes-queridos, amigos e conterrâneos. Porém, na bagagem também continham muito mais sonhos, esperanças e um desejo enorme de fazer a diferença, transformando não somente nossas vidas para melhor, mas, sobretudo, sendo instrumento de transformação de muitos seres humanos que iriam depender de nós para se tornarem profissionais competentes e seres humanos melhores, conscientes de seu papel como cidadão e

agente de transformação da sociedade em um mundo melhor para se viver, crescer, plantar e realizar boas colheitas.

Como um autêntico viajante do tempo histórico, cultural, informacional, Alexandre Gusmão, me conquistou logo no primeiro encontro de nossa turma de mestrado. Não somente a mim, mas a toda turma por seu carisma peculiar, sua versatilidade, seu raciocínio rápido, maleável e inteligente, que transita por diversas áreas do conhecimento na busca incessante do conhecimento e do saber. Quem sabe não é esse o detalhe que lhe confere a capacidade ímpar de agrupar muito mais do que promover discórdias. Que também o capacita a ser um agente acolhedor, receptivo, de inigualável capacidade de expressar o indizível em formas de palavras e de afeto.

Foi com esse jeito manso de “cabra da peste”, de nordestino arretado, das bandas de Pernambuco, saído das terras de Luiz Gonzaga, que provou a muita gente ser trabalhador, competente e profissional de excelência, imbuído do desejo de semear conhecimento nas terras de Rondon. Fazendo com que fosse homenageado inúmeras vezes pelas turmas de formandos do curso de Biblioteconomia.

E, lá se vão umas quinze turmas formadas, quinze anos de Rondonópolis, quinze anos de UFMT-Rondonópolis. Quinze anos de conquistas pessoais e institucionais; quinze anos de muita dedicação ao seu ofício e principal missão: – ser professor – ensinar e aprender constantemente. Inegavelmente, até porque, está registrado nas páginas do Jornal A TRIBUNA e em outros veículos de comunicação, as inúmeras conquistas para o curso de Biblioteconomia e para o Campus de Rondonópolis, a exemplos dos Laboratórios de Informáticas e da informatização das bibliotecas: universitárias, escolares, públicas – municipais e estaduais.

Por isso, nem vou me estender, aqui, sobre estas demandas, pois, meu intuito maior é enaltecer o ser humano nobre, solidário e compromissado com os valores éticos e morais que norteiam as pessoas de bem, privilegiando muito mais a coletividade do que os interesses individuais e benefícios próprios.

Alexandre Gusmão, meu irmão que a vida me deu de presente, você merece muito galgar mais este degrau na evolução profissional e na gestão acadêmica, mas cabe aos eleitores decidirem. E, olha que são muitos, porque somos o maior Instituto do Campus de Rondonópolis,

com quase 1.500 alunos, uns 90 professores e alguns técnicos administrativos, em torno de sete.

Dessa vez, temos entre os candidatos duas mulheres de raça, extremamente experientes para assumir qualquer papel-gestor na UFMT e, pela primeira vez, o professor Alexandre Gusmão, mas, também habilidoso, inteligente e comprometido em oferecer o seu melhor pelo desenvolvimento desta Instituição, que escolheu para sua vida profissional.

Na minha opinião, o Prof. Dr. Alexandre Gusmão reúne todas as qualificações para ser um excelente diretor do ICHS, tanto quanto as professoras-doutoras Antônia Marília Nardes e Cecília Kimura. A sorte está lançada e cabe a comunidade acadêmica decidir o que for melhor para o ICHS.

(*) **EDILEUSA REGINA PENA DA SILVA** é professora pós-doutora da UFMT
- pena.edileusaregina@gmail.com

JORNALISTAS – NOS CAMINHOS DAS REDAÇÕES E DAS ILHAS DE EDIÇÃO

Publicado em 8 de abril de 2017

Desde pequena, lá em Salvador, Bahia, que meu sonho era ser jornalista. A Universidade Federal da Paraíba (UFPB), no Campus de João Pessoa, onde morei por doze anos, me deu a oportunidade de ser bacharel em Relações Públicas e em Jornalismo, além de um mestrado em Ciência da Informação. Mas, lá, em João Pessoa, aprendi muito mais do que as técnicas jornalísticas. Aprendi a compreender o indizível, apenas pelo olhar mais apurado de tudo que nos rodeia.

E, para isso, contei com a ajuda de grandes mestres/nomes do jornalismo paraibano. Vou ser teimosa e talvez um pouco ingrata ao citar alguns nomes de seres preciosos para minha existência como jornalista. Vamos lá, Prof. Dr. Luiz Custódio, Prof. Dr. Carmélio Reynaldo, Prof. Dr. Silvino; uma pessoa admirável, Lourdinha Dantas, também minha professora na UFPB.

Nossa, fui muito especial para Deus (olha, o ego inflado, aí, gente...) porque tive a oportunidade de conviver com mestres e doutores da arte de ensinar jornalismo. Especial mesmo, quando ainda me deparei em um estágio na Assessoria de Comunicação do INCRA-PB e conheci àquele que seria meu mentor na arte de assessorar, Joanildo Mendes, jornalista dos bons e um ser que mudou muito minha vida profissional para melhor.

A todos, inclusive aqueles que amo muito e acabei não citando, meu muito obrigada. Ah! Que coisa feia, pensando que não iria citar seu nome na minha pequena lista de jornalistas que amo muito e admiro de paixão. É óbvio que não, porque você é inesquecível. Evandro da Nóbrega, considerado um dos mais brilhantes da área jornalística; ser humano simples e avesso às vaidades, apesar de seu elevado nível intelectual, cultural, linguístico, tecnológico e muito mais. Entretanto, com alto nível de credibilidade na imprensa paraibana, daquele tipo de jornalista que pensamos nunca alcançar. Logo eu, uma simples estudante de jornalismo, às vésperas de concluir minha graduação, nos encontramos em meio a tantos outros jornalistas e, desde então, você é parte imensurável em minha vida.

Evandro da Nóbrega você não apenas me ensinou a arte de ser jornalista, mas, sobretudo, a divina arte de viver e fazer a diferença no jornalismo e na vida das pessoas, por ser um profissional completo e dinâmico, você me ensinou o compromisso com a ética, a isenção no fazer jornalístico e o estímulo e preservação ao direito à informação e ao conhecimento.

Você conseguiu ir bem mais além: não desiste nunca de mim. Sempre me faz sentir-me um ser humano melhor. Você é o que de melhor existe no jornalismo brasileiro, quicá do mundo, pelo seu amor e dedicação à profissão, além da extrema sabedoria em perceber o que aflige o coração e alma humana.

Vamos seguir. Neste espaço, antes de finalizar não posso deixar de cumprimentar a todos meus colegas de imprensa em Rondonópolis. E, lá se vão quinze anos de Rondonópolis. Aqui, conquistei amigos indeléveis e excepcionais colegas de jornalismo. Não me peçam para citar nomes, seria uma lista extensa. Mas, me permitam agradecer a todos vocês e a todos os órgãos de imprensa, os quais tenho orgulho de trabalhar, trocar experiências muito mais do que pautas.

Finalizo com o significado de ser jornalista por Gabriel Garcia Márquez, um dos meus autores preferidos: “Porque o jornalismo é uma paixão insaciável que só se pode digerir e humanizar mediante a confrontação descarnada com a realidade. Quem não sofreu essa servidão que se alimenta dos imprevistos da vida, não pode imaginá-la. Quem não viveu a palpitação sobrenatural da notícia, o orgasmo do furo, a demolição moral do fracasso, não pode sequer conceber o que são. Ninguém que não tenha nascido para isso e esteja disposto a viver só para isso poderia persistir numa profissão tão incompreensível e voraz, cuja obra termina depois de cada notícia, como se fora para sempre, mas que não concede um instante de paz enquanto não torna a começar com mais ardor do que nunca no minuto seguinte”.

Parabéns a todos nós, pelo Dia do Jornalista (07/04), por fazer da nossa profissão, o nosso ofício e a arte de bem fazer e bem viver.

(*) **EDILEUSA REGINA PENA DA SILVA** – jornalista graduada e por paixão. Ser jornalista é coisa difícil, mesmo para os tarimbados. A mim, me parece ser o mesmo que ser professor de multidões. Mas, o amor ao ofício tudo compensa

PARA BIANKA – CONEXÕES ENTRE AS PRIMAVERAS

Publicado em 11 de abril de 2017

Diante de tema tão complexo e polêmico,
Fico emudecida e me pego a pensar,
Então, de forma poética, resolvi não deixar passar em brancas nuvens,
Vou declamando em prosa minha indignação
Com o terror, com as guerras e com a violência humana...
Pura intolerância das pessoas que esqueceram o sentido de “Amar”
A morte das travestis, estupro, homicídios de outros gêneros são
sintomas.
Evidência clara, de que não somente a “Primavera Árabe”,
mas, sim a condição do não heteronormativo e de não Branco é marcado
por muita dor.
São movimentos que buscam,
realmente refletem,
e agem sobre a condição, não somente de gênero.
Para nossa infelicidade.
Primavera, aqui, é uma cidade minúscula.
E, arderá em chegar à primavera!
Todo nosso amor a Travesti Bianka.
“É primavera, te amo meu amor/trago essa rosa/para te dar...”

(*) **EDILEUSA REGINA PENA DA SILVA** é jornalista e professora-doutora da UFMT - Rondonópolis.

CARTA AOS MEUS ALUNOS DO 4º ANO DE BIBLIOTECONOMIA

Publicado em 16 de abril de 2017

Caríssimos formandos:

Como foi bom participar da vida de vocês. Durante quatro anos de graduação, tivemos bons e maus momentos. Mas, imprescindível, compartilhamos sonhos, desafios, experiências de vida, conhecimentos. Tenho muito claro em mim, que aprendi muito mais do que ensinei.

Agora, chegou a hora de alçar novos voos, de deixar para trás colegas e amigos em busca de novos ideais. Nada foi em vão. Tudo foi válido. E, tenho o imenso prazer em ver e vivenciar o amadurecimento acadêmico, intelectual e profissional de vocês. Entretanto, indiscutivelmente, tenho orgulho de contemplar a evolução humana de cada um de vocês.

Meu coração já está apertado. Na garganta, um nódulo com diagnóstico de saudades. Não foi tudo perfeito, tenho certeza disso, especialmente, por conta das diferenças relacionais. Elas existem e são primordiais para o nosso amadurecimento e para compreendermos o valor e a essência de cada ser humano, que carrega em si, além do “dom de ser feliz”, a responsabilidade de construir um mundo novo.

Se existem certezas, nessa vida, acreditem: – Não existe uma essência antes da experiência. E, o caminho para isso, indubitavelmente, é a Informação, o Conhecimento, a Ética e a preservação dos Valores Morais, procurando sempre multiplicar a preocupação com o outro. Conviver com a diferença, sempre respeitando os limites da ética e do respeito ao próximo

Como diz Milton Nascimento: – O trem que chega é o mesmo trem da partida. A hora do encontro é também despedida. A plataforma dessa estação é a vida desse meu lugar. E “esse meu lugar”, chamado Universidade Federal de Mato Grosso, estará inexoravelmente ligado a vocês.

Por hora, apenas um desejo: que sejam felizes e sempre procurem viver e ser o melhor de vocês. Também ofertem ao outro a sua melhor essência. Meu desejo é vê-los sempre em constante evolução na vida

profissional, na acadêmica, na intelectual e em todas as outras esferas, mas, tudo por amor e com Deus no coração, sempre a guiar os caminhos de vocês. Meu abraço, minha gratidão. Compartilho com vocês, mais um pequeno ensinamento para vida, somente para não perder a essência de professora.

Decálogo da cordialidade:

1-Não tente mudar o temperamento de ninguém.

2-Aprenda a esperar sem alimentar com a ansiedade o problema existente.

3-Não conte demais seus ressentimentos às pessoas afins e jamais o faça a estranhos.

4-Resista ao máximo, sem implorar auxílio. Recebendo-o ou não, agradeça sempre.

5-Não obrigue ninguém a nada, mesmo que a posição permita a você tudo exigir. Peça por favor e espere.

6-Fale pouco, interogue o menos possível e não sofra se não responderem.

7-Sorria mesmo contrariado em seu modo de ver e sentir, sem criticar seu próximo.

8-Ajude desinteressadamente.

9-Não exagere as felicitações e as condolências.

10-Não use os erros passados como argumento nas discussões presentes. Do passado escolha o bem e viva o presente como dádiva da vida. (Luiz Goulart)

Assim, reafirmo a contribuição social dessa turma encantadora, especialmente, em nossa última disciplina, – Biblioterapia, em que vocês desenvolveram com muito empenho o Projeto Piloto “Minitecas Literárias” [veja a foto que ilustra este texto], que são pequenas bibliotecas comunitárias, em formato de caixa dos Correios ou casinha de pombos, para serem espalhadas pela cidade de Rondonópolis, em outro projeto de extensão, com o objetivo de promover e incentivar a leitura por uma sociedade mais democrática informacionalmente e com

capacidade e competência cognitiva para exercer plenamente a cidadania. Vai ser um sucesso, estou confiante!

E, vocês fiquem na torcida. No mais, a nota na disciplina também é um coroamento desta turma que já deixa saudades. Vocês são Gigantes e a nota da disciplina para toda turma é DEZ. Até breve!

(*) **EDILEUSA REGINA PENA DA SILVA** - professora-doutora e pós-doutora do curso de Biblioteconomia da UFMT- Rondonópolis. E, muito orgulhosa de ver alunos tão comprometidos com o ambiente acadêmico, concluindo mais uma etapa na vida.

AMOR DE LUA

Publicado em 21 de abril de 2017

Entre cães e humanos,
O elo, a conexão emocional.
Meu cachorro - poema.
Um amor incondicional.
Dia 20 de janeiro de 2017,
Pelas mãos de Gustavo Teodoro Borges,
Presenteada pelo amigo Mateus Gibran Correia Alves.
Dois rapazes prestimosos, lindos e solidários.
Obrigada, Mateus, por me dar a Lua.
Aproprio-me das palavras de Roberto Carlos
Para decantar em prosa e versos
Meu amor maior e verdadeiro por Lua.
Chegastes, no momento em que mais precisava,
trazendo amor, carinho e aconchego.
Chegastes sorrateiramente, toda faceira,
Carente e totalmente dependente de mim.
"Quem diria que você viria sem dizer que vinha".
Viverei todas as fases da Lua.
Crescente, cheia, minguante e nova.
Aprenderei a decifrar seus latidos.
Cães não falam, latem atitudes.
Expressão fidelidade
Farejam donos, abanam fidelidade.
"Quem diria que você viria sem dizer que vinha".

(* **EDILEUSA REGINA PENA DA SILVA** - professora da UFMT, poetiza por atrevimento raro. Hoje, o melhor de tudo: - mãe de Lua Pena, minha pequena Lua de Cristal, que completou, dia 20/04/2017, três meses de vida.

DONA DE CASA – POEMA PARA AS MÃES

Publicado em 12 de maio de 2017

Não sou dona de casa, habito um lugar.
Dona de casa é outra coisa:
– É ser mãe, esposa e mulher.
Humanamente mulher, humanamente mãe
Não se diz fácil, nem dificilmente!
Requintada, prazerosamente dedicada.
Cuida de cada detalhe com muito desvelo e devoção.
Não sou dona de casa porque nunca deixei de ser filha.
Dona de casa é amor infinito...
Soberana mulher que organiza e administra seu lar.
Proporciona conforto aos seus acolhidos.
Sua essência é amor indelével,
Incondicional, supremo e valioso.
Não sou dona de casa.
Porém conheço as melhores – as mães.
A minha, a sua e a de todos nós:
– Nossa Senhora acolhedora dos lares.
À amiga, em especial, minha cunhada
Nair Oliveira de Paula Gusmão.
Não sou dona de casa.
Por isso, este poema, sem rima ou versos,
Traduz o meu amor por vocês.
À minha mãe, Rita Luzanira Pena da Silva,
Por todas as mães zelosas,
Que escolheram este lindo ofício
Para uma rica e eterna experiência.
Parabéns para todas as mães,
Neste domingo abençoado.

(*) **EDILEUSA REGINA PENA DA SILVA** – jornalista, relações públicas e professora-doutora da UFMT – Campus de Rondonópolis – pena.edileusaregina@gmail.com

NOSSO QUERIDO JARDIM

Publicado em 21 de maio de 2017

(Homenagem póstuma à Marilene Ferreira Melo)

Um corpo, um belo jardim...
Cheio de flores de todas as cores e perfumes.
Essência vital, perfume de mãe e mulher.
Harmonia de aconchego e doçura.
Flores sorrisos, flores abraços,
Flores carinho, flores amizade,
Flores trabalho, persistência e garra.
Sempre a desabrochar em um sorriso.
Uma colisão fatal ceifou sua vida.
Mas, nosso querido Jardim não morrerá.
Minha amiga, Marilene Ferreira Melo,
Você continuará colorindo muitas vidas.
No céu, seguirá sua missão:
- Adornando com amor outras tantas almas.
Com lágrimas e imensa tristeza,
Inconsoláveis com sua partida repentina,
Resistimos, mas é preciso dizer adeus.
Com flores, nos despedimos de você.
Nossos corações egoístas, queriam mais...
Necessitávamos mais de suas flores.
Dia após dia, em um lindo desabrochar.
Nossa Senhora Aparecida ilumine você.
Daqui, temos uma única certeza:
- Agora você é um Jardim mais completo.
Do Portal Celestial, contemplará novas flores.
Lá do céu, em um terreno mais fértil,
continuará exalando seu perfume.
Infelizmente, minha amiga Marilene,
Do nosso eterno Jardim, restarão as lembranças.
Não, não teremos mais suas flores.
Seu sorriso, sua beleza e seu amor.
No terreno celeste, você faz sua estreia.
Em nossos corações, com imenso carinho e saudades,

Continuará suavemente emanando o perfume das flores.
Guardaremos as flores ofertadas por você a cada um de nós.
Saudades eternas, nosso querido Jardim.

(*) **EDILEUSA REGINA PENA DA SILVA** é jornalista, relações públicas e professora da UFMT

BORBOLETAS AZUIS E O BOM SENSO – PARTE 1

Publicado em 15 de dezembro de 2018

Não posso acreditar que por mais de meio milênio, conforme relato de historiadores famosos, meu país chamado Brasil, não teve tempo ainda de amadurecer. Essas elucubrações povoaram minha mente durante todas as noites do fim de semana, a cada momento, em que era requerida a socorrer alguém, ajudar a conseguir atendimento ou vaga em um hospital público. Ou, ainda, solidária a colegas, amigos e conhecidos acometidos por enfermidades, em caráter de urgência, a exemplo da coordenadora do curso de Biblioteconomia, Monica do Amparo Silva, hospitalizada na Santa Casa, sexta-feira à noite.

Após meu acidente há quatro meses tenho frequentado os serviços médicos de Rondonópolis, entre convênio e particular, com alta rotatividade e tenho visto de tudo um pouco. Tenho acompanhado histórias de vida, de sofrimento e muitas penitências em torno, especialmente, de atendentes e recepcionistas, que chegam ao absurdo de nem olhar a pessoa que vos interpela em busca de uma solução para seus problemas de saúde ou alívio de suas dores, ansiedades etc.

Enfim, tenho constatado que este primeiro atendimento extremamente importante e decisivo para uma relação saudável entre médico e paciente já ultrapassou o bom senso da educação, do respeito, da solidariedade, do profissionalismo e do trato humano. Sendo, portanto, urgente e imperativo repensar a formação, a capacitação e o treinamento dos profissionais que lidam com a vida humana, em momentos de fragilidades pessoais, orgânicas e emocionais. Tenham certeza: alguém somente procura atendimento de urgência, quando se sente extremamente impotente de se autocomandar, avaliar-se, compreender o que acontece com seu organismo e por aí vai.

Assim, o que parece natural para quem domina o conhecimento do corpo humano ou a rotina de unidades de saúde, pode ser um verdadeiro drama, tormento e inquietação para quem percebe seu próprio corpo e os sinais por ele emitidos apenas quando precisa de algum comando e os seus membros e órgãos já não obedecem ou não funcionam como de costume.

Unidades de saúde pública, particular ou conveniada compreendam o significado real de cuidar do humano e que estes já são tão negligentes consigo mesmos e pagam tão caro por isso, que não precisam de mais ninguém para aborrecê-los nessas horas agonizantes.

Exageros à parte! Ainda bem, que nem tudo são flores e muito menos castigo e egocentrismo pós-moderno. Nesse mundo patológico, ainda tem profissionais generosos e comprometidos com o cuidado humano. São pessoas como a recepcionista Jerivânia, Içanã ou a enfermeira do setor de triagem Eunice, da Santa Casa, que comprovam às minhas hipóteses de que é possível ser profissional e competente independente de estruturas físico-técnico-clínico.

Não quero nem me façam contar os anos e os valores gastos por mim e por milhões de brasileiros em contribuição social. Mas, pergunto: – Para onde foi todo nosso dinheiro retido para melhorias do Sistema Único de Saúde. Desculpas, perguntar não ofende. É de se observar que os conveniados e particulares, para além da contribuição social e pagamento de impostos de toda ordem, ainda são cobrados altíssimos e exorbitantes honorários médicos por cada gotícula de ar respirado pelo paciente. Melhor nem respirar!

(*) EDILEUSA REGINA PENA DA SILVA é professora Adjunto II da UFMT em Rondonópolis. Também é jornalista, relações públicas, mestre em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Paraíba, com doutorado em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Sua tese de doutorado teve como tema a Afetividade Conectiva.

BORBOLETAS AZUIS E BOM SENSO – PARTE FINAL

Publicado em 16 de dezembro de 2018

Enfim, o resultado deste rápido olhar acadêmico-científico sobre a saúde pública desta promissora cidade, às vésperas de completar 60 anos, foi caótico, fazendo com que me sentisse usurpada em minhas gordas contribuições previdenciária e social. Portanto, meu ofício de jornalista, professora e cidadã não me permitiu fechar os olhos para as barbaridades que presenciei em apenas um final de semana de alta rotatividade ambulatorial e hospitalar.

Nas principais intervenções médicas e cirúrgicas de Rondonópolis, foi possível observar que o sistema de saúde está agonizando. Gravíssimas e de toda ordem são as falhas profissionais, indo da recepção aos principais procedimentos médicos, técnicos e estruturais. Passando também por pacientes mal informados e apáticos, capazes de reagir a qualquer estímulo vital. Conclusão: está tudo (ou quase tudo) equivocado; os valores éticos viraram pó.

Foi possível detectar, sem o uso de metodologias altamente elaboradas, o mais intrigante de tudo: – os profissionais que se dizem capacitados para lidar com humanos, infelizmente não tem a menor vocação para tão nobre atividade, simplesmente porque não gostam de gente. Gostam de padrões, etiquetas, vaidades, comodidades e status que o cargo oferece. Com raras e felizes exceções, ainda bem.

A atendente Jerivânia Costa e o médico Wellington, exemplos de profissionalismo-padrão, que conseguem em meio a todo o caos de um infartado pronto-atendimento infantil, confortar, tranquilizar e contribuir com extremo zelo, carinho, amor e dedicação para a promoção do bem-estar coletivo e da saúde pública de Rondonópolis.

Ademais, o que se vê são profissionais estressados, arrogantes, cansados e mal educados ou desinformados. Quando não, temos profissionais da saúde saindo de um plantão de 12 ou 24 horas, completamente esgotados e indo de imediato, nessas mesmas condições, para outra unidade de saúde. Isso é inconcebível.

Todavia, mais grave ainda é a nova tendência médica: plantão à distância e fora de área. Todavia, o mais intrigante em meu superficial

diagnóstico da Saúde Pública, em Rondonópolis, durante um único final de semana, foi descobrir ao acaso, ao entrar na enfermaria errada, que, lá se encontrava um colega, o professor universitário José Libério do Amaral, do curso de Biologia.

É angustiante constatar que o egocentrismo pós-moderno e as vitrines de vaidades e interesses meramente mercadológicos, financeiros, de extremado consumismo ilusório e efêmero está apagando a chama da solidariedade, generosidade e comunhão. Dente por dente; olho por olho; e cada um por si. Isso realmente é desumano e não me agrada nem um pouco. Prefiro borboletas azuis e bom senso no trato ao humano que precisa de atendimento médico em Rondonópolis.

(*) **EDILEUSA REGINA PENA DA SILVA** é professora Adjunto II da UFMT em Rondonópolis. Também é jornalista, relações públicas, mestre em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Paraíba, com doutorado em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Sua tese de doutorado teve como tema a Afetividade Conectiva

BORBOLETAS AZUIS E O CALCANHAR DE AQUILES

Publicado em 18 de dezembro de 2018

A Saúde Pública no Brasil ainda é um calcanhar de Aquiles, que o futuro governante terá que enfrentar. Segundo o Ministro do novo Governo, Luiz Henrique Mandetta, que assumirá em janeiro de 2019, a questão da saúde brasileira terá a prioridade necessária, visando diluir o caos existente na SAÚDE PÚBLICA BRASILEIRA.

Embora atual, o texto “Borboletas azuis e bom senso” foi publicado em duas partes no jornal A Tribuna, semana passada, equivocadamente. Trata-se de um texto de 3 de dezembro de 2013, escrito em outras circunstâncias e contexto.

À classe médica de Rondonópolis, quero que saibam: minha intenção não era de desagravo. O objetivo do texto era chamar à atenção para os graves e urgentes problemas no setor de Saúde.

Mesmo assim, é bom frisar que o Sistema Único de Saúde – SUS não comporta tamanha demanda e, por conseguinte, o atendimento apresenta falhas gravíssimas, resultado de uma política de falta de investimentos dos Governos: Federal, Estaduais e Municipais. São essas três esferas responsáveis pela manutenção do SUS.

Da mesma forma, os convênios médicos, apesar de serem privados, também não atendem de modo satisfatório às necessidades daqueles que os têm. Para referendar tais afirmações, consultar os índices de reclamações na Agência Nacional de Saúde Suplementar – ANS.

Fato constatado: existem bons e maus atendimentos profissionais em todas as áreas. Entretanto, na área da saúde se faz necessário um preparo maior e mais cuidadoso, pois se trata de uma área mais sensível em relação à vida humana, o bem mais precioso, em torno do qual orbitam todas as outras coisas.

Deixo claro que não me refiro à erros médicos, mas, à necessidade de atendimento humanizado, de fato e de direito, desde da recepção, passando pelo setor de triagem, até o momento da consulta e dos procedimentos, nos quais os médicos, enfermeiros e outros profissionais

da Saúde precisam fazer milagres diante da ausência de insumos e de condições mínimas para um eficiente e eficaz atendimento médico.

Assim, cito algumas problemáticas: salários atrasados, deficiência na compra de equipamentos e remédios e, especialmente, as complicações na destinação dos recursos financeiros pelos Governos para as unidades de Saúde, em todo o Brasil.

Não precisamos ir muito longe, basta olhar para a realidade do Hospital Regional de Rondonópolis, da Santa Casa em Rondonópolis, do Hospital Regional de Sinop, do Hospital Universitário Júlio Müller, em Cuiabá, entre tantos outros já citados pelos veículos de comunicação, inclusive pelo próprio Jornal A Tribuna.

(*) **EDILEUSA REGINA PENA DA SILVA** passados cinco anos, de 2013 para cá (2018), é professora Associada I, do curso de Biblioteconomia, da Universidade Federal de Rondonópolis, com mestrado, doutorado e dois pós-doutorados (USP - Universidade de São Paulo, no Brasil, e Universidade do Porto, em Portugal).

BALAS DE HORTELÃ

Publicado em 5 de junho de 2020

A junção de palavras que agora me inspiram, são como gotas de mel para expressar o doce valor desta amizade. É assim, neste momento ímpar, que me remeto ao amigo Orlando Sabka:

Cada amigo semeado enraizou em minha vida um universo de possibilidades, germinou cá dentro o outro em mim, fez surgir você. De lá para cá, daqui para lá, fui tecendo instantes, lapidando minhas fatias de tempo.

E o tempo, esse amigo inseparável, me confessa ao pé do ouvido que:

Quando a noite for longa demais,

HORIZONTES

Quando os horizontes flertarem com as dúvidas,

CÉU ABERTO

Quando o céu aberto se fechar em nuvens,

AMANHÃ

Quando o amanhã pousar na tristeza,

FÉ

Dessa fé que a baianidade me banhou vou seguindo em frente carregando comigo aqueles que tanto amo, presenteado estes com agradecimentos, abraços longos, sorrisos largos e doces em forma de balas de hortelã.

(*) Edileusa Pena é professora-doutora na UFMT, jornalista por formação e, por vezes, escritora e poetisa. pena.edileusaregina@gmail.com

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi a compilação dos artigos publicados pela professora doutora Edileusa Regina Pena da Silva na seção Opinião do Leitor no Jornal A Tribuna de Rondonópolis.

O primeiro passo foi identificar as publicações entre o ano de 2007 a 2018, através de busca eletrônica no site do jornal. Em seguida copiar e colar todos eles, fazendo ao mesmo tempo o índice dos mesmos. Encontramos 100 artigos, apresentados em ordem por data crescente.

Para realizar este processo o grau de dificuldade foi mínimo pelo fato do jornal expor com boa visibilidade e de fácil acesso suas publicações.

Com a compilação destes artigos, certamente deixará os leitores e as leitoras felizes pelo fato de poderem tê-los em mãos para lerem sempre que puderem na forma de livro, boa parte dos textos publicados no jornal. Uma vez que o jornal é de fácil descarte e muito dos leitores não tem mais suas publicações impressas.

ÍNDICE

Wilson Lemos – a eterna busca do valor mais puro	21
À professora doutora Wilse, com carinho	22
Nas engrenagens da arte de amar	24
Luto e pensamentos quebrados	27
O sorriso da alma e o inesperado adeus.....	31
Calda apimentada	33
Sonho possível	35
Brasil, um sonho eterno.....	37
João Moraes, uma bênção de Deus.....	38
Poucas e boas da educação brasileira	40
Solteira por atitude... ..	42
Homenagem à pequena grande menina Bruna.....	44
Mulher, pátria-amada, mãe gentil.....	47
Saudades do nosso querido, nosso pai, nosso amigo.....	49
Pensamentos incompletos de uma página não virada	52
Conversa de quinta	55
Obrigada, Aires José	58
Conversa de quinta	59
Síndrome do outro.....	63
Bernardo Gusmão, meu pequeno príncipe	66
35 anos de desafios e aprendizados	68

Blues da piedade	71
Panorama da (in)civilidade humana.....	74
Sobre amigos, amizades e afetos	77
Acorda, Alice!	79
Uma realidade necessária e urgente.....	81
O grito mudo do nosso Rio Itiquira	83
Nunca antes na história do país	85
Meu eterno e adorável amigo Dr. Wilson Lemos.....	88
Miscelâneas de pensamentos, vivências e emoções	90
Coração partido.....	93
Recado para o poeta	94
Memória mofada.....	95
Fábrica de carentes	98
Poder Legislativo na contramão da lógica.....	101
Consciência de classe, consumismo e conectividade.....	104
Ócio, ziriguidum e trabalho no reinado de momo	107
Carta ao autor	110
Paterna saudade.....	113
O primeiro elemento de nossas vidas	114
Adeus a Valdir Xavier.....	117
Pastilhas sabores solidão e saudade	120
Despedida do papa Francisco.....	124
Dedicatória.com.br.....	127

Meninas superpoderosas	128
Delícias da vida	131
Educação municipal, estadual e federal pedem socorro	132
Nas engrenagens do infinitamente grande	135
Coccix	136
Dosemetria	137
Borboletas azuis e bom senso	138
Feliz tudo para mim mesma.....	141
Meu rei, te dedico.....	144
Izabel de Sousa, uma missionária de Deus	145
Saudades eternas sem cessar	148
Feliz bom tudo para você, Roberto Barcelos	149
O estrondo do silêncio	150
Exatidão da névoa insulante.....	151
Fragmentos do eu interior	152
Uma história pessoal	154
Brasil: um país de chuteiras, futebol e carnaval	156
Neymar Jr: juventude e futebol	158
Vexame nacional padrão Fifa.....	162
Adeus a Carolino Auer de Paula.....	165
Sobre desabafo emocionante do amigo Orlando Sabka	167
Recado para meu pai	169
Eu e a lua.....	170

Nos braços divinos e celestiais	171
Tudo a ver: eu e você	173
Sobre eleições e biometria	174
A infância não pode morrer nunca.....	176
Afeto e amor no galope do sonho.....	178
Manoel de Barros: “o apanhador de desperdícios”	181
Emblemática igualdade racial	184
Corrupção: aqui, ali, acolá e alhures... ..	188
Homenagem ao poeta Valdir Xavier e à sua amada Celina.....	191
Prata da casa é agraciada com o prêmio máximo da Biblioteconomia.....	194
Ponto de fuga	198
Lisete, sorriso do amor	199
Antônia Marília Medeiros Nardes, um exemplo de mulher.....	203
Rita, pérola do amor, completa 70 anos	205
Maria nos Campos do Senhor	207
Biblioteconomia em Mato Grosso.....	210
Parabéns para minha amiga Robéria Nádia	214
Nunca antes na história deste país – Parte II	216
Entre pousos e decolagens.....	219
PAI: Síndrome do Infinito	222
Uma singela homenagem ao Dnei	225
A fragilidade da vida e o último suspiro	226
Não é brincadeira de criança – é a expressão do amor verdadeiro	228

Tenho fé e acredito na força do professor!	232
Feliz eternidade!	234
Enfim, a aposentadoria... ..	237
Lampejos do farol	240
Jornalistas – nos caminhos das redações e das ilhas de edição	243
Para Bianka – conexões entre as primaveras	245
Carta aos meus alunos do 4º ano de Biblioteconomia	246
Amor de Lua.....	249
Dona de casa – poema para as mães.....	250
Nosso querido jardim	251
Borboletas azuis e o bom senso – Parte 1	253
Borboletas azuis e bom senso – Parte final	255
Borboletas Azuis E O Calcanhar De Aquiles	257
Balas De Hortelã	259

SOBRE A AUTORA

A Professora Dra. Edileusa Regina Pena da Silva é natural de Salvador, do estado da Bahia com pós-doutorado em Comunicação pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (2016). É doutora em Ciências Sociais, pela PUC/SP e mestre em Ciência da Informação (UFPB).

Como professora da Universidade Federal de Mato Grosso Campus Rondonópolis (UFMT), atua no curso de Biblioteconomia, desde 2002 até os dias atuais. Possui formação acadêmica em relações públicas e jornalismo pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB, facilitando assim a sua atuação como assessora de comunicação da UFMT - Rondonópolis, por doze anos, no período de 2002 a 2014.

Focada, determinada e espontânea, tornou-se colaboradora frequente do jornal A Tribuna de Rondonópolis, Mato Grosso, na coluna Opinião do Leitor. Autora de outros livros, dentre os quais a sua última obra Marketing Estratégico de Localidades: Reflexões do sul de Mato Grosso, (2016) ainda está com cheirinho de forno.

Apaixonada pela leitura vem buscando sempre envolver-se com qualquer atividade que incentive crianças, jovens e idosos ao hábito da leitura, tanto na parte física como na digital. Esse gosto é tanto que a fez idealizar e executar o projeto Minitecas Literárias, que visa levar a leitura

Conversa de quinta: devaneios de uma hipnagógica em deliciosa viagem pelas páginas do Jornal A Tribuna - Rondonópolis (MT), são compilações de contos escritos no momento em que os fatos aconteceram em ordem cronológica entre 2007 a 2019 na realidade política, social, econômica e cultural do país e, em situações especiais na vida da autora.

A linguagem se situa desde uma visão crítica-reflexiva até o lirismo-poético em que o real e o fictício se conectam, situando o leitor a construir, desconstruir e a reconstruir sua própria história.

A personalidade forte, eloquente e expressiva da autora são as definições mais precisas por quem, iguais aos arbustos permeáveis da aridez dos solos nordestinos, são guerreiros pela persistência do querer, do superar e do conquistar os conhecimentos e a transmissão dos saberes que apenas com o poder das leituras, tudo é possível.

As crônicas publicadas por Edileusa Pena são um convite à arte da literatura, um estímulo à liberdade da escrita e uma fertilidade ao universo das ideias. Quem os lê se sentirá aprisionados numa viagem de ida ao saber, mas, livres no retorno para transmitir os conhecimentos que encontrou neste mundo das palavras de quem as escreveu.

